

LEIDES BARROSO DE AZEVEDO MOURA

ECOLOGIA DAS VIOLÊNCIAS PRATICADAS POR PARCEIROS ÍNTIMOS
CONTRA MULHERES, VARJÃO – DISTRITO FEDERAL

BRASÍLIA, 2009

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA SAÚDE

LEIDES BARROSO DE AZEVEDO MOURA

ECOLOGIA DAS VIOLÊNCIAS PRATICADAS POR PARCEIROS ÍNTIMOS
CONTRA MULHERES, VARJÃO – DISTRITO FEDERAL

Tese apresentada como requisito parcial
para obtenção do título de Doutor em
Ciências da Saúde ao Programa de Pós-
Graduação da Faculdade de Saúde da
Universidade de Brasília (UnB).

Orientadora: Prof^a Dr^a Lenora Gandolfi
Co-Orientadora:
Prof. Dr^a Ana Maria Nogales Vasconcelos

BRASÍLIA
2009

LEIDES BARROSO DE AZEVEDO MOURA

ECOLOGIA DAS VIOLÊNCIAS PRATICADAS POR PARCEIROS ÍNTIMOS
CONTRA MULHERES, VARJÃO – DISTRITO FEDERAL

Tese apresentada como requisito parcial
para obtenção do título de Doutor em
Ciências da Saúde ao Programa de Pós-
Graduação da Faculdade de Saúde da
Universidade de Brasília (UnB).

Aprovada em 03 de dezembro de 2009

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Lenora Gandolfi, Presidente
Universidade de Brasília

Profa. Dra. Ana Maria Nogales Vasconcelos
Universidade de Brasília

Profa. Dra. Dirce Guilhen
Universidade de Brasília

Prof. Dr. Fernando Lefevre
Universidade de São Paulo

Prof. Dr. Pedro Sadi Monteiro
Universidade de Brasília

Prof. Dr. Ricardo Patresi, Suplente
Universidade de Brasília

Dedico este trabalho a minha mãe (in memoriam), que demonstrou que ensinar é encurtar a distância entre o que é falado e o que é praticado nas lições cotidianas de alteridade, transparência e acolhimento.

Mãe, sua história de vida “fala” que, após vivermos toda a plenitude da nossa peregrinação, o que deixamos são as narrativas, eternamente vivas, que a morte não cala quando a vida é vivida íntegra e integralmente. Saudades..

AGRADECIMENTOS

A Deus, que da transcendência nos ensina uma imanência solidária pautada na justiça.

A minha família, espaço de encontro dialógico e amor. Valter, companheiro que generosamente oferece amor e amizade há mais de 25 anos de caminhada conjugal. Filipe, Bruno e Guilherme, filhos lindos, talentosos e solidários em todo tempo. Valter e Bruno vocês foram solidários até fora de tempo. Obrigada pelas madrugadas alegres que juntos desfrutamos. Juliana, filha do coração que acolhemos com alegria.

Ao meu pai, que continua a ensinar que a esperança na bondade intrínseca do ser humano deve acompanhar nossa jornada de vida. A minha irmã, que com garra e talento vem construindo uma história acadêmica brilhante e sua família querida. A minhas tias e tio, que representam a melhor torcida organizada que alguém pode almejar.

Aos amigos, com quem minha família compartilha os “silêncios da alma”. Alguns que acompanharam especificamente minha jornada acadêmica no doutorado foram: Sara e Tônico, Julio Cesar, Neander e Carla, Adriana, Marli e Rahaanar, Cassiano e Daphne, Cynira e Darci.

A minhas orientadoras e amigas do per-curso, Lenora Gandolfi e Ana Maria Nogales Vasconcelos, e a Ricardo Pratesi, pelo apoio constante. A amizade e o respeito “falaram” tão alto quanto a capacidade profissional de vocês.

Aos professores membros da banca, pela disponibilidade e valiosa contribuição.

A Henrica Jansen que generosamente enviou toda a informação referente ao instrumento de coleta de dados da Organização Mundial de Saúde em Genebra.

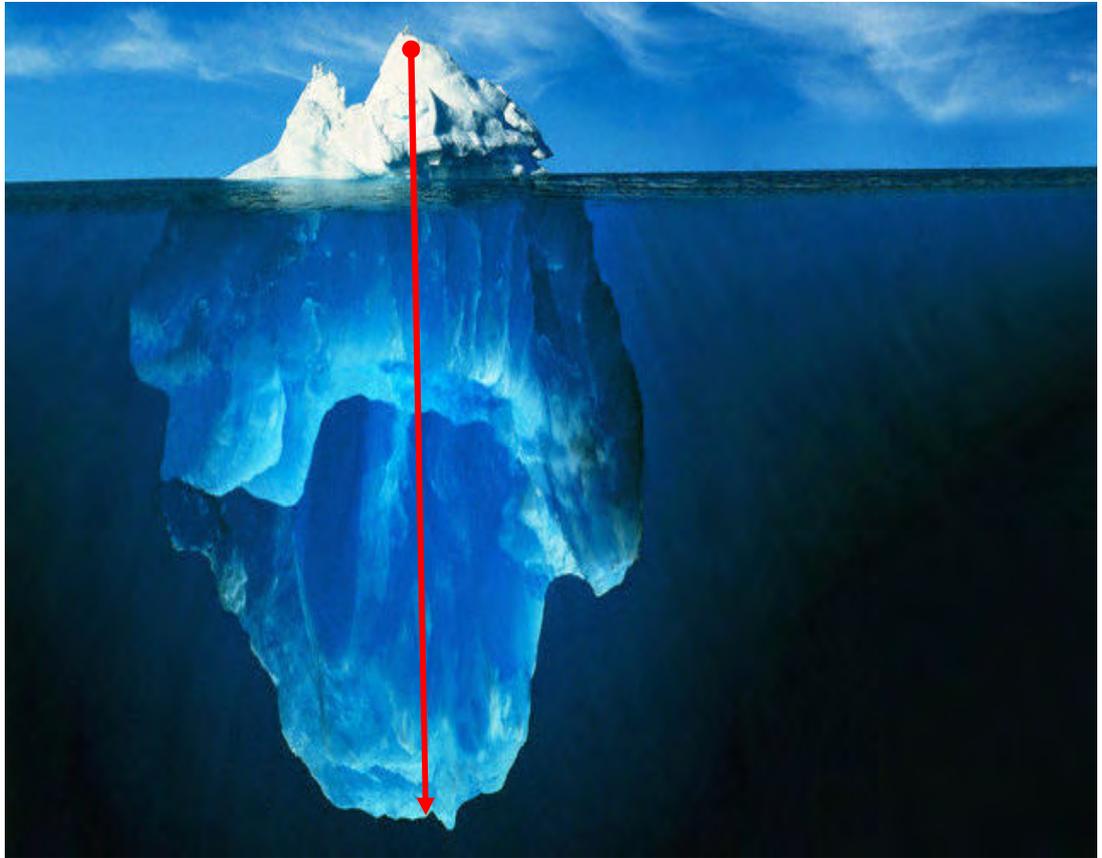
Ao Eduardo e a Lívia, pela ajuda com os programas Access e SAS.

A Ana, Daphne e Carla, pela valiosa contribuição na revisão de alguns capítulos.

A Luiza, Bia, Eunice e demais amigas da administração do Varjão que participaram ativamente nas intervenções pós-pesquisa para o enfrentamento da situação encontrada.

Agradeço Especialmente

Às mulheres que vivem no limiar do século e se dispuseram a contar suas histórias e ajudar um coletivo de mulheres e homens a entender um pouco mais sobre a magnitude e intensidade das violências baseadas em gênero.



“O essencial é invisível aos olhos”... Será?

*Uma vez eu me olhei no espelho no dia seguinte
que eu tinha apanhado e me choquei muito.
Meus lábios e meus olhos estavam inchados,
meus dentes estavam quebrados,
meu rosto estava deformado.
Eu tive até vontade de tirar uma foto.
(IC, 49 anos, moradora do Varjão)*

RESUMO

A pesquisa teve como objetivo dimensionar, de maneira descritiva e exploratória, as violências praticadas por parceiros íntimos contra mulheres de 15 a 49 anos residentes numa localidade da área metropolitana de Brasília chamada Varjão, no Distrito Federal. Para isso, estimou-se a prevalência dos diferentes atos violentos praticados por parceiros íntimos nos últimos 12 meses e no decorrer da vida das mulheres selecionadas, bem como os comportamentos de controle baseados em gênero adotados pelos parceiros íntimos. Apresentaram-se as prevalências de violências física e sexual praticadas por outros agressores pertencentes ao entorno da história da mulher, identificaram-se os fatores presentes nas relações íntimo-afetivas de acordo com o modelo ecológico e registrou-se a fala das entrevistadas, por intermédio do Discurso do Sujeito Coletivo, e as representações sociais ancoradas nessas falas. O delineamento do estudo foi transversal, com amostragem aleatória sistemática. O instrumento de pesquisa constou de 58 perguntas de um questionário desenvolvido pela Organização Mundial de Saúde. Para o levantamento de dados, foram entrevistadas, em 2007, 278 mulheres que tiveram parceiros íntimos alguma vez na vida, e foram analisadas as prevalências das violências de natureza física, psicológica, sexual e física ou sexual. As variáveis exploratórias foram agrupadas considerando o modelo ecológico proposto por Bronfenbrenner, em quatro níveis – pessoa, processo, contexto e tempo –, e utilizou-se o teste qui-quadrado com nível de significância 0,05 para verificar a relação entre as violências e as variáveis exploratórias. Além disso, uma análise múltipla de regressão logística foi efetuada para cada variável-desfecho. As narrativas das vivências de violências foram tratadas pela técnica de tabulação de depoimentos verbais denominada Discurso do Sujeito Coletivo, que possibilitou a discursividade das mulheres entrevistadas. A prevalência de violência psicológica foi a mais alta: N = 223, isto é, 80,2% das mulheres entrevistadas relataram pelo menos um ato no decorrer da vida e N = 139, 50%, nos últimos 12 meses. A violência física ao longo da vida e nos últimos 12 meses apresentou, respectivamente, N = 163, 58,6%, e N = 90, 32%, enquanto a violência sexual, N = 80, 28,8%, e N = 43, 15,5%. A violência física ou sexual ao longo da vida apresentou N = 171, ou seja, 61,5%. Os resultados são apresentados pelas associações das variáveis-desfecho e as variáveis exploratórias que se mostraram significativas. *Odds-ratios* simples e ajustadas são apresentadas. Variáveis que estiveram presentes para todos os quatro tipos de violência ao longo da vida ou nos últimos 12 meses foram: comportamentos de controle, relacionamento extraconjugal, uso de droga e episódios de embriaguez. Além disso, as narrativas das entrevistadas geraram 32 Discursos do Sujeito Coletivo que foram construídos a partir de 395 Expressões-Chaves agrupadas por semelhança de sentido em sete blocos temáticos: A engenharia das VPIs (8 DSCs), Histórias de estupro de vulneráveis (6 DSCs), Violências silenciosas ou silenciadas (4 DSCs), Anos potenciais de vidas sofridas (4 DSCs), Um novo tempo...apesar dos pesares (4 DSCs), E por falar em violências (2 DSCs) e a Violência é uma linguagem (4 DSCs). As altas prevalências das violências reveladas neste estudo mostram a magnitude da vulnerabilidade e das agressões praticadas contra mulheres nas relações com parceiros íntimos e a existência de múltiplas dinâmicas violentas.

Palavras-chave: Violência, parceiro íntimo, gênero, Discurso do Sujeito Coletivo

ABSTRACT

This descriptive and exploratory research aimed to analyze intimate partner gender-based violence committed by intimate partners against women aged 15 to 49 years living in an economically vulnerable area. A cross-sectional study design was selected and interviews were performed with 278 women aged between 15 and 49 years, who had had at least one male intimate partner in their lives and lived in a metropolitan area of the city of Brasília, DF, Brazil, called Varjão, in 2007. Systematic random sampling process was used. The research instrument consisted of a questionnaire with 58 questions, developed by the World Health Organization. Prevalence of psychological, physical, sexual and physical or sexual violence were analyzed. Independent variables were organized by the ecological theory proposed by Bronfenbrenner and four levels were considered: Person, Process, Context, and Time. In addition, the study adopted a qualitative technique called Discourse of the Collective Subject and 195 women shared some experience of violence. Ethical measures to maintain the women safe from further abuses were taken. Initially, chi-square test with significance level of 0.05 was to test the relationship between the four types of dependent variable and the exploratory variables. Also, odds-ratio and confidence interval of 95% were used to test association between dependent and ecological variables selected from the data instrument. Results shows the highest prevalence was that of psychological violence: 80.2% (n=223) of the women interviewed reported at least one act throughout their lives and 50% (n=139) in the last 12 months. Prevalence of physical violence was 58.6% throughout life and 32% in the last 12 months, whereas those of sexual violence were 28.8% and 15.5%, respectively. The physical or sexual lifelong violence was 61.5%. Multiple levels logistic regressions show that variables from the process level were present in all final models of the analyses. Partner's controlling behavior and infidelity were highly associated with all types of violence ($p < 0,05$ were considered). Finally, the 195 women's narrative of violence presented 395 Key-Expressions that formed 32 Discourses of the Collective Subject. The high prevalence of violence shows the magnitude of vulnerability and aggressions committed against women in relationships with intimate partners.

DESCRIPTORS: Battered Women. Intimate Partner. Violence Against Women. Gender. Discourse of the Collective Subject

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 Tipos de violências baseadas em gênero sofridas no decorrer do Ciclo de Vida da Mulher. Figura baseada nos dados publicados no Relatório da OMS – 2002 ⁷¹	71
Figura 2 Ciclo da violência baseado na teoria proposta por Leonor Walker, 1979.	83
Figura 3 Nível contextual do modelo bioecológico baseado na teoria de Bronfenbrenner.	86
Figura 4 Prevalência da violência psicológica praticada por parceiro íntimo ao longo da vida segundo tipos de atos violentos.	135
Figura 5 Frequência dos casos de violência psicológica, física e sexual ao longo da vida e nos últimos 12 meses.	139
Figura 6 Prevalência de violência sexual segundo tipo de ato violento praticado pelo parceiro e tempo de ocorrência..	140
Figura 7. Prevalência da violência física ao longo da vida por frequência de ingestão de bebida alcoólica pelo parceiro.	145
Figura 8 Violência física ao longo da vida por número de comportamentos de controle praticados pelo parceiro íntimo.	145

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 Fatores de risco associados à VPI	74
Quadro 2 Variáveis explicativas segundo níveis do modelo ecológico.	112
Quadro 3 Tamanhos de amostras segundo o intervalo de confiança e o erro de precisão	115
Quadro 4 Desenho do Estudo “Ecologia das Violências Praticadas por Parceiros Íntimos contra Mulheres do Varjão, DF, 2007”	118
Quadro 5 Tratamento do material verbal do depoimento de APL, 33 anos	121
Quadro 6 Associação dos tipos de violências cometidos por parceiros íntimos ao longo da vida e nos últimos doze meses com variáveis explicativas do modelo ecológico	159

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 Características sociodemográficas das mulheres entrevistadas segundo nível pessoal do modelo ecológico	123
Tabela 2 Características sociodemográficas e de comportamento dos parceiros segundo nível pessoal do modelo ecológico	125
Tabela 3 Comportamentos dos parceiros das mulheres entrevistadas segundo nível processual do modelo ecológico	126
Tabela 4 Prevalência da violência física após os 15 anos por tipo de agressor	127
Tabela 5 Prevalência de abuso sexual infantil por tipo de agressor	128
Tabela 6 Prevalência de violência sexual após 15 anos de idade por tipo de agressor	129
Tabela 7 Prevalência das atitudes das mulheres entrevistadas com relação aos papéis baseados em gênero.	131
Tabela 8 Prevalência das atitudes das mulheres entrevistadas com relação aos papéis de gênero	133
Tabela 9 Prevalência e frequência da violência psicológica, física e sexual por comportamento abusivo do parceiro íntimo	136
Tabela 10 Prevalência de violência psicológica ao longo da vida praticada por parceiro íntimo por variáveis do nível pessoal segundo modelo ecológico	142
Tabela 11 Razão de chance ajustada e intervalo de confiança para a associação entre a violência psicológica ao longo da vida e as variáveis explicativas do modelo ecológico	143
Tabela 12 Razão de chance ajustada e intervalo de confiança para a associação entre a violência psicológica nos últimos doze meses e as variáveis explicativas do modelo ecológico	143
Tabela 13 Prevalência de violência física ao longo da vida praticada por parceiro íntimo por variáveis dos níveis do modelo ecológico.	146
Tabela 14 Razão de chance ajustada e intervalo de confiança para a associação entre a violência física ao longo da vida e as variáveis explicativas do modelo ecológico.	148

Tabela 15 Razão de chance ajustada e intervalo de confiança para a associação entre a violência física nos últimos doze meses e as variáveis explicativas do modelo ecológico.	149
Tabela 16 Prevalência de violência sexual ao longo da vida praticada por parceiro íntimo segundo variáveis do modelo ecológico.	151
Tabela 17 Razão de chance ajustada e intervalo de confiança para a associação entre a violência sexual ao longo da vida e as variáveis explicativas do modelo ecológico.	152
Tabela 18 Razão de chance ajustada e intervalo de confiança para a associação entre a violência sexual nos últimos doze meses e as variáveis explicativas do modelo ecológico.	154
Tabela 19 Razão de chance ajustada e intervalo de confiança para a associação entre a violência física ou sexual ao longo da vida e as variáveis explicativas do modelo ecológico.	155
Tabela 20 Razão de chance ajustada e intervalo de confiança para a associação entre a violência física ou sexual nos últimos doze meses e as variáveis explicativas do modelo ecológico.	156
Tabela 21 Proporção dos Discursos do Sujeito Coletivo segundo Idéias Centrais de sentidos semelhantes.	162

LISTA DE ABREVIACÕES E SIGLAS

DSC – Discurso do Sujeito Coletivo

EC – Expressões-Chaves

IC – Ideias Centrais

IST – Infecoes Sexualmente Transmitidas

OMS – Organizao Mundial da Saúde

OPAS – Organizao Pan-Americana de Saúde

VPI – Violência Praticada por Parceiro Íntimo

VBG – Violência Baseada em Gênero

PDAD – Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	16
1 INTRODUÇÃO	18
1.1 OFENÔMENO E O PERCURSO HISTÓRICO DE SUA CONSTRUÇÃO	18
1.2 O OBJETO DE ESTUDO: HISTORICIDADE ECOLÓGICA DAS VIOLÊNCIAS .21	
1.2.1 Explorando Textos que Abordam as Violências, Interpretando Mundos Conceituais de Autores Clássicos	22
1.2.2 Explorando Textos que Abordam as Violências, Interpretando Mundos Conceituais de Autores Contemporâneos	31
1.3 A LÓGICA ENTRE OBJETO E DELINEAMENTO TEÓRICO- METODOLÓGICO	38
1.4 LEI MARIA DA PENHA	41
1.5 JUSTIFICATIVA	45
1.6 OBJETIVOS	47
2 REVISITANDO CONCEITOS ESTRUTURANTES DA ABORDAGEM DO TEMA	49
2.1 ENGENHARIA DE PRODUÇÃO DOS CONCEITOS	49
2.1.1 Gênero: Um Conceito Político em Movimento	49
2.1.2 Hipermasculinidade: Uma Construção Pós-patriarcado?	55
2.1.3 Relações Entre Parceiros: Intimidades e Subjetividades	57
2.1.4 Conflito ou Violência: Eis a Questão	60
2.1.5 Vulnerabilidade: Um Conceito em Construção	64
2.2 MAGNITUDE E IMPACTO DA VIOLÊNCIA: ESTUDOS EMPÍRICOS	66
3 O CAMINHO METODOLÓGICO	75
3.1 REFERENCIAL TEÓRICO	78
3.1.1 Aspectos Conceituais do Modelo Ecológico das Relações Interpessoais	79
3.1.2 Discurso do Sujeito Coletivo	87
3.1.3 Representações Sociais	90
3.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	93
3.2.1 Tipo de Investigação	93
3.2.2 O Campo da Investigação: Varjão, Espaço de Luta e Sobrevivência	93
3.2.3 Definições Operacionais	96
3.2.4 Critérios de Inclusão	101
3.2.5 Aspectos Éticos	101
MÓDULO QUANTITATIVO	105
3.2.6 Instrumento de Coleta de Dados e Técnica de Entrevista	106
3.2.7 Variáveis	109
3.2.8 Piloto	113
3.2.9 Amostra	114
3.2.10 Procedimento de Tratamento e Análise dos Dados	116
MÓDULO QUALITATIVO	117
3.2.11 Pergunta Desencadeadora	117

3.2.12 Banco de Dados.....	118
3.2.13 Técnica de Tratamento e Análise dos Dados.....	119

4 RESULTADOS: O MOSAICO DAS VIOLÊNCIAS POR PARCEIROS

ÍNTIMOS	122
4.1 VIOLÊNCIAS POR PARCEIRO ÍNTIMO NO VARJÃO:	
ANÁLISE QUANTITATIVA	122
4.1.1 Nível Pessoal: Sujeitos Envolvidos.....	122
4.1.1.1 Sujeito da Pesquisa: Características das Mulheres Entrevistadas.....	122
4.1.1.2 Características: Individuais do Parceiro	124
4.1.2 Nível Processual.....	124
4.1.3 Nível Contextual	126
4.1.3.1 Microssistema.....	126
4.1.3.2 Mesossistema	126
4.1.3.3 Exossistema	129
4.1.3.4 Macrossistema	130
4.1.4 Magnitude das Violências Praticadas pelos Parceiros Íntimos.....	133
4.1.5 Decifrando Conexões das Violências Praticadas pelos Parceiros Íntimos	140
4.1.5.1 Violência Psicológica.....	140
4.1.5.2 Violência Física	144
4.1.5.3 Violência Sexual.....	149
4.1.5.4 Violência Física ou Sexual	154
4.1.6 Sociabilidade Violenta e as Reações das Mulheres Frente aos Episódios de Violência	160
4.2 DISCURSO DA REALIDADE VIVIDA PELAS MULHERES ENTREVISTADAS: ANÁLISE QUALITATIVA	161
4.2.1 Engenharia das Violências Praticadas por Parceiros Íntimos	163
4.2.1.1 Coquetel Violento – DSC 1.....	163
4.2.1.2 Adeus “Lua de Mel” – DSC 2.....	165
4.2.1.3 Na Companhia do Medo - DSC 3.....	166
4.2.1.4 Gravidez de Risco: Violência como Diagnóstico - DSC 4.....	167
4.2.1.5 Violência e Relacionamento Extraconjugual DSC 5.....	168
4.2.1.6 Coerção Sexual ou Estupro - DSC 6.....	170
4.2.1.7 Naturalização da Violência - DSCo 7	171
4.2.1.8 Quando o Medo Fala Mais Alto - DSC 8	171
4.2.2 Narrativas de Estupro de Vulneráveis	172
4.2.2.1 Nossa! Ele era família - DSC 9.....	172
4.2.2.2 Foi aí que eu entendi o que ele fez comigo - DSC 10	174
4.2.2.3 Silêncio dos Inocentes DSC 11	176
4.2.2.4 Casamento ou Estupro de Vulnerável? - DSC 12	176
4.2.2.5 O Perigo na Rua - DSC 13.....	177
4.2.2.5 Memórias Que Machucam - DSC 14.....	177
4.2.3 Violências Silenciosas ou Silenciadas?	178
4.2.3.1 Em Briga de Marido e Mulher a Família não Está Metendo a Colher - DSC 15	178
4.2.3.2 Os Filhos por testemunhas – DSC 16	179

4.2.3.3 Quando a Criança Fala e o Cuidador Cala – DSC 17	180
4.2.3.4 Nem Você Fala e Nem Eu Pergunto: Profissionais da Saúde em Foco - DSC 18.....	181
4.2.4 Anos Potenciais de Vida Sofrida.....	181
4.2.4.1 Tudo Começou Muito Cedo DSC 19	181
4.2.4.2 Minha Vida Inteira eu Fui um Saco de Pancada DSC 20	183
4.2.4.3 Entre o Ficar e o Partir - DSC 21.....	183
4.2.4.4 O Tempo Passa... O Tempo Voa DSC 22.....	184
4.2.5 Um Novo Tempo Apesar dos Pesares.....	184
4.2.5.1 Tempo de Empoderamento - DSC 23	185
4.2.5.2 Maria da Penha Neles - DSC 24	186
4.2.5.3 Narrar Ajuda a Curar - DSC 25.....	187
4.2.5.4 Tô Feliz Com Meu Parceiro – DSC 26	188
4.2.6 E Por Falar em Violência.....	188
4.2.6.1 Varjão: O Crime Nosso de Cada Dia – DSC 27	188
4.2.6.2 Violências e Violências DSC 28	190
4.2.7 Violência é uma Linguagem	191
4.2.7.1 A Linguagem da Retribuição – DSC 29.....	191
4.2.7.2 O Descontrole do Controle - DSC 30	192
4.2.7.3 O Discurso Religioso DSC 31.....	193
4.2.7.4 Fui Eu Que Comecei DSC -32.....	194
5 DISCUSSÃO	195
6 CONCLUSÕES	205
7 REFERÊNCIAS.....	209
APÊNDICE	218
ANEXO.....	320

APRESENTAÇÃO

Qual a magnitude das violências físicas, sexuais e psicológicas sofridas pelas mulheres de 15 a 49 anos residentes no Varjão? Quais variáveis do modelo ecológico da violência, como as de ordem Pessoal, Processual e Contextual, se apresentam como condições que aumentam a probabilidade da ocorrência de violências ao longo da vida e nos últimos doze meses nas relações íntimo-afetivas da mulher? Quais os discursos proferidos pelos sujeitos-objeto e pela coletividade que os habita? O que é possível perceber acerca da intensidade das violências praticadas por parceiros íntimos (VPIs) nos episódios narrados pelas mulheres do Varjão?

Para abordar as questões propostas, esta tese foi organizada em seis capítulos. O primeiro capítulo narra o percurso para a construção do tema como objeto de pesquisa e introduz a temática utilizando os conceitos e as ponderações de pensadores clássicos e contemporâneos. Justifica-se, nesse capítulo, a pertinência da seleção do tema pelo eixo da ação e reação dos sujeitos da pesquisa. Além disso, pontua-se a importância da temática abordada como objeto de prioridade no campo da saúde pública.

No segundo capítulo, são discutidos conceitos teóricos estruturantes da abordagem do tema que subsidiaram a análise realizada. Apresenta-se gênero como uma categoria analítica e um conceito em movimento. Na sequência, é feita uma discussão preliminar sobre hipermasculinidade e os estereótipos vinculados ao papel do homem. Discutem-se algumas abordagens das relações afetivas entre parceiros íntimos, com ênfase especial no construcionismo, e passa-se à reflexão sobre conflitos de identidades e uso da violência para mediar as interações e “pacificar” o conflito. Além disso, introduz-se a vulnerabilidade como um conceito em construção e suas implicações para o estudo das violências. O capítulo encerra com uma breve apresentação de estudos relevantes sobre as violências cometidas por parceiros íntimos em nível nacional e internacional. São mencionados estudos desenvolvidos com mulheres, homens, casais e profissionais da saúde em diversos cenários e com diferentes estratégias metodológicas e definições operacionais.

O terceiro capítulo descreve tanto os referenciais teóricos quanto a abordagem quantitativa e qualitativa, bem como os procedimentos técnicos

adotados para a coleta e análise dos dados. Cada nível do sistema ecológico proposto por Bronfenbrenner é explicado, e as variáveis-desfecho e explicativas são apresentadas. A técnica do Discurso do Sujeito Coletivo é brevemente descrita, e a teoria das Representações Sociais é introduzida no contexto da violência e do mecanismo de construção de estereótipos de masculinidades e feminilidades.

O quarto capítulo apresenta os resultados descritivos, segundo o modelo ecológico proposto. Num primeiro momento, é feita uma apresentação dos resultados referentes ao banco de dados quantitativos coletados nas 278 entrevistas com participantes da pesquisa, com as prevalências gerais para cada uma das variáveis-desfecho. Em seguida, os dados são apresentados segundo uma análise univariada e multivariada. Em relação ao banco de dados qualitativos, expuseram-se os resultados exploratórios das narrativas das experiências de 195 mulheres que escolheram contar suas histórias de violências por intermédio de 32 Discursos do Sujeito Coletivo que contaram com 395 Expressões - Chaves e/ou Idéias Centrais para serem elaborados.

O quinto capítulo discute as implicações da pesquisa à luz do referencial teórico adotado. O complexo fenômeno das violências praticadas por parceiros íntimos contra mulheres apresentou uma magnitude e uma intensidade cujos contornos foram delineados empiricamente nos níveis Pessoal, Processual, Contextual e Temporal. A fala das mulheres surge com intensidade nos Discursos do Sujeito Coletivo e descreve a dinâmica das múltiplas violências que os dados estatísticos mensuraram. A magnitude e a intensidade das violências cometidas por parceiros íntimos contra as mulheres do Varjão são delineadas na soma qualitativa dos resultados encontrados. Finalmente, neste capítulo registram-se algumas repercussões e desdobramentos da pesquisa, e apresenta-se uma tentativa de recomendação para pesquisas na área de gênero.

O sexto capítulo oferece as conclusões baseadas nos objetivos do trabalho. O capítulo apresenta de uma maneira objetiva e sucinta uma descrição dos resultados da pesquisa em relação aos objetivos estabelecidos.

*O poder só é efetivado enquanto a palavra e o ato não se divorciam,
quando as palavras não são vazias e os atos não são brutais,
quando as palavras não são empregadas
para velar intenções mas para revelar realidades
e os atos não são usados para violar ou destruir,
mas para criar relações e novas realidades”
Hannah Arendt*

1 INTRODUÇÃO

1.1 O FENÔMENO E O PERCURSO HISTÓRICO DE SUA CONSTRUÇÃO

É importante descrever, inicialmente, um pouco da identidade da observadora, expressa em passagens da caminhada que levou à construção do tema e ao encontro do sujeito (pesquisadora-observadora) com outros sujeitos (entrevistadas) e com o objeto de estudo – violências praticadas por parceiros íntimos contra mulheres. Observar é ver e entender o que foi visto, e este trabalho pretendeu mostrar como as mulheres (entrevistadas e pesquisadora) enxergam a situação abordada.

A relação com a temática das violências interpessoais contra mulheres consolidou-se há 10 anos, a partir do contato com uma comunidade de imigrantes latinos residentes no Condado de Putnam, no estado de Nova York, no período de 1999 a 2005. Inicialmente, a ideia era realizar consultas de enfermagem (*nursing home visits*) às mulheres imigrantes e às mulheres em situação de vulnerabilidade social que estavam registradas no programa *Women, Infants and Children* (WIC). As visitas eram projetadas com o intuito de incentivar práticas de promoção de saúde integral da mulher, do parceiro e da criança. Essas visitas domiciliares eram oferecidas gratuitamente a todas as famílias do condado, especialmente aquelas em situação de vulnerabilidade econômica ou isolamento social.

No decorrer do primeiro ano de visitas, ficou claro que abordar sistematicamente as violências cometidas por parceiros íntimos, um dos problemas frequentemente relatados durante as visitas e o mais prevalente tipo de violência interpessoal, era uma necessidade premente. Com isso, foi estabelecido um plano

de cuidado que constava de visitas individuais e atividades em grupo com mulheres migrantes (*Latino Women Empowerment Program*)¹ para refletir acerca das violências baseadas em gênero e conhecer a rede de serviços de apoio e assistência às sobreviventes das violências. Ao mesmo tempo, crescia nosso envolvimento com o Centro de Mulheres (*Women's Center*), a Casa Abrigo (*Women's Shelter*) e o Centro de Advocacia da Criança Vítima de Violência (*Child Advocacy Center*).

No retorno ao Brasil, o tema do aleitamento materno e da promoção da saúde da mulher e da criança junto a famílias socialmente vulneráveis de uma região do Distrito Federal foi o objeto inicial do nosso pré-projeto de doutorado. Entretanto, ao realizar um estudo piloto para calibrar um dos instrumentos que seriam utilizados para a coleta de dados, encontramos depoimentos chocantes de violências cometidas por parceiros íntimos. Desse modo, podemos dizer que, mais uma vez, não fomos nós que “encontramos” o tema da violência por parceiro íntimo, mas ele que nos encontrou. Esse foi, portanto o *pathos* de nossa experiência prévia com a temática abordada nesta pesquisa; em razão dessa vivência foi que se deu nossa decisão de reformular toda a proposta de pesquisa. Trilhando esse caminho, chegamos a este trabalho, que hoje se encontra, podemos dizer, parcialmente concluído. Cada vez que nos aprofundamos na temática das violências interpessoais, descobrimos que a Violência por Parceiro Íntimo (VPI) é um fenômeno em movimento. Quando o pesquisador o examina, ele precisa estar pronto para questionar seus próprios pressupostos e tomar o cuidado de apresentar as conclusões como algo fluido e dinâmico.

Todo esse percurso contribuiu para o delineamento do corpo – construção do corpus – da presente pesquisa e para a escolha das técnicas e da metodologia utilizada na abordagem das violências nas relações íntimo-afetivas da mulher. O percurso ensinou a pesquisadora a falar a língua que ela se propôs a interpretar.

Conduzir pessoalmente as 300 entrevistas – num total de mais de 450 horas de audição e escuta ativa, juntamente com pausas para a espera do momento mais oportuno e seguro para prosseguir as entrevistas – nos auxiliou no processo de ler e reler as narrativas de violência. Durante o tratamento dos dados, alguns aspectos

¹ Ver ANEXO A, reportagens descrevendo o programa de enfrentamento das VPIs chamado *Putnam County Latino Empowerment Program*.

que estão para além das coisas ditas pelas mulheres – uma combinação entre o olhar, a escuta e a palavra – eram lembrados, e isso fazia a entrevistadora reviver muitos momentos dos diálogos. As vozes de sofrimento, indignação e de profunda violação da condição humana não se calaram ao término do período da coleta de dados. Houve também vozes que expressaram libertação da opressão e estavam tingidas pela esperança de um novo tempo. As palavras ouvidas trazem retratos da verdade atravessados pela tentativa da analista de não interferir na enunciação das entrevistadas.

Ao longo das entrevistas, houve momentos reais de confronto com uma violência “no ar”, uma exposição direta a ambientes violentos, um compromisso ético com a segurança e a integridade emocional das entrevistadas. O método, a técnica e ética não se separaram em momento algum, mesmo que isso tenha resultado em um gasto muito maior de tempo e energia do que tinha sido inicialmente planejado. Encerrar apenas uma entrevista em um dia – período em que se pretendia realizar quatro delas – devido à complexidade das ações que eram solicitadas ou se faziam necessárias é uma história que poderá ser contada em outro momento e para cumprir objetivos que transcendem os intentados nesta pesquisa. Na sessão sobre a técnica da entrevista, abordamos um pouco essa questão, que foi referente não só à realidade do campo, mas também à natureza do fenômeno investigado.

Na soma de todas as vozes, que expressaram a interrogação entre as fronteiras da submissão ao domínio do outro e a afirmação de si², coube à pesquisadora decifrar a intensidade das palavras proferidas e permanecer encorajada a prosseguir nessa linha de investigação, que é tão necessária em todas as arenas disciplinares. Além disso, a oportunidade de fala para muitas das mulheres entrevistadas possibilitou que elas “nomeassem o abuso, interpretassem o abuso como opressão, re-experimentassem o sentimento de raiva com o ocorrido e realizassem a transição de vítima para sobrevivente”^{1:188}.

Foi explorada toda a riqueza de informação contida nos dados coletados? Essa é uma pergunta que talvez não tenha resposta. É certo que o banco de dados poderá ser revisitado em outros momentos e que algumas variáveis poderão ser

² No seu esboço sobre a história da sexualidade nos últimos três séculos, Foucault aborda essa problemática quando discute o dispositivo do poder e da sexualidade. Foucault M. A história da sexualidade I: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal; 1984.

analisadas com a utilização de outras técnicas. O preparo e a seleção para uma defesa acadêmica impõem um recorte de conteúdos essenciais que possibilitem dimensionar a magnitude do fenômeno investigado. A preocupação constante foi a de apreender o mundo social das mulheres participantes desta pesquisa sem eliminar a integridade subjetiva que atribui significado para os dados coletados. O delineamento do método procurou evitar o absolutismo da mensuração e ressaltar a abordagem ecológica – interação entre pessoa, processo, contexto e tempo – do fenômeno. O que se registra aqui é uma elaboração acadêmica que se presta também a representar o papel de um memorial, com a intenção pessoal e política de agendar as violações dos direitos humanos das mulheres moradoras do Varjão na pauta das prioridades dos sujeitos-cidadãos, da comunidade e do Estado. Portanto, o trabalho possui dimensões que transcendem um relato acadêmico e deve cumprir outras funções sociais.

1.2 O OBJETO DE ESTUDO: HISTORICIDADE ECOLÓGICA DAS VIOLÊNCIAS

A pesquisa teve como objetivo conhecer o contexto e as dinâmicas das violências praticadas por parceiros íntimos contra mulheres de 15 a 49 anos moradoras do Varjão. Procurou-se ainda, conhecer os discursos femininos sobre suas vivências e algumas representações de gênero e violência expressas nesses discursos.

O título “ecologia das violências praticadas por parceiros íntimos contra mulheres” pretendeu traduzir a complexidade de um fenômeno multidimensional ancorado na interface entre indivíduos e sociedade. A palavra “ecologia” foi usada nesta pesquisa com um significado distinto de uma ciência da casa, que privilegia a cultura como habitação e descreve a integração entre a sociedade e os sistemas de opressão. Aborda-se a interdependência entre a ecologia humana, a ecologia social e a ecologia política. Do grego *oikos* + *logia*, “ecologia” equivale a um discurso (*logia*) das relações humanas (*oikos*). Nesta perspectiva, a conceituação da dimensão ecológica das VPI serviu para abordar um fenômeno complexo e ajudar a reciclar as histórias e os valores das pessoas envolvidas. A ecologia é um sistema de pensamento e está comprometida com um novo modo de se refletir sobre os

fenômenos. As violências têm sido apresentadas como fenômeno relacionado às ações humanas em nível individual, de grupo, de classe, comunitário, institucional e estrutural, numa dinâmica de relações e interações. Essa dinâmica ecológica de relações e interações foi investigada sob o ângulo das violências praticadas por parceiros que mantêm relações íntimo-afetivas com as mulheres entrevistadas.

De acordo com o Oxford English Dictionary, violência é um comportamento que envolve força física com o propósito de machucar, provocar lesão ou matar; inclui, ainda, força da emoção ou força natural não prazerosa e destrutiva.² Já segundo o Dicionário Houaiss, violência é a “ação ou efeito de violentar, de empregar força física ou intimidação moral contra; ato violento, crueldade, força”^{3:231}. Em ambas as definições, portanto, a força aparece como um elemento constitutivo do fenômeno.

Optamos por proceder a uma abordagem sobre o objeto de estudo baseada na reflexão teórica de autores clássicos e contemporâneos acerca da apreensão da realidade social e da violência. A distinção como clássico ou contemporâneo não segue uma lógica cronológica nem hierárquica, mas uma lógica emprestada da sociologia. Não é recomendável refletir sobre um fenômeno social – neste caso, as violências – sem uma abordagem de temas importantes como cultura, sistema de condutas, desigualdades sociais, poder e política, entre tantos outros.

1.2.1 Explorando Textos que Abordam as Violências, Interpretando Mundos Conceituais de Autores Clássicos

Para introduzir o objeto do nosso estudo, faz-se necessário localizá-lo no horizonte de vasta amplitude que é o universo da violência e repensá-lo historicamente. Não pretendemos dar conta da diversidade do campo das violências, que já tem sido tão bem explorado nas diversas modelagens disciplinares. No decorrer da elaboração da pesquisa, escolhemos o caminho de ler, reler e refletir acerca da temática. O resultado das reflexões a partir dessas leituras – que não pretendeu ser um mero fichamento de leitura – está registrado aqui e traduz o interesse de pensar essa temática tão múltipla, situacional e passível de ser vista sob várias “paisagens”. Pretendemos apenas revisitar brevemente alguns

conceitos envolvidos na epistemologia do tema que nos chamaram atenção. Entre segredos, silêncios e medos, a violência contra mulheres no mundo contemporâneo situa-se na interferência entre os processos cultural e simbólico, social e político, econômico, étnico-racial e religioso, revelando o *modus operandi* de uma sociedade construída segundo uma ordem hierárquica que procurou adestrar corpos e mentes para a dominação masculina.

É essencial desconstruir o sujeito genérico feminino e masculino para compreender melhor o fenômeno da violência baseada em gênero, que origina cenários de alto grau de complexidade. Tais cenários, multideterminados e polissêmicos, envolvem toda a sociedade e suas múltiplas dimensões – social, econômica, cultural – na constituição das novas subjetividades e inter-subjetividades. De maneira especial, faz-se necessário compreender as relações íntimas em que as mulheres têm sofrido atos de violência. Essa é uma modalidade específica atrelada ao modo como se estruturam as relações entre homens e mulheres no âmbito íntimo-afetivo.

O tema das VPIs, usado como sinônimo para violências baseadas em gênero (VBG), ainda que o último seja mais amplo, emerge no cenário contemporâneo como uma das principais expressões da violação dos direitos humanos que ocorrem cotidianamente no âmbito das relações interpessoais. É preciso considerar as condições estruturantes do tecido social brasileiro marcado pela exclusão e pelas desigualdades sociais e, ao mesmo tempo, validar o enfoque no caldo cultural (re)produzido pelo sistema patriarcal, gerando assimetria no exercício do poder nas interações humanas. Os acontecimentos violentos entre parceiros íntimos precisam ser analisados a partir de um olhar que procure perceber o impacto das estruturas sociais e das interações nos espaços micro e macro onde os relacionamentos interpessoais ocorrem.

O legado do patriarcado privilegia a dominação pelo gênero masculino e fertiliza as condições para o acirramento das violações de direitos humanos. O termo VBG descreve as questões ligadas a gênero – construção social das identidades femininas e masculinas –, as relações assimétricas dos gêneros e todas as formas de violências que mediam os conflitos dessas identidades, quer de natureza física, quer de natureza psicológica, sexual, patrimonial ou moral.

É importante pautar que a diversidade de definições envolvendo as expressões “violência contra a mulher”, “violência baseada em gênero”, “violência doméstica”, “violências interpessoais” e “violência praticada por parceiro íntimo” representa momentos históricos de lutas, mas também demonstra a dificuldade em nomear o fenômeno e seus mecanismos de construção de significado e significante. No presente trabalho, não nos preocupamos em descrever as diferenças conceituais embutidas nos vários termos, entretanto, gostaríamos de registrar que as palavras “mulher” e “violência” não foram usadas num sentido genérico. Entendemos e defendemos a pluralidade e a historicidade dos construtos teóricos evocados por cada uma dessas palavras.

Nas ciências humanas, vários estudiosos descreveram o fenômeno das violências, a partir de diversos referenciais teóricos. Iniciaremos mencionando alguns clássicos que refletiram sobre o fenômeno social e, em seguida, incluiremos cientistas contemporâneos que abordam o tema violência.

Hobbes⁴, um dos primeiros a refletir sobre a problemática da violência e a constituição do Estado, descreve a violência como resultado das necessidades biológicas implacáveis do homem que, combinadas com a escassez, poderiam levar à “guerra de todos contra todos”. Seu conceito sobre a natureza humana, marcada pela discórdia, competição, desconfiança e pelo uso da violência para manter a “paz”, foi cunhado no contexto da sociedade inglesa do século XVII. Hobbes traz uma concepção filosófica de que a violência é contida estruturalmente no *ethos* dos indivíduos. Ao afirmar que “a luta de todos contra todos” seria o caminho inevitável sem uma concepção de ente regulador da vida social, Hobbes incita que o homem por si só, para garantir sua existência e preencher suas necessidades, recorre a atos de agressão contra o seu próximo. Já na passagem do “estado de natureza” ao “estado de sociedade”, essa violência ou capacidade de transgredir o próximo é transferida para o Estado, isto é, para a constituição da vida social. Em razão disso, o emprego da violência se torna algo naturalizado, racional e intrínseco à organização social.

Marx⁵, que trabalhou na análise dos processos históricos a partir dos conflitos econômicos, descrevia a violência como uma característica da perversão do Estado social pelo monopólio dos meios de produção, gerada pela concorrência entre os homens e não como um estado natural humano. Nessa perspectiva, a violência,

sendo de origem social, permeia todo o horizonte da relação entre sociedade e indivíduo, demarcando uma dominação que se dá no nível da sobrevivência. A violência se torna um recurso do poder para subjugar o mais fraco, ao mesmo tempo em que, dialeticamente, pode servir como um instrumento de libertação para transformação da sociedade com a tomada do controle pelo seu uso. A polêmica que se discute é a perigosa interpretação, a partir da concepção marxista da sociedade, de que a violência é inerente à mudança social, ou seja, é um vetor estruturante da reorganização da sociedade.

Durkheim⁶ afirma que apenas a regra social pode servir de obstáculo aos abusos de poder e assegurar a coerção social. Ele postula que somente a aceitação de uma “função” no sistema de divisão do trabalho e da sociedade pode levar o indivíduo à felicidade e ao desenvolvimento de uma consciência coletiva. Nessa perspectiva, o indivíduo perde sua conotação de sujeito dotado de um agir e passa a ser dirigido pela divisão do trabalho, que “cria entre os homens um sistema de direitos e deveres que os ligam uns aos outros”. O ser embrenhado na moral social apresentado por Durkheim dificilmente se encaixa na insensibilidade encontrada na relação violenta entre parceiros íntimos, que desconhece o interesse “intrínseco de fazer o bem ao outro” e valoriza o domínio e o controle desse outro, inviabilizando a construção da alteridade.

Enquanto Durkheim considera que o consenso social é construído principalmente por meio de normas, Simmel⁷ apresenta a noção do conflito como forma de sociação, a qual vem a ser elemento permanente em qualquer relação social. Esse conflito, ao se amparar na dissociação, no desentendimento e nos interesses particulares dos atores sociais, carrega consigo (ou no âmago da interação entre os homens) a capacidade de se chegar a um consenso. Isto é, o conflito usufrui da técnica da autorregulação; ele próprio resolve a tensão entre contrastes. Podemos afirmar que o conflito é um mecanismo regulador que faz parte de qualquer processo de sociação ao preceder um ato de unidade. Nesse sentido, os conflitos no raciocínio de Simmel são meios pelos quais os atores, através das relações sociais, resolvem e suprimem seus interesses antagônicos e divergentes, deixando espaço para o alcance de um meio-termo, um pacto, um acordo, um contrato social, ou seja, uma unidade para que não se instaure uma negação do diálogo.

Em relação à cultura do não diálogo, Arendt^{8,9} discute a relação entre violência e poder no nível político e defende a ideia de que o poder corresponde à habilidade humana de agir em pacto. Em contrapartida, a violência é o agir sem argumentar ou sem considerar as consequências dos atos. Arendt descreve o caráter instrumental da violência, que depende de “implementos”, afirmando que a história humana é calcada pelo uso da violência a fim de controlar pessoas ou recursos. Cria-se, nesse sentido, um vínculo vicioso em que atos violentos são alimentados por novos atos violentos para se manter a violência como instrumento de controle. Para garantir a continuidade desse controle, é necessário que os meios violentos sejam intensificados. Aplicando-se essa perspectiva aos parceiros íntimos, é possível que a relação precise se sustentar no aumento da intensidade ou da frequência dos atos violentos. Em oposição, o poder é conquistado pela legitimidade calcada em meios que cooperam para a continuidade do mundo político e social, capacitando as pessoas ou grupos a pensar e agir. Arendt conclui que violência e poder são antagônicos e que, onde a violência aparece, o poder passa a estar em risco, pois a violência tem a capacidade de destruí-lo.

No contexto das violências entre parceiros íntimos, as reflexões de Arendt nos levam a constatar a presença de autoritarismo e violência sendo perpetuados nas relações cotidianas, gerando uma linguagem de agressividade que transcende o casal e atinge outros possíveis atores, como crianças, adolescentes, jovens e idosos que convivem no mesmo espaço que a mulher agredida. Essa linguagem organiza as interações e afeta toda a dinâmica familiar, tecendo um cenário de tensões, agressões e novos medos, num ciclo que tende ao escalonamento e não à redução.

Elias,^{10,11} alertando que estamos somente numa etapa inicial da evolução do clã e da tribo para o Estado, descreve o avanço da individualização afirmando que os direitos humanos incluem tanto o direito à liberdade de não usar a força física ou ameaçar seu uso como o direito de recusa à utilização da força bruta e da violência. Contudo, admite que a elaboração dos direitos humanos representa apenas um esboço e descreve o *habitus*, que se refere às práticas internalizadas através de processos de socialização que sofrem influência da história e da classe social.

Elias apresenta ainda dois conceitos interessantes que podem ser aplicados ao modelo interativo das violências: sociogênese e psicogênese. Para ele, ambos

regulam, ditam e administram os processos de mudanças na sociedade. A sociogênese diz respeito às mudanças nas estruturas sociais, enquanto a psicogênese é a forma de compreender as mudanças nos comportamentos dos indivíduos – trata-se especificamente das mudanças nas estruturas psíquicas, isto é, nas estruturas da personalidade. Para Elias, essas duas “gêneses” formam um aglomerado holístico que irá auxiliar e impelir o desenvolvimento do projeto civilizatório, bem como ajudar a estudar os processos civilizadores. A constituição psíquica é sempre determinada, em última análise, pela história e pela estrutura real de suas relações com outras pessoas, a estrutura da sociedade – que se altera com a mudança da constituição psíquica. O processo civilizatório estará completo quando todos alcançarem um equilíbrio entre as exigências gerais da existência social do homem, de um lado, e suas necessidades pessoais, de outro. Para Elias, o processo civilizatório era uma gradual evolução que progrediria para o autocontrole das práticas violentas.

Foucault,^{12,13} estudando as questões da loucura, da sexualidade e das instituições – como asilos e prisões –, descreve o controle detalhado do poder como uma rede do tipo “capilar”, que atua manipulando o homem de dentro para fora, uma vez que age no adestramento do corpo, transformando o indivíduo num ser útil e dócil. Para ele, o corpo era foco do poder. Nessa interpretação, ele se aproxima de Weber¹⁴ e da ideia da “domesticação dos domesticados”. Com esse esquema interpretativo das relações humanas, Foucault:

- Defendeu que o ser humano é produto do poder e do saber, formando um conjunto poder/saber, e intensificou a necessidade de definir e compreender o sistema de poder que legitima representações de categorias absolutas e universais.
- Ressaltou a questão dos processos históricos de construção das relações de poder e sua capilaridade nas interações cotidianas dos homens.
- Concluiu que o poder está em todas as relações sociais, pois todas as relações são relações de poder e formam redes discursivas que constituem e habilitam os sujeitos. Ou seja, o poder está em toda parte não porque engloba tudo, mas sim porque provém de todos os lugares. As relações de poder fazem parte do dia a dia, de todas as interações

sociais, econômicas e políticas do cotidiano. Para ele, era importante deslocar a questão sobre *quem* tem poder para a questão sobre *como* se desenvolve o poder.

- Não concebeu poder segundo a visão marxista, que se resume às relações estabelecidas entre dominados e dominantes, mas avançou ao afirmar que todos têm o potencial de exercer ou desfrutar do poder e que existem redes de poder que, quando se unificam, formam grandes dominações. A relação entre os gêneros masculinos e femininos precisa ser vista como uma complexa rede de poder discursivo. Essa rede, denominada como “microfísica do poder”, permeia todas as relações e exerce controle social sobre o indivíduo.
- Definiu o poder disciplinar, uma categoria historicamente construída, como “métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que asseguram a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade”^{12:139}. A disciplina é um poder invisível que adentra e produz “corpos dóceis”. É oportuna a comparação da descrição de Foucault do “poder disciplinar” com o uso da violência psicológica pelos parceiros íntimos que visam à docilização do corpo feminino. Nesse sentido, o olhar das sobreviventes da violência pode se tornar disciplinado e passar a enxergar com dificuldade a redução da liberdade individual e a anormalidade do uso da violência para manter a assimetria de poder no cenário das relações afetivas.

Giddens aborda a questão de que na modernidade tardia as identidades são construídas a partir de múltiplas representações sociais. Neste sentido, a mulher teria identidades híbridas num contexto de atuação multidimensional nos diversos espaços que ocupa. Além disso, numa análise que ele faz sobre a modernidade e a identidade, critica a concepção de Foucault sobre o corpo. Ele afirma:

[...] por mais importante que seja a interpretação que faz sobre a disciplina [poder], sua visão do corpo deixa muito a desejar. Ele não consegue analisar a relação entre o corpo e a agência, pois para todos os propósitos e intenções ele os torna equivalentes^{15: 58}.

Em relação ao gênero, Giddens afirma que é uma questão de aprendizado e “trabalho contínuo”, e não um espaço de diferenciação biológica.

Para ele, o corpo é parte de um sistema de ação e, como tal, não é um objeto coisificado e passivo. Entretanto, os implementos da violência nas relações íntimo-afetivas visam coisificar os corpos e estabelecer subordinação. Aplicando a questão de “corpo não passivo” talhada por Giddens e distanciando-nos das conclusões de Foucault acerca da passividade docilizada do corpo, podemos afirmar que a subordinação do eu não é permanente nem se trata de obediência, mas sim de escassez de recursos e de condições de vulnerabilidade do corpo para reagir diante da violência sofrida.

Entretanto, quando o autor aborda a relação entre corpo e risco, faz uma declaração interessante:

O corpo está em certo sentido permanentemente em risco. A possibilidade de ferimento corporal está sempre presente, mesmo no mais familiar dos ambientes. A casa, por exemplo, é um lugar perigoso – grande proporção dos ferimentos sérios são provocados por *acidentes* no meio doméstico¹⁵:
¹¹⁹ [Grifo nosso].

A questão é o quão consciente o autor está do problema das violências praticadas pelos parceiros que provocam lesões físicas e que não são acidentes e sim lesões provocadas intencionalmente para exercer domínio e controle sobre os corpos.

Bourdieu^{16, 17} fala sobre o “preço” da violência, isto é, suas consequências. Com sua noção de violência simbólica, que se exerce prioritariamente sobre as mulheres, o autor descreve o fenômeno em termos de uma conceituação ampla e difusa de dominação. Para ele, a dominação utiliza formas variadas de relações de poder e descreve como os gêneros, via ideologia de dominação masculina, são transformados em discursos. A língua é um sistema simbólico e, como tal, tem o poder de moldar interpretações que se tornam comuns e homogêneas e se naturalizam nas relações sociais. Os sistemas simbólicos têm como função lógica a ordenação do mundo e tendem a consolidar as relações de poder e dominação.

Para Bourdieu, *habitus* significa uma coleção de esquemas avaliativos e maneiras de comportamento incorporadas pelos indivíduos em sua trajetória de vida. Os atores sociais são dotados de disposições (*habitus*), de capacidade de escolher e tomar suas devidas posições e de obter sua posição social. A luta pela dominação e a própria dominação se traduzem nesses espaços sociais, isto é, no estabelecimento de um campo do poder em torno de um espaço dotado de atores sociais habilitados a lutar pelo poder e pelo monopólio da legitimidade. A violência

persiste para manter uma ordem social que implica uma dominação vivida no cotidiano. Pensar na violência envolve pensar a dialética entre as condições estruturais, que são apreendidas na cultura, e as condições singulares, que são caracterizadas na trajetória de cada indivíduo.

Na verdade, esse espaço demonstra o fato de existirem estruturas objetivas, independentes da vontade dos agentes, as quais são capazes de orientar ou coagir suas práticas e representações. Bourdieu remete à ideia estruturalista de que os significados dentro de uma cultura são produzidos e reproduzidos através de várias práticas, fenômenos e atividades que servem como sistemas de significação, isto é, como um conjunto de relações que formam a estrutura, o que vem a ser repassado ou transmitido aos indivíduos. Para Bourdieu, enquanto os campos, grupos e classes sociais são também um estudo das estruturas sociais, os hábitos e as disposições sociais são ações que se remetem a uma abordagem mais construtivista. A problemática de gênero é inscrita em termos de dominação masculina, em que as relações entre homens e mulheres são hierarquicamente organizadas – diferenciação assimétrica –, com os homens na condição de sujeito e as mulheres, na de objetos que consentem com a manutenção dessa desigualdade.

A pergunta que fica diante da abordagem proposta por Bourdieu é sobre a constituição das identidades e subjetividades diante de algo que se apresenta como um fato dado – as “estruturas objetivas” defendidas pelo autor –, fazendo com que, por extensão, a identidade de gênero perca a força da possibilidade de protagonismo e da liberdade de escolha dentro das condições culturalmente disponíveis. Além disso, o fato de existir uma equação dominador/dominado não significa que a parte dominada é estática e sempre se manifesta pacificamente. Quais os efeitos dessa dominação que extrapolam a dimensão individual e a delimitação de espaços? Qual a relação entre o sofrimento humano e a presença das violências na história das civilizações? Ricoeur, pensando sobre o mal, faz uma afirmação interessante para a discussão das violências:

Todo o mal cometido por um ser humano, é um mal sofrido por outro. [...] Toda ação ética ou política, que diminui a quantidade de violência exercida pelos homens uns contra os outros, diminui a taxa de sofrimento do mundo. Que se retire o sofrimento infligido aos homens pelos homens e ver-se-á o que ficará de sofrimento no mundo^{18:48}.

Essa tarefa é ecológica, no sentido de que envolve microinterações e macroestruturas.

Por fim, há a teoria social de Simone de Beauvoir,¹⁹ que pontua a “categoria mulher”, localiza o “espaço corpo” como território de dominação e expande a “situação feminina” em sua vasta produção filosófica literária sobre o sujeito político, regido por ação e consciência, que deve estar presente nas interações humanas – um sujeito diante de outro sujeito. Essa relação é uma questão de humanidade que ultrapassa a natureza biológica e transcende a interação homem-mulher. Nesse sentido, Beauvoir elucida a linha tênue e as condições de possibilidade de construção de *sujeito* e *alteridade*, bem como a dificuldade de se manter a interação entre essas duas condições – de sujeito e de existência para o Outro – quando a equação envolve dominadores e dominados, quando a profunda assimetria entre gêneros constrói o não diálogo. A igualdade na diferença prescinde da construção dos sujeitos e da alteridade.

Procurando explicar os pressupostos da teoria de Beauvoir, Diane Lamoureux²⁰ relata que o paradoxo de análise dessa teoria, exposta na publicação *Segundo Sexo*, é o fato de a autora conceber o corpo como situação e considerá-lo, simultaneamente, como território de opressão e elemento da libertação. Após Beauvoir, um grande número de teóricos debruçou-se sobre as questões ligadas à condição da mulher. Citaremos alguns deles em outra seção deste trabalho.

1.2.2 Explorando Textos que Abordam as Violências, Interpretando Mundos Conceituais de Autores Contemporâneos

As dimensões contemporâneas das violências, tais como a estrutural, a simbólica, a cultural, a étnica, a de gênero, a do Estado e a urbana, são causadas por interações entre diferentes variáveis: etnia, religião, migrações, identidades, globalização da sociedade civil e domínios dos grandes blocos econômicos. Tais interações acontecem no cenário mundial sem que haja uma necessária civilização da ética global. Todas essas dimensões conferem um caráter único e específico ao fenômeno das violências, o que requer cuidado na generalização dos dados das diversas pesquisas publicadas na área. Nesse sentido, afirma-se que os debates acerca das violências não devem possuir caráter universal, mas considerar as particularidades de cada cultura, de cada região, de cada realidade social e

econômica e, assim, contribuir para a formulação de políticas de enfrentamento às violências em nível local.

Stanko²¹ chama a atenção para a ambiguidade do termo “violência” e conclui que o significado dele repousa sobre a convergência de interações, contextos sociais e espaciais, a cultura e uma diversidade de variáveis. Ele é fluido e moldado por diferentes atores na tentativa de descrever a complexidade dos eventos, dos sentimentos e da injúria provocados pela violência. Quiçá por isso o destaque que o tema recebe, pela sua “onipresença” na vida norte-americana e sua “presença endêmica” na comunidade global, gerando até o pensamento nas implicações de uma crescente obsessão da civilização pós-moderna com o tópico da violência²².

A diversidade de definições de violência pode estar relacionada à complexidade dos mecanismos de construção de significado da palavra e suas derivações, à amplitude e ao fato de que cada área de conhecimento analisa o problema a partir de recortes especiais de caráter disciplinar. Pode, ainda, estar associada à dificuldade de entendimento da ambiguidade interpretativa do tema, que requer rejeição de definições estáveis e permanentes. Com isso, conceitos de violência e comportamentos violentos, geralmente pesquisados numa variedade de perspectivas – filosófica, sociológica, psicológica, moral e biológica –, mesmo quando estudados numa ótica interdisciplinar, enfrentam dificuldade semântica, ideológica e hermenêutica. Wieviorka²³ alerta para a dificuldade de apresentar a violência de maneira objetiva devido ao fato de ela ser um fenômeno altamente subjetivo.

Esse fenômeno multidimensional e subjetivo é também marcado pela variação decorrente da cultura de cada sociedade e das relações de gênero prescritas nos códigos sociais. As violências cometidas pelos parceiros íntimos acompanham as sociedades, atravessando épocas e eras nas mais diversas condições da existência humana e da sistematização do conhecimento acerca dos processos de masculinidades e feminilidades sociais. Nesse sentido, a definição de violência não é universal nem possui uma “existência” em si. As VBGs são analisadas como algo que precisa ser visualizado e descrito em cada sociedade. Enfim, a violência deve ser referida como um conceito polissêmico que se constrói e se define no código civil, penal e nas práticas e valores sociais das organizações. Michaud²⁴ afirma que é preciso admitir que não existe um discurso universal sobre a

violência, ainda que alguns valores recebam ampla adesão de diversos grupos humanos. Cada sociedade lida com o fenômeno segundo seus próprios critérios e administra seus problemas de acordo com a diversidade de suas normas jurídicas e institucionais. Boulding,²⁵ tratando das dimensões da violência, propõe as seguintes categorias:

Estrutural

É aquela advinda da conduta política do Estado e seus governantes ao privilegiar alguns grupos em detrimento de outros, definindo políticas públicas frágeis, as quais não combatem as desigualdades e terminam por contribuir com a exclusão. Origina-se no sistema social e fecunda as desigualdades e suas diversas manifestações. Constitui-se na violência presente em uma sociedade estruturalmente corrompida e afetada profundamente pelo egoísmo, que é evidenciado na tendência ilimitada à acumulação e ao excesso. É a explosão da individualidade no limite, a serviço do prazer sem compromisso nem responsabilidade em relação ao outro ou à sustentabilidade das gerações futuras. Trata-se, enfim, da violência em uma sociedade marcada pela frieza, indiferença e insensibilidade, que coloca em primeiro lugar seus objetivos imediatos, na corrida pela acumulação do lucro e na soberba do poder.

Neste ponto, cada um de nós é convidado a sentir-se responsável por essa rota de colisão em que embarcamos na modernidade. Enquanto permanecermos procurando culpados apenas no anonimato da “sociedade” e do “Estado”, não nos veremos como protagonistas no processo de reversão da rota. Somos consumidores e atores no palco das violências; quanto mais rápido nos conscientizarmos disso, mais profundo será o nosso olhar para compor um cenário de mudança. Os deveres que temos uns para com os outros também fazem parte dos direitos que reivindicamos para o binômio nós/eles, ou melhor, estabelecidos/*outsiders* (os de fora).

Beck²⁶, discutindo a sociedade global do risco, afirma que, nessa sociedade, uma minoria enriquece cada vez mais, com 5% dos mais ricos retendo 85% da riqueza mundial; paralelamente, 5% dos mais pobres da população global são depositários de uma parcela de 1,4% dessa riqueza. Só esses números já nos fornecem uma imagem da organização das relações de poder. Este é exercido à

custa da democracia, ou às margens dela, e estabelece no limite as regras e os rumos das economias e das políticas, que não são nem de redistribuição de rendas, nem de proteção social.

Cultural

É a violência presente na cultura de um povo, na manifestação de seus preconceitos e na estruturação de seus valores (racismo, machismo, entre outros). Trata-se da tolerância a relacionamentos violentos e desumanos baseados na incivilidade. Nesse sentido, uma cultura violenta pode “educar” as gerações a expressar pública e privadamente os mecanismos de poder e dominação de uns sobre outros. As gerações expressam os mecanismos de poder e dominação pelo uso da força, como acontece no caso das violências praticadas por parceiros íntimos e seu impacto nos membros da família.

Numa perspectiva cultural, Gomes,²⁷ pesquisando sobre a transmissão psíquica da violência conjugal, demonstra o estabelecimento das relações de poder na família. Ele explica que conteúdos violentos são transmitidos de maneira intergeracional, o que inclui um espaço de metabolização do material psíquico, e transgeracional, como um fato psíquico inconsciente que atravessa diversas gerações.

De resistência

É manifestada pelos grupos oprimidos e subjugados como resposta à violência estrutural e cultural sofrida ao longo do processo histórico de suas lutas (negros, sem-terra, entre outros). As causas desse tipo de violência têm se difundido, e a luta contra os preconceitos raciais, por exemplo, tem avançado no cenário contemporâneo. O que se vem questionando são os meios, ou seja, o uso da violência contra a violência. A violência gera não-sujeitos, e seu emprego como forma de resistência tem sido gradualmente deslegitimado. O princípio da não violência é o caminho defendido.

De delinquência

É expressa nas formas mais visíveis ao senso comum, como em crime contra o patrimônio, roubo, assalto e sequestro. A delinquência permite uma visualização

das violências sob a ótica da criminalidade e dos conflitos com a lei. Essa dimensão de criminalidade da violência se tornou central na pauta da mídia, assumindo uma presença excessiva nos programas e jornais que iluminam o palco das cidades e deixam muito pouco facho de luz para os gestos de solidariedade ainda presentes. A matéria-prima da violência criminal se tornou um produto muito valioso, pois garante audiência crescente. A sociedade do espetáculo consome esse produto e, ao mesmo tempo, é consumida pela insegurança e pelo medo. Todo esse excesso de cobertura midiática da violência como criminalidade termina por reforçar uma equivocada equação unidirecional: pobreza-desemprego-violência.

Lipovsky²⁸ esclarece que, devido ao processo de civilização, somente recentemente a violência se tornou um problema central para a humanidade, mesmo tendo estado presente em toda a história humana. Ações que eram percebidas como inevitáveis na ordem de um mundo regido durante milênios pelos códigos da honra e da vingança, como aconteceu com as sociedades “selvagens”, passaram a ser indesejáveis e combatidas pelas sociedades democráticas.

As violências têm sido classificadas, ainda, segundo o efeito que provocam sobre as pessoas convivendo no espaço urbano ou no campo e suas interferências no tecido social, como manifestações urbanas ou rurais. O fato é que, na modernidade, há uma intensificação da urbanização, que tem gerado um número crescente de problemas relacionados à qualidade das condições de vida das pessoas. A precariedade do espaço urbano tem sido descrita como uma das faces da globalização, em cujo bojo reside o desmantelamento do Estado de bem-estar social e a regulação do mercado pelo mercado. Este, por sua vez, é controlado pelo excesso e pela acumulação de poucos em detrimento da precarização das condições de vida de muitos. O que se tem observado no cenário local e em partes do cenário global são os índices recordes de desigualdade social e as negações da vida, com a presença da fome oculta, dos holocaustos nacionais e raciais e das violências²⁹.

Outra tendência percebida na modernidade é a interiorização da violência, com a penetração do crime organizado para além das fronteiras das grandes cidades, atingindo as regiões metropolitanas consideradas periféricas. Essas regiões são marcadas pela degradação ambiental e pela insuficiência dos equipamentos urbanos. A ocupação desse espaço por uma camada populacional

pobre e vulnerável tem sido acompanhada por indicadores que demonstram a insegurança social, configurando um fenômeno chamado de “periferização da pobreza”. Assim, a maior batalha no Brasil não é contra os criminosos e os agentes da violência, mas sim contra a pobreza e a iniquidade social, bem como contra a insegurança produzida por elas num cenário de desemprego e de expansão da economia informal – que, em algumas ocasiões, é subsidiada pelo crime organizado³⁰.

Alves, em um estudo sobre a vulnerabilidade socioambiental da cidade de São Paulo, afirma que não é por acaso que as áreas de risco e degradação ambiental também costumam ser áreas de pobreza e privação social³¹. Embora a criminalidade se distribua por todas as camadas populacionais, os crimes variam de pequenos delitos e furtos, numa escala micro, até grandes furtos, numa escala analítica da corrupção sistêmica instalada na macroestrutura social, onde se inclui a máquina estatal. Temos crimes dos “sem colarinho” e crimes “de colarinho”, cujas cores variam do branco ao azul – ainda que se observe uma correlação positiva entre baixa renda e elevada criminalidade em determinados espaços, marcados pela escassez de recursos destinados a infraestrutura e equipamentos urbanos.

O enfrentamento da escalada de violências no Brasil passa pelo desenvolvimento socioeconômico do país, bem como dos demais países da América Latina, que apresentam as maiores desigualdades sociais e econômicas do mundo. No caso brasileiro, assiste-se ainda a um escalonamento da corrupção – tido por alguns não como escalonamento, mas como uma maior visibilidade do fenômeno, que antes se ocultava sob o tapete do regime não democrático.²⁹ Observa-se também um crescimento da capacidade expansionista do crime organizado, com suas operações na esfera econômica, social e política³². Além desses fatores, verifica-se uma fragilização da segurança pública e do sistema penal brasileiro, que, em repetidas ocasiões, deu sinais da necessidade de reestruturação devido ao crescimento da impunidade e à consequente diminuição dos mecanismos de controle social e coerção da violência.

Peralva descreve a crescente coexistência da violência e da democracia como o “paradoxo brasileiro” e ressalta que a incapacidade do Estado de garantir a ordem pública delineou o quadro dos novos conflitos socioculturais e fertilizou novas formas de violência²⁹. Nessa mesma direção, Machado da Silva, ao pensar a

violência urbana, apresenta o surgimento de uma sociabilidade violenta, cujo princípio de organização é a utilização da força³³. Ainda que as considerações desses teóricos não sejam específicas ao campo da violência cometida por parceiro íntimo, suas implicações abarcam o plano das práticas cotidianas dos agentes sociais, que com frequência se encontram diante das múltiplas faces das violências contra a mulher. Esse tipo de violência não pode ser isolado como tema, ainda que possua um perfil específico. Ele precisa ser visto dentro de um contexto maior de violência urbana, real e socialmente representada.

Chesnais afirma que a escalada da violência brasileira, tanto real como simbólica, choca e gera um profundo sentimento de insegurança. Este também é provocado pela desintegração do tecido social, levando a um mal-estar coletivo e a um desregramento das instituições públicas³⁴. A magnitude e a intensidade da violência social brasileira, expressas por intermédio dos indicadores epidemiológicos e criminais, possuem um crescimento superior àquele presente em países em estado de guerra³². Embora vivamos um mito de país pacífico, sem guerra oficial declarada, labutamos cotidianamente com os espólios e as consequências de uma “guerra” gerada pela crescente exclusão social e pela desigualdade de acesso a elementos básicos da sobrevivência.

Para encerrar essa sucinta revisão do complexo fenômeno das violências, gostaríamos de atrelar os tópicos discutidos a um quadro pintado em palavras pelo sociólogo polonês Zygmunt Bauman. Como um artista, ele desenha um cenário um tanto quanto sombrio dos efeitos da modernização que produz, cada vez mais, o que ele chama de “refugo humano”:

As causas da exclusão podem ser diferentes, mas, para aqueles situados na ponta receptora, os resultados parecem ser quase os mesmos. Confrontados pela intimidante tarefa de ganhar os meios para a sobrevivência biológica, enquanto se vêem privados da autoconfiança e da auto-estima necessárias para a sustentação da sobrevivência social, eles não têm motivos para contemplar e saborear as distinções sutis entre o sofrimento planejado e a miséria por descuido. [...] Seja por uma sentença explícita ou por um veredicto implícito, mas nunca oficialmente publicado, tornaram-se supérfluos, imprestáveis, desnecessários e indesejados, e suas reações, inadequadas ou ausentes, transmitem a censura de uma profecia auto-realizada^{35: 54}.

Viver na contemporaneidade significa acompanhar de perto – mas, de fato, bem de longe – as situações caóticas de inúmeros grupos sociais e a luta pela sobrevivência – de vidas que apenas aguardam o destino da exclusão. E significa

assistir aos espetáculos e às ruínas nas cidades, bem como às disputas pelas terras e pela sobrevivência no campo. Significa acompanhar as guerras étnicas e religiosas, os atos terroristas, a destruição de inteiras regiões via desastres “naturais”.

Em tempos de rápidas mudanças, é pertinente uma percepção da complexidade de fenômenos que se acumularam no tempo. Os autores citados nesta breve reflexão, bem como outros de importância reconhecida, apenas pavimentaram a estrada. Este breve levantamento do fenômeno da violência problematizado por autores clássicos e contemporâneos serviu como um delineador das múltiplas nuances envolvidas em uma macro e microescala de localização do fenômeno. Não se pretendeu realizar um trabalho completo sobre a temática dos implementos da violência nas interações humanas, mas uma introdução à reflexão sobre alguns conceitos e construtos teóricos que serão úteis no decorrer da análise dos dados. Buscamos inventariar algumas postulações teóricas que têm contribuído para a discussão da violência na estruturação do social e do político e servido de referencial para ajudar a perceber a presença de violência nas interações humanas, em especial nas relações íntimo-afetivas das mulheres.

1.3 A LÓGICA ENTRE OBJETO E DELINEAMENTO TEÓRICO-METODOLÓGICO

O delineamento metodológico compreende elementos de abordagem quantitativa e corresponde também às especificidades do referencial qualitativo da pesquisa social. O arcabouço filosófico do pressuposto teórico-metodológico desta pesquisa é compatível com a tendência pós-moderna de possibilitar o posicionamento epistemológico político-interpretativo. A violência será analisada como uma relação de força em que diferenças são convertidas, por intermédio de um sistema hierárquico de assimetria de poder, em desigualdades com o objetivo de produzir dominação, exploração e opressão dos subordinados. A ação violenta coisifica as pessoas e desumaniza as relações.

Na era pós-moderna, além de ser permitida uma multiplicidade de interpretações e de incertezas quanto à capacidade da ciência de apreender toda a complexidade dos fenômenos, é possível utilizar uma diversidade de abordagens

metodológicas para lidar com o objeto de estudo. Em última instância, método é apenas instrumento – essencial e necessário, embora nenhum deles dê conta de toda a dinâmica da vida social.

Cada abordagem tem historicamente privilegiado um enfoque específico, ora no positivismo epidemiológico, ora no aspecto social, ora no aspecto cultural, ora nas vulnerabilidades econômicas. Mas, num cenário de fronteiras líquidas^{36,37}, é possível pensar em abordagens que se situem na confluência de diferentes enfoques. Daí a triangulação de técnicas, métodos e teorias para o cruzamento de múltiplos pontos de vista, pois se acredita na necessidade de desconstruir discursos totalitários da verdade sobre o masculino e o feminino e desconfia-se da neutralidade dos métodos e dos discursos da ciência. A tentativa desta pesquisa foi, portanto, a de superar a dicotomia entre quantitativo e qualitativo.

O fenômeno da VPI requer uma solidariedade disciplinar e uma aproximação científica e ética³⁸ para auxiliar a investigação das suas manifestações fluidas. As representações dessas violências estão ancoradas no terreno do simbólico, passível de uma multiplicidade de níveis de compreensão. Como afirma James Clifford,

assentamos as coisas agora numa terra em movimento. Não há mais um lugar de observação (topo de uma montanha) do qual podemos descrever as maneiras humanas de viver [...]. As montanhas se encontram em constante movimento^{39: 22}.

Nesse sentido, é possível afirmar que as sociedades contemporâneas encontram-se em constante processo de transformação. Isso ocorre mais precisamente no mundo científico, onde vemos um esforço maior para conectar diferentes rumos da ciência. Podemos perceber várias formas de contato entre as ciências humanas, as ciências sociais, as ciências exatas e as ciências da saúde. Além disso, ao longo da história, nenhum sistema teórico foi capaz de fornecer um conjunto de respostas definitivas e completamente satisfatórias. Nesta pesquisa, a ideia foi a de estabelecer um processo de aproximação entre olhar para o fenômeno e utilizar teorias que pudessem auxiliar na apresentação e interpretação dos resultados encontrados.

A base teórica utilizada para a abordagem quantitativa – relativa aos dados coletados nas 57 questões do tipo sistema fechado – foi a teoria ecológica proposta por Bronfenbrenne^{40,41}, que apresenta um construto teórico multidimensional de explicação do desenvolvimento humano. O modelo foi utilizado para organizar a

seleção das variáveis independentes – categorizadas como individuais, relacionais, de comportamento baseado em gênero e comunitárias – e para investigar a existência de relacionamento dessas variáveis de múltiplos níveis com a ocorrência das variáveis dependentes (variáveis-desfecho): violência psicológica, violência física, violência sexual e violência física ou sexual. Nesse sentido, o sistema bioecológico serviu como um guia para o agrupamento das variáveis e o preparo da modelagem dos dados para tratamento estatístico.

O método qualitativo foi aplicado para o tratamento das narrativas feitas em decorrência da última pergunta do instrumento de coleta de dados: “Agora que chegamos ao final da entrevista, caso você tenha sofrido algum tipo de violência, o que gostaria de contar sobre o ocorrido?”. Essa pergunta, do tipo sistema aberto, era realizada ao término da entrevista e oferecia uma oportunidade para a mulher narrar qualquer vivência de violência em que ela, de maneira direta ou indireta, tivesse sido envolvida. Portanto, visando conhecer a intensidade das violências sofridas, trabalhamos a partir do discurso.

No que tange à análise das narrativas, lançou-se mão da Teoria das Representações Sociais⁴² e da técnica do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC)^{43,44} para estudar o fenômeno na perspectiva do sujeito que o vivencia. A técnica foi essencial para reduzir a arbitrariedade de interpretar experiências alheias e transformar os sujeitos da pesquisa em objetos inanimados que precisam de uma série de cortes e recortes do pesquisador para “falarem”. Construtos teóricos de gênero, hipermasculinidade, conjugalidade, conflictualidade e vulnerabilidade foram referenciais adjacentes que emprestaram parte do poder explicativo para alguns aspectos do fenômeno social investigado.

Foi necessário triangular técnicas que incorporam as abordagens estrutural, cultural e da psicologia social para criar condições de descrever os campos dos sentidos da violência sofrida pelas entrevistadas e suas múltiplas realidades. Por coerência com os pressupostos teóricos adotados, não foram formuladas hipóteses *a priori* para serem testadas. Procurou-se uma compatibilidade entre a lógica do fenômeno investigado e o referencial teórico utilizado. As interpretações dos dados procuraram elucidar a relação sujeito-objeto das mulheres nas interações com seus parceiros dentro da dimensão social que ocupam. Por isso a importância da utilização do modelo ecológico como um guia ampliador do olhar.

Procuramos assegurar uma descrição quantitativa do fenômeno investigado e, ao mesmo tempo, garantir um lugar discursivo para as mulheres entrevistadas. De antemão, afirmamos que, longe de buscar uma apresentação pura da realidade vivida pelos sujeitos da pesquisa, pois a realidade não é captável nem passível de ser fielmente representada, o estudo procurou captar a heterogeneidade das experiências vividas e a diversidade das representações das mulheres acerca das VPIs. A variedade dos achados deste estudo cobre o espaço local investigado, podendo servir como base para espaços mais amplos. Mais adiante, no capítulo III, descreveremos o método utilizado na pesquisa e ofereceremos uma abordagem mais detalhada dos componentes técnicos e dos pressupostos teóricos selecionados.

1.4 LEI MARIA DA PENHA

São muitas as políticas públicas direcionadas especificamente para a situação de vulnerabilidade da mulher à violência no âmbito municipal, estadual e federal. Algumas delas têm mais de duas décadas de implantação e outras, muito menos tempo, por exemplo: os Conselhos da Condição Feminina, as Delegacias Especializadas no atendimento às mulheres, as casas abrigos, os centros especializados de atendimento e assistência às mulheres em situação de violência e o Pacto Nacional pelo Enfrentamento à Violência contra a Mulher. São também inúmeros os instrumentos jurídicos internacionais de reconhecimento e defesa dos direitos humanos das mulheres, tais como a Declaração de Viena, a Convenção de Belém do Pará e a Convenção de Beijing.

Nossa preocupação nesta introdução da temática das VPIs não foi a de descrever essas políticas, uma vez que elas encontram-se amplamente disponíveis para consulta. Se assim o fizéssemos, correríamos o risco de desviar o foco do nosso esforço em descrever as relações íntimas afetivas com parceiros violentos. Entretanto, escolhemos uma legislação específica que representa um avanço em relação à luta por desnaturalizar um fenômeno que acompanha a própria história do Brasil. O Brasil é um país onde, por mais de trezentos anos, prevaleceram as Ordenações Filipinas, herança da corte portuguesa, que enfatizavam valores do

poder patriarcal e tratavam a mulher como um objeto de posse do marido. A escolha pela Lei 11.340, sancionada em agosto de 2006, denominada Lei Maria da Penha⁴⁵, baseou-se no fato de que ela encarna uma iconicidade da luta por mudanças estruturais no sistema jurídico nacional.

O projeto de construção de uma sociedade democrática prevê a criação de dispositivos legais para salvaguardar os direitos e explicitar os deveres de cada cidadão. O projeto de cidadania é ameaçado diariamente por fatores políticos, econômicos, materiais, jurídicos e sociais, mas também por temas transversais, como discriminações baseadas em gênero, orientação sexual, etnia, classe social e tantos outros. Para que a cidadania seja mais do que uma possibilidade discursiva, ela deve ser garantida na própria letra das leis, isto é, na Constituição. Assim, para que a lei régia seja cumprida, dispositivos institucionais que assegurem o contrato entre o Estado e a sociedade são criados como forma de proteger a essência do conceito de cidadania. A Lei Maria da Penha é um desses dispositivos de abordagem sistêmica preventiva, punitiva e restaurativa que trata especificamente da violência contra a mulher.

Muitas poderiam ser as conquistas registradas aqui em termos de políticas públicas e avanços legislativos na área da violência contra a mulher nas últimas décadas da sociedade brasileira. Entretanto, fizemos a opção de brevemente mencionar apenas uma delas devido ao seu caráter paradigmático na luta contra a violação dos direitos humanos da mulher. A Lei Maria da Penha representa parte dos esforços de incluir na pauta legislativa brasileira o direito a uma vida livre de violência, que permita a vivência de uma humanidade plena. Ela tem por objetivo criar mecanismos para coibir e prevenir atos de agressão e violência contra a mulher. A lei não tratou apenas das medidas repressivas para o agressor, mas incluiu mecanismos preventivos para promover a (re)educação com base em valores formativos para uma vida livre da negação aos direitos à liberdade, à integridade, à saúde e à dignidade humana.

O nome Maria da Penha é emblemático e identitário na luta das mulheres brasileiras em situação de violência, pois representa a história de dor, sofrimento e resiliência de muitas dessas mulheres. Maria da Penha, uma biofarmacêutica, foi uma sobrevivente de duas tentativas de homicídio provocadas pelo seu marido, professor universitário, que, mesmo tendo sido condenado, recorreu e respondia ao

processo em liberdade. Somente dezenove anos após seu crime é que ele foi preso. A Lei Maria da Penha altera o Código Penal brasileiro e possibilita medidas preventivas. Ela descreve cinco formas de manifestação da violência doméstica e familiar contra a mulher:

- *Violência física*: qualquer conduta que ofenda a integridade ou saúde corporal da mulher;
- *Violência psicológica*: qualquer conduta que cause dano emocional e diminuição da autoestima da mulher ou que lhe prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento, ou ainda que vise degradar ou controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões mediante ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, vigilância constante, perseguição contumaz, insulto, chantagem, ridicularização, exploração e limitação do direito de ir e vir ou qualquer outro meio que lhe cause prejuízo à saúde psicológica e à autodeterminação;
- *Violência sexual*: qualquer conduta que constranja a mulher a presenciar, a manter ou a participar de relação sexual não desejada, mediante intimidação, ameaça, coação ou uso da força; que a induza a comercializar ou a utilizar, de qualquer modo, a sua sexualidade; que a impeça de usar qualquer método contraceptivo ou que a force ao matrimônio, à gravidez, ao aborto ou à prostituição, mediante coação, chantagem, suborno ou manipulação; ou que limite ou anule o exercício de seus direitos sexuais e reprodutivos;
- *Violência patrimonial*: qualquer conduta que configure retenção, subtração, destruição parcial ou total de objetos pertencentes à mulher, instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens, valores e direitos ou recursos econômicos, incluindo os destinados a satisfazer suas necessidades;
- *Violência moral*: qualquer conduta que configure calúnia, difamação ou injúria.

Os sujeitos de direito, a sociedade brasileira e o Estado encontram-se em permanente convite para a validação dessa legislação específica. É preciso construir parcerias para que todas as políticas públicas previstas para a plena implementação da lei possam se concretizar e permitir a construção – mais

intensamente pela via das medidas educativas do que das punitivas – de normas de sociabilidade não violenta nos relacionamentos dos parceiros íntimos. A lei pretende forjar um novo paradigma de sociabilidade para ser inserida na “cultura” e socialmente representada numa linguagem que desqualifica a violência contra a mulher como normalidade nos espaços públicos e privados.

Entretanto, vale ressaltar que a lei também apresenta limitações. Até mesmo seu título, *Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher*, denota a dificuldade de lidar com a complexidade do fenômeno e com a linguagem escolhida para descrevê-lo. Na última década, a expressão “violência doméstica” não tem sido recomendada por organizações internacionais e passa a ser gradualmente substituída, uma vez que fornece uma geografia restrita para esse tipo de violência. A palavra “doméstica” denota uma estabilidade e uma localização que exclui as violências cometidas por parceiros íntimos que não estão presentes na geografia do lar de um número significativo de mulheres, mas que compõem seu universo de relação íntima, como um parceiro sexual, um namorado, ou outros arranjos familiares⁴⁶. Desse modo, o termo confere uma geografia simbólica e estereotipada, vinculando a identidade social da mulher a um espaço que não condiz com os múltiplos territórios que ela ocupa na contemporaneidade. Esse termo termina por perpetuar um ícone espacial para um fenômeno que não é contido por espaços, e sim manifesto nos corpos. A lei explica o uso extensivo dessa palavra, mas termina por contribuir com a reprodução daquilo que pretende erradicar – a vinculação mulher-doméstica.

Campos, avaliando o desafio jurídico que a lei representa, declara:

Os mecanismos legais anteriores para tratar a violência doméstica fracassaram e é preciso aplicar a Lei integralmente, fazendo uso de todos os recursos nela disponíveis, de modo a permitir avaliar, a longo prazo, os seus limites e suas possibilidades. [...] A necessidade de compreender que a violência de gênero é estrutural começa pelo reconhecimento da necessidade de uma legislação específica para combater uma violência que tem sido naturalizada pelo sistema de justiça. A aplicação de todos os dispositivos da nova Lei é condição necessária para assegurar às mulheres o exercício pleno da cidadania^{47: 33-34}.

A despeito dessa mudança jurídica, o número de denúncias ainda está longe de representar a magnitude do problema no cotidiano das mulheres. Em uma pesquisa realizada pelo Senado Federal em 2007, foi detectado que, do total de mulheres que sofreram violência, apenas 40% registraram ocorrência nas

delegacias comuns ou delegacias da mulher. E, na recente versão dessa mesma pesquisa, publicada em 2009, constatou-se que houve um aumento, em relação à pesquisa anterior, na parcela de mulheres que disseram ter sofrido agressão. Além disso, a despeito de o índice de conhecimento da lei ser alto, com 83% das entrevistadas informando ciência da existência da lei, apenas 4% delas acham que as vítimas procuram os aparatos do Estado, e 95% acreditam que as mulheres não são tratadas com respeito no Brasil^{48,49}.

A Lei 11.340/2006 propõe uma mudança de olhar, e seus efeitos serão mais efetivamente avaliados por intermédio de uma perspectiva longitudinal que identifique transformações na sociedade brasileira em relação à rejeição da violência contra a mulher como um fenômeno tolerável nas interações humanas.

1.5 JUSTIFICATIVA

Historicamente, em diversas sociedades, as violências contra mulheres têm sido toleradas, mitigadas e naturalizadas no cotidiano das interações humanas. No Brasil, apenas no final do século XX essas violências passaram a ser agendadas politicamente como transgressão aos direitos humanos. Devido à mobilização e à conscientização produzida pelos movimentos sociais, pelas organizações, pelas convenções em nível internacional, com posterior repercussão nacional, e recentemente pela elaboração de legislação específica, criaram-se mecanismos para coibir e prevenir atos de agressão e violência contra mulheres.

A justificativa para a realização deste estudo envolve duas vertentes que se interpenetram por serem dotadas de fronteiras de tênue delimitação: ação e reação. Na vertente *ação*, é importante reforçar que o campo investigado não dispunha de nenhum dado prévio sobre a situação das mulheres. O espaço era marcado por histórias de criminalidade e violências, mas na área envolvendo especificamente violência baseada em gênero não havia nenhum dado. A negação dos conflitos que envolvem as relações de gênero por meio de violências é um tema que não pertence ao domínio privado, urgindo ser rejeitado e denunciado como desvio da norma aceita pela sociedade contemporânea. Pretendeu-se fornecer informações inéditas e indispensáveis para um mapeamento dos atos violentos do parceiro

íntimo contra a mulher, um fenômeno ainda submerso em muitas regiões do Brasil, cujos dados estatísticos notificados acerca de suas consequências letais representam apenas a ponta de um iceberg.

Além disso, ainda que a temática da violência baseada em gênero já tenha sido amplamente pesquisada, este estudo é uma das poucas iniciativas brasileiras que utiliza um instrumento de coleta de dados validado em mais de 15 países e que adota critérios metodológicos sugeridos pela Organização Mundial de Saúde (OMS) na abordagem das VPIs^{50,51}. Essa modelagem proposta pela OMS permite comparabilidade com os estudos nacionais e internacionais que utilizaram o mesmo delineamento.

Além disso, o Varjão enquanto espaço social economicamente vulnerável encontra-se em fase de transição. Ele deixa de ser um local de passagem rápida de imigrantes provenientes de outras regiões do Brasil em busca de melhores condições de vida e passa a ser um local de permanência para muitos que se estabelecem na localidade. As famílias que viviam em condição de irregularidade fundiária estão sendo assentadas, e seus documentos de posse da terra estão sendo legalmente registrados. A história ainda vai nos contar se essa regularização vai favorecer o estabelecimento dessa população na região geográfica delimitada para o Varjão ou se vai favorecer a venda dos patrimônios e um novo trânsito da população. De qualquer maneira, a pesquisa já tem contribuído para a construção da violência contra as mulheres como problema social, tema de política e objeto de conhecimento de uma comunidade em fase de construção de valores e de identidades.

Existe ainda a importância de socializar o conhecimento que está sendo construído a partir desta investigação. Tanto a comunidade acadêmica quanto a comunidade local e a cidade de Brasília contam com um número limitado de pesquisas populacionais sobre a temática das VPIs nas regiões administrativas do Distrito Federal.

Na vertente *reação*, é importante reforçar que foram os relatos de violência, proferidos na ocasião em que estávamos calibrando um instrumento de coleta de dados para uma pesquisa sobre a temática do aleitamento materno como estratégia para segurança alimentar, que nos encontraram e nos convenceram de que havia uma premência por outra segurança. As narrativas informais nos estimularam a

curiosidade científica para conhecer a dimensão e as dinâmicas das VPIs naquela comunidade.

Outra questão que necessita ser apresentada na vertente *reação* diz respeito à escassez de estudos na área de gênero que adotem o modelo ecológico para tratamento e interpretação dos dados. Ao lermos alguns estudos na área, percebemos uma dificuldade de padronização de definições operacionais e de instrumentos de coleta de dados, o que dificulta a comparabilidade com outras investigações.

Utilizamos as palavras de Arendt para expressar o peso da ação política que deve justificar todo produto final de uma pesquisa envolvendo violações de direitos humanos:

[...] Pelo fato de que se movimenta sempre entre e em relação a outros seres atuantes, o ator nunca é simples agente, mas também, ao mesmo tempo, paciente. Agir e padecer são como as faces opostas da mesma moeda, e a história iniciada por uma ação compõe-se de seus feitos e dos sofrimentos deles decorrentes. Estas conseqüências são ilimitadas porque a ação, embora possa provir do nada, por assim dizer, atua sobre um meio no qual toda reação se converte em reação em cadeia, e todo processo é causa de novos processos. Como a ação atua sobre seres que também são capazes de agir, a reação, além de ser uma resposta, é sempre uma nova ação com poder próprio de atingir e afetar outros^{9:203}.

Finalizando, a pesquisa representa uma ação e reação por parte da entrevistada e da entrevistadora, e a ideologia – visão de mundo – por trás da investigação é de que os dados empíricos podem contribuir para fundamentar e defender a necessidade de políticas locais de enfrentamento das violências praticadas pelos parceiros nos relacionamentos íntimos. Além disso, a pesquisa pode iniciar um diálogo, instrumentado por dados estatísticos e discursos dos sujeitos, com a comunidade. No capítulo seis, descrevemos alguns dos desdobramentos iniciais dos resultados da pesquisa junto à comunidade.

1.6 OBJETIVOS

Objetivo geral:

Dimensionar, de maneira exploratória e descritiva, as violências praticadas por parceiros íntimos contra mulheres de 15 a 49 anos residentes numa localidade da área metropolitana de Brasília chamada Varjão, no Distrito Federal.

Objetivos específicos:

- Estimar a prevalência da violência psicológica, física, sexual e física ou sexual praticada por parceiros íntimos nos últimos doze meses e no decorrer da vida das mulheres selecionadas;
- Estimar a prevalência dos comportamentos de controle baseados em gênero adotados pelos parceiros íntimos;
- Estimar a prevalência de violência física e sexual praticada contra mulheres por outros agressores;
- Investigar as associações das variáveis-desfecho violências psicológica, física, sexual e física ou sexual com variáveis explicativas do modelo ecológico;
- Conhecer os discursos sobre as violências baseadas em gênero vividas pelas mulheres entrevistadas;
- Identificar as representações sociais presentes nos discursos das mulheres sobre as violências sofridas.

“Não podemos mais tolerar o que dura”
Paul Valéry

2 REVISITANDO CONCEITOS ESTRUTURANTES DA ABORDAGEM DO TEMA

2.1 A ENGENHARIA DE PRODUÇÃO DOS CONCEITOS

Com a finalidade de melhor elucidar o objeto deste estudo, selecionamos alguns conceitos teóricos que acreditamos ser importantes para compreensão e discussão da temática proposta. Conceitos são “construções lógicas, estabelecidas de acordo com um quadro de referências. Adquirem seu significado dentro do esquema de pensamento no qual são colocados”⁵². São eles: gênero, hipermasculinidade, relações íntimo-afetivas, conflictualidade e vulnerabilidade.

Vale lembrar que as relações de poder estão presentes em todos os espaços. Sua lógica ou coerência é disseminada por toda estratificação social. Faz parte da estrutura social, faz parte das relações sociais, está nos fatos sociais, está na classe social e étnica, se incorpora na estrutura relacional de parceiros, nos padrões institucionais, e assim em toda sociedade. As violências praticadas por parceiros íntimos são relações de poder baseadas em gênero que visam a dominação e a manutenção do controle. Deve ser concebida como um fenômeno plural e daí a necessidade de incorporar alguns conceitos que preparam o cenário dessas interações que desumanizam o agressor e a agredida.

2.1.1 Gênero: Um Conceito Político em Movimento

A prática do sufrágio, a partir do encerramento do século XIX, e a expansão do potencial político discursivo da situação da mulher foram forças-motrizes para as mudanças que ocorreram na abordagem dos assuntos relacionados à condição feminina. O conceito gênero apresentou-se como um projeto cultural, um lugar/não-lugar dos ícones e das representações assimétricas de poder, uma vez que ele está imbricado nas normas dos diferentes grupos populacionais, funcionando como uma espécie de script cultural que termina por legitimar o uso da força física para mediar

os conflitos das identidades de gênero. As perspectivas de abordagem do conceito vão desde a teoria marxista até a abordagem pós-estruturalista.

Após a conquista do direito de voto, do livre acesso e trânsito entre os espaços públicos e privados, da possibilidade de vivência da sexualidade sem vinculação obrigatória à fecundidade e aos padrões normativos de uma sexualidade sem direito ao prazer, da entrada no mundo do trabalho profissionalizante, um número significativo de mulheres continuaram a experimentar o lado sombrio e desumano das violências praticadas pelos seus parceiros.

A questão do *tornar-se mulher*, levantada por Simone de Beauvoir¹⁹, trouxe visibilidade à complexa construção social dos códigos inscritos culturalmente com a finalidade de regular as identidades masculinas e femininas nas sociedades. Para interpretar a biologia dos sexos foi preciso criar uma categoria que explicasse que o significado de ser mulher e ser homem transcende as diferenças anatômicas. A crítica que se coloca é que o próprio nascimento do movimento de mulheres já é marcado por contradições. O livro de Beauvoir intitulado “O Segundo Sexo” já pressupõe a existência de um primeiro que parece gozar de um status de primazia determinística.

O nascedouro do conceito, enquanto categoria analítica, foi marcado pela necessidade de explicar o processo e não apenas o produto das identidades formadas para além dos atributos e diferenças sexuais. Até então, sexo e gênero eram considerados sinônimos. No entanto, expande-se a noção do indivíduo como resultante de uma construção social. O corpo começa a ser percebido como narrador de projetos e histórias culturalmente estabelecidas a partir de sistemas de opressão como, por exemplo, gênero, classe, etnia e divisão sexuada de trabalho. Neste sentido, gênero surge sob as marcas dos sistemas de opressão e é inscrito em mecanismos que codificam diferenças como inferioridade e instauram desigualdades e desprestígios. As divergências conceituais vão variar desde a experiência substantiva de ser mulher, que como vimos pode apresentar uma tendência estática e genérica, até a experiência processual de tornar-se mulher, inventando possibilidades de existência livre da dominação dos sistemas opressores e mostrando a pluralidade dessa experiência nas diferentes classes, etnias e culturas.

A categoria gênero auxilia na compreensão da organização da vida social e se propõe a desnaturalizar as relações de poder estabelecidas entre o masculino como sendo superior e o feminino como sendo inferior. Seu uso como categoria foi academicamente pautada pelos movimentos sociais, em especial pelo movimento feminista, que avançou nos países desenvolvidos na década de sessenta e se tornou mais visível nas publicações brasileiras a partir do final da década de setenta.

Scott ⁵³ contribuindo com o avanço do processo de conceituar gênero faz uma demarcação importante. Ela denuncia que a palavra gênero é usada de duas formas: em uma, a palavra é cunhada em oposição a “sexo” e tem uma carga biológica atrelada às diferenças anatômicas. Nessa dimensão o “gênero” é percebido como comportamento socialmente construído e assim “gênero” e “sexo” são vistos como elementos distintos e totalmente isolados. Na outra forma, a palavra “gênero” se amplia para incluir o corpo e escapa do determinismo das diferenças *naturais*, interpretadas pelas ciências biológicas que geram imutabilidades ligadas ao sexo e propõe que “gênero-sexo” seja percebido como unidade. Nas palavras da autora:

Gênero é a organização social da diferença. Mas isso não significa que o gênero reflita ou produza diferenças físicas fixas e naturais entre mulheres e homens; mais propriamente o gênero é o conhecimento que estabelece significados para diferenças corporais ^{53:72}.

Prosseguindo na construção do conceito, Butler ^{54,55} levanta a questão de que o nosso inconsciente não é a-histórico e a-social e que ele sofre a influencia das redes do poder. Ela defende que a diferença sexual, enfatizada e visualizada historicamente, terminou por contribuir com a equação binária sexo- gênero onde a natureza biológica do sexo termina se tornando genérica e naturalizada no social. Na verdade a autora propõe uma desconstrução de postulados feministas que terminam por evidenciar o determinismo biológico mesmo pretendendo combatê-lo. Com isso, o livro “Problemas de Gênero” problematiza um dos pilares do movimento feminista que é a conceituação diferencial entre sexo e gênero como categorias independentes de um modelo binário. Correndo o risco de perder a elegância com que a autora descreve o problema, arrisco parafrasear as conclusões que ela chega: a divisão entre sexo – algo natural – e gênero – algo construído – serviu para iniciar o movimento de desnaturalizar a condição da mulher, mas contribuiu para o

equivoco de desconsiderar que sexo também é discursivo e cultural. Abandona-se o determinismo da biologia e troca-o pelo determinismo da cultura e a ênfase no patriarcado. Butler propõe gênero como uma categoria mais fluida e relacional.

Como podemos perceber, *sexo e gênero* ou *sexo- gênero* tornaram-se conceitos muito debatidos. Ora enfatizavam-se os aspectos biológicos como elementos estruturantes das diferenças com ênfase na natureza, ora enfocava-se na determinação social e, nesta, o caldo cultural que mescla as relações ora defendidas. A polêmica em torno do dualismo natureza/cultura continuou a ser amplamente discutida pelos teóricos. É nítida a nebulosidade e as dificuldades de se alcançar um “núcleo duro” que identifique as várias correntes de pensamento. Gatens⁵⁶ afirma que o problema pode estar na interpretação feita pela corrente francesa, onde corpo “fêmeo” é de origem biológica e corpo “feminino”, de origem social. Ela adverte que a diferenciação rígida entre esses dois conceitos desqualifica a construção social do conceito sexo, como se ele fosse algo puramente anatômico que não sofre nenhuma influência cultural. Na verdade, ela questiona a validade de vestir a palavra do determinismo rígido que não busca investigar os condicionantes ligados à biologia humana. Uma possibilidade, que ela oferece, seria não focalizar na biologia (natureza) e nem na cultura (social), mas na morfologia (a forma do corpo apresentada na cultura). Uma morfologia que não polariza sexo e gênero, como se a diferenciação sexual pudesse acontecer num vácuo, sem nenhum contato com a dimensão social. Uma morfologia que não produz uma dicotomia intransponível, não postula a independência de um em relação a outro, como fazem algumas teóricas francesas, onde a palavra mulher tem como adjetivo a palavra fêmea e aí toda uma reação ao significado da palavra fêmea. Talvez por isso tenha surgido a necessidade de enfatizar o termo *violência baseada em gênero* ao invés de *violência contra a mulher*. É como se a palavra mulher fosse tão carregada do determinismo positivista a ponto de não ser mais uma palavra politicamente estratégica. Neste sentido, gênero representaria a mudança paradigmática necessária ao movimento. Com isso, alguns grupos defenderam a necessidade de demonstrar a inexistência da *mulher* genérica e para tal sugeriu-se o termo *mulheres*, pretendendo dar conta da pluralidade que a categoria *mulher* não conseguia demonstrar. Nolasco vai afirmar que estabelecer um discurso sobre a *condição feminina* implica em assumir um homem e uma mulher genérica “É preciso

crer que todo e qualquer homem oprime toda e qualquer mulher^{57:18}. Essa generalização é no mínimo parcial e sujeita à refutação empírica. Na busca de construir novas masculinidades e novas feminilidades é preciso advogar uma maior flexibilidade na construção de um homem e uma mulher sem identidades dadas a priori a partir das relações de poder.

Toda essa fragmentação na construção teórica em torno do conceito de gênero está atrelada ao fato de que os movimentos de militância francesa, estadunidense e, posteriormente, outros tantos, não defendiam uma posição teórica ou política homogênea. Isso faz com que os direcionamentos ou estratégias de luta dos diversos grupos também tenham sido ecléticos e de acentuada instabilidade conceitual ao longo da história. King, descrevendo as diversas correntes, faz uma crítica severa a um dos segmentos do movimento chamado liberal: “o feminismo liberal é um movimento de mulheres de classe média branca, preocupado com a extensão do poder e privilégio masculinos em relação a pessoas como elas mesmas, não ao contingente de mulheres como um todo^{58:131}. Para a autora a versão do feminismo que dominou os meios acadêmicos foi a socialista, enquanto que o feminismo radical e cultural, e mais recentemente o ecofeminismo de tendência pós marxista e pós-estruturalista, porém naturalista, se tornaram movimentos populares com base política. As debilidades teóricas do ecofeminismo envolvem a precária discussão da divisão sexual do poder e a afirmação de estereótipos femininos advindos de uma interação com a natureza e a “essência” naturalizada da condição feminina.

A partir desses e outros movimentos muitos foram os desdobramentos. A história narra cenas e cenários, longínquos e contemporâneos, das múltiplas lutas pela *dignidade feminina* frente à persistente manutenção da hierarquização/naturalização das relações de poder e da violência. A multiplicidade de pensamentos filosóficos, de valores culturais e de representações do feminino apresentada por mulheres e homens ao longo da história humana, indica uma precária condição de igualdade, em essência, de atitudes baseadas em gênero que continuam inscritas nas normas e valores sociais. A própria variedade de interpretações e posicionamentos dos grupos militantes denuncia a ausência do processo de naturalização da essência igualitária entre feminino e masculino. Gênero foi a categoria criada para explicar as dimensões dessa variação. Ele se

mostrou útil, especialmente após o enfraquecimento da aplicabilidade do conceito de patriarcado, para narrar a historicidade da condição feminina. Piscitelli, falando sobre a naturalização do patriarcado como um fenômeno contingente e histórico, ressalta que o conceito de patriarcado “colocou problemas delicados em termos metodológicos, ao referir-se a um sistema político quase místico, invisível, trans-histórico e trans-cultural cujo propósito seria oprimir as mulheres”^{59:48}.

Na contemporaneidade, a teoria social continua discutindo a identidade em termos culturais, o que significa dizer que sua constituição é compreendida a partir de uma perspectiva na qual os fenômenos são determinados pelos momentos históricos e culturais. As identidades culturais não são definitivas e nem universais. Elas são constituídas a partir das diferentes formas, como grupos sociais interagem e se reconhecem. Ou seja, as identidades culturais não são dadas *a priori* como Foucault^{12,13} defendeu, portanto não são preexistentes aos sujeitos, mas se constituem no processo de representação de um grupo, sempre em relação a outros grupos, que carregam características diferentes daquele que está sendo representado. A questão das identidades emerge em meio a processos de desigualdade, produzidos a partir de diferenças. Emerge quando grupos sociais não se reconhecem como iguais. Segato nos lembra que a estrutura hierárquica de gênero está ancorada nas interações concretas entre homens e mulheres historicamente localizados⁶⁰.

Finalmente, como categoria de análise na perspectiva pós-estruturalista, gênero surge como um conceito para se referir a masculinos e femininos de forma diferente da tendência naturalista. Aqui se enfatiza o aspecto relacional entre mulheres e homens, e envolve valores construídos socialmente que não dizem respeito unicamente às mulheres, mas a femininos e masculinos que estão inseridos no campo histórico-social, desconsiderando o caráter exclusivamente biológico do sexo e que a categoria sexo não é genérica e está atravessada por relações de poder. As interações humanas marcadas pela assimetria de poder constroem modelos de comportamento que são aceitos ou tolerados no cotidiano. Mas eles também podem ser recusados como desvios e serem re-classificados na interação.

Neste estudo utilizamos uma abordagem relacional-estrutural de gênero e sexualidade como uma abordagem teórica em movimento. Usamos o termo

movimento, pois como vimos a identidade conceitual de gênero tem sido construída na esteira da história, no decorrer dos avanços acadêmicos e dos movimentos sociais, e não pode desvincular seu conceito de análises de situações concretas localizadas no tempo e no espaço. A partir do avanço teórico da categoria gênero foi fomentada a centralidade do poder como condição e mecanismo para a criação da dominação e da posse. Mas até mesmo esse edifício filosófico do poder é questionado. Na contemporaneidade, pergunta-se se de fato os dominados não exercem poder e se o seu uso é de fato patrimônio de uma minoria. Na área da violência já se comprovou que as mulheres sobreviventes não são sempre passivas e que subordinação, diante da dominação, não implica necessariamente em obediência.

2.1.2 Hipermasculinidade: Uma Construção Pós-patriarcado?

O conceito de hipermasculinidade ainda se encontra em fase de validação empírica. Zaluar³⁰ esclarece que é um conceito mais utilizado em países desenvolvidos, nos quais não se verificou a forte ênfase do patriarcado na constituição da vida social. A idéia de que existem qualidades “intrínsecas” à masculinidade, que quando não são atendidas podem gerar repressões e desembocar em comportamentos violentos, tem sido defendida como parte de uma teoria de conflito baseada no sentimento masculino de impotência e indignação⁶¹. Na década de oitenta, um estudo, sobre cultura colonialista e gênero, descreveu o termo e explicou o mecanismo como os estereótipos associados as representações do masculino que geram atitudes denominadas de hipermasculinidade⁶².

Se na cultura patrimonial-patriarcal a idéia era de estreitamento da autonomia da mulher e do seu confinamento ao espaço privado, o conceito de hipermasculinidade procura demonstrar o aprisionamento do homem em gaiolas de performance estereotipadas, que restringe sua liberdade de expressão por meio do controle e supressão das emoções. A única emoção que lhe é permitida é expressar sua raiva e, portanto, validar atos de violência. A representação que lhe é imposta é de um desempenho viril, dominador e possessivo. Nolasco exemplifica essa

questão abordando aspectos da socialização de meninos que se baseiam na representação construída pelo modelo patriarcal para o homem:

Excluídas as manifestações de força física e violência, qualquer possibilidade de demonstração de ternura, carinho ou dor é diretamente associada a uma dúvida sobre a escolha sexual. Para um homem, ter os afetos fora das trilhas definidas socialmente para eles é sinal de que a heterossexualidade não vingou. O machão, o homem educado, o menino que não reage a brigas, enfim, hoje qualquer um destes tipos recebe um olhar inquisidor que põe em dúvida sua preferência sexual^{57: 18}.

Essas masculinidades inflacionadas funcionam como arquétipos estereotipados na construção social do gênero masculino. Neste sentido, a masculinidade sendo associada à dureza, à honra ou à dominância masculina termina por adotar a violência como padrão para resolver os conflitos e domesticar os corpos que a ela se opõe. A idéia é que os homens, modelados com atitude de hipermasculinidade, tentam controlar suas próprias emoções, inibindo qualquer reação oposta que esteja associada ao rótulo de feminilidade, como sensibilidade, medo, ansiedade e compaixão. Esses sentimentos geram atitudes que não são compatíveis com a descrição do homem “macho”, valente e violento, que é amplamente divulgado pela mídia. O conjunto de estereótipos inscritos para a feminilidade – timidez, fidelidade, virgindade, mansidão, dependência e outros- por conterem uma associação com atributos de fragilidade não devem ser usados para identificar o masculino. Esses estereótipos variam dentro da cultura e entre culturas. Saffioti⁶³ chamou de *síndrome do pequeno poder* que é gerada pela incapacidade do homem de lidar com suas frustrações e medos e seu desejo de dominar para garantir uma forma de poder.

Spencer *et al*⁶⁴, no artigo “Entendendo hipermasculinidade no contexto”, mencionam a questão do status de identidade que pode conferir um lugar de marginalidade para categorias centrais, como gênero ou etnia, e gerar como resposta um mecanismo de produção de hipermasculinidade. Os autores concebem as atitudes de hipermasculinidade como um processo precário de adaptação, ou seja, como uma resposta ao sentimento de inadequação frente aos “papéis” que o homem não consegue mais desempenhar – provedor, chefe da família, aquele que detém os recursos e os meios.

De acordo com o conceito, o indivíduo desenvolve essas masculinidades estereotipadas quando perde o poder, que historicamente a tradição lhe reservava,

de dominador viril. Com isso, ele faz uso do poder que lhe resta para exercê-lo como dominação⁶⁵. Ele descobre que ganha poder à custa da redução do acesso e da mobilização dos recursos e do capital social disponíveis para a parceira. Poder nessa vertente é exercido sobre o outro, no âmbito da interação, por intermédio do uso demasiado da força, da repressão, da coerção⁶⁶. Nesta perspectiva da hipermasculinidade, o exercício desse poder-violência pode ser representado pelos abusos e agressões.

Como fenômeno social, poder pode ser descrito como uma intenção, que se transforma em ação relacional que resulta na efetivação individual ou coletiva da produção dos efeitos intencionados. Afirma-se com isso que poder é a capacidade de exercer um efeito. É oportuno mencionar uma tentativa de Bobbio⁶⁷ para classificar o poder conforme o meio empregado: onde poder 'econômico', tem como meio a riqueza, poder 'ideológico', o conhecimento; e poder 'político', a força como último recurso para sua manifestação. As masculinidades estereotipadas seriam decorrentes da ameaça de perda de status nesses três níveis de poder. O ethos guerreiro se torna presente nas novas identidades masculinas que estão sendo formadas³⁰.

Até o momento, a construção de hipermasculinidade como conceito tem sido pouco validada nos estudos brasileiros. A indeterminação acerca de qual conceito – patriarcado, estudos de gênero, hipermasculinidade - melhor auxilia a crise de identidade, que se instalou na modernidade a partir da rejeição da mulher e do homem genérico, continua.

2.1.3 Relações Entre Parceiros: Intimidades e Subjetividades

Ao longo da sua história, a humanidade foi construindo maneiras de interpretar as relações e interações dos indivíduos com seus parceiros. Na modernidade, muitas concepções foram utilizadas na tentativa de compreender as dinâmicas dos relacionamentos íntimo-afetivos. Mencionaremos brevemente enfoques históricos das formas de abordagem desses relacionamentos. Citaremos

brevemente apenas três: o enfoque mecanicista, o enfoque sistêmico e o construcionismo social³.

No enfoque mecanicista das relações íntimas entre mulheres e homens as questões são avaliadas numa relação direta causa-efeito de maneira linear e cartesiana. Neste sentido, estudos sobre violência procuravam pesquisar o perfil dos indivíduos agressores, isolando variáveis demográficas, que explicariam o comportamento violento. Esse enfoque, fortemente influenciado pelo modelo epidemiológico tradicional, onde risco se torna um indicador de causalidade, muitas vezes adota uma lógica de determinismo, equivocadamente procurando o estabelecimento de “Leis Universais”⁶⁶. No campo das violências ditas “domésticas”, quando os estudos se concentram nos “agentes causadores”, sem considerar as relações de gênero e a dimensão multifatorial do fenômeno da violência, perde-se a essência e conservam-se os elementos marginais. Com isso, o enfoque mecanicista termina por contribuir para a banalização da complexidade das relações de poder e limita o entendimento acerca do caráter interativo das relações do ser humano com seu meio cultural, sócio-histórico e espaço-ambiental. Esse tipo de enfoque reduz a compreensão do cultural e do social e despolutiza a capacidade de agência dos seres humanos em promover mudanças nas estruturas.

Uma abordagem mecanicista pode levar a isolar fatos pontuais que são insuficientes para compreensão da dinâmica das violências. Exemplificando, diríamos que corremos o risco de valorizar estudos que interrogam acerca da distribuição horária e semanal dos episódios de violência física contra mulher e deixamos de focar o corpo teórico, que dá sustentação a uma análise mais profunda da instrumentação violenta presente a todo tempo, numa linguagem específico-violenta utilizada no dia-a-dia da vida conjugal. A linguagem tingida pela violência transcende as punições corporais e visa alcançar a modulação dos corpos e legitimação da dominação do masculino sobre o feminino. É uma dominação que não visa aniquilar, mas sim obter a subordinação. O poder disciplinar^{12, 13} sofrido pelo corpo é um fenômeno qualitativo e, dificilmente, uma abordagem mecanicista conseguirá perceber essa dinâmica.

3 Vygotsky e outros teóricos do construtivismo trabalharam a questão da mediação social no desenvolvimento de sujeitos ativos. Essa corrente teórica originou muitas outras teorias da psicologia moderna.

Numa outra lógica, o enfoque sistêmico reconhece homens e mulheres como parte de um sistema mais amplo que se interage numa relação de interdependência. Esse enfoque apresenta o ser humano como um complexo sistema de interação inteligente intra e inter-relacionado. Adeptos dessa abordagem, afirmam que a mudança em cada membro da família afeta as outras partes do sistema. Com isso, caracteriza-se a relação íntimo-afetiva como um sistema emocional onde os sujeitos procuram se diferenciar buscando permanentemente uma auto-identidade.

No relacionamento entre parceiros íntimos existe a preocupação com a liberdade de cada um. . Essa preocupação, quando em excesso, distancia os parceiros, na medida em que voltam-se mais para si de maneira egocêntrica e extremamente individualizada. No caso das relações íntimas violentas, essa liberdade encontra-se cerceada, vigiada e gradualmente reduzida pelo agressor. Trabalha-se não com o excesso da individualização, mas sim com a escassez para gozar as individualidades. Estabelece-se um poder tão desigual pelos implementos da violência que a intimidade não floresce⁶³. A pergunta que surge é se no relacionamento violento pode existir o encontro de dois indivíduos ou se o que existe é apenas uma relação entre parceiros marcada pela desigualdade de poderes. A prevalecer a desigualdade de poderes nessa relação, uma das partes seria considerada indivíduo e a outra teria sua condição de indivíduo comprometida. É interessante notar que essa situação é fluída e esse indivíduo pode modificar sua trajetória e empoderar-se como sujeito ainda que esteja sob condição de opressão.

Criticando o enfoque sistêmico, o construcionismo afirma que o relacionamento de parceiros íntimos, quando apresentado como sistema, dá a idéia de um sistema social com capacidade de restaurar equilíbrio em ambientes e condições de trânsito e de mudança como, por exemplo, o ambiente das relações afetivas. O problema neste modelo é desconsiderar a capacidade de inovação dos atores, uma vez que a idéia de papel, defendida pelo enfoque sistêmico, traduz um enunciado de obrigações que podem se tornar coercitivas e rígidas. Tendo isso em vista, é necessário levar em consideração que sujeitos também fazem parte do sistema e não devem ser limitados ou ignorados na análise da situação. Para compreensão maior das relações violentas, pressupõe-se que, primeiramente, existam pessoas com diferentes interesses, valores e crenças que se interagem por

intermédio de uma rede de interdependência, e, em segundo lugar, interagem por um meio dinâmico de papéis e representações num ambiente cultural.

O construcionismo social e as escolas da intersubjetividade são enfoques que problematizam a relação entre parceiros íntimos e não apenas as estruturas sociais e mentais. Essa abordagem, que toma como pressuposto que o mundo ao invés de ser objetivamente apreendido é sócio-culturalmente construído, considera os discursos dos indivíduos e compreende o relacionamento entre parceiros íntimos como um sistema aberto, em permanente transformação, visando alteridade. Os relacionamentos violentos não são mais concebidos como relacionamentos disfuncionais – onde a violência é patológica - e tendem à procura do equilíbrio social. No enfoque construcionista prioriza-se as narrativas e as descrições das pessoas, sendo a linguagem o meio de entender a natureza dinâmica e complexa das interações conjugais e das violências inseridas culturalmente. A linguagem é produto de um processo cultural, gerada no contexto dos relacionamentos humanos. A linguagem assiste ou sustenta certas práticas culturais e, no contexto dos relacionamentos íntimos violentos, implica conhecer contextos locais e evitar ao máximo a universalização de teorias. Nesta perspectiva o oprimido – aquele que sofre o impacto das relações de poder para estabelecimento de domínio e controle – não é um indivíduo que possui um papel passivo na relação. Ele não responde à opressão com obediência cega, mas sua subordinação pode ser explicada pela ecologia do desenvolvimento humano, e sua capacidade de resiliência e empoderamento pode depender dos ativos sociais e das estruturas de oportunidades no espaço simbólico e real das suas vivências. Vale lembrar que a escolha da abordagem, pelos especialistas e pesquisadores, para compreender a dinâmica das violências, baseadas em gênero, poderá favorecer ou reduzir as possibilidades de uma análise multidimensional da convivência entre os seres dinâmicos que sofrem o impacto da era líquida da vida e das identidades^{68,69}. Nesta pesquisa optamos pelo olhar construcionista das relações afetivas entre os parceiros no decorrer da análise dos dados.

2.1.4 Conflito ou Violência: Eis a Questão...

Um primeiro elemento importante a ser discutido é a nebulosidade que encontramos na literatura acadêmica acerca da delimitação entre conflictualidade e violência. Constatar a existência de relações conflituosas não equivale a dizer que a violência esteja necessariamente presente nas interações sociais da vida cotidiana. Observa-se, na literatura, uma ampla variação da construção teórica da dinâmica dos conflitos e suas múltiplas configurações, bem como das violências e suas diversas manifestações, dimensões, naturezas, raízes e modalidades de caracterização. Zaluar e Leal enfatizam que existe uma confusão, entre conflito e violência, na reflexão dos cientistas sociais, ou na representação da violência como manifestação de conflito, com base em relações sociais de dominação⁷⁰

Existe um amplo suporte teórico na defesa de que o conflito é inevitável na maioria das interações humanas, sendo, portanto, inerente ao mundo social. Alguns teóricos propõem a idéia de que ele é funcional e ajuda na clarificação dos limites, podendo resultar em coesão. Outros o vêem como o caos e uma força destrutiva que ameaça a unidade social. Outros, ainda, afirmam que o conflito pode ser construtivo ou destrutivo, a depender da forma como se desenvolve no decorrer da interação. Wieviorka, afirmando que é preciso delinear um significado para o termo conflito, descreve-o como “uma relação estruturada de maneira mais ou menos estável e durável”^{23:206}. Dessa forma, ele representa o oposto da violência, pois, onde o primeiro abre espaço para a discussão, o segundo fecha e rompe, optando pela força.

No estabelecimento das relações com o outro, a interação pode ser marcada pela submissão e pelo silenciamento das divergências, que acontecem de maneira violenta, ou pela autonomia, que pressupõe redução de assimetria de poder para a negociação dos conflitos. O problema é quando se atinge a mediação “pacífica” dos mesmos via silenciamento de uma das partes. À medida que se reduzem os protestos e a noção do direito à argumentação, aumenta-se o limiar de tolerância à opressão. Daí a importância de que as partes envolvidas no conflito estabeleçam as restrições e os limites, para repudiarem o uso da violência como instrumento de recuperação do “equilíbrio”. A questão é que em muitas situações a parte oprimida

já foi reduzida a uma condição de objeto e, tendo perdido seu caráter de sujeito, mesmo que temporariamente, não está apta a estabelecer esses limites.

A presença do conflito auxilia a lidar com a diferença e gerar identidades demarcadas para além dos papéis de gênero. Nesse sentido, é importante reforçar a tese de que conflictualidade não equivale à violência. O conflito tem uma dimensão positiva para a socialização dos indivíduos e só será negativo e terá poder destrutivo se for mediado pelo uso da força para obtenção de submissão das vontades e aniquilação do outro. Assim ele deixa sua condição básica de conflito e se torna uma “guerra” de poder. Nesse caso, os fatores de dissociação são algumas das causas do conflito⁷. É preciso desmistificar a idéia de sociedade de equilíbrio e ordem constante, a qual rejeita a normalidade da existência de conflitos. Pelo contrário, o contraponto dos indivíduos ou grupos que interagem são suas discordâncias e desarmonias. Estabelecer individualidades, num cenário de uso da força para expansão de domínio como é o cenário das violências praticadas pelos parceiros íntimos, representa um desafio para os sobreviventes da violência e um campo de investigação promissor para o avanço dos estudos de gênero.

Tendo em vista que o conflito é pressuposto de qualquer ato social, na vida urbana o conflito é acentuado, pois as interações sociais são expressamente mais recorrentes. Chegar a um consenso torna-se cada vez mais complicado devido a quantidade, densidade e heterogeneidade dos grupos. A difícil tarefa contemporânea de buscar unidade na diversidade ainda não se mostrou estável e sustentável. O conflito também está presente no contexto de relações interpessoais; ele é recorrente na vivência do casal e será a base para criar e manter situações de dissociações conhecidas como ódio, inveja, necessidade e desejo, citadas por Simmel⁷. O problema, entretanto, expande quando o conflito é interrompido e as negociações cessam. Isso se torna base para o uso das violências como substitutiva do diálogo e de um conflito emancipador.

A questão, que se levanta ao lidar com os conflitos nos relacionamentos entre parceiros íntimos, é a possibilidade de existência ou não de negociação. Simmel alerta que a unidade entre os pares pode estar sendo conquistada à custa da aniquilação de uma das partes conflitantes, ou seja, o conflito sendo substituído pela violência e o domínio opressor de uma das partes está sendo estabelecido sobre o outro. O ponto - nevrálgico da questão é a tendência desses atos violentos

se naturalizarem e legitimarem no espaço privado, tornando tênue o limiar entre resolução violenta e não-violenta dos conflitos. A aplicação da força física numa situação de violência, contra a mulher, por exemplo, visa em última instância eliminar toda a oposição e “pacificar” o conflito. Com isso, é importante considerar que o fim do conflito, ou mesmo sua diminuição, não significa, necessariamente, a instauração de uma cultura de diálogo e negociação.

Michaud, descrevendo a violência como uma produção social e um construto que muda conforme o contexto, tenta dar uma definição que abrange o estado e os atos de violência, afirmando:

Há violência quando, numa situação de interação, um ou vários atores agem de maneira direta ou indireta, maciça ou esparsa, causando danos a uma ou várias pessoas em graus variáveis, seja em sua integridade física, seja em sua integridade moral, em suas posses, ou em suas participações simbólicas e culturais^{24:11}.

Nesse sentido, se pode afirmar que, quando o conflito escalona, a agressão apresenta-se como possibilidade para manutenção de poder, reputações, espaços e muitos outros interesses de uma das partes, uma vez que se esta tratando de atores sociais dotados de intencionalidade. O escalonamento de uma situação de conflito para uma de violência pode ter sido gerado pela opção, deliberada e consciente, de usar a agressividade, a indiferença e/ou a mais-valia para “equilibrar” uma situação. Nessa circunstância, cessa o conflito e impera a violência.

A OMS estabelece algumas delimitações para o fenômeno da violência:

Uso intencional de força física ou do poder, real ou em ameaça contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade que resulte ou tenha possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação⁷¹.

A definição avança ao introduzir o conceito da intencionalidade, posto que os implementos da violência tenham um caráter racional e sejam utilizados instrumentalmente. Mas a definição apresenta-se ambígua ao mencionar força, porém sem situá-la. Estudiosos já têm afirmado categoricamente que força e violência não são palavras sinônimas. O termo força, no direito, significa as intervenções conforme a lei e, portanto, lícitas. Na modernidade, o uso da força é considerado uma prerrogativa do Estado. Já o termo violência, representa as intervenções que violam as normas jurídicas, sendo, portanto, ilícitas. Poderíamos na área do direito admitir a existência de uma violência

legítima, ou autorizada, chamada “força” e uma ação onde o uso em excesso ou arbitrário dessa força configurasse uma situação de violência. Arendt⁸ sugere que o termo seja reservado às “forças da natureza” ou à “força das circunstâncias”, indicando liberação de energia por movimentos físicos ou sociais. A mesma autora defende que poder é o fator primário e predominante e se constitui em um fenômeno distinto da violência, ainda que possam aparecer juntos em determinadas situações.

O conceito de Michaud²⁴ avança na questão cultural e simbólica, confirmando assim a inviabilidade de uma definição operacional, universalmente inclusiva de todas as culturas, mas é silencioso acerca de algo que a definição da OMS se pronunciou, que é a questão da intencionalidade.

É oportuna a tentativa de brevemente elucidar a questão fronteiriça entre conflictualidade e violência. Essas fronteiras precisam ser pensadas não apenas do ponto de vista individual, mas do coletivo. Tanto o conflito quanto a violência são narrativas sociais inseridas em momentos históricos. Adorno, refletindo sobre a anomia na contemporaneidade, sugere uma proximidade da violência e da conflictualidade com uma atitude nominalista, ou seja, “(...) antes de tudo, trazer os fatos à superfície da sociedade, isto é, fazê-los emergir no torvelinho de práticas”^{72:34}.

O presente estudo escolheu o caminho metodológico quantitativo para investigar os atos de violência psicológicos, físicos e sexuais, bem como as atitudes baseadas em gênero, presentes nas relações íntimo-afetivas da mulher, por intermédio de uma escala que define operacionalmente situações de violência na relação entre parceiros íntimos. Na pesquisa não foi utilizado um instrumento específico para investigar os conflitos e as estratégias de manutenção não violenta das individualidades.

2.1.5 Vulnerabilidade: Um Conceito em Construção

A vulnerabilidade precisa ser considerada como um conceito em fase de construção. Ela tem sido pensada em termos de condições geradoras de redução

da capacidade de gestão de recursos e de oportunidades necessárias para o desenvolvimento humano. Duas condições, institucionalizadas pelo mundo social contemporâneo, estão presentes na matriz estruturante do conceito e são marcas da modernidade: incerteza e risco. Essa condição de incerteza e risco coloca em perigo o “casulo protetor”⁶⁵ e a vulnerabilidade, que pretende se estabelecer como conceito no limiar entre questões individuais - como agência e empoderamento - e questões de produção estrutural – ativos e oportunidades - para os indivíduos desenvolverem os direitos garantidos pela sua condição cidadã.

Watts e Bohle⁷³, procurando descrever uma moldura estrutural que auxilie a compreensão das causas da fome, sugerem que a vulnerabilidade deveria ser entendida como uma integração de três dimensões: 1) *Entitlement* descrito como o direito que as pessoas têm de satisfazer- suas necessidades humanas básicas de sobrevivência e, caso essas necessidades não sejam satisfeitas, serem protegidas da situação configura numa exposição ao risco; 2) *Empoderamento* descrito como a participação política e acesso aos sistemas produtivos da propriedade e - vulnerabilidade -descrita como redução dessa capacidade; 3) *Política econômica* que se refere à organização estrutural histórica da sociedade que pode minimizar as potencialidades destrutivas do capitalismo tardio. Para esses autores, vulnerabilidade deveria ser definida em termos de “exposição, capacidade e potencialidade”^{73:46}. Na mesma linha de pensamento, Moser¹⁰³ define vulnerabilidade como uma situação em que estão presentes três componentes: exposição ao risco, incapacidade de reação e dificuldade de adaptação. Dificuldade de adaptação diante da materialização do risco e - ausência, ou impossibilidade de manutenção do capital social das famílias em situação de extrema pobreza. Pensando na aproximação entre as questões dos riscos e vulnerabilidades, Hogan e Marandola⁷⁴ elaboraram uma cartografia do conceito vulnerabilidade a partir de duas tendências: considerar vulnerabilidade no eixo da pobreza, exclusão e marginalização, e no eixo da problemática ambiental e societária.

A vulnerabilidade, como eixo teórico, permite trabalhar não apenas com as necessidades das pessoas mais carentes, mas também com os recursos e ativos de que elas dispõem para enfrentar os riscos impostos pelas privações vivenciadas. Vulnerabilidade é perpassada pelo conceito de *agência humana individual*. A problemática envolvida no conceito - acontece quando o repertório de possibilidades

é reduzido e a exposição aos riscos – ambientais, sociais, relacionais – não são iguais para todas as pessoas.

Finalmente, nessa fase de construção conceitual da vulnerabilidade, Bilac⁸¹ alerta que o conceito gênero, na dimensão das relações de poder, não têm sido trabalhado de maneira crítica nos estudos de vulnerabilidade. A própria sobrecarga que a mulher passou a receber, a partir do pressuposto que ela tem especial desempenho como cuidadora, por parte dos programas nacionais e internacionais de desenvolvimento comunitário, demonstra a possibilidade de surgimento de uma nova escravidão, - “servidão voluntária”.

A questão da mulher em situação de vulnerabilidade situa-se na interposição entre processos culturais e simbólicos, sociais e econômicos, religiosos e demográficos. A indagação básica, que se lê nas linhas e entrelinhas de estudos publicados nas diversas disciplinas, é: como viabilizar interações baseadas em equidade, quando tentáculos da cultura pré-moderna, fortemente construída por relações de poder, coexistem heterogeneamente com a nova ‘cultura’ pós-industrial, em que o modo de produção dominante redefine papéis, acentuando a competitividade entre os gêneros, num mecanismo cultural que desiguala os iguais, gerando um cenário de ‘continuum’ da violência estrutural?

A população feminina é a mais atingida pela coexistência desses dois paradigmas que permeiam as diferentes dimensões da vida social. A violência, presente no cotidiano das interações sociais, manifesta-se com alta prevalência entre parceiros que, lingüisticamente, recebem o nome de íntimos, que em latim significa algo “estritamente ligado por afeição ou confiança” e pressupõe igualdade e alteridade. A vulnerabilidade é um conceito em expansão, e com potencial para explicar a complexidade das situações de violação de direitos da mulher, nos cenários das relações íntimo-afetivas violentas.

2.2 MAGNITUDE E IMPACTO DA VIOLÊNCIA: ESTUDOS EMPIRÍCOS

Importantes estudos desenvolvidos no Brasil e no âmbito da comunidade internacional descrevem a magnitude das VPIs sob a égide da multicausalidade, da psicogênese, da historicidade, da desmistificação, da patologia entre outros tantos.

Esses estudos têm demonstrado múltiplas possibilidades de abordagem dessa problemática sob caminhos metodológicos, técnicas e instrumentos, pressupostos teóricos, bem como enfoques disciplinares e olhares dos mais diversos.

Na ausência de um discurso e um saber universal sobre as violências baseadas em gênero, o cenário cientificista exhibe uma vasta gama de pesquisas empíricas e formulações teóricas, que busca compreender um pouco mais esse fenômeno, que apresenta uma dinâmica oscilante e múltiplas determinações, e que o tornam singular para cada contexto e cada indivíduo. O *continuum* da violência utiliza a força física e psicológica, de maneira intencional, como instrumento para disciplinar, coibir, punir e estabelecer controle sobre os corpos, para alcançar subordinação⁷⁵.

Estudiosos têm relatado as dificuldades que envolvem os processos de dimensionamento da magnitude da violência interpessoal cometidas por parceiro íntimo⁷¹. Fala-se também da necessidade de conhecer a magnitude da ocorrência e co-ocorrência de violência conjugal e abuso contra filhos⁷⁶⁻⁷⁸. São extensas as abordagens, com estudos voltados para os instrumentos da violência, seus meios, causas e efeitos ou conseqüências nas crianças, adolescentes, jovens, adultos, idosos e outros diferentes grupos vulneráveis. Aborda-se, ainda, o impacto das políticas macroeconômicas governamentais e suas implicações^{71,72,79,80}.

No campo da saúde, o Relatório Mundial sobre Violência e Saúde, elaborado pela OMS, afirma que a forma prevalente de violência contra mulheres é aquela praticada pelo parceiro íntimo, no espaço privado, ainda que este não se restrinja ao espaço doméstico. O relatório apresenta estudos que revelam prevalência entre 15% e 52% de mulheres que experimentaram algum tipo de violência cometida pelo parceiro. O relatório afirma que, em todo o mundo, a violência vem se consolidando como um dos maiores desafios para profissionais de todos os campos do saber⁷¹.

A violência contra a mulher, que perpassa as diferentes condições sociais, étnicas e religiosas, apresenta uma magnitude diversa entre os grupos populacionais. A baixa escolaridade, o aprofundamento das desigualdades sociais, retroalimentando a violência estrutural, e o uso de álcool e de substâncias ilícitas parece exacerbar a magnitude do problema e colocar mulheres, economicamente segregadas, em situação de maior vulnerabilidade à violência^{71,81,82,83}.

Um estudo realizado com 2502 mulheres, a partir de 15 anos, em amostragem nacional, em 24 estados, encontrou resultados inquietantes. A pesquisa abordou, predominantemente, uma população mais jovem (53% da amostra tinha menos de 35 anos) e mais pobre, com 42% das mulheres habitantes de domicílios com renda de até dois salários mínimos. Apenas 6% apresentava formação superior, sendo que 7% não tinha freqüentado a escola e 31% era analfabeta funcional (ou seja, não havia concluído os primeiros quatro anos do ensino fundamental). Além disso, 29% possuía ascendência étnico-racial exclusivamente branca, enquanto que apenas 6% tinha ascendência exclusivamente negra. As demais categorias eram compostas por ascendência étnico-racial negra, branca e indígena. Constatou-se que 43% dessas mulheres já haviam sofrido violência praticada por um homem, ao longo da vida. Um terço (33%) afirmou ter sofrido alguma forma de violência física, em algum momento da vida; 27%, violência psíquica, e 13%, violência sexual, fossem relações sexuais forçadas, fossem histórias de abuso. Por fim, 11% relata assédio sexual⁸⁴.

Num outro cenário, um estudo realizado com 3429 mulheres, de 18 a 64 anos, nos Estados Unidos, entre os anos de 2003 e 2005, buscou analisar a prevalência das violências físicas, psicológicas e sexuais entre parceiros íntimos, em três categorias: no último ano, nos últimos cinco anos e no decorrer da vida⁸⁵. Os dados apontaram que as mulheres entrevistadas eram mais velhas (81% com mais de 35 anos) e tiveram acesso a um nível mais elevado de educação (87,5% possuía pelo menos algum tempo de ensino superior). Observou-se ainda uma alta taxa de ocupação (81% com emprego) e um baixo número de mulheres com salários menores (11% ganhava menos de 25 mil dólares por ano, enquanto que 35% ganhava mais de 75 mil dólares anuais). A amostra era composta por 82% de mulheres brancas, e somente 4% das mulheres assumia o comando de famílias mono parentais.

Considerando o perfil das mulheres entrevistadas, é no mínimo interessante constatar que 27,5% delas sofreu abuso sexual quando criança, sendo que 33% declarou ter sofrido violência sexual e física na infância. 44% das mulheres relatou violência cometida por parceiro íntimo ao longo da vida adulta, 34% declarou violência sexual, e 35%, psicológica, chamada no estudo de violência não-física. A média de tempo durante o qual as mulheres sofreram as violências variou entre 3,9

e 8,2 anos de suas vidas, ainda que entre 5% e 9% delas tenham sofrido abusos por mais de 20 anos. 45% das mulheres que sofreram violências cometidas pelo parceiro haviam experimentado múltiplos tipos de violência nos últimos cinco anos. A razão de risco das mulheres que ganhavam menos de 25 mil dólares foi duas vezes e meia maior do que a daquelas que recebiam mais de 75 mil.

Quando se comparam os dados demográficos do estudo brasileiro e do estadunidense, percebe-se claramente que se trata de populações muito diferentes^{77,82}. No primeiro, há um contexto de maior escassez de recursos, uma maior mistura étnica na amostra selecionada e uma alta prevalência de déficit de acesso à educação formal, com concentração nas séries do ensino fundamental, sendo que 66% das mulheres não iniciaram nem o ensino médio. Poderíamos dizer que há uma *cidadania vulnerabilizada*⁴. No segundo, como anteriormente citado, encontra-se uma população menos jovem, mais instruída, empregada e mais bem remunerada. No entanto, guardadas as devidas proporções, os diferentes instrumentos e métodos de pesquisa entre os dois estudos, bem como a gritante diferença sócio-demográfica entre as populações estudadas, os resultados de prevalência de violência cometida por parceiros íntimos foram muito semelhantes: 43% para a amostra brasileira e 44% para a americana.

Todos esses dados contradizem empiricamente a tendência reducionista de associar linearmente violências entre parceiros íntimos e pobreza. O estudo americano indica que, a despeito das condições socioeconômicas mais adequadas, essas violências estão presentes na vida de mulheres que possuem certa independência financeira, têm maior nível educacional e estão inseridas no mercado de trabalho⁸⁵. Seguindo a mesma lógica, um estudo realizado em nove países (Camboja, República Dominicana, Egito, Haiti, Índia, Nicarágua, Zâmbia, Colômbia e Peru) por Kishor e Johnson, descreveu que somente na Índia e no Egito, as mulheres mais pobres apresentaram maior prevalência de violência cometida pelo parceiro; nos demais países as condições econômicas não se mostraram como fator de proteção contra essas violências⁸⁶.

Um estudo anterior, realizado com um instrumento de coleta de dados construído qualitativamente e calibrado em todos os países participantes, que

4 Hopenhayn propõe uma análise mais ampla da cidadania na América Latina e aborda a questão da escassez de acesso aos direitos e a proposta de empoderamento como vertentes que precisam ser analisadas. Hopenhayn M. Revista Brasileira de Estudos de População. 2002; 19 (2): 5-18.

continha mínimas variações culturais para cada país e utilizava a mesma metodologia e definições operacionais para as violências praticadas por parceiro íntimo, entrevistou 24.000 mulheres de 10 países. A pesquisa, intitulada “WHO Multi-Country Study on Women's Health and Domestic Violence against Women”, foi conduzida pela OMS entre os anos de 2000 e 2003^{71,87}. O estudo multipaíses encontrou uma variação de 15 a 71% de mulheres que experimentaram violência física, sexual ou ambas cometidas pelo parceiro íntimo ao longo da vida. O Brasil foi um dos países participantes, e as regiões escolhidas foram São Paulo (940 entrevistas) e Zona da Mata, no Pernambuco (1188 entrevistas).

As mulheres entrevistadas relataram ter sofrido ao menos uma vez na vida episódios de violência psicológica (41,8% em São Paulo e 48,9% na Zona da Mata), física (27,2% e 33,7% respectivamente) e sexual (10,1% e 14,3%). Em relação aos outros países pesquisados, a prevalência de violência física cometida pelo parceiro na área urbana variou entre 12,9%, no Japão, e 48,6%, no Peru. Na área rural o índice ficou entre 33,7%, no Brasil e na Tailândia, e 61%, no Peru. Para a violência sexual, a variação foi entre 6,1%, no Japão, e 61%, no Peru. As altas incidências de violências física, psicológica e sexual reveladas nesse estudo mostram a vulnerabilidade da situação de mulheres nas relações com parceiros íntimos. Essas taxas descortinam uma realidade paradoxal vivida no cotidiano: embora a sociedade e o Estado avancem na discussão e na legislação específica de proteção aos direitos da mulher, ao mesmo tempo constata-se números estatísticos que retratam realidades desumanas em pleno século XXI.

Além do sofrimento humano, e todo impacto da violência na vida da mulher e na vida de seus filhos e familiares, a violência representa um alto custo para o país. O valor econômico das despesas brasileiras, provocadas pelas lesões decorrentes das violências interpessoais, foi de 472 milhões de reais para o ano de 2004. A média das despesas médicas, envolvidas nas lesões fatais, foi em torno de R\$ 687,00 e, para as lesões graves, foi de R\$ 3.772 por pessoa. Estima-se que aproximadamente 70% das internações em decorrência de lesões graves nos hospitais brasileiros sejam decorrentes da violência⁸⁷.

É importante pautar a relação entre violências e o setor da saúde. As violências, por parceiro íntimo, geram sérias consequências e susceptibilidade a doenças, configurando-se em todo o mundo como um dos mais graves problemas

sociais e de saúde pública^{71,89,90,91}. Esse problema atinge todas as dimensões da condição humana, comprometendo a qualidade da saúde, da segurança e da autonomia das mulheres agredidas.

A OMS declara que, em todo o mundo, a violência vem se afirmando como um dos mais graves problemas sociais e de saúde pública. Em seu relatório mundial em violência e saúde, a organização relata que mais de 1,6 milhões de pessoas morrem vítimas de violência auto-inflingida, interpessoal ou coletiva por ano. Estudos realizados com mulheres em diferentes etapas do ciclo da vida, revelam que a violência é uma constante na vida da mulher. Figura 1 mostra o ciclo de vida da mulher e as violências que se manifestam ao longo das etapas do ciclo.

No manual para desenvolvimento de políticas de prevenção de violência, a OMS afirma que as injúrias e violências se constituem em ameaça para a saúde de cada país do mundo. Na faixa etária dos 15 aos 44 anos, elas são uma das causas principais de mortalidade e morbidade⁷¹. Estes dados confirmam a informação previamente fornecida pela Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS), que declarava desde a década de noventa, que a violência havia adquirido um caráter endêmico, transformando-se em um problema de saúde pública, em várias partes do mundo, uma vez que seus resultados e conseqüências estariam convergindo para o sistema de saúde⁹¹.

A OMS apresenta uma lista de fatores que foram associados à VPI em diversos estudos publicados. A figura 2 apresenta alguns desses fatores que se encontram listados de acordo com o nível que eles ocupam no sistema ecológico, a saber, fatores ligados ao indivíduo, ao nível relacional, à comunidade e à sociedade.

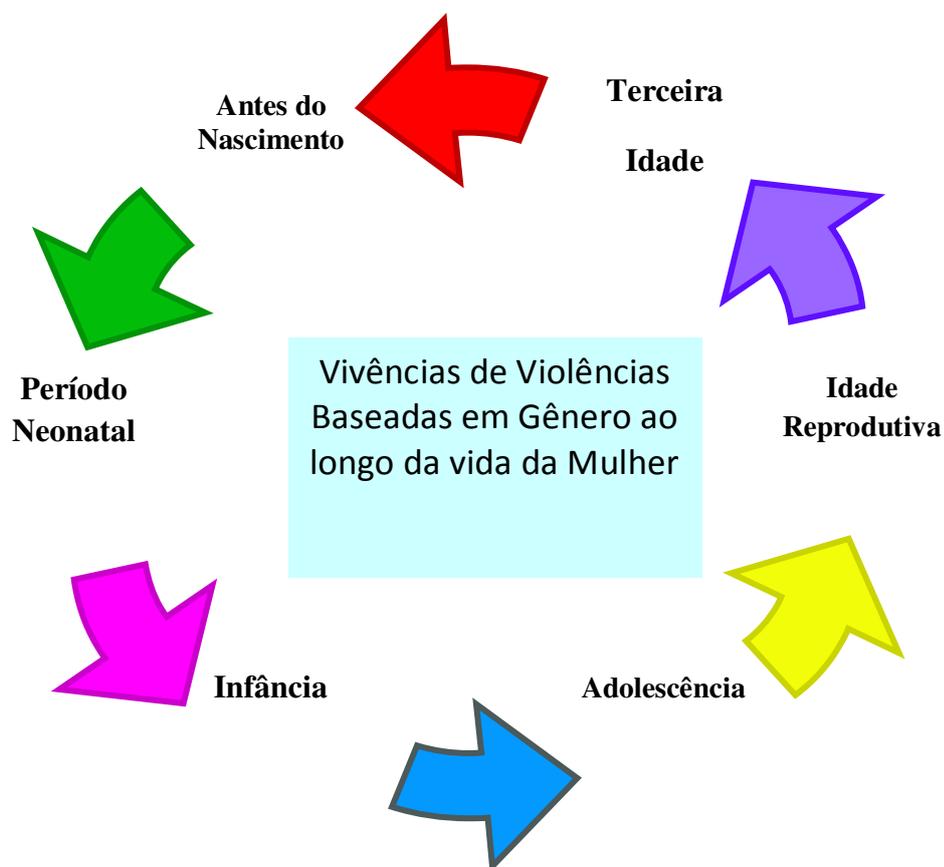
Fatores de risco estão associados à maior probabilidade de tentativa de violência e abuso sexual. Esses são fatores que contribuem, e podem ser, ou não, causas diretas para violência e abuso sexual. Nem todos que são identificados como “em risco”, se tornarão violência e abuso sexual. Uma combinação de fatores individuais, de relacionamento, comunitários, e societários parece contribuir para aumentar o risco da ocorrência da violência. Compreender a interação desses fatores nas histórias de vida dos indivíduos, nos contextos locais e nas estruturas sociais é uma tarefa que auxiliará os serviços e organizações a avançarem nos projetos de prevenção das violências.

Na área da saúde reprodutiva da mulher, a violência produz impactos que vão desde o maior risco para as infecções sexualmente transmissíveis, passando pela redução da autonomia da mulher sobre sua vida sexual e reprodutiva, exacerbações de violências durante a gravidez e muitas outras repercussões na saúde física e mental da mulher. Inclui ainda maior risco de aborto espontâneo e seus filhos com maior risco de nascerem com baixo peso^{73, 93}. Como agravante, ressalta-se que mais de 50% das mulheres que sofrem sistêmicos episódios de violência não fazem denuncia pública e não procuram ajuda.

As violências praticadas por parceiros íntimos, inclusive os episódios de atividade sexual coerciva pelo companheiro íntimo, e os abusos sexuais ocorridos antes dos quinze anos, são citadas como causas mais comuns de transtorno de estresse pós-traumático em mulheres. Nesta patologia, a paciente experimenta distúrbios mentais e comportamentais por reviver o evento traumático, assume conduta de apatia emocional, tem dificuldades para manter as atividades diárias da vida e assusta-se com facilidade.

O número de problemas físicos, mencionados como decorrentes das agressões que acontecem num continuum de violência, vão desde distúrbios gastrointestinais, lombalgias crônicas, distúrbios psicossomáticos com síndromes de queixas múltiplas até transtornos do humor como depressão e tentativas de suicídio.

Os estudos mostram que o isolamento social progressivo, provocado pelo ambiente violento, repercute na qualidade de vida da mulher gerando inseguranças, angústia, dependência do agressor, medo produzido pelas intimidações e ameaças seguidas por distúrbios do sono^{71,92,93}. Outros agravos incluem mortes por homicídios, suicídios, associação entre violência e AIDS, além de doenças cardiovasculares e sintomas difusos^{71,94-96}. A cronicidade e a gravidade dos episódios dos atos violentos estão direta e indiretamente relacionadas com uma gama de problemas de ordem física, emocional e existencial percebidos no corpo e na alma das mulheres agredidas.



Antes do Nascimento	Período Neonatal	Infância	Adolescência	Idade Reprodutiva	Terceira Idade
Expectativas de papéis baseados em gênero Aborto seletivo de meninas	Infanticídio feminino Negligências e maus tratos baseados em gênero	Estupro de vulneráveis Exploração sexual comercial Negligências e maus tratos baseados em gênero	Estupro de vulneráveis Exploração sexual comercial Mutilação da Genitália feminina Abusos emocionais	VPI Abuso e violência sexual Homicídios Exploração comercial sexual Assédio Moral e Sexual Tráfico de mulheres	Estupro de vulneráveis Violência contra idosos Maus tratos e negligência Violência sexual Abandono Abuso financeiro e econômico

Figura 1 Tipos de violências baseadas em gênero sofridas no decorrer do Ciclo de Vida da Mulher. Figura baseada nos dados publicados no Relatório da OMS – 2002⁷¹.

Quadro 1 Fatores de risco associados à VPI

Fatores de Risco Associados à Mulher	Fatores de Risco Associados ao Parceiro
<p>Fatores Pessoais História Prévia de VPI Ser mulher Faixa etária jovem Idade precoce para relacionamento íntimo Testemunhou ou foi vítima de violência quando criança Baixa escolaridade Emprego (varia entre países) Mulher com um nível educacional maior do que o parceiro Mulheres que têm um parceiro ciumento, possessivo ou verbalmente agressivo</p>	<p>Fatores Individuais Baixa auto-estima Baixa renda e desemprego Baixa escolaridade; Faixa etária jovem Delinqüência ou comportamento agressivo quando jovem Bebida pesada e uso de drogas Raiva e Hostilidade; Depressão Desordem de personalidade História prévia de ser fisicamente abusivo Ter poucos amigos, viver isolado Stress econômico Dependência emocional e insegurança Acreditar em regras rígidas de gênero Desejo pelo poder e controle nos relacionamentos Testemunhou ou foi vítima de violência psicológica ou física quando criança</p>
<p>Fatores Relacionais Casais com salário, renda ou emprego de status muito desiguais Domínio e controle no relacionamento pelo parceiro Conflito marital e instabilidade</p>	<p>Fatores Relacionais Conflito conjugal e instabilidade Domínio masculino Stress econômico Relacionamentos familiares não saudáveis</p>
<p>Fatores Comunitários Pobreza e fatores associados Baixo capital social Ausência de apoio comunitário/ Fragilidade no repúdio da comunidade com a VPI Ambiente social tolerante à VPI</p>	<p>Fatores Comunitários Pobreza e fatores associados Baixo capital social Ausência de apoio comunitário/ Fragilidade no repúdio da comunidade com a VPI Ambiente social tolerante à VPI</p>
<p>Fatores Societários Normas tradicionais baseadas em gênero Ausência de igualdade de gênero Normas sociais que apóiam a VPI</p>	<p>Fatores Societários Normas tradicionais baseadas em gênero Ausência de igualdade de gênero Desigualdade econômica – Coef. Gini</p>

Fonte: Tradução nossa da publicação da Organização Mundial de Saúde – Relatório de Pesquisas do “Expert Meeting on Primary Prevention of IPV”. Genebra, 2007.

*A porta da verdade estava aberta,
Mas só deixava passar meia pessoa de cada vez.
Assim não era possível atingir toda a verdade,
porque meia pessoa que entrava
só trazia o perfil de meia verdade.
E sua segunda metade
voltava igualmente com meio perfil
E os meios perfis não coincidiam.
Arrebentaram a porta.
Derrubaram a porta.
Chegaram ao lugar luminoso
onde a verdade escondia seus fogos.
Era dividida em metades
Diferentes uma da outra
Chegou-se a discutir qual a metade mais bela.
Nenhuma das duas era totalmente bela.
E carecia optar. Cada um optou
conforme seu capricho, sua ilusão, sua miopia.*

Carlos Drummond de Andrade

3 O CAMINHO METODOLÓGICO

A metodologia adotada se insere num *continuum* de investigação indutiva que tem no qualitativo seu ponto de partida e de chegada. Este é um estudo transversal de delineamento descritivo e exploratório. O instrumento de coleta de dados utilizado foi desenvolvido pela OMS⁵⁰ a partir de pesquisas qualitativas em vários países que incluíam técnicas de entrevistas em profundidade e grupos focais. Com isso, a pesquisa foi desenhada de forma a abarcar o método quantitativo e permitiu a obtenção da estimativa da magnitude das VPIs na comunidade selecionada e a análise das associações significativas entre as variáveis utilizando um modelo de múltiplas possibilidades para cada variável-desfecho: violência psicológica, violência física, violência sexual e violência física ou sexual. Além disso, foi adotada uma abordagem qualitativa que permitiu analisar a intensidade das violências e enfatizar o conteúdo, o processo de pensamento e a compreensão das mulheres em relação ao fenômeno investigado. Esse produto do pensamento individual das mulheres, ao ser qualificado *a posteriori*, indica um quantitativo de indivíduos, expressa um sujeito coletivo e demonstra uma camada das representações sociais. O caminho tomado

para cada uma dessas abordagens foi detalhadamente explicado em outras seções deste trabalho.

Não gostaríamos de suscitar aqui uma polêmica epistemológica entre os procedimentos empíricos da pesquisa quantitativa e da pesquisa qualitativa. Certamente a diferenciação e delimitação das fronteiras entre método qualitativo e quantitativo e suas respectivas técnicas são importantes contribuições da ciência e úteis para a empiria. Entretanto, chamamos a atenção para a importância do cuidado em não separar demais duas abordagens que podem se aproximar e se complementar na missão de descrever um fenômeno, por exemplo, o fenômeno substantivo e subjetivo das violências. Procuramos revelar a existência necessariamente social da vida humana e sabemos que o que apresentamos é um fragmento do sentido dos atos violentos expresso em números e em “vozes” pela discursividade.

Associamos as abordagens quantitativa e qualitativa e selecionamos técnicas específicas para cada uma. Procedemos ao tratamento estatístico dos dados coletados por intermédio das perguntas pré-fixadas do questionário, bem como ao tratamento de organização e análise do discurso das entrevistadas sem a interferência do metadiscurso da pesquisadora. Essa abordagem quanti-quali possibilitou a descrição tanto da prevalência dos diversos tipos de atos violentos como de uma identidade empírica coletiva,⁹⁸ que possui representações de valores e práticas culturalmente construídas e expressas nos discursos das mulheres entrevistadas.

Esta pesquisa insere-se na área da violência e saúde, entendendo a violência como um fenômeno multicausal e multidimensional que engloba aspectos qualitativos e quantitativos. Portanto, a opção pela abordagem que articula os métodos quantitativo e qualitativo é devida à premissa de que ambos são ímpares, ainda que dialeticamente possam oferecer informações complementares ou antagônicas. O fenômeno violência requer a compreensão dos sistemas adjacentes aos sujeitos, mas também dos significados e significantes que são marcados por representações sociais, fecundando a convergência entre indivíduo e sociedade. A abordagem qualitativa privilegia as percepções que os sujeitos-objetos dessa violência constroem acerca de determinados aspectos da realidade. Nesta investigação, a parte qualitativa procurou descrever o *social falado* que revela

nuances da intensidade do fenômeno. A parte quantitativa descreveu o comportamento e a distribuição das variáveis, sem manipulação experimental. Este é, assim, um estudo descritivo exploratório de delineamento transversal.

A abordagem da pesquisa inscreveu-se Teoria dos Sistemas Ecológicos, conforme propõe Urie Bronfenbrenner^{40,41,98-100} na construção teórica de gênero^{53,54} e no embasamento das Representações Sociais conforme proposto por Jodelet^{101,102} e, anteriormente, por Moscovici,⁴² para a análise dos discursos das mulheres acerca das vivências de violências. Esse caminho metodológico se prestou a auxiliar a compreensão de um fenômeno marcado pela subjetividade e pela construção cultural das ações humanas. A modelagem conceitual incluiu também o suporte das construções teóricas dos seguintes conceitos: hipermasculinidade, perspectiva construcionista das relações íntimo-afetivas e vulnerabilidade^{64,74,75,103}. A técnica do Discurso do Sujeito Coletivo^{43,44,97} foi utilizada, e as representações sociais presentes nos discursos foram trabalhadas do ponto de vista descritivo como um “produto dinâmico da atividade mental” das entrevistadas⁴².

A priori, assumiu-se que a violência é um problema complexo enraizado na interação de fatores biológicos, sociais, culturais, políticos⁷¹ e ambientais. Além disso, considerou-se gênero como um conceito que auxilia na explicação dos comportamentos violentos dos parceiros íntimos. As construções culturais e sociais de o que significa ser homem e ser mulher orientam as relações estabelecidas pelos indivíduos com a família, com pessoas conhecidas e desconhecidas na comunidade e com outros grupos sociais. Entretanto, nem a cultura é estática, nem a história é apenas uma reprodução do passado. A violência é um significante e as mulheres entrevistadas e as pesquisadoras constroem significados que estão sempre abertos a interpretações.

As causas associadas ao fenômeno da violência praticada contra a mulher pelo parceiro íntimo foram pensadas como um coletivo de determinantes. A pesquisa partiu da noção de que nenhum fator isolado explica por que uma pessoa age de maneira violenta. Apesar disso, acreditamos ser possível identificar algumas camadas, tanto no plano individual como no coletivo, nas quais a violência se inscreve.

Gênero, enquanto categoria de análise, transcende a questão biológica das diferenças anatômicas e fisiológicas dos sexos e constrói masculinidades e feminilidades que são essencialmente sociais. Essa categoria de pesquisa necessita ser incluída em qualquer estudo que aborde as relações interpessoais, uma vez que ela participa da estruturação dessas relações. Tomamos o cuidado de não adotar uma construção binária de gênero, mas sim analisar a unidade sexo-gênero. Na sequência, investigamos brevemente a construção teórica da hipermasculinidade e situamos a unidade sexo-gênero num espaço, pois essa unidade não acontece no vácuo, por intermédio do referencial teórico proposto pelo construto da vulnerabilidade^{64,74,75,81}.

3.1 REFERENCIAL TEÓRICO

Utilizamos um dos Sistemas de Teoria Ecológica como referencial para analisar os resultados encontrados sobre as violências cometidas por parceiros íntimos. O ambiente ecológico é concebido em sistemas, cada um deles contido em outros sistemas ligados direta ou indiretamente ao indivíduo. Essa teoria nos ajudará a ir além dos condicionantes relacionados à socialização diferenciada do feminino e do masculino. Essa diferenciação existe em função da divisão sexual do poder presente na estruturação societária que via cultura dissemina a ideia de papéis desiguais de gênero, com espaços demarcados de maneira diferenciada para homens e mulheres, estas tidas como pertencentes aos grupos fracos.

Adotamos a Teoria dos Sistemas Ecológicos^{40,41,98-100}, elaborada por Bronfenbrenner, para o estudo do desenvolvimento humano por intermédio de um modelo de quatro níveis que se interpenetram e inter-relacionam: *processual, pessoal, contextual e temporal*. Esse modelo interativo mostrou-se útil para organizar os dados coletados e resistir à tentação de analisar a violência pela vertente exclusiva da abordagem epidemiológica, de linha positivista-behaviorista, que enfoca a conduta do agressor e procura causas patológicas para seus desvios de comportamento. Entendemos a contribuição do modelo epidemiológico em muitas outras temáticas, mas, para a área relacional das violências, achamos

coerente optar pela escolha de uma abordagem que fosse mais consistente com a natureza do fenômeno investigado.

3.1.1 Aspectos Conceituais do Modelo Ecológico das Relações Interpessoais

A teoria ecológica já foi utilizada em outras investigações que abordavam temas relacionados à violência; por exemplo, para explicar os fatores de risco e os níveis de intervenção da violência interpessoal¹⁰⁵, para descrever os componentes teóricos do modelo¹⁰⁶, para investigar maus-tratos infantis, violência com jovens e violência doméstica¹⁰⁷, para analisar as violências nos relacionamentos interpessoais de adolescentes⁷⁹, para avaliar o efeito da violência comunitária na vida de pais e filhos e o impacto sobre o capital social da família⁸⁰ e para explicar as vivências de VPI por meio de uma adaptação do modelo ecológico para uma perspectiva fenomenológica¹⁰⁰.

O modelo foi utilizado tanto para categorizar as variáveis disponíveis no instrumento de coleta de dados na preparação dos modelos de análise quanto para identificar alguns fatores de risco relacionados ao fenômeno investigado. Muitas dessas variáveis já haviam sido incluídas no questionário da OMS utilizado na pesquisa devido à metodologia de preparo do instrumento, que incluía fatores de risco associados com a VPI. Nas palavras de Bronfenbrenner: “a escolha das variáveis para representar cada uma das propriedades definidas deve ser baseada na suposição explícitas sobre suas presumidas inter-relações”^{40:68}.

Aplicando a teoria dos sistemas de Bronfenbrenner, a OMS⁷¹ propõe o modelo bioecológico da violência e descreve os quatro níveis de ambiente interativo. No modelo, a violência é entendida numa interação complexa entre: a) pessoal – características sócio-demográficas da história pessoal do indivíduo (microsistema); b) processual – interações pessoais (mesossistema); c) contextual – sistema de suporte da família, questões relacionadas à comunidade e à cultura local (exossistema e macrossistema); e d) temporal – intra, inter e transgeracional (cronossistema). Dessa forma, o modelo permite pensar a violência praticada nas diversas esferas de ação e interação, pelos diversos atores e cenários.

O uso da abordagem ecológica na construção do modelo pressupõe o abandono do olhar unidirecional ou unicausal dos problemas estruturais da vida em sociedade. A perspectiva de causa e efeito limita e superficializa uma análise das razões múltiplas dos fatos sociais. Um exemplo clássico dessa tendência reducionista de associar diretamente duas variáveis, uma como causa e outra como efeito, é a explicação do fenômeno das violências como consequência direta da pobreza. A pobreza pode exacerbar as precárias e frágeis condições de enfrentamento das violências, mas a arquitetura das diversas violências exige um olhar que considere os múltiplos condicionantes dos conflitos humanos. O sistema ecológico é importante porque realça o papel ativo de indivíduos que sofrem influência dos sistemas micro, meso, exo, macro e crono, mas também determinam mudanças sobre eles.

Em um relatório sobre a violência⁷¹, a OMS propõe o modelo ecológico como estratégia de estudo desse problema e de suas raízes, a fim de favorecer a captação da ação sistêmica de diversos fatores. Passaremos a descrever brevemente os níveis de interação propostos por Bronfenbrenner. Essa teoria sofreu reformulações até chegar ao Sistema Pessoa-Processo-Contexto-Tempo (PPCT) de análise das redes de interação humana. Os fatores condicionantes da violência estão distribuídos entre os quatro níveis, que se relacionam e têm o potencial de influenciar o comportamento tanto do indivíduo quanto das estruturas sociais:

Pessoa

Neste nível, analisam-se fatores biológicos e demográficos com a preocupação de incluir características pessoais que tenham o potencial de aumentar a possibilidade de a pessoa ser vítima ou perpetradora das violências. Essas características podem favorecer ou não interações mediadas por violências, ainda que, segundo a lógica do modelo, a violência não seja explicada pela presença exclusiva de um dos elementos desse nível. Isso impede a ótica determinista e reducionista de eleger uma categoria única para decifrar um fenômeno social complexo. Nesse nível, busca-se identificar os fatores históricos das pessoas envolvidas na violência – agressores e sobreviventes –, uma vez que a historicidade da violência é essencial para a compreensão desse fenômeno. As características

identificadas vão estar operantes nas relações que se estabelecem no micro ou mesossistema.

Nesse nível, Bronfenbrenner considera as características biopsicossociais do indivíduo e cita três tipos que influenciam no nível processual: a) as características de disposições comportamentais que podem ser generativas ou inibidoras do desenvolvimento do indivíduo; b) as características dos recursos bioecológicos, incluindo as deficiências ou os dotes psicológicos, que influenciam a capacidade da pessoa de se engajar nas interações. Bronfenbrenner as denomina de competências e disfunções; c) as características de demanda, em que se incluem as características demográficas, que podem ser positivas ou negativas. Assim, as características individuais descreverão elementos de *força*, *recursos* e *demanda*. Os elementos de força seriam as características instigantes do desenvolvimento humano; recursos seriam as experiências e as habilidades geradas pela inteligência emocional e cognitiva; e os elementos de demanda seriam os elementos de estímulo pessoal.

As relações que se desenvolvem entre membros da família e com pessoas próximas, como parceiros íntimos, crianças, adolescentes, jovens e idosos, acontecem nesse microsistema. Os relacionamentos íntimos representam um microsistema e detêm uma posição de destaque no mesossistema. A família sofre influência externa, e por isso é preciso perceber a dialética entre a *família idealizada* e a *família vivida*. A depender da vulnerabilidade de cada grupo e do grau de exposição a comportamentos violentos, os indivíduos poderão estar mais ou menos expostos a se tornarem vítimas ou perpetuadores da violência. No microsistema, têm sido feitas investigações dos fatores de risco bem como dos de proteção à violência por parceiros íntimos.

O quadro 1 mostra alguns fatores pertencentes a esse nível que, em diferentes estudos, têm sido relatados como associados às violências íntimo-afetivas.

Processual

O processo representa o principal componente do modelo bioecológico. Ele introduz a dinâmica interativa entre o nível pessoal e o contextual. Na verdade, o processo expressa as representações e identidades estereotipadas nas interações

que ocorrem nos diversos sistemas do contexto. Esse tem sido o nível mais enfatizado por Bronfenbrenner nas revisões recentes de sua teoria do modelo bioecológico e constitui o construto central do paradigma ecológico. No início, o autor colocava maior ênfase no ambiente das interações, mas, ao longo do amadurecimento de sua teoria, especialmente pelos resultados empíricos de inúmeros trabalhos realizados em vários países, ele foi redirecionando o foco do modelo para a dinâmica processual. A aproximação que Bronfenbrenner faz da biologia não tem um caráter determinista, pois não nega o efeito da cultura e das influências macroestruturais. Nesse nível, o autor da teoria menciona os “processos proximais”, que são as interações entre um “organismo humano ativo” em desenvolvimento e as pessoas e símbolos do seu entorno imediato. Na era contemporânea, essas interações têm se tornado cada vez mais complexas. Elas variam de acordo com as características individuais e as características do contexto.

É nesse nível que poderá ser observado a ocorrência do ciclo da violência conforme proposto por Walker⁹¹. A pesquisadora, no final da década de setenta, realizou um estudo com mulheres “abusadas” e descreveu a ocorrência de três fases que formavam um ciclo denominado *ciclo da violência*. Walker observou que a violência ocorre dentro de um padrão intencional e sistêmico que envolve *tensão*, *episódios de agressão* e uma fase de re-significação que ela denominou de “*Lua de mel*”. Na tensão, a mulher sofre um constrangimento constante de práticas de insultos, injúrias, humilhações e ameaças. O medo predomina e a tensão crescente termina por desembocar em um episódio agudo de violência física ou sexual. De acordo com a teoria, após essa fase segue-se um período mais tranquilo marcado pelas tentativas do parceiro de conquistar a confiança da mulher de que não ocorrerá novos episódios de violência. Essa fase também é chamada de fase das promessas e do desejo de que o parceiro tenha uma mudança de comportamento (Figura 2).

A questão que levantamos é se esse ciclo ocorre de fato apenas pautado por essas etapas e se a violência pode de fato ser considerada previsível e cadenciada em seqüência conforme descrito no modelo. Além disso, a filosofia positivista, que parece ter sido base teórica para a construção dessa teoria, não prevê a ausência de regularidade nos comportamentos violentos.

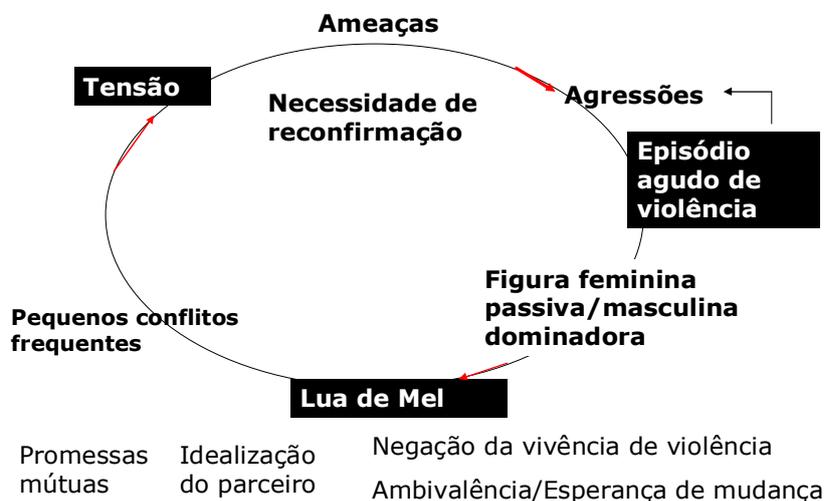


Figura 2 Ciclo da violência baseado na teoria proposta por Leonor Walker, 1979.

Contextual

O contexto é investigado em quatro níveis ambientais que funcionam como sistemas de interação: microssistema, mesossistema, exossistema e macrosistema (Figura 3). Analisam-se os cenários espaciais onde as relações sociais acontecem, tais como a escola, a vizinhança, o bairro e a localização, e demais fatores que possam estar associados à dinâmica da violência. Nesse sentido, a qualidade do vínculo comunitário e as características locais próprias de cada comunidade que potencialmente favorecem ou servem de empecilho para a vivência cotidiana da violência são investigadas. Os níveis ambientais são compostos pelas seguintes dimensões:

- a) o microssistema – relação entre a pessoa e o ambiente mais próximo em que ela se insere. Exemplos: familiares e amigos próximos;
- b) o mesossistema – inter-relações entre os microssistemas de que o indivíduo participa. Exemplos: relações entre familiares, escola e igreja;
- c) o exossistema – estruturas formais e informais que têm efeitos diretos ou indiretos sobre os mesossistemas, delimitando ou potencializando o que acontece nesse nível. Exemplos: a vizinhanças, os serviços de apoio da rede e a direção da escola que a entrevistada frequenta;

d) o macrosistema – valores culturais e subculturais que estabelecem “normas” esperadas de conduta, isto é, expectativas baseadas nas normas sociais influenciadas pelas relações de gênero, determinando condições que negam ou possibilitam as estruturas de oportunidade. Exemplos: sistemas políticos, sociais e econômicos e ocupação – a disponibilidade de vagas empregatícias nos territórios pode estar vinculada a fatores do macrosistema, e não apenas do microsistema. Na presente pesquisa, a variável ocupação está elencada no sistema micro, pois seriam necessários dados para serem analisados em conjunto na escala macro, como renda e outros.

De maneira a contribuir para melhor esclarecer o contexto, passamos a seguir a descrever maiores detalhes da operacionalização dos sistemas.

O microsistema representa o primeiro nível de transmissão da cultura que tem poder para influenciar diretamente o indivíduo:

[...] um padrão de atividades, papéis sociais e relações interpessoais experienciados pela pessoa em desenvolvimento em um dado ambiente face-a-face com características físicas, sociais e simbólicas particulares que convidam, permite ou inibem o engajamento sustentado em atividades mais complexas em interação com o meio ambiente^{40:15}.

Neste sistema, Bronfenbrenner afirma que são as interpretações do indivíduo sobre os valores e não os valores em si que vão exercer influência sobre o comportamento. Nesse sentido, o autor se aproxima da ideia das Representações Sociais postuladas por Moscovici. Bronfenbrenner reforça não apenas a interação com outras pessoas, mas também a interação com símbolos e linguagem – sistema semiótico –, que é importante para entender as formulações das intenções e ações. Ele afirma que as relações que se estabelecem nesse microsistema apresentam as seguintes características:

- a) reciprocidade – o que o parceiro faz dentro do contexto da interação com o outro exerce influência bidirecional, ou seja, um parceiro influencia o outro;
- b) equilíbrio de poder – em relações violentas, o poder tende a concentrar-se nas mãos dos agressores ao invés de circular entre agressores e agredidos;
- c) afeto – relacionamento que envolve o cuidado de um parceiro para com outro e fortalece o vínculo entre ambos.

Por essa descrição, é possível perceber a disfuncionalidade do microsistema das relações afetivas violentas, pois ele compromete tanto a reciprocidade quanto o equilíbrio de poder e a afetividade.

Como podemos perceber, o microsistema envolve os relacionamentos mais próximos do indivíduo com parceiros e família e abrange as questões físicas, sociais e simbólicas da interação. Nesse nível opera o que Goffman chama de interações face a face¹¹⁸. Ele é marcado pelas atividades baseadas em papéis e é permeado pelas características de *disposição*, *recurso* e *demanda* das pessoas envolvidas. Por essa razão, é essencial que alguns elementos das microinterações sejam incluídos nos estudos sobre violências contra mulheres.

Dois ou mais microsistemas representam o mesossistema e descrevem as interações do indivíduo que o afetam mais diretamente e pelo menos um sistema social que não o afeta diretamente. Cada microsistema representa um sistema social de influência sobre o indivíduo.

Já o exossistema envolve sistemas que exercem efeitos indiretos sobre os indivíduos:

Envolve as ligações e os processos que têm lugar entre dois ou mais ambientes, sendo que pelo menos um deles não contenha a pessoa em desenvolvimento, mas no qual aconteçam eventos que podem influenciar processos dentro do ambiente imediato que contém a pessoa^{40:15}.

Finalmente, na dimensão mais abrangente dos sistemas estão incluídas as questões estruturais que possibilitam ou dificultam o acesso do indivíduo ao desenvolvimento de todo o seu potencial humano. Em relação à violência, no macrosistema as variáveis elencadas são condicionantes da violência estrutural. Para Bronfenbrenner, o macro interpenetra todos os outros sistemas. As variáveis nesse nível podem ser de ordem cultural e oferecem subsídios para a naturalização da violência ou para o estranhamento de sua mediação nas interações humanas. A cultura permeia e fornece signos e normas que serão interpretados nos demais níveis. O macrosistema inclui o sistema de crenças, valores, mitos e todas as suas representações. Além disso, nesse nível inscrevem-se as tolerâncias culturais quanto ao direito do homem sobre o homem. Assim, no sistema estrutural codificam-se os comportamentos considerados desviantes, a tolerância com o uso nebuloso da força “legítima” por parte do Estado para vigiar e punir uns em detrimentos de outros, as atitudes baseadas em sistemas opressivos de poder, bem como uma variedade de regras que terminam por legitimar a violência.

Hall¹⁰⁴ afirma que todas as relações humanas são articuladas com a cultura, que não é uma entidade genérica ou natural, mas sim uma entidade cambiante e

versátil. Defende, ainda, que as práticas humanas são resultantes de relações de poder que posicionam os sujeitos nos espaços sociais.

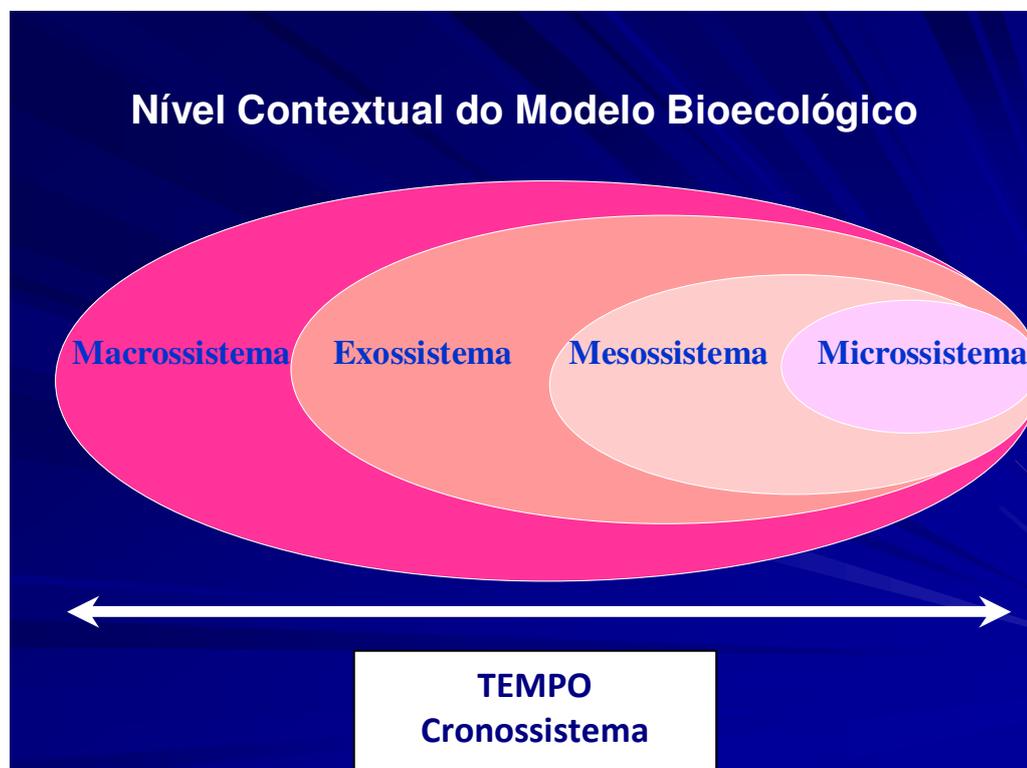


Figura 3 Nível contextual do modelo bioecológico baseado na teoria de Bronfenbrenner.

Tempo

Esse último nível é dividido em microtempo, mesotempo e macrotempo. Microtempo se refere a continuidades e discontinuidades dos processos ou dos episódios. O mesotempo descreve a periodicidade desses episódios. E o macrotempo foca nas mudanças que acontecem entre gerações e na sociedade. Os processos precisam ser estudados no tempo. Os dados precisam ser coletados no mínimo em relação a dois momentos da vida do indivíduo. No macrotempo estão presentes os acontecimentos históricos e políticos, os impactos de um processo de globalização, as crises econômicas e vários outros elementos.

Utilizando a VPI como exemplo, no microtempo teríamos um episódio de violência que se repete ou não numa determinada semana ou mês; no mesotempo, teríamos uma repetição de episódios nos últimos 12 meses do relacionamento com o parceiro; e finalmente no macrotempo teríamos o registro das violências ao longo

da vida da mulher e sua história sendo presenciada pelas gerações anteriores e futuras, seus pais ou avós, filhos ou netos, que sofrem a influência direta ou indireta da linguagem de violência que se estabelece na dinâmica de vida das pessoas dentro e fora da casa.

A Teoria dos Sistemas Ecológicos serve para explorar a dinâmica dos fenômenos sociais. A apropriação que fazemos da teoria é no sentido de rejeitar a análise de situações complexas e identidades múltiplas a partir de um olhar com tendência determinista. A violência é um fenômeno social e precisa ser observada a partir de um olhar pós-naturalização da vida social. São múltiplas as dinâmicas de violências, em vez de apenas uma violência contra um tipo genérico de mulher, praticada por um tipo genérico de parceiro íntimo.

3.1.2 Discurso do Sujeito Coletivo

Uma narrativa veicula e comunica uma “fala”, obedecendo a uma estrutura que atribui sentido às experiências humanas, à lógica e à racionalidade dos relacionamentos, transcendendo a gramaticalidade própria de toda linguagem. Nesse sentido, narrativas são práticas sociais desenvolvidas num tempo e num contexto historicamente delimitado. Elas representam uma aproximação do real e do simbólico dos discursos elaborados no coletivo e expressos linguisticamente pelos indivíduos. Práticas discursivas marcam posicionamentos e podem tanto reproduzir identidades tradicionais como construir identidades em movimento. Assim, narrativas são construções linguísticas da realidade socialmente criada cujos significados se encontram para além da linguagem. Os indivíduos exercitam suas memórias e registram suas falas narrando histórias de luta e sobrevivência e discursando pensamentos, ao mesmo tempo em que descrevem elementos do caráter coletivo do pensamento social.

Para Foucault, o discurso é a tentativa de usar a linguagem para comunicar uma ideologia, constituindo-se, por isso, numa prática social. Discursos, portanto, são visões de mundo não identificáveis isoladamente, mas sim em conexão com acontecimentos, ideias e vozes de outros sujeitos que antecederam sua enunciação. O autor afirma:

[...] Nisto não há nada de espantoso, visto que o discurso – como a psicanálise nos mostrou – não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; é, também aquilo que é o objeto do desejo; e visto que – isto a história não cessa de nos ensinar – o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar^{108:10}.

Hall¹⁰⁴, um dos representantes da Virada Linguística, postula que a linguagem é um fato social e a relação entre o significante e o significado é determinada por códigos impressos na cultura que variam historicamente em cada sociedade. Assim, a linguagem constrói a fala, que é individual. Cada indivíduo tem um repertório cultural, mas esse repertório traz um conteúdo coletivo, pois é composto por espelhos de práticas dos valores de uma determinada sociedade cujos membros estão todos envolvidos em processos históricos da vida social. Nesse sentido, a cultura “está perpassada por todas as práticas sociais e constitui a soma do interrelacionamento das mesmas”^{106:136}. Uma tese defendida por Hall é a de que existem na cultura momentos de luta marcados por resistência e negociação. Na perspectiva pós-estruturalista, há momentos em que o significante desconstrói o significado, pois o mesmo estava relacionado com identidades rígidas. Na questão de gênero, essas identidades estabelecidas a partir das relações de poder são identidades que precisam de um desmantelamento.

As falas das entrevistadas corporificam as narrativas particulares de mulheres sobreviventes da VPI e ao mesmo tempo expressam os signos e as representações sociais por elas apreendidas. São discursos individuais semelhantes em temática, ainda que cada experiência tenha sido vivenciada por indivíduos diferentes e de maneiras diversas. Tais vivências se transformam em ícones coletivos do pensamento de um grupo de pessoas que dividem uma estrutura simbólica semelhante, individualizando um sentido numa soma qualitativa e gerando um discurso coletivo. Lefèvre e Lefèvre afirmam:

[...] se na escala individual, pensar, opinar implica, natural e espontaneamente, discursar, ou seja, posicionar-se enunciando opiniões, argumentos, justificativas, o mesmo deveria acontecer na escala coletiva, o que de fato acontece no DSC, no qual um sujeito coletivo reconstruído, falando na primeira pessoa do singular, mas expressando o pensamento semelhante de diferentes sujeitos individuais, mimetiza, iconicamente, na escala coletiva, o pensamento emitido na escala individual^{43:24-5}.

O Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) é uma técnica da pesquisa social crítica que se presta a organizar os conteúdos das falas das pessoas, entrevistadas por

intermédio de um instrumento de coleta de dados formulado com sistema aberto. Ou seja, as entrevistadas tinham liberdade de responder às perguntas sem precisarem escolher respostas oferecidas pelo questionário. A técnica do DSC representa muito mais do que uma metodologia de organização de respostas. Ela se preocupa em permitir a discursividade dos processos mentais de uma coletividade – as Representações Sociais presentes no pensamento coletivo – por intermédio de discursos-sínteses de sentidos semelhantes emitidos pelas diferentes pessoas.

Nesta pesquisa, o DSC possibilitou aos sujeitos narrarem suas vivências de violência e seus movimentos históricos de resistência e submissão. Ao mesmo tempo, a técnica permitiu “escutar” uma voz que antecede esse discurso e que impregna o cotidiano do falante a ponto de se tornar parte constitutiva de sua fala. A essa voz, dá-se o nome de coletividades. As práticas discursivas e os poderes que as interpenetram também são enunciados no discurso. Essas práticas possuem enunciados produzidos por diferentes vozes e com distintos conteúdos. Elas são dinâmicas e se constituem em referências que funcionam como um repertório de representações para o sujeito trabalhar com a construção de sentido para situações cotidianas.

O DSC é composto por quatro operações:

a) expressões-chaves: descrevem os temas principais do discurso. São transcrições integrais de partes do depoimento;

b) ideias centrais: síntese descritiva dos conteúdos enunciados nas expressões-chaves;

c) ancoragens: Representações Sociais que foram explicitamente narradas nas expressões-chaves. As ancoragens podem ou não estar presentes nas expressões-chaves;

d) Discurso do Sujeito Coletivo: conjunto das expressões-chaves organizadas segundo ideias centrais de significados semelhantes. É um discurso-síntese feito na primeira pessoa do singular.

A importância do uso dessa técnica nos estudos sobre violência reside também no fato de que a violência é uma forma de comunicação, uma linguagem que descreve padrões de interação social. Por isso a escolha de que o DSC narre a fala inserida nessa linguagem. Os DSCs sobre as violências sofridas possuem qualidades que diferenciam as diversas experiências vividas pelas mulheres. Essas

qualidades de ideias centrais demonstram o mosaico que compõe as experiências com VPI e anunciam e denunciam a intensidade das dores e traumas sofridos pelos indivíduos e pelo “eu coletivo” ou o coletivo inconsciente, que fala por intermédio do indivíduo. Assim, as narrativas do DSC estão na primeira pessoa do singular e representam discursos da realidade. O DSC permite obter o pensamento coletivo indutivamente, preservando sua natureza discursiva. A coletividade se torna sujeito do discurso de forma icônica, ou seja, o DSC expressa a opinião que a coletividade discursa por intermédio dos indivíduos.

O DSC permite visualizar um duplo movimento. De um lado, há o sujeito que se encontra submetido pelas representações sociais que discursa e não percebe que essas não são suas próprias construções, mas sim construções elaboradas *a priori* pelos discursos de poder dominantes na cultura. De outro, há o sujeito que se torna mais consciente das possibilidades de refletir sobre seu discurso, bem como de construir, até mesmo durante as narrativas, suas histórias de resistência e de transformação das relações de forças a que está submetido. A técnica, nessa perspectiva, devolve a voz para os indivíduos e expressa as dominações presentes na coletividade.

3.1.3 Representações Sociais

Também conhecidas como uma sociologia do senso comum, as Representações Sociais são ideologias que produzem uma ordem socialmente elaborada, pretendendo uma aparência de universal e natural. É vista como uma forma de conhecimento que não é uma elaboração individual, mas coletivamente construída a partir de crenças, valores, padrões, instituições, costumes e atitudes que permitem ao indivíduo compreender e explicar a realidade e seus comportamentos e justificar, para si próprio e para o outro, suas posições e ações. As representações sociais funcionam, assim, mais ou menos como um “cimento social” dos papéis atribuídos aos indivíduos. Nesse sentido, elas se sustentam no desconhecimento dos sujeitos de que estão sendo objetos de veiculação de uma ordem social construída anteriormente ao pensamento deles e, portanto, à sua

discursividade. Com isso, as representações são possíveis de serem “transmitidas” pela linguagem.

A representação social é capaz de gerar imagens e conceitos que se apresentam como se fossem realidade e produto do próprio pensamento do indivíduo, e não produções ideológicas dominantes presentes na cultura. Elas ajudam os sujeitos a conhecer o mundo. Na questão relacionada às violências baseadas nas relações de poder, as representações sociais são veículos de manutenção da ideologia da dominação masculina e da “natureza” da ordem social. As conflictualidades e resoluções violentas dos conflitos, enquanto objetos de representação, são elaboradas por diferentes atores. Nesse sentido, as representações sociais em um momento expressam concepções de mundo que procuram explicar e dar sentido e, num outro momento, participam da constituição do fenômeno representado, uma vez que são dependentes da inserção social dos indivíduos que as produzem.

As representações sociais e suas estruturas se desdobram em dimensões figurativas e simbólicas. Elas contêm dois processos intrinsecamente associados: objetificação e ancoragem. Por objetificação, entende-se o processo que transforma algo abstrato em algo concreto, e por ancoragem, o processo que “permite compreender a forma como os elementos contribuem para exprimir e constituir as relações sociais”⁹⁶, transformando um objeto estranho em algo familiar. Para Jodelet, as representações sociais se conceituam como:

[...] uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social. Igualmente designada como saber de senso comum, ou ainda, saber ingênuo, natural, esta forma de conhecimento é diferenciada, entre outras, do conhecimento científico. Entretanto, é tida como um objeto de estudo tão legítimo quanto este devido a sua importância na vida social e à elucidação possibilitadora dos processos cognitivos e das interações sociais^{101:22}.

As representações sociais não estão enquadradas em nenhuma categoria polarizada em certo ou errado, falso ou verdadeiro, perigoso ou seguro. Na realidade, são arquétipos da relação indivíduo-sociedade que precisam ser compreendidos pelo pesquisador com a intenção de interpretá-los. Porto afirma que as representações sociais:

[...] ao mesmo tempo em que expressam visões de mundo que objetivam explicar e dar sentido ao fenômeno da violência, participam, por essa condição mesma de representação social, da constituição do fenômeno. Coerente com o segundo, admitia-se que as representações sociais, embora resultem da experiência individual, são condicionadas pela (e nesse sentido, dependentes da) inserção social de indivíduos e grupos de indivíduos que as produzem^{109:132}.

Moscovici⁴² teve como objeto de trabalho investigar como o conhecimento é produzido e procurou o impacto dessa construção de conhecimento nas práticas sociais e no processo de pensamento envolvido na tentativa de “decodificar os signos” do ambiente social. As representações são relacionadas com o contexto sociocultural em que os indivíduos estão inseridos, suas vivências, trajetórias de vida e o senso comum que os permeiam. As culturas constroem maneiras de organizar e compreender o mundo, e as representações funcionam como veículos de transporte dessas formas culturais. A história humana é marcada pela tradição, isto é, um mecanismo de transmissão de conhecimento, seja ele da ciência ou do senso comum. As representações sociais mantêm a propagação dessas tradições.

Para Castoriadis¹¹⁰, a vida social e seu complexo tecido de relações e múltiplas formas culturais seriam um produto de uma instituição imaginária. A sociedade que se apresenta como realidade dada e fato acabado é reproduzida pela linguagem, e o imaginário e os signos veiculados na linguagem constroem os indivíduos sociais. O autor afirma que

[...] é impossível desconhecer que o indivíduo social não se desenvolve como uma planta, mas é criado-fabricado pela sociedade, e isso sempre mediante uma ruptura violenta daquilo que é o estado primário da psique e suas exigências. E uma instituição social, sob uma forma ou sob outra, sempre será responsável por isso. A forma e a orientação desta instituição pode e deve mudar; o que ela cria-fabrica – o indivíduo social em seu modo de ser, suas referências, seus comportamentos [...] Temos o direito de imaginar o que quer seja quanto às transformações das instituições da sociedade; mas não esta ficção incoerente, segundo a qual a entrada da psique na sociedade poderá alguma vez ocorrer gratuitamente. O indivíduo não é um fruto da natureza, mesmo tropical, ele é criação e instituição social^{110:354-355}.

Isso implica o fato de que as palavras que esse indivíduo fala nem sempre significam o que ele construiu reflexivamente, mas sim o que ele reproduz do *script* cultural, de maneira consciente e inconsciente.

Neste estudo, as representações sociais foram usadas como chave interpretativa para a leitura dos *scripts* culturais presentes nos discursos das mulheres sobreviventes de violências. As representações são construídas na

interseção entre os significados socialmente construídos pela coletividade e os significados pessoais atribuídos pelo sujeito.

3.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.2.1 Tipo de Investigação

Na realização desta pesquisa utilizou-se o método quantitativo e qualitativo e optou-se por um delineamento transversal descritivo e exploratório. Ela se insere na interface entre violência e saúde, entendendo a violência como fenômeno multifacetado e multidimensional que envolve a relação entre ser humano e sociedade e a saúde como fenômeno que engloba aspectos qualitativos e quantitativos dessa relação. Portanto, a opção pela abordagem que articula esses dois métodos é devida à premissa de que ambos são ímpares, ainda que dialeticamente possam oferecer informações complementares. O fenômeno violência requer a compreensão das características exteriores aos sujeitos, mas também dos significados e representações sociais que fecundam o encontro do indivíduo com a sociedade. A abordagem qualitativa privilegia as percepções que os sujeitos-objetos da violência constroem acerca de determinados aspectos da realidade. Para a abordagem qualitativa, uma vez que nos propomos a compreender o significado que os diferentes sujeitos/vítimas da violência constroem em relação a ela, nosso referencial teórico será a categoria representação social, que nos permitirá discernir as possíveis formas de relação entre os sujeitos e a sociedade. Para isso, faz-se necessário entender em que as mulheres entrevistadas ancoram suas representações e quais elementos da vida social são objetivados.

3.2.2 O Campo da Investigação: Varjão, Espaço de Luta e Sobrevivência

Utilizamos para esta pesquisa o modelo ecológico, que, conforme exposto anteriormente, não procura a causa das ações na dimensão espacial apenas, isto é, não responsabiliza o espaço como determinante exclusivo da ação que nele se

realiza. Isso não elimina a possibilidade de que o valor do espaço dependa das ações e dos atos que ele é susceptível de acolher. Sabemos que cada local, espaço de interações e relações, tem uma história relativa que foi organizada no tempo e no contexto geográfico, demográfico e político. O espaço, que abarca uma delimitação física e simbólica, possui ou é possuído por uma sociedade, a qual pensa com os instrumentos que lhe são próprios e que foram mediados pela cultura.

O Varjão é uma das 27 regiões administrativas do Distrito Federal. A área metropolitana de Brasília é composta por um mosaico de áreas urbanas do DF e de municípios goianos adjacentes. O Varjão, como 23ª região administrativa e localizada a apenas 15 minutos do plano piloto de Brasília, desde seu nascedouro foi marcado pela segregação socioespacial, pela pobreza e pela desigualdade. Na realidade, o Varjão com apenas 1,5 quilômetros de extensão não passa de um bairro pobre da metrópole Brasília.

No início da década de 1960, chegaram as primeiras famílias, que seriam pioneiras no povoamento da Vila Varjão. De acordo com a informação dos moradores mais antigos, essas famílias construíram suas moradias provisórias e irregulares utilizando madeira e sapé da região e desempenhavam atividades agrícolas próximo ao Lago Paranoá como meio de sobrevivência. Outra versão relata que, no final da década de 1960, um “proprietário” de terra que detinha a área da atual cidade do Varjão resolveu dividi-la entre seus empregados. Estes, nos anos subsequentes, passaram a subdividir a área com parentes e amigos de forma irregular e desordenada, o que provocou um influxo de novos moradores na região, vindos especialmente do Nordeste.

Em 1984, a Secretaria de Serviços Sociais, em articulação com o Grupo Executivo para Assentamento de Favelas e Invasões (Gepafi), realizou um estudo para avaliar as condições e possibilidades de fixação da população, que se encontrava precariamente estabelecida. Assim, no início dos anos 1990, a população do Varjão já abrangia uma média de 3.600 habitantes em 400 moradias⁵.

Em janeiro de 1991, o Decreto 13.132 fixou a população no local e determinou a elaboração de um projeto urbanístico. Além disso, passou-se a controlar o número das famílias cadastradas segundo as recomendações do

⁵ Programa Habitar Brasil/BID. Projeto integrado da Vila Varjão: relatório de avaliação de impacto ambiental e diagnóstico integrado. Brasília: Seduh; 2001.

Impacto Ambiental do Setor Habitacional Taquari. Posteriormente, foi elaborado um Relatório de Impacto de Vizinhança e constatou-se a presença de 470 famílias em ocupações.

Finalmente, em 2001 foi elaborada uma proposta de ocupação para uma população estimada de 2.373 famílias, que sofreu redução para 1.825 famílias devido ao risco de comprometimento da sustentabilidade da área de preservação ambiental. Em maio de 2003, a Vila Varjão, com uma área de 1,5 km², foi desmembrada do Lago Norte e passou a ser a 23^a região administrativa do Distrito Federal, chamada Varjão.

De acordo com a Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios (PDAD) realizada em 2004, a estimativa da população residente no Varjão é de 5.945 pessoas, sendo 2.838 do sexo masculino e 3.007 do sexo feminino. O número de homens chefes de domicílio é de 1.367 (78,4%), e de mulheres, 377 (21,3%), com quase metade da população (47,3%) tendo escolaridade equivalente ao ensino fundamental incompleto e 0,6%, nível superior completo. Além disso, 36,6% dos habitantes são provenientes do Nordeste, com 83% da população residindo no Varjão há mais de cinco anos. A renda bruta mensal por família é de 2,8 salários mínimos, com 1% da população declarando receber mais de 20 salários mínimos. A região administrativa do Lago Norte, separada do Varjão por uma avenida, apresentou, para o mesmo período, uma renda bruta mensal familiar de 34,3 salários mínimos, sendo que metade da população recebe mais de 20 salários mínimos^{111,112}.

Em relação às condições de precariedade do Varjão, três questões devem ser mencionadas: a situação fundiária irregular, com a ameaça constante de retirada, conferindo um caráter de provisoriedade nos tipos de moradias; a infraestrutura urbana precária; e a reduzida atividade econômica da região¹¹³.

Embora se trate de uma população econômica e socialmente segregada, o Varjão não foi escolhido como lócus da pesquisa por uma influência positivista que procura comprovar a presença da violência em bolsões de pobreza. Como se afirmou, a violência não pode ser explicada por relações diretas do tipo causa-efeito, como a que a vincula à pobreza. O Varjão representa uma área em condições urbanas precárias, marcada pela intensificação da crise econômica brasileira e pelo movimento migratório. Contudo, ao mesmo tempo, constitui um território rico para o

desenvolvimento de pesquisas que visem estabelecer um diagnóstico para subsidiar intervenções específicas e a formulação de políticas públicas locais.

A população do Varjão retrata o problema típico de uma população migrante de baixa renda que se instala precariamente no ambiente urbano em busca de melhores condições de vida e acesso à educação, à saúde e a oportunidades de trabalho. Em função das “invasões”, a população do Varjão tornou-se excluída das áreas legalmente autorizadas para moradia, que eram dotadas de infraestrutura, equipamentos urbanos e estruturas de oportunidades. Nos estudos demográficos, a configuração socioespacial das cidades é vista como um mecanismo gerador de desigualdades sociais que resultam dos processos de desenvolvimento econômico extremamente concentrador de renda e intensificador da pobreza. Nesse sentido, o Varjão é um espaço marcado por padrões de exclusão urbana com indicadores de emprego, educação, moradia e renda marcados pela provisoriedade e precariedade.

3.2.3 Definições Operacionais

As definições operacionais esclarecem o significado dos termos utilizados no decorrer do estudo e delimitam as variáveis investigadas. Essas definições são essenciais para permitir a mensuração do fenômeno e a posterior comparabilidade com estudos que utilizam as mesmas definições. Os termos utilizados neste estudo foram conceituados pela OMS para serem utilizadas nos estudos de violência contra a mulher. As definições operacionais utilizados nesta pesquisa foram:

Violência contra a mulher

A expressão “violência contra a mulher”⁶

[...] refere-se a qualquer ato ou conduta baseada no gênero, que cause morte, dano ou sofrimento físico, sexual ou psicológico à mulher, tanto na esfera pública quanto na esfera privada. Entende-se que a violência contra a mulher abrange a violência física, sexual e psicológica:

§ 1. ocorrida no âmbito da família ou unidade doméstica ou em qualquer outra relação interpessoal, quer o agressor compartilhe, tenha compartilhado ou não a sua residência, incluindo-se, entre outras formas, o estupro, maus-tratos e abuso sexual;

§ 2. ocorrida na comunidade e cometida por qualquer pessoa, incluindo, entre outras formas, estupro, abuso sexual, tortura, tráfico de mulheres,

prostituição forçada, seqüestro e assédio sexual no local de trabalho, bem como em instituições educacionais, serviços de saúde ou qualquer outro lugar.

Violência por parceiro íntimo

Violência por parceiro íntimo é uma forma de violência baseada em gênero num contexto de relação produzida socialmente. Para fins deste estudo, utilizaremos as categorias “violências contra mulheres” e “violência por parceiro íntimo” com um sentido equivalente, uma vez que ambas estruturam um lugar de dominação e exploração para a mulher e são plurais em suas manifestações. As violências contra mulheres são mais amplas, pois se estendem para além das fronteiras das relações íntimas e alcançam, por exemplo, trabalho, exploração sexual comercial e divisão sexual do trabalho.

Parceiro íntimo

O termo “parceiro íntimo” refere-se a esposo, namorado, noivo ou qualquer outro homem com quem a mulher desenvolva relação íntimo-afetiva.

Comportamentos de controle

Os comportamentos de controle descrevem a intenção do parceiro de monitorar a mulher e reduzir sua liberdade de interação. Os comportamentos que foram incluídos no instrumento da OMS são:

- “Parceiro procura restringir o contato com amigos”, querendo limitar ou impedir que a mulher veja os amigos dela;
- “Parceiro procura restringir o contato com a família”, querendo limitar ou impedir que a mulher veja seus próprios familiares;
- “Parceiro insiste em saber onde a mulher está o tempo todo”, querendo controlar a mobilidade da mulher;
- “Parceiro a ignora e trata com indiferença”;
- “Parceiro fica zangado se a mulher conversa com outro homem”, seja ele conhecido ou desconhecido;
- “Parceiro está frequentemente suspeitando que a mulher está sendo infiel”, o que significa que ele frequentemente desconfia ou a acusa de ter outro parceiro sexual;

- “Parceiro espera que a mulher peça permissão a ele antes de procurar um serviço de saúde para ela”, seja qualquer tipo de profissional de saúde – por exemplo, um médico ou enfermeiro(a) –, seja alguém que utilize práticas alternativas (curandeiro, massagista, etc).

Violência psicológica

É a violência exercida pelo poder das palavras que negam, oprimem ou destroem psicologicamente o outro. Violência psicológica é qualquer ato ou omissão que prejudica a autoestima, a identidade ou o desenvolvimento do indivíduo. Inclui, mas não está limitada, aos seguintes atos: a mulher ter sido insultada, a mulher ter sido humilhada ou degradada na frente de outras pessoas, a mulher ter sido intimidada ou assustada de propósito (por exemplo, quando o parceiro grita ou quebra coisas) e a mulher tiver sido tratada com hostilidade (direta ou indiretamente, com ameaça de ferir alguém importante para a entrevistada). A OMS reconhece que não existe uma definição única de abuso psicológico. E há outras formas desse tipo de violência que não foram incluídas no estudo multipaíses.

- “Parceiro insultou ou fez com que mulher se sentisse mal a respeito de si mesma”;
- “Parceiro depreciou ou humilhou a mulher diante de outras pessoas” – por “depreciar”, queremos dizer que ele falou ou realizou algo deliberadamente que fez a entrevistada parecer sem importância ou desprovida de valor. Por “humilhar”, queremos dizer que o parceiro falou ou fez algo intencionalmente para diminuir a dignidade da entrevistada ou embaraçá-la;
- “Parceiro fez coisas para assustar a mulher ou para intimidá-la de propósito” – por “intimidar”, queremos dizer amedrontar. Isso poderia ser, por exemplo, a forma como o parceiro olhou para a mulher, ou se ele gritou ou quebrou objetos;
- “Parceiro ameaçou machucar a mulher ou machucar alguém de que ela goste” - isso poderia ser, por exemplo, ameaçar machucar os filhos ou pais da entrevistada.

Violência física

É o uso intencional da força física com o potencial de causar morte, lesão ou prejuízo. A violência física inclui, mas não está limitada a: arranhar, dar tapa ou jogar objetos com a intenção de ferir a mulher, empurrar ou chacoalhar, golpear com soco ou com objetos, chutar, arrastar ou surrar, morder, puxar o cabelo, estrangular, queimar e ameaçar usar ou usar arma de fogo, faca ou outro tipo de arma contra a mulher.

Nesta pesquisa, não houve a pretensão de documentar todos os comportamentos de abuso físico sofridos pela mulher, e sim fazer perguntas sobre atos que ocorrem comumente, para poder identificar as vítimas e para estimar a severidade da violência física que as entrevistadas reportam ter sofrido.

- “Parceiro deu um tapa ou jogou algo que poderia machucar a mulher” – inclui tapas e bofetadas, mas exclui formas ainda mais graves de agressão física;
- “Parceiro empurrou ou deu um tranco/chacoalhão na mulher” – uso de força física para empurrá-la ou dar-lhe um tranco, como, por exemplo, jogando-a contra a parede ou no chão;
- “Parceiro machucou a mulher com soco ou com algum objeto” – refere-se a atos de violência física mais graves do que bater com a mão espalmada, tais como socos, capazes de causar ferimentos externos e internos;
- “Parceiro deu um chute, arrastou ou surrou a mulher” – refere-se a violência física séria, incluindo pontapés, ser arrastada (por exemplo, pelo cabelo, pernas ou braços) ou ser espancada, o que pode causar ferimentos externos ou internos;
- “Parceiro tentou estrangular ou queimar a mulher” – refere-se a esganar ou estrangular (com as mãos, cordas ou outros materiais), ou a queimar a entrevistada deliberadamente (inclusive com cigarros, no fogão ou ateando fogo à mulher).
- “Parceiro ameaçou usar ou usou arma de fogo, faca ou qualquer outra arma contra a mulher” – refere-se a ameaças ou ao uso real de arma de fogo ou de qualquer outro tipo – por exemplo, facas, foices, forcados e martelos – para ferir ou atirar na entrevistada.

Violência sexual

Contato sexual abusivo é qualquer ato em que uma pessoa em situação de poder usa a força, a coerção ou a intimidação psicológica para o ato sexual, tais como: a mulher ser forçada fisicamente a ter relação sexual; a mulher ter relação sexual porque teme o parceiro; a mulher ser forçada a fazer qualquer coisa de natureza sexual que ela considere degradante ou humilhante. Neste estudo, não houve a pretensão de documentar todos os comportamentos de abuso sexual, mas de registrar a incidência de três formas extremas de comportamento:

- “Parceiro forçou a mulher fisicamente a manter relações sexuais quando ela não queria”— significa que ele usou força física (tal como segurá-la firmemente) para manter relações sexuais com ela;
- “Mulher teve relação sexual porque estava com medo de o que o parceiro pudesse fazer com ela” — coisas das quais ela pode ter tido medo incluem a possibilidade de o parceiro espancá-la, abandoná-la, visitar uma prostituta ou arranjar outra namorada;
- “Parceiro forçou a mulher a uma prática humilhante e degradante” – a força usada pode ter sido física ou psicológica (por exemplo, ameaças ou o temor do abandono pelo parceiro). A questão principal é o parceiro ter forçado a mulher a realizar certo ato sexual que parece desagradável ou degradante a ela.

Violência física ou sexual

Ocorrência de violência física, violência sexual ou ambas. É importante lembrar que os estudos conduzidos pela OMS considera os fatores de risco semelhantes tanto para a violência física quanto para a sexual. Essa variável “violência física ou sexual” foi resultado de uma soma de duas variáveis desfecho “violência física” e “violência sexual” baseadas nas definições operacionais acima mencionadas para ambas.

3.2.4 Critérios de Inclusão

Foi incluída na pesquisa qualquer mulher entre 15 e 49 anos, faixa etária classificada como idade reprodutiva, que fosse moradora do Varjão há pelo menos

quatro semanas. Houve um caso especial em que a mulher foi considerada como moradora: as visitantes eram elegíveis se estivessem dormindo, pelas quatro semanas anteriores, na casa selecionada para a pesquisa. Todas as mulheres dos domicílios selecionados tiveram chances iguais de participarem, pois foi realizado um sorteio do nome da mulher a ser entrevistada caso houvesse, no domicílio, mais de uma mulher que correspondesse aos critérios de inclusão. Caso a mulher sorteada não estivesse presente na visita inicial de sorteio da moradora a ser entrevistada, uma visita posterior era agendada para a realização da entrevista naquele domicílio ou em um local escolhido à conveniência da entrevistada. Trinta e cinco visitas precisaram ser reagendadas, pois a pessoa sorteada se encontrava no trabalho. Nessas situações, as visitas foram remarçadas para os dias de sábado ou domingo. Essa é uma estratégia metodológica sugerida pela OMS⁵⁰ no estudo multipaíses, para garantir a aleatoriedade e a representação de todas as mulheres de cada domicílio sorteado para compor a amostra da pesquisa, uma vez que todas tiveram iguais chances de ser escolhida.

3.2.5 Aspectos Éticos

Atendendo aos pressupostos éticos e de acordo com a Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde¹¹⁴, toda a informação coletada através de questionários e entrevistas teve a garantia de confidencialidade de modo a não permitir a identificação e garantir a segurança das pessoas envolvidas na pesquisa. O estudo foi submetido à Comissão de Pesquisa e Ética da Faculdade de Saúde da Universidade de Brasília para parecer e aprovação, e apenas depois da aprovação as entrevistas foram iniciadas (ANEXO B).

Durante o contato inicial com as pessoas selecionadas para serem entrevistadas, era garantido o direito ao anonimato e o compromisso de evitar colocar as mulheres em situação de risco. As mulheres recebiam esclarecimento sobre a pesquisa e a pesquisadora explicava que a temática a ser abordada envolvia questões relacionadas à saúde da mulher. O termo de consentimento livre e esclarecido era lido e, caso a entrevistada concordasse com a entrevista, era solicitado que ela assinasse o documento, uma cópia do qual era entregue a ela.

Três mulheres se recusaram a participar da pesquisa, e a casa vizinha foi escolhida para repor esses casos. Mesmo quando houve recusa em participar, foram fornecidas informações sobre serviços disponíveis para atendimento das mulheres vítimas de violência. (APÊNDICE A)

Como a população elegível tinha de 15 a 49 anos, nos casos de entrevistadas menores de 18 anos serem sorteadas, foi solicitado o consentimento por escrito do representante legal junto com a assinatura da entrevistada. Foi dada preferência à assinatura da representante legal do sexo feminino, uma vez que existia a possibilidade de um pai ou padrasto ser um agressor. Antes de solicitar a assinatura, perguntava-se à entrevistada se a solicitação do consentimento poderia colocá-la em algum risco. Em duas ocasiões, a adolescente confirmou que temia o guardião, e a entrevista foi agendada com a mãe para uma nova data, alegando-se que nessa data a entrevistadora teria mais tempo para conversar com a adolescente. A preocupação era de não provocar uma situação de tensão ou risco para a entrevistada. Não houve ocasião em que a guardiã não estivesse presente na moradia. Todos os cuidados adotados na entrevista visaram prevenir qualquer malefício à entrevistada. Quando as entrevistadas garantiam que não corriam risco ao responder às questões da pesquisa, a entrevistadora perguntava se seria possível realizar a entrevista em um local mais reservado, onde pudesse ser mantida a confidencialidade das respostas da mulher.

Ao início da entrevista, era combinada uma palavra-código entre entrevistadora e entrevistada (a palavra “fogo”), que seria usada caso a entrevistada sentisse que sua segurança ou a confidencialidade da informação estavam em risco pela chegada de familiares, amigos, conhecidos ou qualquer outra pessoa. Naquele momento, a entrevistadora utilizava questões preparadas com antecedência acerca de assuntos neutros, como imunização das crianças e outras questões de saúde. O uso da palavra “fogo” não despertava desconfiança, pois ela aparecia no meio de frases: “É fogo na roupa, né?”, ao que a pesquisadora respondia: “É, com fogo não se brinca. Deixa eu mostrar agora para você como é fácil fazer o exame das mamas mesmo sem espelho...”. Na hora da saída, combinávamos um retorno em dia mais seguro.

Outra técnica que funcionou mais adequadamente para as ocasiões de interrupção por chegada do parceiro ou por vizinhos era a demonstração do

autoexame de mama. A entrevistadora solicitava privacidade para demonstrar a técnica do autoexame e aproveitava o tempo para marcar a continuação da entrevista para um momento mais oportuno caso o parceiro permanecesse na casa. Em caso de permanência de outras pessoas no local, a entrevista era encerrada e um retorno agendado para a conclusão do questionário. Em cinco ocasiões, foi necessário utilizar esse recurso. Algumas vezes foi possível retornar no mesmo dia, quando a entrevistada estava a sós, e em outras, a entrevista foi encerrada no quintal ou em outro local do Varjão.

Em nenhum momento uma pesquisa acerca de violência pode colocar em risco a segurança de mulheres e expô-las a novas vitimizações. Em todo o tempo, a entrevistadora aplicou esse princípio ético. Em estudos envolvendo seres humanos e situações que podem ameaçar a segurança das pessoas envolvidas, a ética se transforma em técnica e vice-versa.

No decorrer das entrevistas foi essencial a vivência prévia com a temática da violência e a habilidade de conduzir entrevistas em temas de alta sensibilidade. Houve momentos em que a experiência prévia ajudou a entrevistadora a reconhecer a necessidade de fazer pausas e intervalos para permitir à entrevistada uma oportunidade de confidenciar segredos que estavam guardados por longos anos, confissões de abusos e violências que, num grande número de vezes, ainda não haviam sido compartilhadas com ninguém. A decisão de fornecer informações nunca antes expostas requer o estabelecimento de um ambiente de confiança e conforto. Requer também reconhecer a necessidade de pausas para o envolvimento e a confiança. Os momentos de choro e angústia por lembrar as violações sofridas precisavam de flexibilidade de tempo e sensibilidade por parte da entrevistadora. Em muitas ocasiões, foi necessário interromper a entrevista e deixar o silêncio ou algumas poucas palavras ajudarem a mulher a lidar com aqueles momentos. Subestimar a extensão da dor e dos traumas humanos é correr o risco de violentar essas pessoas novamente. Em muitas ocasiões, foi após esses momentos que as entrevistadas revelaram seus maiores segredos e temores.

Quanto ao planejamento diário do trabalho de campo, em várias ocasiões estava previsto um determinado número de entrevistas, mas surgiam situações mais complexas no decorrer de algumas entrevistas que demandavam maior tempo para a visita e para as intervenções solicitadas. Nesses casos, mesmo que o plano

tivesse sido de quatro entrevistas, o dia era encerrado com a realização de duas ou três. Em algumas ocasiões, as entrevistadas solicitaram ajuda e informações para realizarem denúncias contra os seus parceiros, relatando temer pelas suas próprias vidas. Precisamos relatar aqui o apoio recebido de uma das policiais responsáveis pelo Serviço de Atendimento à Mulher da 9ª Delegacia de Polícia, que, sempre que solicitada, não media esforços para prestar seus serviços a essas mulheres. Ao término das entrevistas, 300 no total, todas as mulheres entrevistadas recebiam um exemplar do “Guia de empoderamento comunitário do Varjão”, uma publicação de 100 páginas contendo informações sobre todos os serviços e recursos disponíveis no Varjão, inclusive sobre os serviços de atendimento e assistência à mulher vítima de violência (ANEXO C).

O serviço de saúde local foi informado previamente do estudo, assim como a administração do Varjão e a polícia local. Encaminhamentos para problemas de saúde relatados pelas mulheres foram feitos, mas nem sempre os prazos para os agendamentos das consultas eram satisfatórios. O centro de saúde do Varjão mimetiza com fidelidade a precária condição do Sistema Único de Saúde disponível para a população brasileira.

A OMS, no seu manual intitulado “Colocando as mulheres em primeiro lugar: recomendações éticas e de segurança para pesquisa sobre violência doméstica contra a mulher”¹¹⁵, recomenda os seguintes pontos:

- A segurança da entrevistada e do time de pesquisa é essencial e deve guiar todas as decisões do projeto;
- Estudos acerca da prevalência precisam ser metodologicamente confiáveis e construídos em cima de dados recentes de pesquisa sobre como minimizar os dados subestimados de violência;
- Proteger a confidencialidade é essencial para garantir a segurança da mulher e a qualidade dos dados;
- O estudo precisa incluir ações planejadas para reduzir possíveis desconfortos causados aos entrevistados pela pesquisa;
- Quando necessário, os encaminhamentos devem ser feitos para mulheres que necessitem de assistência dos serviços de suporte às vítimas de violência;

- O pesquisador tem uma obrigação ética de que seus achados sejam propriamente interpretados e usados posteriormente para auxiliar o avanço das políticas e o desenvolvimento de intervenções.

Todos esses cuidados foram tomados. Além disso, a entrevistadora possuía treinamento e experiência para agir em situação de risco iminente de violência fatal, mas em nenhum momento houve necessidade dessa intervenção.

Finalmente, encerramos esta seção afirmando uma vez mais que a técnica precisa ser eminentemente ética. Ela não pode ser construída sem um compromisso integral com os pressupostos de respeito pela vida humana, com seus limites e com as histórias prévias de vitimização e violação da dignidade das participantes. Interromper a entrevista, oportunizar pausas para expressar ou estabilizar emoções e pensamentos da entrevistada, ou mesmo encerrar a entrevista para retornar em momento mais seguro e oportuno são decisões em que ética e técnica se interpenetraram a ponto de não ser possível separá-las. A qualidade da relação na unidade técnica-ética transcende a capacidade de monitoramento dos instrumentos e dos manuais de operacionalização de diretrizes éticas. Expressar essa simbiose nos elementos textuais dos relatórios da pesquisa é um desafio. Acima de tudo, o fator estruturante deve ser o compromisso do pesquisador com o objeto último da pesquisa: a condição humana.

MÓDULO QUANTITATIVO

3.2.6 Instrumento de Coleta de Dados e Técnica de Entrevista

O questionário utilizado neste estudo foi desenvolvido originalmente pela OMS a partir das necessidades específicas do campo da violência de gênero. O instrumento foi amplamente testado e tem validade para uso em diferentes cenários culturais pressupondo mínimas adaptações. (APÊNDICE B e C)

A composição do questionário baseou-se inicialmente numa revisão de literatura e de instrumentos para medir a violência. Esse trabalho inicial foi revisado por especialistas em pesquisa sobre violência contra a mulher, saúde reprodutiva, saúde mental e uso de substâncias químicas que geram dependência. As perguntas

do questionário foram desenvolvidas e validadas por intermédio de método qualitativo com entrevistas em profundidade e grupos focais.

As perguntas do questionário foram validadas pela OMS, sendo utilizadas num estudo⁵⁰ sobre saúde da mulher e violência doméstica contra a mulher, realizado inicialmente em 10 países, dentre os quais o Brasil. Os demais países que participaram foram Bangladesh, Etiópia, Japão, Namíbia, Peru, Samoa, Sérvia e Montenegro, sendo que, na época do estudo, Montenegro ainda não havia declarado sua independência da Sérvia, Tailândia e Tanzânia.

Adicionalmente, novos estudos foram realizados utilizando o instrumento na Nova Zelândia, China, Chile e Indonésia. Ao todo, foram realizadas entrevistas com mais de 24 mil mulheres em 15 locais dos 10 países. No Brasil, foram entrevistadas 1.172 mulheres na cidade de São Paulo e 1.473 no estado do Pernambuco, na região da Zona da Mata, em 2000 e 2001. As mulheres entrevistadas possuíam entre 15 e 49 anos e representavam todos os níveis socioeconômicos.

O instrumento original é formado por 189 questões que abordam as seguintes temáticas: a entrevistada e sua comunidade (32 questões), questões gerais de saúde (18 questões), saúde reprodutiva (20 questões), filhos (24 questões), parceiro atual ou mais recente (16 questões), atitude com relação aos papéis de gênero (oito questões), a entrevistada e seu companheiro (16 questões), lesões (oito questões), impacto e enfrentamento (18 questões), outras experiências (13 questões), autonomia financeira seis questões) e informações complementares (quatro questões).

O documento original foi escrito em inglês, traduzido por tradutores profissionais e revisado por pesquisadores locais em cada país, que compararam a versão original com a tradução e realizaram uma “tradução reversa” oral entre tradutores oficiais e profissionais da área de violência, a fim de detectar alterações no sentido das questões e assegurar o entendimento cognitivo dos itens do questionário. Num segundo momento, essas questões foram novamente discutidas durante o curso de treinamento dos entrevistadores, e outras revisões foram realizadas e pré-testadas num estudo-piloto para garantir a adaptação transcultural do instrumento. Em cada país, foram ainda realizadas entrevistas com informantes-chaves de instituições que trabalham na prevenção e assistência à violência, entrevistas em profundidade com vítimas de violência selecionadas por meio da

técnica “bola de neve” e grupos focais para calibração e validação do instrumento, conservando o máximo possível da unidade do teor das questões para possibilitar a análise comparativa entre países, mas respeitando realidades e aspectos culturais locais específicos.

Esse é um instrumento extenso e que demanda uma ampla estrutura para sua aplicação em campo. Por isso, a OMS também oferece uma versão reduzida, chamada de “Instrumento da OMS sobre Violência contra a Mulher” e recomendada para medir a prevalência das diversas formas de violência. Esse instrumento é composto por apenas 16 perguntas sobre a entrevistada e o parceiro (sete questões sobre violência física, psicológico-emocional e sexual), as lesões (três questões), o impacto e o enfrentamento (duas questões), outras experiências com violência (três questões) e uma questão complementar ao final da entrevista.

Para atender aos objetivos de nosso estudo, selecionamos a versão reduzida e adicionamos algumas seções do instrumento completo, que incluem: a entrevistada e sua comunidade (17 questões), o parceiro atual ou mais recente (15 questões), a atitude com relação aos papéis de gênero (oito questões) e uma questão a respeito do tipo de serviço que a entrevistada procurou para solicitar ajuda. Além disso, incluímos uma questão aberta para dar oportunidade para as mulheres contarem suas histórias. O instrumento final constou de 58 questões.

De maneira geral, apenas ao final da entrevista as mulheres percebiam que estavam narrando episódios de violências. O fato de a palavra “violência” não ser mencionada *a priori*, mas sim a questão de “conflitos”, preparou o ambiente para a abordagem desse assunto sensível. Os enunciados que precediam as perguntas foram grandes potencializadores para a narração das violências. Eles retiravam o tom de acusação que por vezes as mulheres vítimas de violências temem ouvir. Um exemplo é a seguinte frase, que era lida pela entrevistadora antes de perguntar sobre os atos violentos praticados pelo parceiro:

Quando duas pessoas casam, vivem juntas ou namoram, elas geralmente compartilham bons e maus momentos. Gostaria de lhe fazer algumas perguntas sobre seus relacionamentos anteriores e o atual e sobre como seu marido/companheiro a trata ou a tratou. Se alguém nos interromper, eu mudarei o assunto de nossa conversa. Gostaria de lhe assegurar, novamente, que suas respostas serão mantidas em segredo, e que você não precisa responder a nada que não queira. Posso continuar?

Nesse momento, a entrevistadora explicava que, ao final da entrevista, iria ensinar – ou reforçar, para aquelas que já sabiam – a técnica do autoexame de mamas, mas avisava que, se uma pessoa se aproximasse do local onde estavam, ela começaria a demonstrar a técnica e pedir privacidade para poder continuar tanto com a demonstração quanto com a entrevista. Dessa forma, em vez de a demonstração ser feita ao final da entrevista, ela ocorreria nos momentos de interferência por parte de terceiros. Combinada essa estratégia, prosseguia-se com a leitura do enunciado da questão:

Agora vou lhe colocar algumas situações que são verdadeiras para muitas mulheres. Pensando sobre seu marido/companheiro (atual ou mais recente), você diria que geralmente ele (...)

E, desse momento em diante, passava-se a citar cada um dos comportamentos da violência psicológica, física e sexual presentes no questionário.

Não apenas o enunciado acima citado, mas todos os demais que fizeram parte do instrumento de coleta de dados foram essenciais para deixar a mulher consciente de sua condição de sujeito durante a pesquisa e do seu direito de escolha caso preferisse interromper a entrevista. A abordagem respeitosa parece ter contribuído para que a mulher se sentisse confortável com o prosseguimento das perguntas e o avanço para as seções mais delicadas, que envolviam a revelação de situações pregressas ou atuais de violências.

Com isso, o instrumento e a técnica de aplicação permitiram coletar informações acerca da ocorrência de violência nos últimos 12 meses e no decorrer de toda a vida da mulher. A lógica de construção do instrumento partia de informações mais acessíveis (dados demográficos) até chegar a níveis atitudinais e comportamentais (opiniões e atitudes baseadas em gênero), a experiências psicológicas profundas (de violências pelo companheiro íntimo) e a possíveis traumas emocionais armazenados em memórias de tempos remotos (abuso sexual na infância). Essa cadência foi fundamental para a abordagem do fenômeno investigado e permitiu tempo para a entrevistada adquirir confiança na entrevistadora e tomar a decisão de revelar essas informações.

3.2.7 Variáveis

Variáveis-desfecho:

A variável dependente foi a ocorrência ou não de violências contra mulheres, cometidas por parceiros íntimos, em algum momento da vida e nos últimos 12 meses. Qualquer resposta afirmativa para os atos classificados como violentos equivaleu a um caso positivo. As prevalências de violências analisadas foram de natureza psicológica, física, sexual e física ou sexual. Foram essas variáveis-desfechos que possibilitaram dimensionar o objeto da pesquisa, isto é, a descrição e exploração das dinâmicas das violências praticadas por parceiros íntimos.

Variáveis explicativas:

Foram as variáveis selecionadas a partir da lógica do modelo ecológico, que descreve múltiplos níveis de fatores inter-relacionados e provenientes de sistemas configurados da micro até a macrodimensão. Essas variáveis explicativas fazem parte dos quatro níveis apresentados pelo modelo (Quadro3). Adiante, apresentamos com maior detalhe as variáveis segundo os níveis, propostos por Bronfenbrenner: pessoal, processual, contextual e temporal.

- *Pessoal:* nesse nível, privilegiamos as características sociodemográficas da mulher e do parceiro. As variáveis da entrevistada foram: escolaridade, idade, religião, estado civil, número de casamentos, ocupação, tempo de moradia no Varjão, local onde foi criada (onde passou os primeiros 12 anos da vida). Além disso, foram incluídas características do parceiro, denominadas variáveis relacionais uma vez que gênero é uma categoria relacional, que estavam presentes no instrumento de coleta de dados: escolaridade, idade, ocupação, uso de bebidas e frequência do uso de drogas.
- *Processual:* os processos proximais são caracterizados como os “motores” das interações. Como os atos violentos analisados são aqueles praticados pelo homem contra a mulher, incluímos aqui as variáveis processuais relacionadas ao parceiro na tentativa de captar nuances desses atos. São elas: relações extraconjugais do parceiro, história de

brigas do parceiro com outros homens e comportamentos de controle do parceiro.

- *Contextual:* há vários níveis de contexto – microssistema, endossistema, exossistema e macrossistema. No microssistema analisamos algumas variáveis que participam do contexto dinâmico das microinterações no espaço – físico e simbólico – da moradia. Nível das interações mais diretas. As entrevistas foram feitas com mulheres que ocupavam um espaço domiciliar e descreviam suas experiências e vivências dentro e fora desse espaço. São variáveis que possuem um caráter relacional e que não foram citadas no nível pessoal exposto anteriormente, mas que participam no “espaço” das interações do microssistema. Como o microssistema acontece em relação a um espaço, o espaço focado foi o local de habitação da mulher. Não incluímos, por exemplo, outros microssistemas como o trabalho ou a escola. Coletamos informações sobre a chefia da moradia, o número de pessoas na residência, os problemas familiares decorrentes do uso de bebida e os problemas financeiros decorrentes do uso de bebida. No mesossistema incluímos algumas variáveis que abrangem características pessoais, mas interagem nos múltiplos microssistemas e transcendem as características sociodemográficas. Essas variáveis são apresentadas aqui, pois de acordo com o modelo ecológico elas participam da “história de vida”, do entorno da vida da mulher e podem servir ou não de proxy para outras violências. Essas histórias participam direta ou indiretamente nas vivências dessa mulher e interagem no nível pessoal, processual e nos diferentes sistemas do nível contextual ainda que essa interação varie de mulher para mulher em intensidade e extensão. São elas: apoio da família para a mulher em caso de necessidade, história de abuso sexual infantil quando a entrevistada era menor de 15 anos, história de violência sexual praticada quando a entrevistada era maior de 15 anos e história de violência física praticada quando a entrevistada era maior de 15 anos – todas as violências praticadas por familiares, conhecidos ou desconhecidos. O exossistema inclui a atitude da comunidade em caso de briga na rua ou outro episódio de agressão física e o grau de

conhecimento entre os membros da comunidade (existência de relacionamento entre vizinhos) e finalmente o macrossistema envolve a preocupação com o nível de criminalidade na comunidade e entre os vizinhos percebido pela mulher e as opiniões e percepções baseadas em estereótipos de gênero pela mulher.

- *Temporal*: situa a pesquisa no seu espaço histórico. A dimensão temporal permite visualizar historicamente as mudanças dos papéis - generacionais que sofrem alterações durante o tempo. Inclui o microtempo e o mesotempo. O microtempo envolve a ocorrência e frequência das violências nos últimos 12 meses e o mesotempo é representado pela ocorrência e frequência das violências ao longo da vida.
- A dimensão cronológica do macrotempo não foi analisada, pois a pesquisa não teve um delineamento longitudinal que permitisse o acompanhamento das mudanças de padrão generacional nas relações íntimo-afetivas da mulher, seu companheiro, familiares e demais relacionamentos

É importante reforçar que essa distribuição das características em variáveis explicativas, de acordo com os níveis do sistema, tem um efeito mais didático do que de localização rígida para essas características. Um exemplo é a situação de um abuso sexual que a mulher tenha sofrido aos oito anos. Essa história de abuso faz parte de suas características individuais (nível pessoal), engaja-se nos processos proximais (nível processual) e opera em um microssistema – ou em vários microssistemas – com influência de pessoas de fora do atual microssistema, caracterizando assim o contexto do mesossistema. A experiência do abuso pode ou não determinar a vivência sexual dessa mulher com seus parceiros e a forma como ela “transmite” linguisticamente essa experiência para seus filhos e familiares. O impacto daquela violação pode estar presente com maior ou menor força dentro de um exossistema – onde a comunidade exerce um papel ativo ou passivo diante do fenômeno. Essa comunidade também sofre influência do macrossistema – cultura e normas socialmente aceitas ou toleradas que interpenetram todos os níveis.

Quadro 2 Variáveis explicativas usadas na pesquisa segundo níveis do modelo ecológico.

Pessoal	Processual	Contextual	Temporal
<u>Entrevistada</u> - Escolaridade - Idade - Religião - Estado civil - Número de casamentos - Ocupação (condição de atividade) - Tempo de moradia no Varjão - Local onde foi criada <u>Variáveis relacionais</u> - Escolaridade - Idade - Ocupação - Uso e frequência de bebidas - Uso de drogas	- Relações extraconjugais do parceiro - História de brigas do parceiro com outros homens - Comportamentos de controle do parceiro	<u>Microssistema</u> - Chefia da moradia - Número de pessoas na residência - Problemas familiares decorrentes do uso de bebida - Problemas financeiros decorrentes do uso de bebida. <u>Mesosistema</u> - Apoio da família - História de abuso sexual infantil - História de violência sexual após os 15 anos - História de violência física após 15 anos <u>Exossistema</u> - Atitude da comunidade em caso de briga na rua - Conhecimento entre os membros da comunidade <u>Macrossistema</u> - Preocupação com o nível de criminalidade na comunidade - Opiniões baseadas em gênero	<u>Microtempo</u> - Ocorrência e frequência das violências nos últimos 12 meses <u>Mesotempo</u> - - - Ocorrência e frequência das violências ao longo da vida

Esse macrossistema também não é único e possui uma dimensão múltipla. No caso do abuso sexual de menores, a legislação brasileira sofre influência das organizações nacionais e da comunidade internacional e suas instituições governamentais e não governamentais de defesa dos direitos de grupos vulneráveis. Os macrossistemas mudam numa dimensão de microtempo,

mesotempo e macrotempo. No Brasil colonial, as crianças da senzala eram iniciadas sexualmente aos oito anos para aumentar a produção de escravos, e a criança da casa grande era disponibilizada para casamento a partir dos 11 e 12 anos. Esse costume não era considerado abuso naquele tempo histórico da população brasileira. Nesse sentido, o cronossistema tem o registro das mudanças no processo civilizatório. O exemplo do abuso sexual infantil foi utilizado para ilustrar a complexidade do fenômeno das violências e a impossibilidade de isolar um agente causal para um problema social presente em civilizações milenares.

3.2.8 Piloto

Um teste piloto para calibrar a linguagem do instrumento foi realizado em fevereiro de 2007, três semanas antes do início das entrevistas, utilizando o critério da amostragem por conveniência com dez mulheres selecionadas. A linguagem e a clareza do instrumento foram avaliadas durante essas entrevistas iniciais e o tempo médio das entrevistas, com os dados quantitativos e o registro da resposta à questão aberta, foi de 45 minutos – com duração mínima registrada de 35 minutos e máxima de 1 hora e 10 minutos. Não foi efetuada nenhuma mudança nas perguntas, pois a clareza do questionário e a sequência dos assuntos facilitavam em muito sua aplicação.

Pelo estudo piloto, ficou clara a necessidade de uma técnica adicional, além das perguntas extras acerca de temas relacionados à promoção da saúde, para o caso de interrupção de terceiros (parceiro, amigos, vizinhos) na hora da entrevista. Foi após esse teste que optamos por incluir o autoexame da mama como estratégia de constrangimento de terceiros e necessidade de privacidade para continuar a entrevista. Essa técnica foi muito útil durante os momentos de interrupção. Por questões éticas, mesmo quando não aconteciam interrupções, optamos por realizar a demonstração do autoexame da mama ao final de todas as entrevistas. Não nos sentimos confortáveis de utilizá-la apenas como um instrumento de segurança. O autoexame é também uma boa prática de promoção de saúde, já que as participantes do estudo configuravam uma população em idade reprodutiva.

3.2.9 Amostra

Para a obtenção do tamanho da amostra, considerou-se um processo de amostragem aleatória simples, tendo-se como medida a ser estimada a proporção de mulheres que sofreram violências por parceiros íntimos. O tamanho mínimo da amostra foi de 257 mulheres, considerando que o Censo 2000 enumerou 1.688 mulheres de 15 a 49 anos no Varjão (N) e que havia uma prevalência de 27% de violência física ao longo da vida cometida por parceiro íntimo, publicada no estudo multipaíses de que o Brasil participou⁵⁰, cujo erro amostral foi de 5 pontos percentuais, e a confiança, de 95%. Para uma margem de segurança de 17%, o tamanho final da amostra foi de 300 mulheres. Como o estudo utilizado para o cálculo^{50,116} observou taxas de violências muito menores que as encontradas no Varjão, o tamanho da amostra desta pesquisa foi mais do que suficiente.

Para obter o tamanho da amostra, considerou-se um processo de Amostragem Aleatória Simples, tendo como principal medida a ser estimada a “proporção de mulheres vítimas de violência doméstica”. Considerando-se essa situação, utilizou-se a expressão clássica apresentada por Cochran¹¹⁷:

$$n = \frac{N * Z^2_{\alpha/2} * S^2}{(N - 1) * d^2 + Z^2_{\alpha/2} * S^2}$$

onde:

N = tamanho da população alvo

S² = variância da característica de interesse (ser vítima de violência ou não)

Z = valor da abscissa da distribuição Normal Padrão correspondente a uma confiança de (1-α)%

D = erro de precisão – erro amostral – ou amplitude do intervalo de confiança para a medida a ser estimada

No caso em questão, tem-se que:

- a) o Censo 2000 enumerou 1.688 mulheres de 15 a 49 anos moradoras do Varjão (N);

- b) 27% é a prevalência estimada da violência doméstica contra mulheres³⁹, resultando numa variância da característica de interesse igual a 0.197 (S^2 – variância de uma variável nominal binária).

Considerando-se um erro de precisão de 5% e uma confiança de 95%, o tamanho da amostra foi calculado como de 257 mulheres, conforme o quadro abaixo:

Quadro 3 Tamanhos de amostras segundo o intervalo de confiança e o erro de precisão

Erro de precisão	IC 95%	IC 90%
0,05	257	189

Para a coleta de dados, como não se tinha um cadastro das mulheres de 15 a 49 anos residentes no Varjão, não se podia proceder a uma Amostragem Aleatória Simples dessas mulheres. No entanto, elas vivem em famílias, agrupadas em domicílios, que, para a operacionalização da coleta, foram considerados como unidades amostrais. Em cada família abordada, após listar todas as mulheres que atendiam ao critério de idade e tempo de residência, selecionou-se aleatoriamente apenas uma delas para responder ao questionário. Dessa forma, considerando-se uma margem de segurança de 17%, o tamanho final da amostra foi de 300 famílias a serem pesquisadas.

Para operacionalizar a coleta de dados, o esquema de amostragem foi o de amostragem probabilística sistemática, o mesmo utilizado pelo IBGE nos levantamentos domiciliares. Nesse caso, estimou-se que o número total de famílias residentes no Varjão era de 1800 (Censo 2000), tendo-se como fração amostral 1/6, ou 16,7%. O levantamento foi realizado a partir do mapeamento dos seis setores censitários que compreendem a área do Varjão, identificando-se todas as quadras, conjuntos e lotes onde residiam as mulheres. A amostra sistemática consistiu em abordar um domicílio em cada grupo de seis. Em cada domicílio, foram identificadas

as famílias e, em cada família, listadas as mulheres de 15 a 49 anos, para posterior seleção probabilística.

A idade e o primeiro nome de todas as mulheres da casa eram registrados no formulário de seleção de residência e, por razões de segurança e privacidade, somente uma mulher de cada domicílio era selecionada para a entrevista. Nos domicílios onde mais de uma mulher correspondeu aos critérios de inclusão da pesquisa, os nomes foram escritos em um papel e colocados numa sacola, e foi solicitado que um membro da moradia escolhesse aleatoriamente um dos papéis. Quando a mulher sorteada não estava presente, uma visita subsequente era agendada. Nos casos em que o domicílio selecionado não tinha entre seus moradores mulheres que atendessem aos critérios de inclusão estabelecidos, o domicílio vizinho era escolhido para substituição. Além disso, para o propósito desta pesquisa, apenas as 278 mulheres que afirmaram possuir relacionamentos atuais ou no passado com parceiros íntimos foram consideradas para análise (APÊNDICE B).

3.2.10 Procedimento de Tratamento e Análise dos Dados

A variável dependente foi a ocorrência ou não de violências cometidas por parceiros íntimos contra mulheres em algum momento da vida e nos últimos 12 meses. Qualquer resposta afirmativa para os atos classificados como violentos equivaleu a um caso positivo. As prevalências de violências analisadas foram de natureza psicológica, física, sexual e física e sexual (Quadro 4).

Primeiramente, foi realizada uma análise univariada das informações obtidas pelo instrumento de coleta de dados e apresentada a distribuição por prevalência, descrevendo o perfil pessoal da entrevistada e do seu parceiro. Os fatores foram depois organizados e agrupados segundo a proposta do modelo teórico bioecológico, e procedeu-se a uma análise bivariada com as variáveis-desfecho (ocorrência de violência psicológica, física, sexual e física ou sexual). Para se avaliar a associação entre as variáveis-desfecho e os fatores do modelo ecológico foram efetuadas análises bivariadas utilizando o teste de qui-quadrado de Pearson.

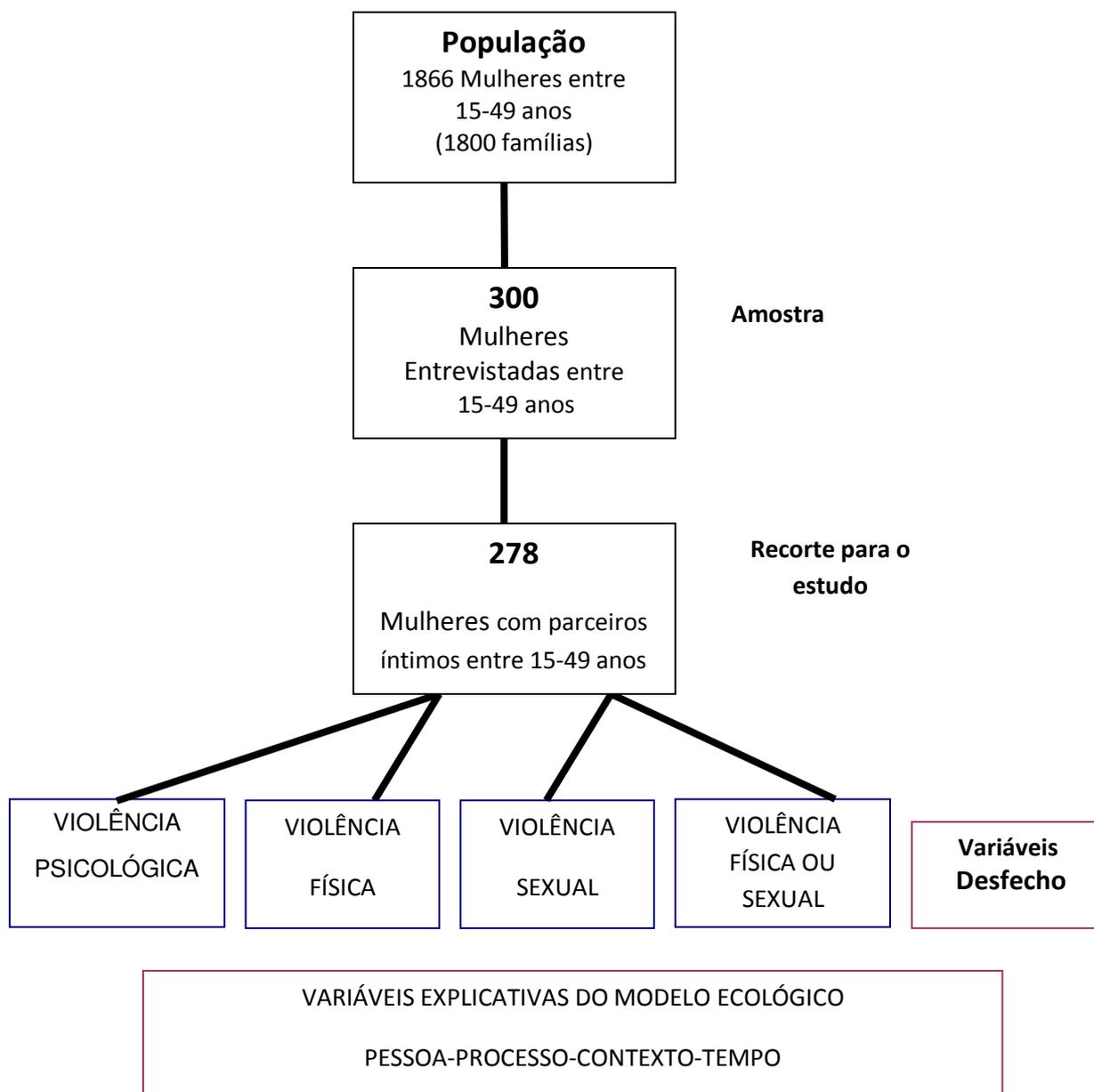
A fim de cumprir com o objetivo de determinar os fatores associados às variáveis-desfecho, efetuou-se análise multivariada, observando-se a covariância entre elas. As violências psicológica, física, sexual e física ou sexual foram consideradas como variáveis dependentes do problema, dicotomizadas em presença ou ausência. Variáveis com um p-valor inferior a 0,25 na análise bivariada foram incluídas como variáveis independentes na análise múltipla. O modelo de regressão múltiplo foi construído pela exclusão consecutiva das variáveis oriundas do modelo que continha todas as variáveis independentes significativas. O teste da razão de verossimilhança foi usado para determinar a importância de cada variável excluída. Após a exclusão das variáveis, o modelo foi reavaliado e a estabilidade das estimativas foi checada.

MÓDULO QUALITATIVO

3.2.11 Pergunta Desencadeadora

“Agora que chegamos ao final da entrevista, caso você tenha sofrido algum tipo de violência, o que gostaria de falar sobre o ocorrido?”: essa pergunta, aberta e não diretiva, visou obter da entrevistada-sujeito o que ela considerava mais relevante para ser narrado livremente, fosse em relação às suas experiências, fosse em relação ao que ela conhecia, seu comportamento, suas opiniões, suas atitudes ou percepções acerca da violência.

Quadro 4 Desenho do Estudo “Ecologia das Violências Praticadas por Parceiros Íntimos contra Mulheres do Varjão, DF, 2007



3.2.12 Banco de Dados

O banco de dados analisados pelo método qualitativo constou do material fornecido pelas mulheres entrevistadas que optaram por responder a essa última pergunta. Das 278 mulheres entrevistadas, 195 narraram suas experiências diretas ou indiretas com as mais diversas manifestações da violência. As respostas eram registradas manualmente e transcritas para um processador de texto.

3.2.13 Técnica de Tratamento e Análise dos Dados

Os procedimentos técnicos para a organização das narrativas das mulheres foram os seguintes:

- Foram realizadas leituras sucessivas das narrativas registradas usando literalmente as palavras faladas. No geral foram falas curtas, uma vez que muito tempo já havia sido investido no decorrer de toda entrevista. Nesse momento final da entrevista algumas mulheres (n=195) optaram por descrever algum fato ou acontecimento violento específico da sua trajetória de vida. O recurso de gravação digital não foi utilizado para facilitar a execução das entrevistas, pois os parceiros podiam chegar a qualquer momento e optamos por reduzir o risco de exposição da mulher às suspeitas dos parceiros.
- A entrada dos dados em um processador de texto (Word 2007) era feita com frequência entre semanal e quinzenal;
- A organização dos discursos foi feita obedecendo-se ao seguinte padrão: com os discursos já digitados no processador de texto, selecionavam-se, por meio de uma nova leitura, quais eram as ideias centrais (IC) provisórias e suas respectivas expressões-chave (EC) em cada uma das 195 respostas à pergunta aberta. Um esquema de marcação com cores diferentes para delimitar as ideias centrais e as expressões-chaves foi adotado.
- Após essa etapa, as ideias centrais provisórias eram agrupadas em torno de uma mesma temática e dispostas segundo grandes temas divididos por ordem alfabética.

- Novas leituras eram feitas e as ideias centrais permanentes eram confirmadas. Caso houvesse alguma representação social claramente ancorada no texto, ela também era marcada.
- A relação das ideias centrais foi revisada, e ideias centrais que estivessem muito próximas eram agrupadas a fim de evitar redundâncias. O Quadro 5 ilustra o processo de organização do enunciado da resposta de uma das entrevistadas.
- Expressões-chave agrupadas por letras semelhantes, ou seja, pertencentes à mesma categoria de ideias, eram colocadas num quadro chamado DSC I, que constava de duas colunas: na esquerda, as expressões-chaves semelhantes, e na direita, o ordenamento de um discurso como se houvesse um indivíduo falando na primeira pessoa do singular, mas que ao mesmo tempo representava uma coletividade, pois era composto por muitas vozes.
- Finalmente, o discurso-síntese (DSC II) era apresentado, com os sujeitos-coletividade “discursando” seus pensamentos sobre as mais diversas manifestações violentas que os impactaram.
- Os questionários foram devidamente protegidos e selados para garantir a confidencialidade das informações colhidas.

Quadro 5. Tratamento do material verbal do depoimento de APL, 33 anos

ID 046 (A.P.L; 33 ANOS)	
R: Eu apanhava demais de minha mãe quando criança. Surra de ficar cortada. Aí fugi de casa com 12 anos e me casei com um rapaz que conheci. Esse meu marido era um monstro comigo. Chegava em casa atirando. Ele bebia muito. Um dia ele me bateu com fio de luz que eu não conseguia vestir roupa. Meu corpo ficou todo cortado. Ele botava revólver na minha cabeça e me fazia transar com ele. Isso durou muito tempo. Eu vivia esperando a próxima pancadaria. Meu Deus, minha vida era um inferno. Eu vivia esperando a próxima pancadaria. Ele foi embora e eu fiquei com as crianças. O meu marido atual também bebe e quando chega aqui em casa grita comigo e me humilha. Queria que ele mudasse.	
R: Eu apanhava demais de minha mãe quando criança. Surra de ficar cortada. Aí fugi de casa com 12 anos e me casei com um rapaz que conheci.	
EC: Eu apanhava demais de minha mãe quando criança. Surra de ficar cortada. Aí fugi de casa.	
IC: Criança sofria maus-tratos praticados pela mãe e isso provocou sua fuga de casa aos 12 anos	
A:	
Categoria: T	
R: Esse meu marido era um monstro comigo. Chegava em casa atirando. Ele bebia muito. Um dia ele me bateu com fio de luz que eu não conseguia vestir roupa. Meu corpo ficou todo cortado. Ele botava revólver na minha cabeça e me fazia transar com ele. Isso durou muito tempo. Eu vivia esperando a próxima pancadaria. Meu Deus, minha vida era um inferno.	
EC: Esse meu marido era um monstro comigo. Chegava em casa atirando. Ele bebia muito. Um dia ele me bateu com fio de luz que eu não conseguia vestir roupa. Meu corpo ficou todo cortado. (...) Eu vivia esperando a próxima pancadaria. Meu Deus, minha vida era um inferno.	
IC: O marido era um monstro e a vida era um inferno.	
A: Violência é coisa de monstro, não de gente.	
Categoria: G – Escalonamento das VPIs marcado pela ausência da fase da “lua de mel” do ciclo da violência.	
R: Ele bebia muito. (...) Ele foi embora e eu fiquei com as crianças. O meu marido atual também bebe e quando chega aqui em casa grita comigo e me humilha.	
EC: O meu marido atual também bebe e quando chega aqui em casa grita comigo e me humilha. Queria que ele mudasse.	
IC: Quando o marido bebe, ele chega a casa e começa a gritar e humilhar a entrevistada.	
A:	
Categoria: S – Uso de bebida alcoólica relacionado pela mulher aos episódios de violência.	

Legenda do Quadro 5:

Operadores	Chave de codificação das idéias centrais do discurso por cores
<u>ID</u> : identificação da entrevistada	1ª ideia central
<u>R</u> : resposta (trechos da narrativa)	2ª ideia central
<u>EC</u> : expressão-chave nos trechos	3ª ideia central
<u>IC</u> : ideia central contida na EC	4ª ideia central
<u>A</u> : ancoragem (representação social)	5ª ideia central
<u>C</u> : categoria	6ª ideia central

*Tantas vezes pensamos ter chegado,
Tantas vezes é preciso ir além*

Fernando Pessoa

4 RESULTADOS: O MOSAICO DAS VIOLÊNCIAS POR PARCEIROS ÍNTIMOS

4.1 VIOLÊNCIAS POR PARCEIRO ÍNTIMO NO VARJÃO: ANÁLISE QUANTITATIVA

Para dimensionar as violências praticadas pelos parceiros íntimos das mulheres do Varjão foi utilizado o modelo teórico proposto por Bronfenbrenner ⁴⁰ procurando conhecer os múltiplos fatores envolvidos nessas violências. Inicialmente foi feita uma descrição dos sujeitos desta pesquisa: mulheres que narraram um pouco de suas histórias como sobreviventes da violência, e dos seus parceiros. Em seguida foi feita uma descrição da magnitude das violências praticadas por esses parceiros e posteriormente foram investigadas as associações existentes entre as variáveis – desfecho e as variáveis explicativas estimando as odds-ratios (OR) ajustadas. A lógica “pessoa, processo, contexto e tempo” foi utilizada para a apresentação desses resultados.

4.1.1 Nível Pessoal: Sujeitos Envolvidos

4.1.1.1 Sujeito da Pesquisa: Características das Mulheres Entrevistadas

Quanto às características sociodemográficas, a maior parcela das mulheres entrevistadas tinha entre 25 e 34 anos (45%), idade média de 30 (DP = 8,5) anos e precária escolaridade (62% possuíam ensino fundamental incompleto). A maioria era casada ou estava vivendo com um parceiro (83%), das quais 28% já haviam se casado mais de uma vez. A maior parcela foi criada em outros estados (75%), entretanto 78% já residiam no Varjão há mais de 5 anos. Quanto à religião, 80% eram católicas ou evangélicas e 20% declararam outras religiões ou nenhuma

adesão religiosa. Mais da metade das entrevistadas (58%) declarou estar desempregada ou a procura de um emprego (Tabela 1).

Tabela 1 - Características sociodemográficas das mulheres entrevistadas segundo nível pessoal do modelo ecológico. Varjão, Distrito Federal, 2007 (N = 278)

Variável	n	%
Nível Pessoal - Entrevistada		
<u>Faixa etária (anos)</u>		
15 a 24	71	25
25 a 34	125	45
35 a 49	82	30
<u>Nível de instrução (anos de estudo)</u>		
Menos de 4	72	26
4 a 7	101	36
8 a 10	68	24
11 ou mais	37	13
<u>Estado civil</u>		
Casada atualmente/vivendo com um homem/tem parceiro sexual	230	83
Casada anteriormente/viveu com um homem	48	17
<u>Número de casamentos</u>		
Até 1 casamento	199	72
2 ou mais	79	28
<u>Condição de atividade</u>		
Trabalhando	102	37
Procurando trabalho/desempregada	160	58
Inativa	16	5
<u>Religião</u>		
Católica	143	51
Evangélica	80	29
Não tem religião	48	17
Outra religião	7	3
<u>Tempo de Moradia no Varjão (anos de moradia)</u>		
Menos de 1 ano	12	4
1 a 5	68	25
6 ou mais	198	71
<u>Local onde foi Criada (Primeiros 12 anos de vida)</u>		
No Varjão	49	18
Em outro local de Brasília	21	8
Em outro estado	208	75

A região mais frequente de procedência das entrevistadas foi o Nordeste brasileiro, com 48,6% das mulheres, sendo 28,3% delas migrantes do estado da Bahia. Apenas 10% das entrevistadas eram moradoras nativas da região estudada.

Das 278 mulheres, 262 (94%) já haviam engravidado pelo menos uma vez na vida sendo que 24 estavam grávidas no período da entrevista.

4.1.1.2 Características Individuais do Parceiro

Quanto aos parceiros, a idade variou entre 16 e 75 anos (mediana = 32 anos) e a precariedade da escolaridade foi ainda maior com 71% deles apresentando apenas ensino fundamental incompleto. A média do tempo de escolaridade do homem foi de 5,1 anos (DP = 3,6), enquanto a da mulher foi de 6,5 anos (DP = 3,1). Em relação ao consumo de bebida alcoólica, 12% das mulheres afirmaram que seus parceiros faziam uso todos os dias ou quase todos os dias, e 49% delas relataram que o parceiro bebia moderadamente (duas ou três vezes por semana).

A Tabela 2 mostra ainda que 11% das mulheres declararam que seus parceiros eram usuários de drogas ilícitas, e 19% revelaram que eles já haviam feito uso desse tipo de substância no passado. Ainda que 77% afirmassem que seus parceiros exerciam atividade laboral, 91 % deles prestavam serviços não especializados e menos de um terço possuía vínculo empregatício com carteira assinada (29%).

4.1.2 Nível Processual

A Tabela 3 apresenta a prevalência de alguns comportamentos dos parceiros relatados pelas mulheres entrevistadas. Observa-se que 48% dessas mulheres narram a ocorrência de relacionamento extraconjugal pelo parceiro com outras mulheres. Quando perguntadas sobre a existência de comportamentos controladores adotados pelo parceiro atual ou mais recente, 36% das mulheres afirmaram que os parceiros procuravam evitar que elas visitassem ou vissem amigos e 45% insistiam em saber onde a parceira estava o tempo todo. Além disso, 52% ficavam zangados se elas conversassem com outros homens. Apenas 21% das mulheres negaram que seus parceiros utilizavam qualquer um desses comportamentos de controle no relacionamento com elas e 29% das entrevistadas alegaram que seus parceiros utilizavam quatro ou mais tipos desses comportamentos de vigilância e domínio. Finalmente, quando perguntadas sobre a história de agressividade do parceiro com outros homens, 35% relataram que eles tiveram episódio recente ou no passado de agressão física com homens.

Tabela 2 - Características sociodemográficas e de comportamento dos parceiros segundo nível pessoal do modelo ecológico. Varjão, Distrito Federal, 2007 (N = 278)

Variável	n	%
Nível Pessoal - Parceiro		
<u>Faixa etária (anos)</u>		
15 a 24	58	21
25 a 34	112	40
35 a 49	91	33
50 ou mais	17	6
<u>Nível de instrução (anos de estudo)</u>		
Menos de 4	101	36
4 a 7	96	35
8 a 10	44	16
11 ou mais	37	13
<u>Condição de atividade</u>		
Trabalhando	213	77
Procurando trabalho/desempregado	48	17
Inativo	17	6
<u>Freqüência do uso de bebidas</u>		
Freqüentemente	32	12
Moderadamente	136	49
Raramente	31	11
Nunca	78	28
<u>Uso de droga ilícita</u>		
Usa atualmente	30	11
Usou no passado	189	68
Nunca usou	53	19

Quanto às variáveis que expressam atitudes com relação aos “papéis” baseados em gênero nas opiniões das mulheres, 45% das participantes concordam com a frase “as esposas devem obedecer a seus maridos mesmo sem concordar com eles”. No entanto, 96% delas discordaram que a desobediência fosse uma razão válida para que os companheiros praticassem violência contra elas. Em relação a problemas familiares, 72% das mulheres afirmaram que estes deviam ser discutidos apenas com membros da família. Entretanto, quando perguntadas se outras pessoas de fora da família deveriam interferir quando o parceiro maltratasse a esposa, 39% concordaram com isso. Apenas 8% responderam acreditar que seria obrigação da mulher ter relação sexual com seu esposo mesmo quando ela não estivesse com vontade e 30% declararam que “mostrar quem é que manda no relacionamento” era uma coisa importante para o homem. Finalmente, menos da metade das entrevistadas (48 %) declarou acreditar que a mulher deveria escolher seus amigos ainda que o marido discordasse (Tabela 3).

Tabela 3 - Comportamentos dos parceiros das mulheres entrevistadas segundo nível processual do modelo ecológico. Varjão, DF, 2007 (N = 278)

Variável	n	%
Nível Processual - Parceiro		
Relacionamento extraconjugal		
Sim	134	48
Não	144	52
História de briga com outro homem		
Sim	98	35
Não	180	65
Procura restringir o contato com amigos	100	36
Procura restringir o contato com a família	60	22
Insiste em saber onde a mulher está o tempo todo	124	45
Ignora e trata com indiferença	124	45
Fica zangado se a mulher conversa com outro homem	144	52
Fica freqüentemente suspeitando que a mulher esta sendo infiel	75	27
Espera que a mulher peça permissão a ele antes de procurar um serviço de saúde para ela.	34	12

4.1.3 Nível Contextual

4.1.3.1 Microssistema

A chefia masculina é relatada por 49% das mulheres, a feminina por 36% e a chefia compartilha foi declarada pelos outros 15%.

O número de pessoas na moradia variou entre 1 a 9 pessoas e a distribuição foi de: 1 a 2 (11%), 3 a 4 (55%) e 5 ou mais (34%).

4.1.3.2 Mesossistema

Com relação à percepção da mulher acerca da existência de suporte por parte da família, 42% declararam não contar com nenhum tipo de apoio familiar em caso de necessidade.

Quanto às histórias de violência sofridas ao longo da vida, mais da metade das entrevistadas (56%; n = 156) relataram que seus familiares foram fisicamente agressivos quando elas já eram maiores de quinze anos. Os familiares responderam por 77% (n = 120) do total das agressões relatadas. Dentre os familiares, o pai foi o que mais agrediu fisicamente as mulheres após os 15 anos, respondendo por 13% dos casos, seguido pela mãe (12%) e pelos irmãos do sexo masculino (8,6%). O padrasto respondeu por apenas 2% dessas agressões. Os demais agressores eram pessoas conhecidas (9,3%), amigos da família da entrevistada (4%) e estranhos (4,7%), conforme nos mostra a Tabela 4.

Tabela 4. - Prevalência da violência física após os 15 anos por tipo de agressor. Varjão, Distrito Federal. 2007. (N = 278)

Agressor	n	%
<u>Familiares:</u>		
Pai	37	13.3
Mãe	33	11.8
Irmão (homem)	24	8.6
Outro membro da família (mulher)	11	4.0
Outro membro da família (homem)	9	3.2
Padrasto	6	2.2
<u>Pessoas conhecidas</u>		
	26	9.3
<u>Amigos da família</u>		
Amigo do sexo feminino	9	3.2
Amigo do sexo masculino	2	0.7
<u>Estranho</u>		
	13	4.7

Quanto às histórias de abusos sexuais, a pesquisa apresentava duas formas de investigar a mesma questão e essa metodologia funcionou como uma estratégia de validar a fidedignidade das respostas. No momento da entrevista a mulher era interrogada se antes de completar 15 anos ela tinha sido vítima de alguma tentativa de abuso sexual e ao final da entrevista era oferecida uma cédula (anexo) para que ela marcasse um X na figura alegre (caso ela não tivesse sido abusada sexualmente antes dos 15) ou na figura triste (caso ela houvesse sofrido abuso sexual no mesmo período). Das 300 mulheres entrevistadas, 95 afirmaram que haviam sido abusadas sexualmente antes dos 15 anos. A pergunta feita de forma

anônima – via cédula – obteve 100 respostas afirmativas (33,3%). Como a pesquisa considerou para análise apenas as mulheres que possuíam parceiros íntimos (N=278), constatou-se entre elas um total de 90 mulheres abusadas que responderam à pergunta face-a-face (32,3%). A diferença de menos de 2% de sub-notificação sugere que de fato as mulheres entrevistadas se sentiam confiantes e confortáveis durante a interação com a entrevistadora para revelar as violências sofridas.

A Tabela 5 mostra quais foram as pessoas que abusaram sexualmente da entrevistada quando ela era menor de 15 anos. Os familiares responderam por quase metade dos episódios de abuso sexual (49%). Dentre os familiares, os tios da entrevistada foram os responsáveis pela maior prevalência (7,2%), seguidos pelos demais membros masculinos da família (4,3%). O padrasto (2,2) e do pai (1,8%) apresentaram prevalências menores. Os amigos da família responderam por 11% dos abusos e pessoas desconhecidas foram responsáveis pela menor prevalência dos abusos nessa fase da vida da mulher (2,5%).

Tabela 5 - Prevalência de abuso sexual infantil por tipo de agressor. Varjão, Distrito Federal. 2007. (N = 278)

Agressor	n	%
<u>Familiares:</u>		
Tio (homem)	20	7.2
Outro membro da família (homem)	12	4.3
Padrasto	6	2.2
Pai	5	1.8
Outro membro da família (mulher)	1	0.4
<u>Pessoas conhecidas</u>	21	8.3
<u>Amigos da família</u>		
Amigo do sexo masculino	31	11
Amigo do sexo feminino	1	0.4
<u>Estranho</u>	5	2.5

Em relação à diferença de idade entre o agressor e a criança, a menor idade registrada para a vítima foi de 4 anos e a maior idade do agressor foi de 60 anos. O

maior intervalo de diferença de idade entre ambos foi de 54 anos e o menor foi de 1 ano. A distribuição dos casos de abuso sexual conforme o local onde a entrevistada foi criada apresentou os seguintes resultados: 21 % dos abusos aconteceram no Varjão, 70% ocorreram em outros estados e 8,9% ocorreram em outra localidade de Brasília.

Finalmente, ainda como parte do endossistema, as histórias de violências sexuais após os 15 anos mostram uma prevalência de 19% (n = 53). Essas experiências sofridas por mulheres apresentam um gradiente de maior prevalência que vai das pessoas conhecidas e dos familiares e amigos para então chegar aos agressores desconhecidos (Tabela 6).

Tabela 6 - Prevalência de violência sexual após 15 anos de idade por tipo de agressor. Varjão, Distrito Federal, 2007

Agressor	n	%
<u>Familiares:</u>		
Irmão/primo	6	2.2
Tio	3	1.1
Outro membro da família (homem)	2	0.7
Padrasto	2	0.7
Pai	1	0.4
Outro membro da família (mulher)	1	0.4
<u>Pessoas conhecidas</u>	25	9.0
<u>Amigos da família</u>		
Amigo do sexo masculino	7	2.5
Amigo do sexo feminino	1	0.4
<u>Estranho</u>	9	3.2

4.1.3.3 Exossistema

O exossistema envolve as interações com a vizinhança e os membros da comunidade. Descreveremos aqui duas variáveis: a atitude da comunidade em caso de brigas e agressões no espaço público e o conhecimento que os vizinhos têm uns dos outros. No que diz respeito à atitude da vizinhança em caso de briga, as

mulheres afirmaram que 48 % dos seus vizinhos não fariam nada para parar uma briga. Além disso, menos da metade dos vizinhos (42%) conhecem uns aos outros segundo a percepção da entrevistada.

A análise entre as variáveis *iniciativa da vizinhança de tentar parar uma briga na rua* e *existência de relacionamento* – ou pelo menos conhecimento entre os vizinhos, pois a pergunta específica foi “Geralmente, os vizinhos no Varjão tendem a se conhecer bem, uns aos outros?” - revelou que existe uma associação entre os indivíduos que se conhecem e a iniciativa de interferir em caso de briga no espaço público. Um total de 63% das pessoas que conhecem seus vizinhos faria alguma coisa para parar a agressão (p-valor = 0, 022).

4.1.3.4 Macrossistema

Dois dimensões presentes no questionário foram incluídas na abordagem do nível das macro-interações: preocupação da entrevistada com a criminalidade percebida por ela na comunidade e suas opiniões e percepções baseadas em gênero. Essas informações revelam um pouco do entorno, do espaço onde as mulheres desenvolvem suas interações, e permitem perceber as próprias representações da entrevistada que denotam uma racionalização ou mesmo “tolerância” com o uso da violência nas relações íntimo - afetiva pelo parceiro.

Em relação à preocupação da entrevistada com a criminalidade percebida na comunidade, 5,4% (n = 15) afirmam que não estão preocupadas com a criminalidade na vizinhança, 18,3% (n = 51) estão um pouco preocupadas e 75,2% (n = 209) estão muito preocupadas com a questão dos roubos, assaltos e violência na comunidade.

Quanto às concepções acerca do relacionamento íntimo entre parceiros seis questões procuravam conhecer as representações sobre o “papel” da mulher nesse relacionamento. Os resultados são apresentados na Tabela 7.

Concernente ao uso dos implementos da violência pelo parceiro, quatro questões abordavam as situações acerca do direito da mulher de recusar ter relações sexuais, e procuravam investigar se a entrevistada percebia que esse

direito era independente de qualquer situação que foi apresentada em cada uma das questões.

Além disso, outras seis questões abordavam se a mulher concebia a existência de alguma razão para o homem utilizar a violência física no relacionamento com ela (Tabela 8).

As frases foram desenvolvidas a partir de estudos qualitativos e expressam alguns estereótipos mais freqüentes mencionados nos estudos de gênero. Antes de iniciar essa sessão do questionário e perguntar se a mulher concordava, discordava ou preferia não responder/ ou não sabia cada uma das questões, era lido o seguinte enunciado:

Nesta comunidade e em outros locais, as pessoas têm idéias diferentes sobre as famílias e sobre o que constitui um comportamento aceitável para homens e mulheres em casa. Vou ler uma lista de afirmações e gostaria que você me dissesse se você concorda ou discorda das afirmações. Não há respostas certas ou erradas.

Tabela 7 - Prevalência das atitudes das mulheres entrevistadas com relação aos papéis baseados em gênero. Varjão, DF, 2007. (N = 278)

Variável	n	%
Uma esposa deve obedecer ao marido mesmo que discorde dele		
Concorda	125	45
Discorda	153	55
Os problemas familiares devem ser discutidos apenas com pessoas da família.*		
Concorda	217	78
Discorda	60	22
É importante para o homem mostrar à sua esposa/ companheira quem é que manda.*		
Concorda	83	29
Discorda	189	68
Uma mulher deve escolher seus próprios amigos mesmo quando seu marido não concorde.*		
Concorda	133	47
Discorda	137	49
É obrigação da esposa manter relações sexuais com seu marido mesmo quando não estiver com vontade.*		
Concorda	23	8
Discorda	250	90
Se um homem maltrata sua esposa, outras pessoas de fora da família deveriam intervir. (bater, surrar e outras violências)*		
Concorda	163	59
Discorda	111	40

Nota: Em algumas questões houve entre 1 a 5 pessoas que preferiram não responder/ou não sabiam o que responder em relação às situações citadas

Com isso as mulheres sentiam-se mais confortáveis para expressar suas opiniões. Constatou-se que 45% acham que a esposa deve obedecer ao marido, 40% pensam que pessoas de fora não devem interferir mesmo que o parceiro esteja maltratando a mulher e 8 % acreditam que é obrigação da esposa ter relações sexuais com o parceiro (Tabela 7). Nesse sentido, a tabela 8 mostra uma questão semelhante a que foi abordada sobre a obrigação da esposa de ter relação sexual com o parceiro. Essa questão foi preparada pela OMS para testar a consistência da resposta das entrevistadas e perguntava se a mulher pode recusar a ter relações sexuais com o parceiro caso ela não queira e 10 % (n = 28) negaram que esse seja um direito da mulher. Isso mostrou um pequeno acréscimo na prevalência de 8 para 10% apenas com uma mudança de formulação de questão. 4% (n =11) disseram que se a mulher desobedecer ao marido ou parceiro isso seria uma razão para que ele batesse nela. Finalmente, duas ultimas questões procuravam detectar se a entrevistada percebia a questão da suspeita ou da confirmação da infidelidade conjugal por parte dela como uma razão para o parceiro usar a força física para agredi-la. A pergunta a respeito da suspeita de infidelidade da esposa como razão para agressão física por parte do marido teve 2,5% de resposta afirmativa. Entretanto, quando a pergunta era feita em relação à confirmação de relacionamento extraconjugal por parte da mulher e não mais uma suspeita, a prevalência elevou-se para 12,5%, ou seja, mais de 10% das entrevistadas acreditam que a traição da mulher deve ser punida com o uso da violência física por parte do parceiro.

A lógica da construção de quatro questões da Tabela 8 foi a de procurar investigar a noção que a entrevistada tem do direito da mulher de recusar a ter relação sexual. Para isso foram elaboradas quatro questões que descrevem situações específicas e ajudam a perscrutar a presença ou ausência dessa consciência de direito por parte da mulher sobre a sua vida sexual. Além disso, as demais questões – seis ao total - procuraram abordar a existência de tolerância da entrevistada para com o uso da violência nos relacionamentos íntimo-afetivos. Qualquer resposta afirmativa significaria que ela acredita existir justificativa ou “razões” para o parceiro usar a violência física como forma de disciplinar a mulher/parceira.

Tabela 8. - Prevalência das atitudes das mulheres entrevistadas com relação a papéis baseados em gênero. Varjão, DF, 2007. (N = 278)

Variável	n	%
A mulher pode recusar a manter relações sexuais com parceiro se ela não quer*		
Sim	248	89
Não	28	10
A mulher pode recusar a manter relações sexuais com parceiro se ele estiver bêbado*		
Sim	264	95
Não	11	4
A mulher pode recusar a manter relações sexuais com parceiro se ela estiver doente		
Sim	275	99
Não	3	1
A mulher pode recusar a manter relações sexuais com parceiro se ele a maltrata *		
Sim	272	98
Não	5	2
A não realização dos trabalhos domésticos é razão para o homem bater na mulher		
Sim	1	0.4
Não	277	99.6
A mulher desobedecer ao parceiro é razão para ele bater nela *		
Sim	11	4.0
Não	266	95.7
A recusa da mulher em ter relações sexuais com seu parceiro é razão para ele bater nela. *		
Sim	4	1.4
Não	273	98.2
O fato de a mulher perguntar se o parceiro tem outra namorada é razão para o parceiro bater nela. *		
Sim	1	0.4
Não	275	98.9
Se o parceiro suspeita que a mulher esteja sendo infiel é razão para o homem bater na mulher. *		
Sim	7	2.5
Não	269	96.8
Se o parceiro descobre a infidelidade da mulher isso é uma razão para ele bater nela.*		
Sim	35	12.6
Não	240	86.3

*Nota: Em algumas questões houve entre 1 a 3 pessoas que preferiram não responder/ou não sabiam o que responder em relação às situações citadas.

4.1.4 Magnitude das Violências Praticadas pelos Parceiros Íntimos

A violência psicológica, de mais elevada prevalência, foi de 80,2% (IC 95%: 75,5% - 84,9%) no decorrer da vida e de 50% (IC 95%: 44,1% – 55,9%) nos últimos

12 meses. A violência física teve uma prevalência de 58,6% (IC 95%: 52,8% - 64,4%) ao longo da vida e 32,4% (IC 95%: 26,9% - 37,9%) no último ano, sendo seguida pela violência sexual, com 28,8% (IC 95%: 23,5% - 34,1%) e 15,5% (IC95%: 11,2% - 19,8%). A prevalência da violência física ou sexual foi de 61,5% (IC 95%: 55% - 64,5%).

As prevalências, as freqüências e a época de ocorrência das violências psicológica, física e sexual por tipo de comportamento abusivo do parceiro íntimo são apresentadas na Tabela 9.

A forma de violência psicológica com maior prevalência ao longo da vida e nos últimos 12 meses foi o insulto (69% e 39%, respectivamente). Porém, as ameaças ao longo da vida e no ano anterior à entrevista (50% e 32%) apresentaram a maior proporção de relatos de repetição de episódios (62% e 63%). A Figura 4 mostra a prevalência dos tipos de atos da violência psicológica.

A coluna intitulada “muitas vezes” da Tabela 9 exhibe as prevalências da violência psicológica e comprova o caráter frequente dos abusos. Para todos os atos da violência psicológica as maiores prevalências foram nas situações em que esses atos se repetiam muitas vezes. Nesse sentido, constata-se que não se trata de episódios esporádicos, mas de uma prática freqüente de humilhações, insultos, intimidações e ameaças à vida da mulher.

A violência psicológica exclusiva nos últimos 12 meses (34,9%) foi mais alta do que ao longo da vida (25,7%). A análise univariada entre a violência psicológica e os comportamentos de controle adotados pelo parceiro mostrou uma associação altamente significativa (p -valor < 0, 001).

A OMS classifica a violência física em moderada e grave. Os atos de violência física que são considerados como moderados que apresentaram maior prevalência, tanto no decorrer da vida como nos últimos 12 meses, foram os empurrões ou chacoalhões ($n = 145$; 53% e $n = 72$; 26% respectivamente). A Figura 7 mostra a gravidade da violência física distribuída por faixa etária do parceiro da mulher. Observa-se que à medida que a idade aumenta ocorre também um aumento da prevalência da violência grave. Na faixa etária dos 15 a 24 anos a prevalência de violência grave foi de 29% e entre os parceiros de cinquenta anos ou mais a prevalência foi 2,2 vezes maior (65%).

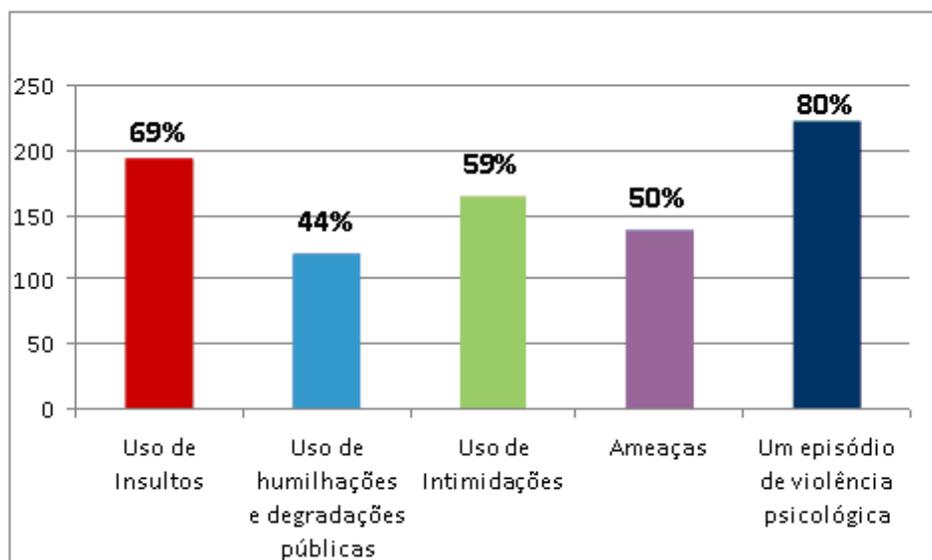


Figura 4. Prevalência da violência psicológica praticada por parceiro íntimo ao longo da vida segundo tipos de atos violentos Varjão, DF, 2007.

Tabela 9 - Prevalência e freqüência da violência psicológica, física e sexual por comportamento abusivo do parceiro íntimo, Varjão. Distrito Federal. 2007

Formas de Violências	Prevalência				Freqüência					
	Na vida		Nos últimos 12 meses		Na vida			Nos últimos 12 meses		
	n (%)	IC (95%)	n (%)	IC (95%)	Uma %	Pouca %	Muita %	Uma %	Pouca %	Muita %
Violência psicológica										
Uso de Insultos	193 (69%)		109 (39%)		11%	36%	53%	6%	35%	59%
Uso de humilhações e degradações públicas	121 (44%)		75 (27%)		11%	30%	60%	12%	31%	57%
Uso de Intimidações	165 (59%)		103 (37%)		15%	33%	53%	14%	36%	50%
Ameaças	138 (50%)		89 (32%)		16%	22%	62%	13%	24%	63%
Um episódio de violência psicológica	223 (80%)	75,5 - 84,9	139 (50%)	44,1 - 55,9						
Violência física moderada										
Tapa ou arremesso de objetos	119 (43%)		63 (23%)		26%	29%	45%	29%	29%	43%
Empurrão ou chacoalhão	146 (53%)		72 (26%)		28%	29%	43%	21%	33%	46%
Violência física severa										
Soco ou objeto que machucou	84 (30%)		47 (17%)		24%	19%	57%	32%	26%	43%
Chute ou surra	71 (26%)		36 (13%)		13%	27%	61%	14%	31%	56%
Estrangulamento ou queimadura	60 (22%)		36 (13%)		42%	17%	42%	44%	25%	31%
Ameaça ou uso de arma branca e de fogo	79 (28%)		39 (14%)		42%	18%	41%	44%	18%	38%
Um episódio de violência física	163(59%)	52,8 - 64,4	90 (32%)	26,9 - 37,9						
Violência sexual										
Parceiro forçou fisicamente a relação sexual	55 (20%)		29 (10%)		18%	29%	53%	21%	34%	45%
Relação sexual devido ao medo do parceiro	63 (23%)		33 (12%)		6%	29%	65%	6%	42%	52%
Parceiro forçou uma prática sexual humilhante e degradante	34 (12%)		17 (6%)		26%	38%	35%	24%	41%	35%
Um episódio de violência sexual	80 (29%)	23,5 - 34,1	43 (16%)	11,2 - 19,8						

Os socos ou o arremesso de objetos, classificados como violência grave, tiveram a maior prevalência (n = 84; 30% e n = 47; 17% ao longo da vida e no último ano, respectivamente) e a segunda maior ocorrência de episódios com alta frequência (n = 48; 57%) nos últimos 12 meses. No entanto, os atos que apresentaram a maior frequência, isto é, que ocorreram muitas vezes no decorrer da vida e nos últimos 12 meses foram os chutes ou surras (n = 43; 61% e n = 40; 56%, respectivamente). Ao menos uma a cada quatro mulheres (n = 79; 28%) relata ter sido ameaçada ou ter sofrido lesão por arma branca e de fogo. Entre estas, 41% declaram ter sofrido episódios recorrentes desse tipo de violência (Tabela 9).

Mais da metade das 163 mulheres que narraram suas histórias de violência física ao longo da vida (51%; n =83) relataram que sofreram lesões em decorrência da agressão física do parceiro. Dentre essas, 46% (n= 39) disseram que essas lesões ocorreram uma ou duas vezes, 14% (n=12) declararam ter sofrido lesões entre três e cinco vezes e 38% (n=32) afirmaram que os episódios de violência do parceiro resultaram em uma alta frequência de lesões em mais de cinco ocasiões. Além disso, a maioria das lesões ocorreu nos últimos doze meses antes da entrevista (51 %; n = 43).

A violência física exclusiva foi maior nos últimos doze meses (5,3%) do que a que foi constatada ao longo da vida (2,2%), já a co-ocorrência de violência física e psicológica ao longo da vida mostrou uma prevalência maior (37,4%) do que a que foi relatada nos últimos doze meses (31,6%) conforme mostrou a Figura 5.

A violência sexual cometida pelo parceiro incluiu as seguintes condições: a mulher ter sido fisicamente forçada a manter relações sexuais contra sua vontade, ter relação sexual por medo do que o companheiro pudesse fazer com ela e ter sido forçada pelo parceiro a uma prática sexual degradante ou humilhante. A Figura 6 ilustra as prevalências para cada ato de violência praticado pelo parceiro ao longo da vida e nos últimos doze meses.

Ter relação sexual por medo do parceiro apresentou a maior prevalência entre os atos classificados como violência sexual (n = 63; 23%). Um elevado percentual de 65% das mulheres que sofreram essa forma de violência afirma

que ocorrem muitos episódios de relação sexual devido ao temor do que o parceiro possa fazer com elas (Tabela 9).

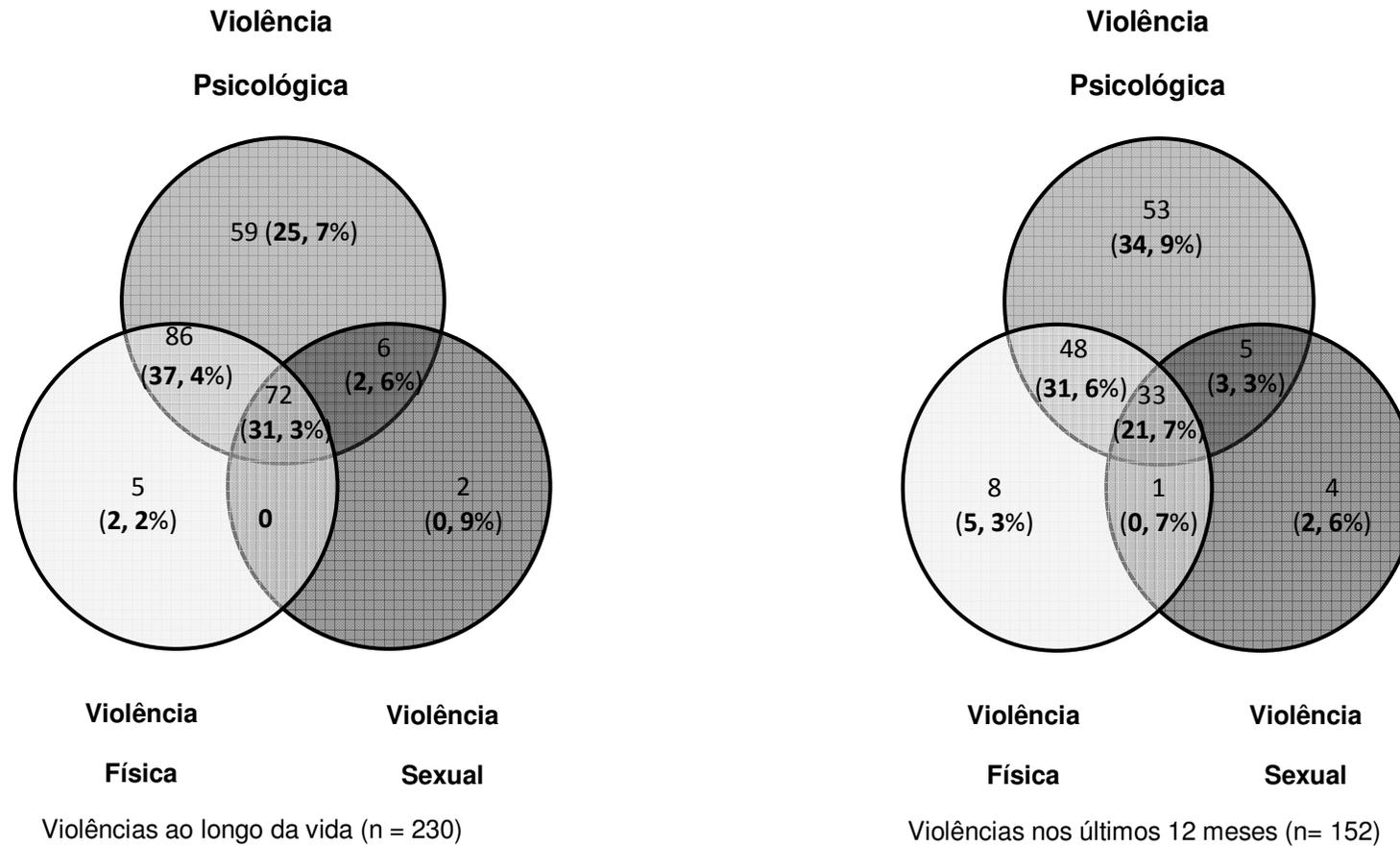


Figura 5. Frequência dos casos de violência psicológica, física e sexual ao longo da vida e nos últimos 12 meses. Varão, DF, 2007.

4.1.5 Decifrando Conexões das Violências Praticadas pelos Parceiros Íntimos

Aqui serão analisadas as associações entre as violências praticadas pelos parceiros íntimos e as variáveis explicativas do modelo ecológico segundo os níveis pessoal, processual, contextual e temporal. Apresentaremos para cada tipo de violência (variável desfecho) os fatores que estatisticamente se mostraram significativos na dinâmica de sua ocorrência.

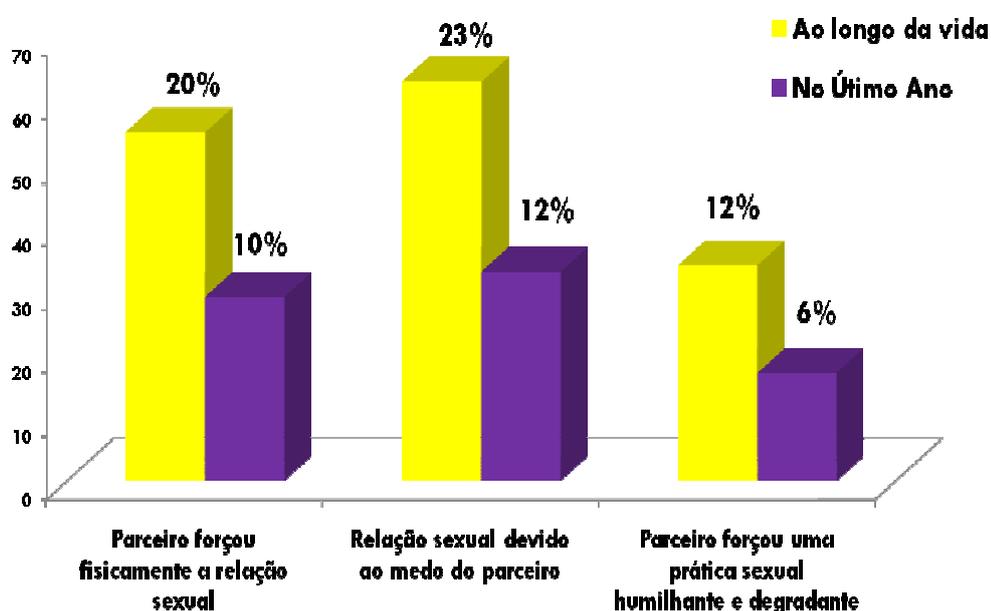


Figura 6 Prevalência de violência sexual segundo tipo de ato violento praticado pelo parceiro e tempo de ocorrência. Varjão, DF, 2007

4.1.5.1 Violência Psicológica

Dentre as características do nível pessoal das entrevistadas, as variáveis associadas à ocorrência de violência psicológica foram: estado civil e número de casamentos. No que se refere ao estado civil, entre as mulheres que atualmente estão casadas, vivendo ou mantendo relações sexuais com um companheiro, 76% relatam ter sofrido atos de violência psicológica cometida por parceiro íntimo no decorrer da vida. Para as que declaram não estar em união, essa prevalência se eleva para 90%. Entre as que tiveram mais de um casamento, a prevalência desse

tipo de violência foi de 92% enquanto que para o grupo que declarou ter se casado apenas uma vez a prevalência foi de 78%. Em relação às características individuais do parceiro, a frequência do uso de bebida e o uso de drogas ilícitas apresentaram diferenças significativas. Todas as entrevistadas que relataram o uso de bebida alcoólica pelo parceiro declararam terem sofrido violência psicológica frequentemente.

Quanto às características do nível processual, as variáveis que mostraram associação com a violência psicológica foram: infidelidade, história de briga com outro homem e comportamentos de controle. Das 134 mulheres que afirmaram a existência de relacionamento extraconjugal pelo parceiro, 91% foram vítimas de violência psicológica; entre aquelas que declararam que os parceiros não tinham relacionamento extraconjugal, a prevalência de violência psicológica foi de 70%. Além disso, das 220 mulheres que relataram que seus parceiros tinham pelo menos uma atitude de controle baseadas em gênero no relacionamento com elas, 88% (n= 192) sofreu violência psicológica (Tabela 10).

A associação entre a violência psicológica ao longo da vida e variáveis explicativas do modelo ecológico foi estimada pelos odds ratios (OR) ajustados e intervalo de confiança. O resultado final mostrou que as variáveis: número de comportamentos de controle do parceiro (OR 16,41 para quatro controles ou mais), relacionamento extraconjugal (OR 3,34) e a preocupação da mulher com a criminalidade percebida na comunidade (OR 4,23), mantiveram-se estatisticamente significantes mesmo quando ajustadas por todas as demais variáveis do modelo ecológico no qual foram testadas.

A Tabela 11 mostra os resultados da análise aplicada à variável *violência psicológica que ocorreu nos últimos doze meses* como desfecho e variáveis do modelo ecológico como explicativas. O modelo final mostrou que permaneceram apenas as variáveis relacionadas aos parceiros. São elas: uso de droga (OR 2.00), episódios de embriaguez (OR 1.39 para episódios mensais e 2.14 para episódios semanais), infidelidade conjugal (OR 3.34) e comportamentos de controle (OR 16.41 para 4 ou mais controles e OR 371 para 1 a 3 comportamentos).

Tabela 10 - Prevalência de violência psicológica ao longo da vida praticada por parceiro íntimo por variáveis segundo modelo ecológico. Varjão, DF, 2007

Variáveis	Viol. Psico	%	Razão %	X ²	p-valor
Nível Pessoal - Entrevistada					
<u>Estado civil</u>					
Casada atualmente/vivendo com um homem/tem parceiro	152	76.4	1.00		
Casada anteriormente/viveu com um homem	71	89.9	1.17	6.4	<0, 011
<u>Número de casamentos</u>					
Até 1 casamento	179	77.8	1.00	4,7	0, 029
2 ou mais	44	91.7	1.17		
Nível Pessoal - Parceiro					
<u>Frequência do uso de bebidas</u>					
Freqüentemente	32	100.0	2.44	23.1	<0, 001
Moderadamente	116	85.3	1.54		
Raramente	25	80.6	1.38		
Nunca	50	64.1	1.00		
<u>Uso de droga ilícita</u>					
Usa atualmente	29	96.7	1.28		
Usou no passado	46	86.8	1.15	9.4	0.009
Nunca usou	142	75.1	1.00		
Nível Processual - Parceiro					
<u>Relacionamento extraconjugal</u>					
Sim	122	91.0	1.29	19.1	<0, 001
Não	101	70.1	1.00		
<u>História de brigas com outro homem</u>					
Sim	86	87.8	1.15	5.62	0, 018
Não	135	75.8	1.00		
<u>Comportamentos de controle</u>					
Sim	192	87.7	1.67	36.1	<0, 001
Não	31	52,5	1.00		

Tabela 11 - Razão de chance ajustada e intervalo de confiança para a associação entre a violência psicológica ao longo da vida e as variáveis explicativas do modelo ecológico. Varjão, DF, 2007

Variável	OR*	IC (95%)
Nível Processual - Parceiro		
Número de comportamentos de controle		
Nenhum	1.00	-
1 a 3	3.71	1.77 – 7.75
4 ou +	16.41	4.50 – 59.78
Relacionamento extraconjugal		
Não	1.00	-
Sim	3.34	1.52 – 7.31
Nível Contextual - Macrossistema		
Preocupação da mulher com a percepção de criminalidade na comunidade		
Não está Preocupada	1.00	-
Está muito preocupada	4.23	1.17 – 15.29

* OR Ajustado pelas outras variáveis

Tabela 12. Razão de chance ajustada e intervalo de confiança para a associação entre a violência psicológica nos últimos doze meses e as variáveis explicativas do modelo ecológico. Varjão, DF, 2007

Variável	OR*	IC (95%)
Nível Pessoal - Parceiro		
Uso de droga pelo parceiro		
Não usa droga	1,00	-
Usuário ou ex-usuário de droga	2,00	3,88 – 3,88
Episódios de embriaguez		
Nunca houve episódios de embriaguez	1,00	-
Episódios mensais	1,39	0,67 – 2,92
Episódios semanais	2,14	0,97 – 4,75
Nível Processual - Parceiro		
Número de comportamentos de controle		
Nenhum	1,00	-
1 a 3	5,84	2,26 – 15,14
4 ou +	16,31	5,69 – 46,71
Relacionamento extraconjugal		
Não	1,00	-
Sim	3,15	1,73 – 5,72

* OR Ajustado pelas outras variáveis

4.1.5.2 Violência Física

Analisou-se também a ocorrência da violência física segundo os níveis propostos pelo modelo ecológico. Entre as características individuais das entrevistadas, as variáveis associadas à ocorrência de violência física foram: nível de instrução, estado civil e número de casamentos. Entre aquelas que possuem menos de quatro anos de estudos, a prevalência de violência física é de 73,6%. Já entre as com onze anos ou mais de estudos, essa prevalência cai para 48,6%. No que se refere ao estado civil, entre as mulheres que atualmente estão casadas, vivendo ou mantendo relações sexuais com um companheiro, 53% relatam ter sofrido atos de violência física cometida por parceiro íntimo no decorrer da vida. Para as que declaram não estar em união, essa prevalência se eleva para 83% (Tabela 13).

As características sociodemográficas do parceiro – nível de instrução e condição de atividade – não apresentaram diferença estatisticamente significativa com a ocorrência de violência física. No entanto, em relação às suas características individuais – frequência do uso de bebida e de drogas ilícitas–, essa diferença se mostrou significativa. A Figura 7 ilustra a ocorrência de violência física ao longo da vida segundo a frequência de bebida alcoólica pelo parceiro.

No nível processual constataram-se três fatores associados com a violência física: relacionamento extraconjugal, história de briga com outro homem e comportamentos de controle. Dentre as entrevistadas que declararam que seus parceiros tiveram relacionamento extraconjugal, 72% foram vítimas de violência física; entre aquelas que declararam que os parceiros não tinham relacionamento extraconjugal, a prevalência de violência física foi de 46%. Ou seja, a prevalência de violência física é 1,6 vezes mais elevada quando o parceiro tem relacionamento extraconjugal. Quanto aos comportamentos de controle, das 163 mulheres que sofreram violência física, 67% relataram que seus parceiros apresentavam comportamentos de controle no relacionamento com elas. Verificou-se que na ausência do controle do parceiro a prevalência de violência física foi de 10% e na presença de 4 ou mais desses comportamentos o índice foi de 42%. Isso significa uma prevalência 4,1 vezes mais elevada (Figura 8).

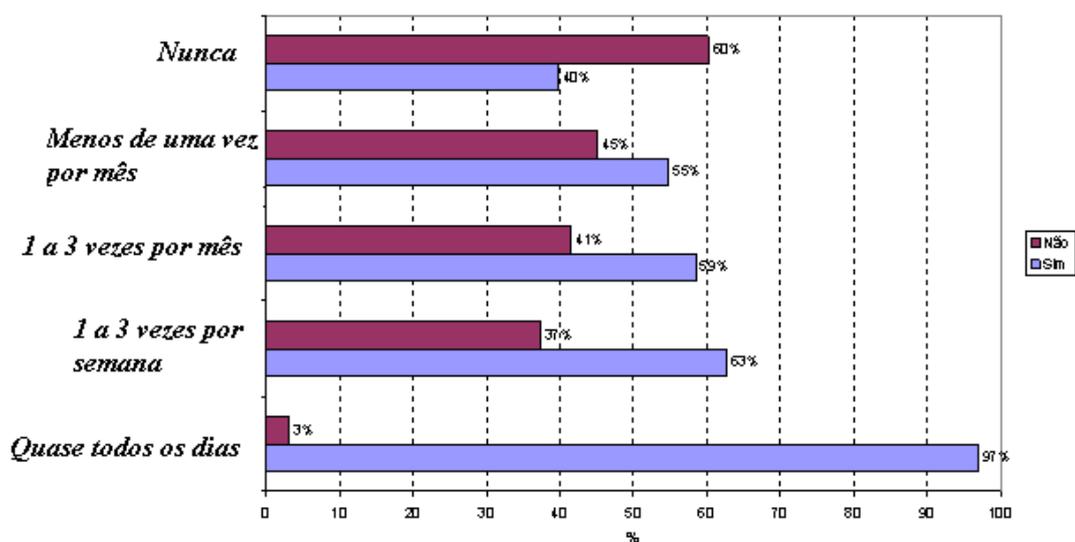


Figura 7 Prevalência da violência física ao longo da vida por frequência de ingestão de bebida alcoólica pelo parceiro. Varjão, DF, 2007

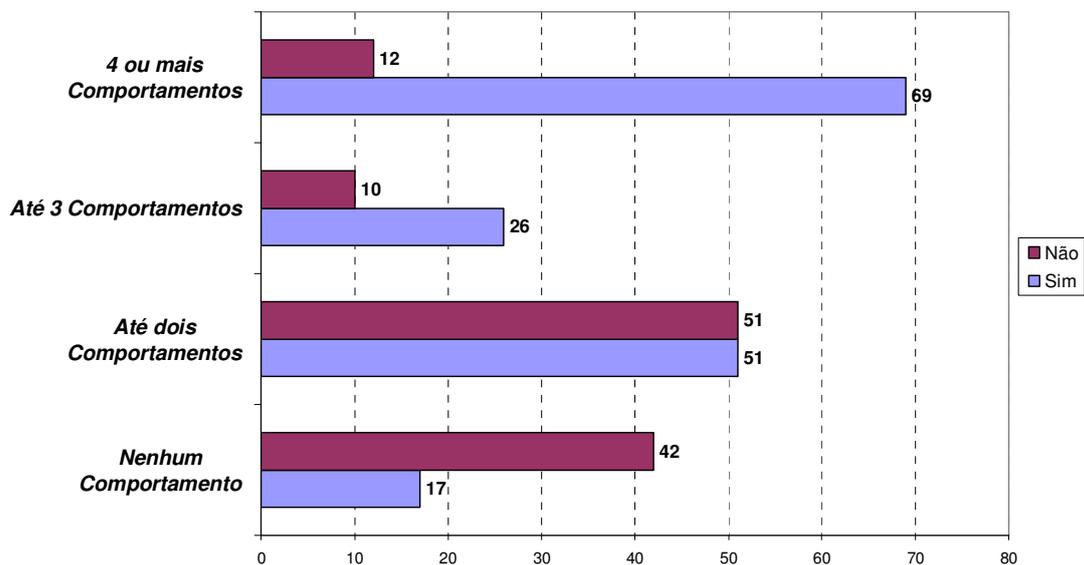


Figura 8. Violência física ao longo da vida por número de comportamentos de controle praticados pelo parceiro íntimo. Varjão, DF, 2007. (n= 163 casos de violência física)

Tabela 13 - Prevalência de violência física ao longo da vida praticada por parceiro íntimo por variáveis dos níveis do modelo ecológico. Varjão, DF, 2007

Variáveis	Viol. Física	%	Razão %	X ²	p-valor
Nível Pessoal - Entrevistada					
<u>Nível de instrução</u>					
Menos de 4 anos	53	73.6	1.51		
4 a 7 anos	58	57.4	1.18	10.3	0, 016
8 a 10 anos	34	50	1.03		
11 anos ou mais	18	48.6	1.00		
<u>Estado civil</u>					
Casada atualmente/vivendo com um homem/tem parceiro	123	53.5	1.00		
Casada anteriormente/viveu com um homem	40	83.3	1.56	14.6	<0, 001
<u>Número de casamentos</u>					
Até 1 casamento	104	52.3	1.00	11.7	<0, 001
2 ou mais	59	74.7	1.43		
Nível Pessoal - Parceiro					
<u>Freqüência do uso de bebidas</u>					
Freqüentemente	31	96.9	2.44	31.2	<0, 001
Moderadamente	83	61	1.54		
Raramente	17	54.8	1.38		
Nunca	31	39.7	1.00		
<u>Uso de droga ilícita</u>					
Usa atualmente	26	86.7	1.78		
Usou no passado	39	73.6	1.51	22.1	<0, 001
Nunca usou	92	48.7	1.00		
Nível Processual - Parceiro					
<u>Relacionamento extraconjugal</u>					
Sim	97	72.4	1.58	20.2	<0, 001
Não	66	45.8	1.00		
<u>História de brigas com outro homem</u>					
Sim	73	74.5	1.50	16.3	<0, 001
Não	88	49.4	1.00		
<u>Comportamentos de controle</u>					
Sim	146	66.7	2.31	27.4	<0, 001
Não	17	28.8	1.00		
Nível Contextual - Microssistema					
<u>Chefia da casa</u>					
Homem	68	54.4	1.01		

Conclusão

Tabela 13 - Prevalência de violência física ao longo da vida praticada por parceiro íntimo por variáveis dos níveis do modelo ecológico. Varjão, DF, 2007

Variáveis	Viol. Física	%	Razão %	X ²	p-valor
Mulher	72	72.0	1.34	11.6	0, 003
Ambos	23	53.5	1.00		
<u>Problemas financeiros decorrentes do uso de bebida pelo parceiro</u>					
Sim	54	87.1	1.54	17.8	<0, 001
Não	78	56.5	1.00		
<u>Problemas familiares decorrentes do uso de bebida pelo parceiro</u>					
Sim	72	81.8	1.53	17.5	<0, 001
Não	60	53.6	1.00		

Finalmente, no nível contextual a chefia da casa, os problemas financeiros e familiares decorrentes do uso da bebida apresentaram diferença estatisticamente significativa. O fato de a mulher responder pela chefia da moradia apresentou uma prevalência 1,34 maior do que quando o homem era a pessoa que respondia como chefe (Tabela 13).

A associação entre violência física ao longo da vida e variáveis explicativas do modelo ecológico foi estimada pelas odds ratios (OR) ajustadas e intervalo de confiança de 95%. As variáveis de cada nível que se mantiveram estatisticamente significantes foram: número de casamento e ocupação da mulher, o uso de drogas e episódios de embriaguez do parceiro, comportamentos de controle, a infidelidade conjugal e as histórias de brigas.

Além disso, entraram ainda no modelo final a atitude da comunidade em caso de briga na rua e a preocupação da mulher com a criminalidade percebida na comunidade. As mulheres que sofreram mais violência física ao longo da vida foram aquelas cujos parceiros são usuários de droga (OR=14,27), com episódios semanais de embriaguez (OR= 2,97), usam 4 ou mais comportamentos de controle no relacionamento com elas (OR = 13,39), tiveram relacionamentos extraconjugais (OR=2,19) e apresentam história de briga com outros homens (OR= 2,84). Esse

quadro multidimensional mostra a variedade de situações encontradas que foram associadas com a variável-desfecho.

Tabela 14 - Razão de chance ajustada e intervalo de confiança para a associação entre a violência física ao longo da vida e as variáveis explicativas do modelo ecológico. Varjão, DF, 2007

Variável	OR	IC (95%)
Nível Pessoal - Entrevistada		
Número de casamento		
Nenhum	1.00	-
Um	6.33	1.10 – 36.3
Dois ou mais	11.04	1.74 – 69.93
Ocupação		
Procurando emprego	1.00	-
Mulher trabalha fora	2.53	1.26 – 5.08
Nível Pessoal - Parceiro		
Uso de droga pelo parceiro		
Não usa droga	1.00	-
Ex-usuário de droga	2.07	0.87 – 4.91
Usuário	14.27	1.73 – 117.37
Episódios de embriaguez		
Nunca houve episódios de embriaguez	1.00	-
Episódios mensais	1.01	0.43 – 2.29
Episódios semanais	2.97	1.13 – 7.78
Nível Processual - Parceiro		
Número de comportamentos de controle		
Nenhum	1.00	-
1 a 3	3.64	1.57 – 8.42
4 ou +	13.39	4.60 – 38.99
Relacionamento extraconjugal		
Não	1.00	-
Sim	2.19	1.13 – 4.22
História de briga com outro homem		
Não	1.00	-
Sim	2.84	1.39 – 5.80
Nível Contextual - Exossistema		
Em caso de briga na rua vizinhança faz alguma coisa		
Sim	1.00	-
Não	2.40	1.23 – 4.63
Nível Contextual - Macrossistema		
Preocupação da mulher com a percepção de criminalidade na comunidade		
Não está Preocupada	1.00	-
Está muito preocupada	4.23	1.17 – 15.29

A ocupação da mulher – sua condição de atividade no mercado- mostrou-se relacionada com um acréscimo de 2,53 vezes na chance de ocorrência da “violência física” (Tabela 14).

Quanto à violência física ocorrida nos últimos doze meses, o modelo de regressão logística revelou apenas três fatores – comportamentos de controle,

relacionamento extraconjugal e uso de drogas - que já havia sido constatado na tabela anterior quando descrevia os fatores relacionados com a violência ao longo da vida. Entretanto, a tabela 14 mostra uma diferença na razão de chance desses fatores. As mulheres que sofreram violência física recente relataram 7 vezes mais (OR =7.0) o uso de drogas pelos parceiros e a infidelidade conjugal e 16 vezes mais o uso de 4 ou mais tipos de comportamentos de controle do parceiro (Tabela 15).

Tabela 15 - Razão de chance ajustada e intervalo de confiança para a associação entre a violência física nos últimos doze meses e as variáveis explicativas do modelo ecológico. Varjão, DF, 2007

Variável	OR	IC (95%)
Nível Pessoal - Parceiro		
Uso de droga pelo parceiro		
Não usa droga	1,00	-
Ex- usuário	1,25	0,56 – 2,79
Usuário	7,00	2,28 – 21,42
Nível Processual - Parceiro		
Relacionamento extraconjugal		
Não	1,00	-
Sim	7,19	3,50 – 14,79
Número de comportamentos de controle		
Nenhum	1,00	-
1 a 3	3,03	0,83 – 11,01
4 ou +	15,72	4,21 – 58-62

4.1.5.3 Violência Sexual

A violência sexual ao longo da vida mostrou-se associada com três fatores do *nível pessoal*: o número de casamentos da mulher e a frequência do uso de bebida alcoólica e o uso de droga pelo parceiro. 42,6% das violências sexuais aconteceram nos casos em que a mulher relatou que o parceiro ingere bebida alcoólica frequentemente – uso do álcool todos os dias ou quase todos os dias – apresentando uma prevalência 3,0 vezes maior nesses casos. Em relação ao uso de droga, a violência sexual teve uma prevalência maior quando a entrevistada relatou que o parceiro é usuário (2,7 vezes maior) e nos casos em que ela declarou

que ele foi usuário no passado (2,3 vezes mais elevada). Verifica-se uma reduzida diferença entre usuários e ex-usuários em relação aos que nunca usaram drogas. Questiona-se a veracidade da informação que a mulher forneceu acerca do fato do parceiro ter abandonado o uso de substâncias ilícitas. É possível que ela própria não possua uma informação fidedigna sobre o real abandono do uso das drogas pelo parceiro.

Além disso, verificou-se que a prevalência da violência sexual ao longo da vida praticada pelos ex-usuários (45%) e usuários (53%) foi alta em relação aos parceiros relatados como não usuários (20%). Ambos – usuários e ex-usuários- apresentaram parâmetros duas vezes maior do que nas violências sexuais praticadas pelos parceiros que nunca usaram drogas. Entretanto, essa informação precisa ser considerada num contexto de interação com outras variáveis para verificar se a variável mantém sua significância quando associada com a violência sexual.

As variáveis do nível *processual* associadas com violência sexual foram as mesmas variáveis do comportamento do parceiro encontradas para a violência física: comportamentos de controle, história de briga com outro homem e relacionamento extraconjugal. A ocorrência da violência sexual apresentou uma razão de prevalência de 2,82 nos relatos de existência de comportamentos de controle, 1,10 no item 'brigas na rua' e 1,69 na ocorrência de relacionamento extraconjugal. Essa apresentação *controle da parceira - briga com outros homens - envolvimento com outras mulheres* parece formar uma tríade de comportamentos baseados em gênero que revelam nuances do relacionamento do parceiro com a entrevistada, com outros homens – conhecidos ou desconhecidos- e com outras mulheres.

Quanto às variáveis do nível *contextual*, surgiram associações com a história de violência sexual experimentada antes e depois dos quinze anos. Essas variáveis foram classificadas como componentes do endossistema.

As mulheres que tinham história de violência sexual depois dos quinze anos apresentaram uma prevalência 2,0 vezes maior de violência sexual praticada pelo parceiro íntimo. Além disso, o fato da mulher ter sofrido abuso sexual antes dos quinze anos foi associada com essa variável-desfecho apresentando uma razão de prevalência de 1,66 (Tabela 16).

Tabela 16 - Prevalência de violência sexual ao longo da vida praticada por parceiro íntimo segundo variáveis do modelo ecológico. Varjão, DF, 2007

Variáveis	Viol. Física	%	Razão %	X ²	p-valor
Nível Pessoal - Entrevistada					
<u>Número de casamentos</u>					
Até 1 casamento	46	23.1	1.00		
2 ou mais	34	43.0	1.86	17.8	0,003
Nível Pessoal – Parceiro					
<u>Freqüência do uso de bebidas</u>					
Freqüentemente	49	42.6	3.02	32.4	<0, 001
Moderadamente	11	20.7	1.46		
Raramente	9	29.0	2.05		
Nunca	11	14.1	1.00		
<u>Uso de droga ilícita</u>					
Usa atualmente	16	53.3	2.71	25.7	<0, 001
Usou no passado	24	45.3	2.31		
Nunca usou	37	19.6	1.00		
Nível Processual - Parceiro					
Relacionamento extraconjugal					
Sim	48	37.6	1.69	9.1	0, 010
Não	32	22.2	1.00		
História de brigas com outro homem					
Sim	42	52.5	1.10	14.2	<0, 001
Não	38	47.5	1.00		
Comportamentos de controle					
Sim	73	33.3	2.82	49.9	<0, 001
Não	7	11.8	1.00		
Nível Contextual					
Microssistema					
Problemas financeiros decorrentes do uso de bebida pelo parceiro					
Sim	35	56.4	2.29	32.5	<0, 001
Não	34	24.6	1.00		
Problemas familiares decorrentes do uso de bebida pelo parceiro					
Sim	41	46.6	1.86	22.6	<0, 001
Não	28	25.0	1.00		
Mesossistema					
História de abuso sexual da entrevistada					
Sim	35	39,9	1.66	6.63	0, 010
Não	45	23,9	1.00		
História de violência sexual depois dos 15 anos					
Sim	47	41.6	2.08	15.25	<0, 001
Não	33	20.0	1.00		

A análise da violência sexual ao longo da vida em relação às variáveis do modelo ecológico apresentou associação com cinco variáveis independentes provenientes de dois diferentes níveis do modelo ecológico: escolaridade da mulher,

embriaguez e uso de droga pelo parceiro (nível pessoal) e história de briga e número de comportamentos de controle (nível processual). A tabela 16 mostra a razão de chance ajustada e os intervalos de confiança do modelo final.

Mulheres que não frequentaram escola apresentaram uma prevalência 3,0 vezes maior de violência sexual em relação àquelas que relataram ter concluído cinco anos ou mais de educação formal. A variável-desfecho violência sexual foi a única em que a variável escolaridade apareceu no modelo final após os ajustes entre variáveis (Tabela 17).

Tabela 17 - Razão de chance ajustada e intervalo de confiança para a associação entre a violência sexual ao longo da vida e as variáveis explicativas do modelo ecológico. Varjão, DF, 2007

Variável	OR	IC (95%)
Nível Pessoal – Entrevistada		
Escolaridade da mulher		
5ª série ou mais	1.00	-
1 a 4 séries	1.48	0.71 – 3.10
Não foi alfabetizada	3.06	1.11 – 8.46
Nível Pessoal - Parceiro		
Episódios de embriaguez		
Nunca houve episódios de embriaguez	1.00	-
Episódios mensais	1.84	0.81 – 4.14
Episódios semanais	3.31	1.50 – 7.30
Uso de droga pelo parceiro		
Não usa droga	1.00	-
Ex-usuário de droga	2.70	1.22 – 5.94
Usuário	2.91	1.08 – 7.86
Nível Processual - Parceiro		
História de briga com outro homem		
Não	1.00	-
Sim	2.30	1.18 – 4.47
Número de comportamentos de controle		
Nenhum	1.00	-
1 a 3	1.54	0.55 – 4.31
4 ou +	6.64	2.33 – 18.94

Em relação ao parceiro, o uso de drogas e os episódios de embriaguez se mostraram associado com a violência sexual. De semelhante modo ao que se verificou na violência psicológica e física, a prevalência entre os ex-usuários de droga (2,70 vezes maior) foi quase tão alta quanto entre os atuais usuários (2,91 vezes maior) em relação aos não usuários de drogas ilícitas.

Por fim, permaneceram no modelo dois comportamentos do parceiro pertencentes ao nível processual que também foram associados com os outros tipos de violência: história de briga com outro homem e os comportamentos de controle. O uso de quatro ou mais comportamentos de controle apresentaram um aumento de 6,6 vezes na prevalência da violência sexual para o período analisado e a ocorrência de brigas com outros homens mostraram uma prevalência de 2,30 vezes maior. O relacionamento extraconjugal, ainda que tenha apresentado na análise inicial diferença estatisticamente significativa (OR simples 1,69), quando ajustado entre todas as variáveis, não manteve a significância (Tabela 17).

Na análise da ocorrência de violência sexual nos últimos doze meses, verificou-se três variáveis relacionadas ao parceiro. Duas pessoais – uso de droga e episódios de embriaguez – e duas do nível processual – infidelidade conjugal e comportamentos de controle. Mulheres que relataram que seus maridos tiveram episódios semanais de embriaguez tiveram 8,86 vezes mais chance de sofrerem violência sexual nos últimos doze meses do que nos casos em que não houve nenhum episódio de embriaguez. Além disso, mulheres cujo marido foi descrito como usuário de droga tiveram 4,79 vezes mais chance de terem sofrido esse tipo de violência. Em relação aos relacionamentos extraconjugais, mulheres cujo marido tem ou teve relacionamento com outras mulheres apresentaram 2,58 mais chance de terem sofrido violência sexual recentemente (nos últimos doze meses antes da entrevista). Interessante notar que ainda que o relacionamento extraconjugal do parceiro não tenha feito parte do modelo final da violência sexual ao longo da vida, ele compõe o quadro da violência recente (Tabela 18).

Quando analisada em relação aos últimos doze meses, a análise mostra associação com fatores de dois níveis do modelo ecológico. Em relação ao nível pessoal foram observados os episódios de embriaguez e o uso da droga que já haviam sido detectados na tabela anterior. A diferença da manifestação desses dois fatores na violência ao longo da vida e nos últimos doze meses está no aumento da odds-ratio registrada na violência recente. A prevalência dos episódios de

embriaguez semanal aumenta de 3,31 vezes (ao longo da vida) para 8,8 vezes (no último ano) em relação à prevalência de violência sexual entre aqueles que não usam bebida alcoólica (Tabela 18).

Tabela 18 - Razão de chance ajustada e intervalo de confiança para a associação entre a violência sexual nos últimos doze meses e as variáveis explicativas do modelo ecológico. Varjão, DF, 2007

Variável	OR	IC (95%)
Nível Pessoal - Parceiro		
Episódios de embriaguez		
Nunca houve episódios de embriaguez	1.00	-
Episódios mensais	5.90	2.01 – 17.31
Episódios semanais	8.86	3.21 – 24.45
Uso de droga pelo parceiro		
Não usa droga	1.00	-
Ex-usuário de droga	2.52	1.28 – 6.20
Usuário	4.79	1.74 – 13.17
Nível Processual - Parceiro		
Relacionamento extraconjugal		
Não	1.00	-
Sim	2.58	1.10 – 6.04
Número de comportamentos de controle		
Nenhum	1,00	-
1 a 3	3,03	0.83 – 11.01
4 ou +	15.72	4.21 – 58.62

4.1.5.4 Violência Física ou Sexual

A violência física ou sexual ao longo da vida apresentou associação com uma característica do nível pessoal relacionada à entrevistada que foi a variável número de casamentos.

A tabela 19 mostra que as mulheres que foram casadas mais de uma vez relataram uma prevalência nove vezes (OR ajustado 9,3) maior em relação à violência sexual do que as que tiveram apenas um casamento. Quanto ao parceiro, as características individuais associadas foram o uso de droga e os episódios de

embriaguez. A diferença de prevalência desse tipo de violência entre usuários e ex-usuários mostrou-se pequena conforme tendência verificada nos outros tipos de violência anteriormente apresentadas.

Tabela 19 - Razão de chance ajustada e intervalo de confiança para a associação entre a violência física ou sexual ao longo da vida e as variáveis explicativas do modelo ecológico. Varjão, DF, 2007

Variável	OR	IC (95%)
Nível Pessoal – Entrevistada		
<u>Número de casamentos</u>		
Nenhum	1.00	-
Até 1 casamento	5.79	1.28 – 26.1
2 ou mais	9.39	1.90 – 46.4
Nível Pessoal - Parceiro		
Episódios de embriaguez		
Nunca houve episódios de embriaguez	1,00	-
Episódios mensais	1.32	0.57 – 3.08
Episódios semanais	3.03	1.07 – 8.53
Uso de droga pelo parceiro		
Não usa droga	1.00	-
Ex-usuário de droga e usuário	3.79	1.57 – 9.15
Nível Processual - Parceiro		
História de briga com outro homem		
Não	1.00	-
Sim	3.13	1.50 – 6.55
Relacionamento extraconjugal		
Não	1.00	-
Sim	2.42	1.22 – 4.81
Número de comportamentos de controle		
Nenhum	1.00	-
4 ou +	16.8	5.61 – 50.32
Nível contextual - Exossistema		
Em caso de briga na rua vizinhança faz alguma coisa		
Sim	1.00	-
Não	2.30	1.17 – 4.49
Nível Contextual - Macrossistema		
Preocupação da mulher com a percepção de criminalidade na comunidade		
Não está Preocupada	1.00	-
Está muito preocupada	6.60	1.45 – 29.9

No nível processual a história pregressa de briga com outros homens, a infidelidade e os comportamentos de controle também se mostraram associados, confirmando a tríade comportamental que sugerimos anteriormente.

Quanto aos comportamentos de controle, o relato de quatro ou mais deles no relacionamento apresentou uma prevalência 16 vezes maior do que nas situações onde nenhum comportamento desse tipo foi relatado. As mulheres que estão preocupadas com a criminalidade na comunidade apresentaram uma prevalência seis vezes maior desse tipo de violência. O modelo de regressão logística mostrou ainda a associação de uma variável do nível do exossistema e do macrossistema (Tabela 19).

Tabela 20 - Razão de chance ajustada e intervalo de confiança para a associação entre a violência física ou sexual nos últimos doze meses e as variáveis explicativas do modelo ecológico. Varjão, DF, 2007

Variável	OR	IC (95%)
Nível Pessoal – Entrevistada		
Tempo de residência no Varjão (anos)		
Até 5	3.99	1.37 -11.6
6 a 10	1.25	0.39 - 3.93
11 a 20	2.40	0.89 - 6.44
Nível Pessoal - Parceiro		
Episódios de embriaguez		
Nunca houve episódios de embriaguez	1.00	-
Episódios mensais	1.26	0,55 - 2,87
Episódios semanais	2.77	1,23 - 6,24
Uso de droga pelo parceiro		
Não usa droga	1.00	-
Usuário e ex-usuário	2.22	1.23 - 6.24
Nível Processual - Parceiro		
Relacionamento extraconjugal		
Não	1.00	-
Sim	6.50	3.17 -13.32
Número de comportamentos de controle		
Nenhum	1.00	-
1 a 3	3.41	0,93 -12.50
4 ou +	16.34	4,28 - 62.41

As variáveis que se mostraram associadas à violência física ou sexual nos últimos doze meses foram: tempo de residência no Varjão, episódios de embriaguez e uso de drogas, relacionamento extraconjugal e número de comportamentos de

controle. Os resultados mostram uma alta prevalência da violência física ou sexual nos casos onde a entrevistada relatou a ocorrência de relacionamento extraconjugal por parte do parceiro (6,5 vezes maior) e a presença de 4 ou mais comportamentos de controle (16,34 vezes maior). A associação desse tipo de violência com o aumento do número de comportamentos de controle e de relatos de relacionamentos extraconjugal segue tendência observada nas demais variáveis-desfecho apresentadas anteriormente (Tabela 20).

O Quadro 6 foi construído para auxiliar a visualização dos tipos de variáveis explicativas que compunham os quatro níveis do modelo ecológico e que depois de ajustadas entre si, ainda se mostraram associadas às variáveis-desfecho deste estudo.

As associações encontradas para cada tipo de violência praticada pelo parceiro íntimo revelaram dinâmicas de violências diferentes entre os tipos e entre períodos de ocorrência dessas violências. No total foram construídos oito modelos para investigar as violências psicológica, física, sexual e física ou sexual que ocorreram ao longo da vida da mulher e também num período mais recente, isto é, nos últimos doze meses antes da entrevista. O Quadro 6 resume os dados apresentados até aqui da seguinte forma: observou-se uma maior frequência de associação das variáveis-desfecho com as características pessoais do parceiro: uso de droga esteve presente em sete dos oito modelos finais e os episódios de embriaguez em seis dos modelos. Além disso, observou-se uma maior frequência de associação com as variáveis explicativas dos processos das interações do parceiro com outros homens (brigas na rua), outras mulheres (relacionamento extraconjugal) e com sua parceira (comportamentos de controle).

Observou-se que algumas variáveis explicativas estiveram presentes em pelo menos um dos dois momentos – ao longo da vida e no último ano - para todos os quatro tipos de violência e todas elas estavam relacionadas com o parceiro, são elas: uso dos comportamentos de controle, relacionamento extraconjugal, uso de droga e episódios de embriaguez. Nesse sentido, as variáveis do nível pessoal e do nível processual que eram relacionadas ao parceiro apresentaram maior frequência de associação com as variáveis-desfecho do que o nível individual relativo à entrevistada e o nível contextual.

Em relação ao nível contextual, o cenário do macrossistema, a variável preocupação da entrevistada com a criminalidade na vizinhança/comunidade,

apresentou-se associada à violência psicológica, física e física ou sexual ao longo da vida. Em nenhum dos modelos finais foram incluídas essas variáveis relacionadas às opiniões das mulheres baseadas em gênero, pois elas apresentaram nenhuma associação estatisticamente significativa com as variáveis desfecho. A descrição da prevalência dessas opiniões foi anteriormente apresentada nas tabelas 7 e 8. Mesmo nas análises univariadas essas variáveis não apresentaram significância estatística. Voltaremos a essa questão no capítulo da discussão desses resultados.

Mas há mais. A história de agressividade do parceiro com outros homens - briga com outro homem- esteve presente em todos os tipos de violência com exceção da psicológica. A variável da entrevistada que apareceu no resultado final para a violência física e para a violência física ou sexual foi o número de casamentos da mulher. A ocupação da mulher apareceu como fator relacionado ao aumento de prevalência da violência física e a escolaridade abaixo de 4 séries mostrou-se associada ao aumento de prevalência da violência sexual.

Finalmente, observando o Quadro 6 podemos também perceber que as variáveis do nível contexto não apareceram nas violências praticadas pelo parceiro nos últimos doze meses. As variáveis explicativas que apresentaram nível de significância em todos os quatro tipos de violência foram três: uma do nível pessoal relacionada ao parceiro, que foi o uso de droga; e duas do nível processual, relacionadas aos comportamentos de controle e relacionamentos extraconjugais do parceiro. Essas duas variáveis do nível processual estão relacionadas às interações do parceiro com mulheres – quer seja a entrevistada quer seja a “outra” na vida dele – e aponta para a possibilidade de que outras formas de violência ou mesmo outros casos de violência estejam ocorrendo com as outras parceiras desse homem. Chama a atenção o fato de que a única variável relacionada às características da mulher foi o tempo de moradia no Varjão, que se apresentou associado com a ocorrência de violência física ou sexual nos últimos doze meses. Essa variável descreve mais a interação da mulher com o espaço geográfico e simbólico que ela ocupa do que do que com características identitária. Vimos que mais da metade da população migrou do nordeste e uma parcela ainda se encontra em fase de inserção na comunidade hospedeira.

Quadro 6 - Associação dos tipos de violências cometidos por parceiros íntimos ao longo da vida e nos últimos doze meses com variáveis explicativas do modelo ecológico. Varjão, DF, 2007

VPI ao longo da vida e fatores associados*			
Violência Psicológica	Violência Física	Violência Sexual	Violência Física ou Sexual
<u>Processual:</u> -Comportamentos de controle - Relacionamento extraconjugal <u>Contextual–Macrossistema</u> Preocupação com a criminalidade na vizinhança	<u>Pessoal – Mulher:</u> -Número de casamento - Ocupação <u>Pessoal - Parceiro:</u> -Uso de droga -Episódios de embriaguez <u>Processual:</u> -Comportamentos de controle - Relacionamento extraconjugal - História de briga com outros homens <u>Contextual–Exossistema</u> -Envolvimento da comunidade <u>Contextual–Macrossistema</u> -Preocupação com a criminalidade na vizinhança.	<u>Pessoal – Mulher:</u> Escolaridade <u>Pessoal - Parceiro:</u> -Uso de droga -Episódios de embriaguez <u>Processual:</u> -Comportamentos de controle -História de briga com outros homens	<u>Pessoal – Mulher:</u> -Número de casamento <u>Pessoal - Parceiro:</u> -Uso de droga -Episódios de embriaguez <u>Processual:</u> -Comportamentos de controle - Relacionamento extraconjugal - História de briga com outros homens <u>Contextual–Exossistema</u> -Envolvimento da comunidade <u>Contextual–Macrossistema</u> -Preocupação com a criminalidade na vizinhança.
VPI nos últimos doze meses e fatores associados			
Violência Psicológica	Violência Física	Violência Sexual	Violência Física ou Sexual
<u>Pessoal - Parceiro:</u> -Uso de droga -Episódios de embriaguez <u>Processual:</u> -Comportamentos de controle - Relacionamento extraconjugal	<u>Pessoal - Parceiro:</u> -Uso de droga <u>Processual:</u> -Comportamentos de controle -Relacionamento extraconjugal	<u>Pessoal - Parceiro:</u> -Uso de droga -Episódios de embriaguez <u>Processual:</u> -Comportamentos de controle -Relacionamento extraconjugal	<u>Pessoal – Mulher:</u> Tempo de residência no Varjão <u>Pessoal - Parceiro:</u> -Uso de droga -Episódios de embriaguez <u>Processual:</u> -Comportamentos de controle Relacionamento extraconjugal

*Odds-ratio ajustado

4.1.6 Sociabilidade Violenta e as Reações das Mulheres Frente aos Episódios de Violência

Apresentamos aqui de maneira puramente descritiva alguns resultados relacionados ao impacto das violências sofridas pela mulher nos seus próprios corpos. São corpos que também “contam” suas histórias de lesões, agressões e reações. Essas proporções numéricas serão mais bem elucidadas por intermédio das narrativas que as mulheres fizeram dos eventos violentos vivenciados por elas na parte qualitativa dos resultados da pesquisa. Entretanto, esses resultados mensuram parte da magnitude das punições sofridas num corpo coisificado e disciplinado onde o parceiro busca pelos implementos da violência a sua “docilização”, conforme discutido no primeiro capítulo desta tese.

Passamos a seguir a descrever em números essas histórias de violência sofrida e violência devolvida.

Mais da metade das mulheres que sofreram violência física e sexual não procuraram nenhum serviço de apoio e assistência (52,6%; n = 90). Dentre as que procuraram algum tipo de ajuda verificou-se que um total de 31% (n = 53) foram à delegacia de polícia, 21,6% (n= 37) buscaram ajuda na Delegacia Especializada de Atendimento à Mulher; 18,1% (n= 31) procuraram ajuda da família, 5,8% (n= 10) buscaram assistência nos hospitais e centros de saúde e 4,1% (7 pessoas) procuraram ajuda com ministros religiosos. Os demais serviços como organizações não governamentais de apoio à mulher, casa abrigo e serviços de representação jurídica tiveram menos de 3% de procura.

Das 171 mulheres que sofreram violências físicas e sexuais, 69% (n = 118) afirmaram ter reagido na tentativa de se defender na hora do episódio de agressão física do parceiro. Quando perguntadas sobre a frequência com que reagiram à violência praticada pelo parceiro, 39,2% (n = 67) disseram que só fizeram isso em uma ou duas ocasiões, 21% (n = 35) disseram que reagem todas as vezes agredindo fisicamente o parceiro quando eles iniciam a agressão e 9,4 % (n= 16) disseram que já reagiram algumas vezes.

Dentre as que reagiram 11.1% (n= 19) disseram que o fato de reagirem não produziu nenhuma mudança, 24% (n= 41) afirmaram que a violência piorou pelo fato delas terem reagido, 18,7% declararam que depois do episódio em que elas

reagiram não houve mais nenhuma violência (a violência parou) e 15,2% (n = 26) responderam que a violência diminuiu.

Finalmente, foi investigado se as mulheres que sofreram violência física ou sexual alguma vez, mesmo sem o parceiro ter iniciado a agressão, tiveram a iniciativa de começar uma briga e agredir fisicamente o homem. Quase um quarto das mulheres que sofreram episódios de violências (24%; n = 41) afirmaram que já haviam iniciado as agressões contra os seus parceiros. Dentre essas, 10,5 % (n =18) relataram que os episódios de agressão iniciados por elas aconteceram entre uma e duas vezes e para 8,2% (n= 14) as agressões acontecem com freqüência em repetidas ocasiões.

4.2 DISCURSO DA REALIDADE VIVIDA PELAS MULHERES ENTREVISTADAS: ANÁLISE QUALITATIVA

Com relação às narrativas das mulheres acerca das experiências específicas com as múltiplas violências vividas no cotidiano de suas vidas, passaremos a apresentar os resultados de seus discursos. Foram 195 narrativas das 278 mulheres entrevistadas. As narrativas são estruturadas mediante o discurso da entrevistada-sujeito que esteve envolvida nos acontecimentos narrados e construiu uma realidade sobre o fato. O discurso dessa realidade em forma de “fala” conta histórias vivida em contextos particulares pelas sobreviventes ou pelas testemunhas das violências. Nesta parte dos resultados apresentamos o *discurso da realidade* e na parte da discussão trataremos do *discurso sobre a realidade* conforme sugere Lefevre⁴⁴.

A análise das 195 narrativas apresentou 397 Idéias-Centrais (IC) que resumiram a essência das Expressões-Chaves (EC) presentes nas falas das mulheres. Essas 397 ECs e/ ou ICs foram agrupadas por semelhança ou complementaridade de sentido e formaram 32 Discursos do Sujeito Coletivo (DSCs). Esses DSCs descrevem um mosaico de múltiplas vivências de violências que o levantamento de dados estatísticos por intermédio do instrumento da OMS detectou. Entretanto, o DSCs revelou matizes e nuances das violências que não faziam parte da investigação feita por intermédio das questões de sistema fechado do instrumento utilizado.

Tabela 21 - Proporção dos Discursos do Sujeito Coletivo segundo Idéias Centrais de sentidos semelhantes. Varjão, DF, 2007

DSC Sínteses (Agrupados por Semelhança temática)	Número de EC e/ou IC	%
1. Engenharia das VPI - 8 Discursos	114	58.5
Coquetel Violento	28	14.4
Adeus "Lua de Mel", só sobrou tensão e agressão	21	10.8
Na companhia do medo: mulheres em estado de alerta e temor constante	19	9.7
Gravidez de risco... violência como diagnóstico	16	8.2
Histórias de traição e violência	12	6.2
Coerção sexual ou estupro?	9	4.6
Naturalização da violência	5	2.6
Quando o medo fala mais alto	4	2.1
2. Histórias de estupro de vulneráveis - 6 Discursos	77	39.5
Nossa ele era família!	30	15.4
Foi aí que entendi o que ele fez comigo	22	11.3
Silêncio dos inocentes	12	6.2
Memórias que machucam	5	2.6
Casamento ou estupro de vulneráveis?	4	2.1
O perigo na rua	3	1.6
3. Violência Silenciosa ou Silenciada? - 4 Discursos	43	22.1
Em briga de marido e mulher a família não está metendo a colher	16	8.2
Tendo os filhos por testemunhas	12	6.2
Quando a criança fala e o cuidador cala	10	5.1
Nem você fala e nem eu pergunto	5	2.6
4. Anos potenciais de vida sofrida – 4 Discursos	43	22.1
Tudo começou muito cedo	20	10.3
Minha vida toda eu fui um saco de pancada	11	5.6
Entre o ficar e o partir	7	3.6
Pensando na saída	5	2.6
5. Um novo tempo... apesar dos pesares - 4 Discursos	39	20.0
Hoje é tempo de empoderamento	21	10.8
Maria da Penha neles...	9	4.6
Narrar ajuda a curar	6	3.1
Tô feliz com meu parceiro	3	1.6
6. E por falar em violência – 2 Discursos	35	18.0
Varjão: O crime nosso de cada dia	28	14.4
Violências e mais violências	7	3.6
7. Violência é uma linguagem – 4 Discursos	34	17.4
A linguagem da retribuição	13	6.7
O descontrole do controle	9	4.6
O discurso religioso	8	4.1
Foi eu que comecei	4	2.1

Os 32 DSC foram agrupados em sete blocos temáticos . São eles: *Engenharia das violências praticadas por parceiros íntimos* (8 DSCs), *Histórias de estupro de vulneráveis* (6 DSCs), *Violência silenciosa ou silenciada?* (4 DSCs),

Anos potenciais de vida sofrida (4 DSCs), *Um novo tempo... apesar dos pesares* (4 DSCs), *E por falar em violência* (2DSCs) e *Violência é uma linguagem* (4 DSCs). A Tabela 21 ilustra a proporção de dos DSCs segundo blocos temáticos.

Na seqüência, apresentamos as falas dos sujeitos desta pesquisa e as teias discursivas que compõem as múltiplas violências baseadas em gênero e o cruzamento do indivíduo com o social.

4.2.1 Engenharia das Violências Praticadas por Parceiros

4.2.1.1 Discurso do Sujeito Coletivo 1

Idéia Central: Uso de bebidas alcoólicas e drogas relacionados à VPI .

COQUETEL VIOLENTO

Meu pai bebe muito e algumas vezes ele briga com minha mãe e bate nela. Fala que vai matar ela, mas são só palavras. Não faz nada mais do que bater. Minha mãe apanhou muito de meu pai quando ele chegava bêbado. Meu pai era alcoólatra e quando bebia ele batia muito nela. Além disso, meu padrasto bebe e ele fica xingando minha mãe e tenta bater nela, mas ela não deixa. Meu padrasto bebia muito e batia nela. Uma vez ele pegou um facão e bateu nas costas dela e ficou uma marca roxa

Meu pai bebia muito e batia muito na minha mãe. Depois de uns oito anos, ele adoeceu com um problema do fígado e aí ele voltou para a igreja e parou de bater na minha mãe.

Ano passado o marido da minha irmã bateu nela. Ela não quis denunciar e começou a beber. Hoje, ela bebe muito e é ela que bate nele e ele só se defende e não bate nela.

Meu primeiro marido bebia demais e ficava agressivo e me batia muito. Tinha alguém sempre para me salvar. Ele bebia demais e dormia com a faca debaixo do travesseiro. No começo ele não me agredia. Ele saía direto para os bares e festas e com o tempo ele começou a chegar bêbado. Ele começou a pegar o facão e bater

em minhas costas... Surra de facão. Um dia meu filho ouviu no bar que ele ia me matar naquela noite. Uma vez ele estava bêbado e atirou em mim (...). Mas errou o tiro e meu irmão chegou e conseguiu tirar o revólver dele. Larguei dele depois disso. Ele já me humilhou muitas vezes. E me bateu uma vez. No natal ele chegou bêbado em casa e me bateu. Eu fui para a casa da minha tia e fiquei lá até ele se acalmar. (...) Ele começou a vender e usar drogas e ficou violento. Me bateu algumas vezes e me ameaçou com arma uma vez. Mas ele era um bom homem. As vezes que eu apanhei do meu marido foi porque ele chegou bêbado e eu fui reclamar e ele me socou. Meu marido já me empurrou e me deu tapas muitas vezes. Quando ele fica bêbado, ele pega a faca e fica batendo nos móveis até lá fora da rua e fica como um louco dizendo que vai matar todos nós. Sempre que ele bebia dava soco ou tapa.

Na verdade, toda vez que ele bebia, ele ficava violento. O problema é que ele bebia quase todo dia. Ele me ameaçava que se eu chamasse a policia para ele, ele ia me matar. Numa vez que ele estava bêbado, ele chegou em casa brigando e derrubando minhas comidas. Um dia o pai da minha filha chegou bêbado e rasgou a minha calcinha.. Eu acho que porque meu marido bebia muito, quando ele chegava em casa ele me batia. Ele usava drogas e roubava. Ele bebia muito (...). Ele foi embora e eu fiquei com as crianças. O meu marido atual também bebe e quando chega aqui em casa grita comigo e me humilha. Queria que ele mudasse.

Já meu ex-marido, me acordava com um revólver na cabeça, com faca, com machado ou qualquer outra coisa. Isso acontecia quando ele chegava em casa bêbado e eu já estava dormindo. Uma noite meu ex-marido chegou bêbado em casa e começou a me xingar, me chamando de vagabunda pois um outro bêbado tinha dito que eu tinha um amante. Eu estava dormindo com meus filhos em casa e ele começou a brigar e me apertou o pescoço que eu fiquei sem ar. Na ultima vez que ele me bateu, eu peguei ele e empurrei na parede. Ele estava bêbado. Além disso, ele usava maconha e cocaína. (...) Ele me batia, colocava o revólver na minha cabeça quando eu não deixava usar minha casa como ponto de venda da droga. Sempre que ele bebia dava soco ou tapa. Ele mexe com droga. Ele é muito perigoso

4.2.1.2 Discurso do Sujeito Coletivo 2

Idéia Central: Tensão e agressão: o ciclo da violência perde a fase da “lua-de-mel”

ADEUS “LUA DE MEL”

Já apanhei demais. Muitas e muitas vezes. Ele nem prometia mais que não ia mais bater. Meu marido quase me matou. Um dia eu fui para o hospital de base desmaiada. No começo ele prometia que ia parar de bater, mas depois ele batia e nem falava nada. Levei tanta surra. Ele vive falando que vai me mandar num pacotinho para o Piauí e vai me cortar em pedacinhos e me mandar de volta para lá. Ele põe a faca no meu pescoço e muitas vezes ele tentou me enforcar com as mãos. Uma vez ele começou a gritar e pegou uma faca na gaveta. “Vou te furar para ficar livre de você.” Eu lutei com ele e segurei a faca e cortei a minha mão. E aí começava a porrada. Ele batia, chutava, socava e apertava meu pescoço muitas vezes.

Já apanhei muito (...). Era medo e surra todo tempo. Uma das vezes que ele me espancou, ele me machucou tanto (...) eu perdi a visão do olho esquerdo. Esse meu marido era um monstro comigo. Chegava em casa atirando. Ele bebia muito. Um dia ele me bateu com fio de luz que eu não conseguia vestir roupa. Meu corpo ficou todo cortado. Ele botava revolver na minha cabeça e me fazia transar com ele. Isso durou muito tempo. Eu vivia esperando a próxima pancadaria.

Sabe, eu trazia o dinheiro para casa e ainda levava. Uma vez ele jogou um prato de comida quente em cima de mim e me queimou. Às vezes quando eu estava cansada e dormia e me esquecia de virar ele na cama – por causa da paralisia – ele me acordava com um murro e me batia muito. Ele nem pedia perdão ou prometia qualquer coisa. Eu fugi com as crianças para Minas Gerais, mas ele foi atrás de mim e eu voltei e tudo continuou igual como antes. Ele nem prometia mais não bater em mim.

Já o meu primeiro companheiro me furou com um punhal nas costas (olha aqui as cicatriz). Um dia, ele me deu uma enxadada na cabeça, eu desmaiei (...). Logo depois ele espancou de novo e tocou fogo no barraco que a gente morava. Não acho que ele vai parar de me bater. Não espero mais isso. Ele bate e depois passa um tempo volta a bater de novo. Assim, desse jeito... Um dia, ele chegou me batendo dizendo que eu tinha outro, apertou meu pescoço e jogou uma panela em mim. Eu gritei por socorro e a vizinha avisou que ia chamar a polícia e ele escapou. Ele chegou me espancando, puxando meus cabelos, me arrastou no asfalto, me deu chute no peito e eu desmaiei.

Meu marido me batia de murro, jogava pau em cima de mim, corria atrás de mim com machadinha, chave de fenda e martelo, faca e formão. A machadinha ele pôs no meu pescoço para me cortar. Ia descer a machadinha no meu pescoço para me cortar, mas eu gritei e o sobrinho dele chegou e tomou dele. Depois de nove anos aquecendo tudo isso sem nunca melhorar eu larguei dele.

Ele me batia demais, me humilhava, me ofendia, me xingava, ameaçava e tentou muitas vezes usar arma e faca em mim. Ele já nem prometia melhorar. Eu vivia esperando a pancadaria. No final ele já não prometia nada de parar de bater. Era só bater e esperar para a próxima.

4.2.1.3 Discurso do Sujeito Coletivo 3

Idéia Central: Vivendo na companhia do Medo: Mulheres em estado de alerta e temor constante

NA COMPANHIA DO MEDO:

Eu vivi a minha vida de casada toda cheia de medo. Só no olhar, ele me controlava e eu obedecia. Ele me controlava em silêncio. (...) Ele me dava tanto medo que eu não dormia a noite. Eu quero separar dele e ele não aceita a separação. Eu tenho medo, pois ele me ameaça que eu não vou ter paz se separar dele. O irmão do meu marido matou uma mulher aqui no Varjão. Eu tenho muito medo do meu marido fazer o mesmo comigo. Eu vivo ameaçada vinte e quatro horas por dia. Tudo do meu companheiro é me matar. Eu tenho muito medo e não faço nada.

Quando ele começava a brigar eu ficava morrendo de medo dele me matar. Ele já me ameaçou e me deu medo muitas vezes. Quando começa a discussão eu fico calada porque tenho medo dele. Várias vezes eu ia à defensoria pública, pois eu morria de medo porque ele me ameaçava demais.

Hoje estamos separados, mas tenho ainda muito medo dele. Não posso namorar, pois tenho medo pela minha vida. Ele tem várias namoradas e eu não posso ter nenhum. Eu larguei dele, mas até hoje ele me ameaça. Ele anda armado. Ele é muito perigoso. (...) Ele está solto porque eu arqueei o processo por medo

dele. (...) No dia seguinte, ele voltou a morar aqui e hoje ele não bate, mas me ameaça o tempo todo. A primeira mulher dele foi morta por ele. Só ficou preso por seis meses, pois eles conseguiram provar que ele só estava limpando o revólver quando a arma disparou. Uma vez, meu primo o ameaçou de morte. Só que meu primo morreu e hoje meu ex-marido voltou a morar aqui no Varjão e eu vivo com medo dele. Já fui ameaçada muitas vezes e ele fazia muitas vezes coisas que me davam medo. Uma vez ele tentou me estrangular.

Eu estou conversando aqui com você, mas tenho que ficar vigiando para ver se ele não vai chegar antes da hora. Olha só os papéis da vez que eu chamei a polícia para ele. E esse é da delegacia da mulher... Nunca dá em nada. Eu fico com medo de ir em frente.

Então é isso, eu vivo com medo dele. Ele vive me ameaçando. Eu vivo esperando a próxima pancadaria

Ele vive me ameaçando. Eu vivo esperando a próxima pancadaria.

Depois de 10 anos, contadinhos, eu consegui largar dele. Quando a gente é muito ameaçada a gente agüenta ficar pelo medo. Hoje, ele não me bate, mas tem muitas vezes que eu tenho medo dele (...). Ele não me bate, mas eu vivo sempre com medo.

4.2.1.4 Discurso do Sujeito Coletivo 4

Idéia Central: Gravidez e a intensificação das VPI

GRAVIDEZ DE RISCO: VIOLÊNCIA COMO DIAGNÓSTICO

Meu primeiro marido, uma vez estava bêbado e atirou em mim quando eu estava grávida. Mas ele errou o tiro e meu irmão chegou e conseguiu tirar o revólver dele. Dois meses depois, conheci meu segundo companheiro. Começamos a morar juntos e logo fiquei grávida e comecei a apanhar. Uma vez ele chegou com o pescoço chupado por outra mulher e brigamos. Ele puxou os meus cabelos e me empurrou. Ele batia muito em mim, me chutava a barriga. Eu só vivia com a cara roxa. Fugi para a casa da minha mãe e ele saiu de casa.

Quando eu estava grávida do meu segundo filho, meu marido imprensou minha barriga na parede com a moto. Se não fosse um amigo chegar e me ajudar eu teria abortado ou coisa pior. Ele me bateu. Ele pegou a faca e disse que ia enfiar na minha barriga para me matar e matar o bebê. A mãe dele morava conosco e ela veio e me ajudou na hora. Na última briga, eu estava grávida e ele bebeu demais e disse que eu estava dando bola para homem e começou a me bater. Meu rosto ficou acabado, ele queria me matar com facão e uma amiga me ajudou a esconder. Quando eu estava grávida de minha primeira filha, de quatro meses, meu marido me deu um tapa na cara porque eu estava fumando. O tapa foi tão forte que eu caí em cima da cama. Saí de casa e fui morar na casa da minha mãe por um mês

Sabe, o pai dos meus filhos me batia muito. Jogava cerveja na minha cara, me batia quando eu estava grávida... Eu grávida, ele saía para beber com os amigos e eu ia trabalhar. Quando ele chegava, ele me incomodava muito, fazia coisas para me intimidar, fingia que cortava o pulso dele, mas ele só o arranhava. Ele tentava de tudo para me assustar. Meu marido já chutou a minha barriga. Eu comecei a sangrar, mas não fui para o hospital.

Quando eu estava grávida do meu primeiro companheiro, nós brigamos e ele me empurrou e eu bati com a barriga na quina da cabeceira da cama. (...) eu fiquei um mês internada. Aí, na gravidez da minha última filha, ele vinha para cima de mim e me dava chutes e me dava tapas. Nos dias que eu estava junto com meu marido, eu estava grávida de pouco tempo e ele começou a brigar e jogou um pau em cima de mim. Um dia (...) ele ficou nervoso e pegou um garfo e enfiou na minha barriga, mas não furou muito. Ele já me bateu várias vezes, empurrou, chutou, tentou me estrangular o pescoço e me ameaçou com faca. Muitas vezes. Triste né? Eu estava grávida...

4.2.1.5 Discurso do Sujeito Coletivo 5

Idéia Central: Histórias de traição e violência

VIOLÊNCIA E RELACIONAMENTOS EXTRACONJUGAIS

Meu pai me batia muito e eu cheguei até a pensar que não era filha dele. Mas sabe por que ele me batia? Porque eu o pegava traindo a minha mãe com outras mulheres.

Sabe, quando eu tinha dezesseis anos fui morar com um namorado que eu tinha de uma semana de namoro. Ele me bateu só uma vez, mas me humilhava muitas vezes. Ficava três dias fora de casa com outras mulheres.

Meu marido já me bateu muitas vezes, me empurrava e dava socos. Foi na época que ele tinha outra mulher que ele me batia. Era a minha prima que morava comigo. Além disso, ele tinha uma amante por fora e eu estava me preparando para fugir de casa com as crianças, mas não precisou, pois ele foi embora com a mulher. Um dia ele quis voltar e como eu não deixei, ele me bateu. Ele me traía quando eu estava grávida. Ele quebrava as coisas dentro de casa. Ele tinha caso com outras mulheres na rua. Todo dia era uma confusão e uma briga. (...) Depois disso continuou as brigas por causa das mulheres. Quando eu estava de resguardo, ele enrolou o fio do carregador de celular no meu pescoço para me enforcar que eu quase desmaiei.

O meu companheiro atual já está junto comigo há três anos, esta me traindo e tem ficado muito violento comigo.

A amante do pai da minha filha me encontrou na rua e me deu um chute na barriga. Um menino que estava na rua foi que me ajudou e tirou uma faca do bolso dela, pois ela ia me furar. Ela gritou aqui na rua que eu e minha filha vamos morrer. Vamos para debaixo da terra.. Ela estava me ameaçando. Eu fiz a denuncia dela e o meu marido me ameaçou para que eu retirasse a queixa dela da policia. Ele me ameaçou de que se eu denunciar ele na policia, ele me mata e mata a minha família. Aí, parou de ver a mulher que ele arrumava na rua. Depois disso a violência diminuiu.

4.2.1.6 Discurso do Sujeito Coletivo 6

Idéia Central: Violência sexual praticada por parceiro íntimo

COERÇÃO SEXUAL OU ESTUPRO?

Meu namorado tentou fazer sexo forçado comigo e tentou me bater. Me xingou e eu fugi. Já a minha irmã apanhou do noivo porque ela se recusou a ter sexo com ele. Eles terminaram o noivado. Ah, meu marido sempre me forçou sexualmente. Até coisas que me humilhava eu tinha que fazer. Ele me disse uma vez que se eu não obedecer ele eu vou apanhar. Eu nunca apanhei...

Meu ex-parceiro já tentou me matar e algumas vezes eu tive que ter sexo com ele por medo do que ele podia fazer comigo. Eu estava com oito dias de resguardo e meu marido pelejou, pelejou até transar comigo. Eu ficava grávida quase todo ano seguido. Ele já tinha me estuprado quando eu tinha treze anos, ele era bem mais velho que eu. Toda a família me deu força para casar com ele aos 15 anos. Foram anos de sofrimento. Nunca tive vida boa. Eu dormia com os meninos. Eu só conseguia dormir depois que ele dormia.

Um dia o pai da minha filha chegou bêbado e rasgou a minha calcinha e me forçou a ter relação com sexual com ele, gritando que se eu morasse com ele não era preciso ele ter que pagar para ter relação. Aí depois daquele dia eu fiquei com tanta raiva que nunca mais as coisas voltaram ao normal entre a gente. Ele queria que eu tivesse um caso com outro homem e ele também ao mesmo tempo. Quando eu não aceitei, ele me chamou de cafona. Então, eu fui na casa da minha amiga para jogar baralho. A combinação era de que quem perdesse cada partida tinha que tomar uma dose de bebida. Eu tomei algumas e fiquei inconsciente. No dia seguinte, o esposo da minha amiga veio falar comigo e perguntar se eu lembrava o que tinha acontecido. Eu disse que não. Aí ele me contou o que fez comigo e disse que tinha até fotos para provar.

Enfim, a pior coisa do mundo é ser forçada a ter sexo (...). É pior coisa do que ser estuprada por ladrão. Eu acho tão vergonhoso e sempre me sentia culpada, pois não acho que as pessoas iam acreditar em mim. Eu só contei isso uma vez antes. Você é a segunda pessoa. Eu fiquei com tanta raiva!

4.2.1.7 Discurso do Sujeito Coletivo 7

Idéia Central 5: Quando a violência não provoca mais estranhamento

NATURALIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA

Eu saí de casa muito cedo, aos treze anos, para trabalhar, mas nunca aconteceu nada de violência comigo. Graças a Deus eu nunca sofri de violência. (...) Eu trabalho desde os 11 anos e sou feliz. Ninguém nunca me maltratou.

Aí meus pais forçaram o cara a viver comigo. Ele tinha uns 25 anos. Tive que morar dois anos com ele. Meus pais eram muito ignorantes. Eu não tinha nem 13 anos e sempre me machucava muito [relações sexuais com o “marido”]

Meu companheiro atual tem ficado muito violento comigo (...) tentou me estrangular e a minha garganta ficou bem inchada. Mas foi pouco. Não foi muita violência, pois eu não desmaiei

Eu não registrei a queixa, pois não tinha mancha roxa nenhuma. Só dois dias depois que eu fiquei roxa (...), pois eu me defendi arranhando ele. Ele disse que ia me denunciar, pois ele tinha prova e eu não.

4.2.1.8 Discurso do Sujeito Coletivo 8

Idéia Central: Dificuldade de relatar/denunciar a violência por medo de sofrer conseqüências por parte do parceiro

QUANDO O MEDO FALA MAIS ALTO

Há muitas situações em que a mulher não pode falar nada e nem confiar em ninguém. São coisas que a gente tem que guardar muito bem. Eu já apanhei de meu companheiro e ele já me deu empurrões. Eu passei dois anos apanhando do meu marido sem ninguém saber. Eu tinha medo dele ou gostava dele, não sei por que, mas eu não contava para ninguém. Meu companheiro já me chutou, ameaçou me matar, usou faca no meu pescoço. Fazia de tudo para me humilhar... Estou preocupada onde essas informações vão parar. Você é a segunda pessoa que está sabendo. A primeira foi meu primeiro namorado e ele contou para minha mãe e para minhas avós. Foi um escândalo!

4.2.2 Narrativas de Estupro de Vulneráveis

4.2.2.1 Discurso do Sujeito Coletivo 9

Idéia Central: Vidas desprotegidas

NOSSA! ELE ERA FAMÍLIA.

Fui criada com meus avôs e o meu avô me deitava no colo dele e punha a minha mão para massagear o pênis dele.

Meu pai vive maritalmente com minha irmã. Um dia, meu pai tentou se suicidar colocando álcool no corpo e tentou por fogo quando minha mãe tentou sair de casa, pois ela tinha pegado ele no flagrante passando a mão na minha irmã quando ela estava dormindo. Anos depois ele começou a fazer a mesma coisa comigo. Ele ficava passando a mão em mim quando minha mãe não estava em casa. (...) Ele começava a brincar e aí começava a enfiar o dedo na gente. A gente estava dormindo e ele passava a mão na gente. Éramos crianças e nem sabíamos se o que ele fazia era certo ou errado. Era o pai que estava lá e agente não sabia julgar.

Eu obedecia meu padrasto antes dele começar a me tocar. Mas depois que ele passou a mão em mim e me tocava durante a noite, eu passei a ter nojo dele. Um dia ele me levou para o mato e queria ficar comigo a força. Eu gritei e ele não conseguiu tudo, só tirou minha roupa. Então, ele abusou sexualmente de mim por muitos anos. Ele deixava minha mãe sair para trabalhar e me pegava. Eu escondia embaixo da cama, mas não tinha jeito, pois ele me achava. Ele colocava a música alta para ninguém escutar. Minha mãe saía para fazer compras e eu não ia com ela, pois eu estudava de manhã. Aí, ele ameaçava contar para minha mãe que ele fazia tudo comigo, ficava falando no meu ouvido que ele queria ter filho comigo.

Já meu irmão tentava sexo comigo e com minha irmã mais nova. Ele mexia comigo. Um dia eu acordei com ele me pegando todinha. Na noite que ele ejaculou na minha perna, me melou toda de porra. Assim, nós tivemos que fugir de nosso irmão por parte de pai... Ele sempre tentava pegar na gente e tirar a roupa da gente.

Meu tio e um amigo de minha família abusaram de mim e de minha irmã mais velha. Um dia, meu tio me puxou, me pegou e tentou tirar minha roupa, mas eu fugi para a vizinha. Eu lembro como se fosse hoje. Meu tio e meu primo abusaram de mim quando eu era criança. Isso aconteceu muitas vezes. Ele me sentava no colo dele e tocava na minha vagina e ninguém via. Na época eu não entendia porque eu sentia medo de ficar só e me senti tão triste.

Meu tio morava na nossa casa e ele me molestava. Ele me passava a mão e ficava me olhando tomar banho, punha a minha mão no órgão dele. Ele me pegava de noite quando a mulher dele trabalhava. Ele fazia de tudo comigo. Ele sempre me colocava na cama e me chupava toda e me tocava toda por dentro. Enfiava a mão em mim. Aliás, eu fui abusada por dois tios e o que aconteceu foi na frente de todo mundo, mas só eu sabia por que ninguém viu nada. Ele me pegava por baixo e ninguém via.

Com a minha irmã, meu tio começou a passar a mão nela e tirou a roupa dela. Só não aconteceu mais nada porque minha mãe chegou a tempo. Uma vez, minha mãe mandou eu ficar no carro com o tio. Aí ele tentou pegar na minha piriquita e eu gritei e consegui sair do carro correndo. Em outra ocasião, eu estava dormindo e acordei com o marido dela (tio) tirando minha roupa e pegando no meu seio. Eu peguei o abajur dela e quebrei na cabeça dele. Eu também tenho um tio que mexia com minhas primas. Ele tentava tirar as roupas delas, pegar nelas. Ele, que era criado pelos meus pais, sempre me colocava na cama e me chupava toda e me tocava toda por dentro. Nossa! Ele era família. Ele era irmão do meu pai.

Já a minha prima foi atacada pelo meu primo e quando ele já tinha tirado a roupa dela, a minha tia chegou. Quando menina, minha prima rasgou minha roupa e enfiou os dedos em mim. Eu gritei e os vizinhos vieram e ela correu. Quando eu tinha oito anos, meu pai colocou o amigo dele que estava bêbado para dormir na nossa casa. Ele foi na minha rede e me tocou toda no corpo. Eu acho que até os cinco anos eu fui feliz... Não sei mais... Faz tanto tempo. Não sei o que é ser feliz.

4.2.2.2 Discurso do Sujeito Coletivo 10

Idéia Central: Abuso Sexual Infantil praticado por pessoas conhecidas

FOI AÍ QUE ENTENDI O QUE ELE FEZ COMIGO

Minha filhinha há cinco meses estava voltando da escola e o vizinho pôs o dedo na bundinha dela. Ela chorou e me chamou. O rapaz negou que ele tenha feito qualquer coisa, mas eu acredito nela. Meu vizinho estuprou uma criança, mas eu não posso entrar em detalhes, pois tenho medo dele. Ele foi preso, mas ficou só três meses.

Eu me lembro quando meu vizinho passou a mão no meu corpo e pegou em mim. Como na minha casa não tinha água, minha mãe mandou eu buscar água no vizinho. Lá, quando eu cheguei ele me ofereceu balinha. Eu não consigo me lembrar de todos os detalhes. Me lembro que ele passou a mão em mim e tentou tirar minha roupa. Na frente de pessoas da minha família (...). Mas só eu entendia o que estava acontecendo.

Uma vez, eu estava doente e minha tia me levou para o farmacêutico para consultar. Ele disse que tinha que me examinar e mandou tirar minha saia. Ele pôs luva e ficou passando a mão em mim e esfregando uma bola de algodão. Me machucou toda. Eu não sabia de nada e achei que era normal. Fiquei toda inchada. Um ano mais tarde ele tentou a mesma coisa com minha tia, mas ela não deixou ele fazer nada. Foi aí que entendi o que ele fez comigo.

Quando eu e minha mãe pegamos uma carona no caminhão de um conhecido de minha mãe que estava vindo aqui para Brasília, de noite, eu estava dormindo no caminhão e acordei com o homem passando a mão em cima de mim, querendo me agarrar por debaixo de minha roupa. Eu me agarrei na minha mãe e o resto da viagem foi só medo do que ele podia fazer. Foi assim nossa vinda para Brasília. Um amigo da minha mãe que ia com a gente para trabalhar, ficava tentando pegar na gente, eu e minha irmã, tirava a roupa minha e de minha irmã, chupava nosso sexo. Eram três amigos e pegava na gente por dentro, fazia a gente pegar no bicho deles e soltava porra na mão da gente. Já o amigo do meu pai ia lá em casa e me pegava no colo. Ele me dava pirulito e me tocava e me machucava em baixo. Afastava minha calcinha e enfiava os dedos na minha vagina. Eu chorava muito. Tinha gente na sala e ninguém percebia nada. O amigo do meu pai, na frente de pessoas da minha família, me forçava a sentar no colo dele – com o pau duro – e passava a mão em mim por baixo. Mas só eu entendia o que estava acontecendo. Tinha gente na sala e ninguém percebia nada. Da outra vez, estava tendo um

churrasco na casa do meu tio e um conhecido que jogava bola com ele estava bêbado e tentou me estuprar.

No meu primeiro dia de trabalho eu estava dormindo e de repente acordei com o filho do patrão enfiando a mão em mim. Diziam que ele tinha feito isso antes com as outras empregadas. Um dia, eu fui fazer farinha no sítio e o filho do patrão do meu pai me bateu com corda de cavalo. Me jogou no rio, me machucou toda e eu só lembro que ele tirou um pinto enorme na minha frente. Eu acho que eu desmaiei porque até hoje eu não consigo me lembrar de tudo que ele fez comigo. O patrão mexia comigo durante todo o tempo e entrava em mim. A esposa dele me dava surra e me deixava sem comer e me queimou o braço com fogo porque eu não estava trabalhando direito. Acho que ela sabia que ele mexia comigo, mas eu era preta e empregada. Ele passou a dar bastante presente. Ele começou tendo sexo nas minhas pernas e depois fazia sexo normal comigo. Minhas colegas falavam que se eu engravidasse dele, eu ia ter uma vida boa. Eu tive minha filha com ele quando eu era uma criança. Depois, eu morei com esse velho e tive dois filhos com ele.

Um dia, eu fui a uma festa com minha irmã. Lá tinha um senhor que estava na festa e me convidou para passear e me estuprou no lugar que ele me levou. Aí meus pais forçaram o cara a viver comigo. Eu fiquei com raiva desse rapaz que me estuprou. Além disso, o treinador do time de futebol que a gente jogava, quando a gente ia para o vestiário para se trocar, ele passava a mão no seio da gente. Eu estava no vestiário porque tinha machucado o tornozelo esquerdo, e ele passou a mão no seio e na minha bunda. Comigo aconteceu só uma vez, mas com a minha amiga aconteceu mais vezes.

Por fim, o pastor da igreja (...) que conhecia minha família fez uma coisa comigo. Ele me chamou para comprar balinhas e me levou para o mato e começou a passar a mão em mim, no meu corpo todo. Eu não queria ter relação. Mas ele era mais forte do que eu. Daquele dia em diante eu fiquei com medo e me escondia.

As coisas ficam guardadas na mente da gente como se fosse numa caixinha.

4.2.2.3 Discurso do Sujeito Coletivo 11

Idéia Central: Vozes silenciadas pelo medo e a vergonha

SILÊNCIO DOS INOCENTES

Os nossos pais nunca souberam, pois tínhamos medo de contar. Fiquei com medo e não contei nada, pois o rapaz parecia violento e podia fazer alguma coisa com eles depois. Eu nunca contei para ninguém. Criança fica com medo e não conta. Eu ficava com vergonha de contar para minha mãe. Isso aconteceu por uns quatro anos e eu não tinha coragem de contar para minha mãe, pois ele falava que minha mãe ia me bater. Mas, depois que meu padrasto foi desmascarado, minha mãe cobrou mais de mim do que do meu padrasto. Agüentei quieta com medo de minha mãe não acreditar em mim de novo. Não falava com medo dela não acreditar e bater na gente. Quando contamos a mamãe, ela não acreditou e contou ao pai e ele ameaçou de expulsar de casa. Eu não sei por que eu não falava para meu pai. Eu nunca falei sobre isso com ninguém. Nunca tive coragem! Hoje foi a primeira vez. Dá vergonha contar essas coisas.

4.2.2.4 Discurso do Sujeito Coletivo 12

Idéia Central: Quando o estupro recebe o nome de casamento

CASAMENTO OU ESTUPRO DE VULNERÁVEL?

Eu fui morar com meu namorado quando eu tinha quatorze anos. Eu já estava namorando desde os doze anos e já tínhamos relações sexuais desde os treze anos. Aí aos dezesseis a gente decidiu morar juntos logo. Meus pais não aceitaram no começo, mas depois eles foram aceitando. (...) eu tinha treze anos e ele tinha vinte e oito. Ele falou com o meu pai e ele deixou a gente morar juntos. Hoje temos uma filha de quase dois anos e eu estou grávida de novo.[Eu ajuntei com meu marido quando eu tinha quatorze anos e ele tinha trinta e sete] Ele era policia militar!

4.2.2.5 Discurso do Sujeito Coletivo 13

Idéia Central: Tentativa de estupro infantil praticado por desconhecido

O PERIGO NA RUA

Minha sobrinha de sete anos foi estuprada quando ela estava brincando na rua. O rapaz a chamou para a casa dele e ela foi. Ela ficou desaparecida por algumas horas e chamaram a policia. Eles a encontraram horas depois. Ela ficou com trauma que não pode ficar perto de homem. Quando eu tinha 13 anos aconteceu comigo uma tentativa de estupro na rua que eu morava. Fiquei com medo e não contei nada para meus pais, pois o rapaz parecia violento e podia fazer alguma coisa com eles depois. Eu só fui namorar aos 20 anos, porque depois que um homem estranho apertou meus peitos no meio da rua eu fiquei com medo. Ele estava de bicicleta e correu e eu fiquei traumatizada. Eu tinha 13 anos.

4.2.2.6 Discurso do Sujeito Coletivo 14

Idéia Central: Tentativa de estupro infantil praticado por desconhecido

MEMÓRIAS QUE MACHUCAM

Meu tio morava na nossa casa e desde os meus oitos anos de idade ele me molestava. Até hoje eu tenho uma aversão a homem. Ele [padrasto] fazia de tudo comigo (...). Hoje, eu não me esqueço de nada do que aconteceu. Tem vez eu me lembro e nem quero fazer sexo com meu marido. Ele é paciente e me entende. Sabe, na hora da relação, eu me lembro de tudo que ele faz. Eu já não gosto mais dele como antes

Hoje, casada, eu pago o preço. Eu acho sexo meio que nojento, proibido, acho repugnante. Essas coisas a gente não esquece nunca.

4.2.3 Violências Silenciosas ou Silenciadas?

4.2.3.1 Discurso do Sujeito Coletivo 15

Idéia Central: A violência não é invisível à família

EM BRIGA DE MARIDO E MULHER A FAMÍLIA NÃO ESTÁ METENDO A COLHER

Minha tia foi espancada muitas vezes pelo marido e quando ela estava grávida, ela foi amarrada e queimada. Ela tem um coágulo de sangue no cérebro e já quebrou a perna de tanto apanhar do meu tio que é um policial, policia militar. Ele não deixava ir ao hospital, pois ele era policial e podia dar problema. Meu tio esfaqueou a esposa porque ela estava traindo ele. Hoje ele esta na cadeia.

Você tinha que fazer essa entrevista com minha irmã. Você ficaria assustada com o que ela te contaria da violência que ela sofre com o marido. Minha irmã mais velha apanha muito do marido há muito tempo. Uma vez, ela levou um soco tão grande que ficou com o olho roxo por muito tempo. De fato, minhas duas irmãs já apanharam dos maridos. Uma delas sofreu um atentado quando o marido tentou sufocar ela. Quando ela chegava da rua, ele ficava cheirando ela, cheirando a calcinha dela. Minha irmã casou com um homem que bate nela até dizer chega.

Minha mãe e meu pai foram forçados pela família a se casarem. Minha mãe conta que ele estuprava menina nova que morava perto da casa dele, mas a policia nunca pegou ele. Minha mãe fugiu do meu pai porque ele era meio doido e batia nela. Isso afetava todo mundo da casa. Nós morávamos em Cuiabá e tivemos que vir com minha mãe fugida aqui para Brasília. Minha mãe veio só com as malas e deixou tudo para trás. (...) Ela arranhou um namorado que judiou muito dela, ele batia nela com fio de energia e ameaçava bater em mim se eu chamasse a policia. Uma vez, ele bateu e pôs ela pelada para correr na rua com a arma para matá-la. Atirava nos dedos dela e colocava a arma na boca dela e dizia que ia atirar.

Minha cunhada vive apanhando do marido dela. Eu nunca apanhei de marido, só do meu pai. Ele me bateu muitas vezes depois que eu já era grande. Meus irmãos batem muito nas mulheres deles. Eu me lembro que meu pai bebia muito e

batia muito em minha mãe. Eu me lembro de tudo e minha mãe nega até hoje, pois acho que ela quer esquecer.

A esposa do meu sobrinho foi espancada e eu levei ela na delegacia de policia. Ontem ele bateu de novo nela e foi preso. Comigo nunca teve violência, mas minha prima vive apanhando do marido. Ela é vitima de violência!

4.2.3.2 Discurso do Sujeito Coletivo 16

Idéia Central: As violências cometidas por Parceiros íntimos testemunhadas pelos filhos

OS FILHOS POR TESTEMUNHAS

Meu pai batia muito na minha mãe. Isso afetava todo mundo da casa. Ela apanhou demais de meu pai. Ele já quebrou o braço dela e deixou o rosto dela deformado. Meu pai era tão agressivo que ele batia até na policia. Ele era muito violento com minha mãe e ele já apontou uma arma para ela. Ela apanhava dele e mudou para outra cidade. Aí, a amante do marido da minha mãe me pirraçava e passava em frente daqui de casa olhando para dentro e vigiando.

Quanto a mim, já apanhei e fui ameaçada muitas vezes. Um dia meu marido jogou um brinquedinho do meu filho na minha cabeça porque ele queria sair comigo e eu não quis. Sangrou muito e ele me levou para o hospital. Outra vez ele jogou leite quente em mim e meu filho de 3 anos viu. Eu corri e chamei a policia. Meu marido me batia, colocava o revolver na minha cabeça quando eu não deixava usar minha casa como ponto de venda da droga. Meus filhos viam tudo. Ele falava para meus filhos que eles iam ser aviãozinho e traficar droga para ele. Além disso, um dia meu filho ouviu no bar que ele ia me matar naquela noite (...) ele foi para me chutar e acertou meu filho de seis anos que estava dormindo comigo. Ele acertou no nariz dele e quebrou. Foi tanto sangue que vazou no colchão todo. Numa outra ocasião, eu estava com um short curto e meu marido pediu para eu tirar. Eu respondi que só ia fazer uma vitamina para meu filho e já ia tirar. De repente, ele sem falar nada, bateu em mim com o facão e cortou minha mão (olha aqui as marcas), saiu tanto sangue que meu filho de três anos foi enxugar o chão.

Da outra vez, nós estávamos conversando – eu, minha filha e meu marido- ele estava bêbado. Ele de repente deu um murro em mim e minha filha deu um grito e saiu correndo. Ele pegou minha filha e puxou os cabelos dela. Ela levou um susto tão grande que passou uns três dias sem conversar com ele. Ela só tem sete anos!

Sabe, as brigas eram na frente dos meus filhos. Meu filho nunca esqueceu o dia que meu marido jogou o copo e cortou a minha perna. Hoje, meu filho tem cinco anos e diz que se o pai me pegar de novo ele vai matar o pai.

4.2.3.3 Discurso do Sujeito Coletivo 17

Idéia Central: Denúncias não ouvida da criança

QUANDO A CRIANÇA FALA E O CUIDADOR CALA

Eu contava pra mãe, mas ela não acreditava. Ela demorou a fazer alguma coisa, pois tinha medo do meu pai. Eu queria chamar a policia, mas minha mãe não deixou. Eu falei pra minha tia e depois para minha mãe, mas elas disseram que ele era meu tio e que ele não tinha coragem de fazer isso e que eu estava mentindo. Então, eu contei para minha mãe e primeiro ela não acreditou e aí eu contei para minha irmã de 38 anos e ela me levou para a delegacia. Eles me levaram para fazer exame no IML e comprovaram o abuso. Logo quando eu contei para minha mãe, ela disse que eu estava sonhando. Depois de um tempo, ela mesma pegou ele fazendo isso comigo e o mandou embora. Ela só acreditou depois que viu. Minha mãe não fez nada, pois ela nunca gostou da gente. Se eu contasse para minha mãe adotiva, eu é que ia ficar como mentirosa, pois ela não ia acreditar em mim. Minha mãe sabia e não fazia nada!

4.2.3.4 Discurso do Sujeito Coletivo 18

Idéia Central 2: Cuidadores sem cuidado: Profissionais da saúde em foco

NEM VOCÊ FALA E NEM EU PERGUNTO: PROFISSIONAIS DA SAÚDE EM FOCO

Quando fiquei grávida do meu tio ele me deu remédio, tomei dois por cima e dois por baixo e perdi o bebe. Tive que ir para o hospital e lá eles inventaram um monte de história para o pessoal do hospital. Mas o médico nunca me perguntou pela verdade. Eu disse no hospital que caí e bati a cabeça. Ninguém perguntou mais nada. Eu e minha mãe não falamos para ninguém no hospital sobre o que tinha acontecido. Eu falei para o médico que eu escorreguei e ninguém me perguntou mais nada. Então, todas as vezes que eu fui parar no hospital por causa das violências que meu marido fazia, eu nunca contei nada. Eu mentia por vergonha do pessoal do hospital falar que eu apanhei porque tinha feito algo de errado, ou medo deles chamarem a polícia e depois que ele saísse da cadeia eu é que teria de enfrentá-lo. Sabe, eu nem sei se eles iam se importar... Acho que foi melhor ficar quieta.

4.2.4 Anos Potenciais de Vida Sofrida

4.2.4.1 Discurso do Sujeito Coletivo 19

Idéia Central: Muda o agressor permanece o sofrimento

TUDO COMEÇOU MUITO CEDO

Eu apanhava demais de minha mãe quando criança. Surra de ficar cortada. Aí fugi de casa (...) e me casei com um rapaz que conheci. Eu comprei uma foto do grupo Mamonas Assassinas e minha mãe brigou e queimou a foto e tacou o facão em mim e me cortou. Eu saí de casa e nunca mais voltei. Ela sempre me batia muito... Um dia, me lembro que minha mãe me cortou com facão. Aí nós ficamos na casa de uma tia, mas essa tia e os filhos dela judiavam de mim e meus irmãos. Batia na gente de porrada, esfregava minha cara no sofá e outras maldades. Não sei se eu era criada como bicho, mas o fato é que minha mãe não viu nada [abuso sexual infantil], mesmo eu estando toda machucada (...) eu me lembro que eu sempre ficava jogada num canto. Quando no dia seguinte eu contei para minha mãe [sobre o

abuso sexual sofrido], ela me bateu porque eu fui confiar num homem. Meus irmãos bateram nele, mas ninguém chamou a policia.

Minha mãe não me queria e me colocou no juizado de menor quando eu tinha doze anos. Aí o juizado devolveu, pois ela tinha condições de me criar e ela não me queria mais. Meu pai me deixou morar com ele, mas depois ficou bravo por eu ter engravidado, ele até me ameaçou de me dar um chute na barriga, mas nunca deu. Meu pai sempre me bateu muito. Meu pai batia (...) em mim e nas minhas irmãs. Um dia, meu tio tentou me enforcar quando a esposa dele não estava lá. Eu fiquei com tanto medo que contei tudo para minha mãe. Eu não me lembro porque minha mãe não chamou a policia para ele.

Fui filha adotiva e minha mãe batia muito em mim. Os filhos da minha mãe adotiva também batiam muito em mim. Até o dia em que a escola chamou o conselho tutelar e nós fomos parar numa instituição (...). Eu saí de casa (...). Eu acho que já passei por uns seis orfanatos.

Meus pais tinham quase quarenta anos de casamento e isso pesava, pois minha mãe ameaçava de chamar a policia pra meu pai [pelo abuso sexual infantil], mas nunca chamava. Meu pai era muito violento com as filhas. Só com as mulheres. Um dia ele chegou a botar uma faca em mim, na minha barriga. Eu estava do lado de fora de casa conversando com minhas amigas e ele ficou zangado. Minha mãe gritou e eu corri e fiquei três dias fora de casa. Ele sempre batia muito na gente com chicote de cavalo. Aquilo deixava nossa pele merejando de sangue.

Ele batia muito nos nossos filhos, batia de pau e de soco e os filhos foram ficando tudo revoltado, crescendo com muita raiva de tudo.

Quando eu tinha 14 anos, meu namorado me pediu para morar com ele. A gente já namorava há três meses. Meu namorado foi falar com minha mãe. Ela ficou só rindo e não deu nenhuma opinião. Eu só queria que ela desse a opinião dela, mas ela não deu. (...) Acho que eu queria que ela tivesse dito não, colocado limites.

Sabe, eu sai de casa porque eu não agüentava mais apanhar e vim morar aqui em Brasília com meu tio. Minha mãe não fez nada, pois ela nunca gostou da gente.

Idéia Central: Anos de vida expostos à violência

MINHA VIDA TODA EU FUI UM SACO DE PANCADA.

Meu pai comprou uma arma para caçar e virou o revólver para mim porque ele viu uma carta de um rapaz que queria namorar comigo.

Meu namorado já me humilhou e insultou umas vezes e me ameaçou também (...). Meu pai já espancou minha mãe e depois que nós chamamos a polícia a violência passou. Eu já apanhei tantas vezes que nem sei falar quantas.

Eu sofri de violência por meu marido. Ele sempre foi violento. Antes de morarmos juntos quando ainda éramos namorados, ele já me batia. Pior que eu já sabia, mas eu entrei nessa assim mesmo. Já fui casada duas vezes. Apanhei dos dois. (...) Sempre sofri. Minha família me colocou numa casa para trabalhar e o patrão mexia comigo. A esposa do patrão me dava surra e me deixava sem comer (...). Meus dois maridos foram violentos. O primeiro eu juntei com ele quando eu tinha 15 anos. Ele mexia com drogas. Apanhei até. Na verdade, todos os meus três maridos me bateram, me surraram. Esse último já me bateu de cinto, de facão, tentou me enforcar.

Já meu ex-marido, me acordava com um revólver na cabeça, com faca, com machado ou qualquer outra coisa. Foi assim por dez anos e onze meses. Foram anos de sofrimento. Nunca tive vida boa. Minha vida toda eu fui um saco de pancada.

4.2.4.3 Discurso do Sujeito Coletivo 21

Idéia Central: O processo do deixar

ENTRE O FICAR E O PARTIR

Uma vez a vizinha chamou a polícia porque ele estava me espancando. Ele ficou preso por uma noite e depois foi me buscar na casa da minha mãe. Eu voltei por causa das crianças... Ele batia, chutava, socava e apertava meu pescoço muitas vezes. (...) Eu continuava com ele até por causa dos filhos. Tenho seis filhos com ele

e vou dar mais uma chance para ver se ele muda. Ele me ameaça que se eu chamar a policia para ele, ele vai me matar. Eu estou só esperando minha irmã ir embora para Minas que eu vou embora daqui. Eu tenho pensado em me separar dele e voltar a morar com minha mãe. Mas eu queria ir para a faculdade, mas lá na Bahia é difícil. Então, eu talvez precise ficar com ele mais um pouco

4.2.4.4 Discurso do Sujeito Coletivo 22

Idéia Central: Sucessivas tentativas de abandono da relação violenta

O TEMPO PASSA, O TEMPO VOA...

Meu ex-cunhado batia muito em minha irmã. Eles se separaram várias vezes durante 11 anos até o dia que se separaram definitivamente. Quanto a mim, eu larguei muitas vezes do meu marido (pelos menos duas vezes). Na verdade, já me separei três vezes do meu marido e sempre eu voltava. (...) Faz um mês que nós nos separamos, mas desta vez por mim eu não volto mais. Foram mesmo mais de três vezes que eu largava dele e eu voltava quando ele fazia chantagem que ia matar meu filho. Até que um dia eu larguei de vez. Depois de três vezes largando e voltando, eu o larguei definitivamente. Separei seis vezes. Ia e voltava. Ele melhorava por um mês e aí voltava tudo de novo às brigas. Desta vez é definitivo. Eu separei e não volto mais, o tempo passa né?

4.2.5 Um Novo Tempo Apesar dos Pesares

4.2.5.1 Discurso do Sujeito Coletivo 23

Idéia Central: Comparando o passado tingido pela violência e o presente.

TEMPO DE EMPODERAMENTO

Um dia eu decidi que não queria mais apanhar. Não amo mais meu marido. Não sinto nem 1% do que já senti por ele. Acabou todo o amor. Quando você apanha tanto assim, algo morre. Não tem jeito. Hoje eu me amo e amo meus filhos. Sabe, na hora da relação, eu me lembro de tudo que ele faz. Eu já não gosto mais dele como antes. Com isso, foi acabando tudo que eu sentia por ele

Hoje, eu moro com minha mãe porque ela largou do meu pai. Eu fiz uma promessa para mim mesma que eu não vou mais apanhar. Hoje ele [padrasto] é uma pessoa diferente. Parou de beber e nunca mais bateu nela [mãe]. Hoje, eles vivem muito diferente do que era antes. (...) hoje ela é feliz [irmã da entrevistada] com outra pessoa que ela se casou. Com tudo isso, hoje eu não deixo minha filha sentar no colo de homem nenhum.

Hoje, ele já não me bate. Eu não esqueço e sinto que o meu amor por ele acabou. Hoje, só gosto, não amo mais... Sofri demais, ele me batia como se eu fosse criança.

Ainda não completou um ano da última vez que apanhei dele, mas não vou apanhar mais...chega! Eu separei dele e hoje vivo só com meus filhos. (...) aquela noite tinha sido a primeira e foi a última que ele me machucou. Depois disso eu procurei um serviço e comecei a trabalhar e comprei meu próprio lote e ele não me achou mais quando eu fugi, pois eu não informei meu endereço.

No passado, meu marido me falou coisas ruins umas vezes e me humilhou. Chegou até a me bater e me empurrar. Hoje isso não acontece mais.

(...)Ele chora e pede para eu voltar. Eu disse que não gosto mais nem do toque dele e cheguei a chamá-lo de “animal”. Hoje estou separada, não gosto mais dele.

Hoje, eu tenho uma ordem de proteção, nós estamos separados, mas ele vive no mesmo lote que eu, só que no barraco de trás. Mas ele não mexeu mais comigo. No passado ele já me destratou na frente dos outros e insultou algumas vezes e chegou a me ameaçar de bater. Me deu uns tapas e empurrão. Mas hoje isso não acontece mais. Eu pensei que ele não ia parar não, mas ele nunca mais bebeu (...) Antes, quase não tínhamos amigos. Agora, nós temos amigos

Hoje, eu encontrei um homem humilde, calmo, carinhoso e sou feliz.

Hoje, estou casada com meu segundo marido e sou feliz com ele. Nunca mais apanhei.

Hoje eu estou só e não sofro mais. Hoje eu estou livre daquele pesadelo.

4.2.5.2 Discurso do Sujeito Coletivo 24

Idéia Central: Denunciando a Violência cometida por parceiro íntimo: Relatos e percepções da mulher

MARIA DA PENHA NELES...

Ele me bateu de novo depois que minha filha nasceu. Eu fui à delegacia, registrei a ocorrência e depois nos separáramos de vez. Depois de apanhar muitas vezes eu denunciei meu ex-marido na policia e sai de casa e fui morar com minha mãe. Já tem um ano que meu marido não me bate mais. Foi depois que eu fui à delegacia da mulher e fiz a denuncia. Ele teve que ir comigo lá, mas me pediu para tirar a queixa. E eu tirei.

Na primeira vez eu fui à delegacia da mulher, mas não deu em nada. Da segunda vez eu fui para a 9ª DP e apresentei queixa e ele foi chamado e jurou que não ia fazer mais. A polícia falou para ele que se acontecesse de novo, eles iam bater nele lá na delegacia. Isso faz cinco anos e nunca mais ele me bateu. Os vizinhos chamaram a policia, e os policiais o levaram. No mesmo dia, o irmão dele pagou 650,00 reais e tirou ele da cadeia e levou ele para a casa dele. Eu não sei como, mas hoje ele vai receber o dinheiro da fiança de volta. No dia seguinte, ele voltou a morar aqui...

(...) ele do nada saiu correndo atrás de mim com a faca. Eu consegui escapar e fui para a polícia. Ele passou só uma noite na cadeia. Minha cunhada disse que ele avisou que quando saísse no dia seguinte, ele ia sair da cadeia e ia me matar. Eu fugi com as crianças para Minas Gerais... Muitas vezes eu chamei a policia, mas ele nunca parou de me agredir.

Depois da Lei Maria da Penha ele ficou com medo. Ele diz que agora se ele tiver que bater, ele não bate, ele vai é me matar, pois ele vai ser preso do mesmo jeito por causa da lei. Assim mesmo acho que a lei ajudou muito. Meu padrasto bebe

e ele fica xingando minha mãe e tenta bater nela, mas ela não deixa. Ele a empurra, mas ele sabe que se ele bater tem lei que protege ela hoje. Tudo melhorou quando eu chamei a polícia para ele

Hoje, a violência contra a mulher diminuiu por causa da nova lei. Uns cinco anos atrás, minha cunhada apanhou do esposo e ela chamou a polícia e ele teve que prestar serviços na Comunidade. Depois disso ele nunca mais a agrediu. Hoje, em dia o homem vai é pra cadeia se bater...

4.2.5.3. Discurso do Sujeito Coletivo 25

Idéia Central: Relatar a violência sofrida no corpo trás alívio e reduz sensação de isolamento

NARRAR AJUDA A CURAR

Gostei de falar sobre a vida. Contar sobre as coisas que sofri dentro de casa. Foi importante poder desabafar, pois nunca havia contado para ninguém, além da minha mãe, as experiências de minha vida. É bom a gente ter oportunidade desabafar e falar sobre o que aconteceu, pois isso ajuda a evitar problema de depressão. É bom responder a essas perguntas. Funciona como uma forma de apoio. Alguém que esteja precisando pode ter segurança em responder. Achei a entrevista interessante e é uma forma de expressarmos, pois geralmente não fazemos isso de conversar com alguém.

Queria saber mais sobre a pesquisa. Acho que é uma boa idéia. Muito boa essa pesquisa... Eu nunca tinha falado sobre essas coisas com ninguém

4.2.5.4 Discurso do Sujeito Coletivo 26

Idéia Central: Mulher relata prazer no relacionamento

TÔ FELIZ COM MEU PARCEIRO

Meu marido é maravilhoso para mim.

Meu marido é tão bom para mim que ele é melhor do que um pai. Meu pai me surrou bastante quando criança e algumas vezes depois que eu tinha mais de quinze anos. Meu marido nunca fez isso.

Estou sendo feliz agora com meu segundo marido que é um velhinho de 76 anos, pobrezinho, mas ele me ama.

4.2.6 E Por Falar em Violência

4.2.6.1 Discurso do Sujeito Coletivo 27

Idéia Central: Criminalidade e violências na comunidade

VARJÃO: O CRIME NOSSO DE CADA DIA

Morar no Varjão é muito difícil. A droga esta por todo lugar. Eles tentam assaltar a casa da gente em plena oito horas da noite com a gente dentro de casa. Aconteceu comigo e eu tenho muito medo. A maioria de meus amigos e amigas aqui do Varjão que cresceram comigo já estão mortos. Minha melhor amiga foi assassinada quatro anos atrás aqui perto de casa. Deram um tiro de 12 nela. Assim foram vários meninos que brincavam comigo. Todos os meus amigos que faleceram deixaram seus filhos ainda pequenos.

Minha vizinha apanha do marido. Ela é sempre espancada. Todo final de semana e eu vou usar esse número de telefone que você me deu para ligar para a polícia anonimamente. A minha vizinha é espancada todos os dias pelo marido dela. Eu tenho uma amiga que está totalmente descontrolada de tanto sofrer violência física com o marido.

Mataram meu irmão (...) aqui no Varjão por causa de uma briga. Ele e outro sujeito estavam bêbados e brigaram por causa de uma chave. Ele foi morto a tiro e

eu nem sei a causa. Foi em pleno dia. Botaram ele de joelhos e encheram ele de tiro.

Meu irmão faleceu (...). Ele tinha vinte anos e foi assassinado a tiros aqui no Varjão por volta das oito horas da noite. Disseram que foi por briga, pois ele esbarrou num cara e o cara se zangou. Meu irmão bateu na cara dele. O assassino era menor de idade e voltou armado e baleou meu irmão. Meu irmão trabalhava de jardineiro, ajudava minha mãe com dinheiro, não era uma pessoa violenta... Mas aqui no Varjão, muita gente não merece, mas acaba morto. Já o irmão do meu marido matou uma moça aqui no Varjão porque ele bebeu uma cerveja e não pagou. Ela o desacatou e aí ele foi lá e matou a moça. Ele fugiu. Faz dois anos que mataram o irmão de vinte e um anos aqui no Varjão. Pegaram o revolver dele emprestado, o amigo dele pegou, e mandaram ele ir buscar. No meio do dia, 10hs da manhã, eles encheram ele de tiro. Meu irmão mexia com droga e não ouvia conselho de ninguém.

Meu marido foi morto a bala pelos moleques daqui do Varjão (...). Ele foi assassinado (...). Até hoje eu não sei por que ele morreu. Muitos falaram que ele foi morto por engano. Ele recebeu o dinheiro do pagamento do mês e um cara bateu muito nele, quebrou a garrafa e cortou o pescoço dele e ele morreu na hora. Roubaram só o tênis dele, pois ele já tinha pagado as contas com o dinheiro que tinha recebido e estava sem dinheiro. Meu atual namorado já foi esfaqueado antes da gente se conhecer numa briga aqui. Deram sete facadas nele. Um dia nós estávamos na rua à noite e um cara começou a brigar com outro e começou a atirar e o segundo tiro pegou no meu marido. Ele ficou um ano na cadeira de rodas e depois ele começou a andar de bengala. Meu marido foi morto a bala pelos moleques daqui do Varjão.

Eu também perdi um filho aqui no Varjão há três anos. Ele tinha 19 anos e um dia desapareceu. Era domingo e na segunda feira o corpo dele foi encontrado com dois tiros e carbonizado (...). A policia nem investigou direito. Até hoje eu não sei por que foi que ele morreu. Meu vizinho estuprou uma criança, mas eu não posso entrar em detalhes, pois tenho medo dele. Ele foi preso, mas ficou só três meses.

Portanto, a gente vive cercada de violência. Aqui no Varjão eu não saio de noite nem para comprar remédio, pois é muito perigoso. Os normais vêm para casa cedo e não saem de noite, pois a noite é perigosa aqui. O que choca aqui no Varjão

é saber que aqui as pessoas matam muito fácil. A maioria das pessoas jovens daqui usa drogas. Eles matam muito fácil. As pessoas morrem no meio da rua.

4.2.6.2 Discurso do Sujeito Coletivo 28

Idéia Central: Outras violências

VIOLÊNCIAS E VIOLÊNCIAS

Eu vivo presa em casa. Quando ele chega do serviço, ele quer ver qual calcinha que eu estou usando. .. Daí ele pergunta por que eu troquei de calcinha, porque eu tomei banho. Às vezes ele cheira minha calcinha para ver se tem cheiro de homem. Eu prefiro às vezes tomar banho só depois que ele chega porque daí ele não fica desconfiado. Aí, ele fecha a porta da casa para eu não ir para a rua e para ninguém olhar para dentro de casa (...). Ele dorme com a chave da porta no bolso que é para eu não sair para a rua. Meu marido já me insultou e me humilhou na frente das pessoas algumas vezes.

Sabe, eu trabalhava de diarista todos os dias e ia juntando um dinheiro para o final do ano para comprar no natal. Um dia meu companheiro achou e gastou tudo. Eu fui ao bar onde ele estava e pedi meu dinheiro de volta. Ele voltou para casa e me bateu de murro.

Mas os palavrões que ele fala são os piores possíveis e me humilha na frente das pessoas. Essas palavras são piores do que levar uma porrada na cara. Na verdade, apanhei muito até quase completar meus dezesseis anos, aí separei dele. Ele era polícia militar! Fiquei 1 mês em Minas Gerais e lá eu pude namorar. Agora só vou namorar em dezembro quando viajar de novo.

Quando eu trabalhava no Lago Norte, um rapaz me ofereceu carona e eu aceitei. Ele me levou num lugar escuro do Lago norte. Ele me apertou os peitos, rasgou minha roupa, falava coisas feias, me agarrava pelos cabelos. Quando eu gritei, os caseiros de uma casa perto vieram e ele me empurrou pela janela do carro. Eu me arranhei toda, meu rosto ficou todo arrebatado no cascalho. Denunciei na delegacia, mas a polícia nunca o encontrou. Não acho que eles se interessaram pelo meu caso.

4.2.7 Violência é uma Linguagem

4.2.7.1 Discurso do Sujeito Coletivo 29

Idéia Central: Narrativas das reações das sobreviventes

A LINGUAGEM DA RETRIBUIÇÃO

Se a mulher quando apanha da primeira vez não enfrenta o marido e bate nele também, aí ela apanha sempre. Uma vez, falei para minha amiga que ela precisava enfrentar o marido dela. Não precisa matar não, é só deixar uma marca nele. Aí quando ele bateu nela na semana seguinte e ela pegou o relógio e meteu na cabeça dele que saiu sangue a coisa ficou diferente. Depois disso parece que a coisa melhorou. O meu marido já me humilhou e ameaçou muitas vezes. Mas só me empurrou e deu um tapa umas poucas vezes. Eu reagi muitas vezes, mas nunca comecei a bater sem estar apanhando primeiro.

Minha mãe revidava [quando apanhava] e sempre me ensinava que se eu apanhasse de marido devia bater de volta. Nunca apanhei de marido. Já a minha tia, um dia esperou o marido beber bastante e quando ele estava quase dormindo, ela pegou a arma dele, mandou ele por as algemas nele e cortou ele com faca nas costas. Prendeu ele em casa por uma semana sem o deixar ir para o hospital da mesma forma que ele fazia com ela todas as vezes que ele espancava ela.

Meu marido me deu um empurrão e um tapa uma vez. Humilhava e me insultava muitas vezes. Quando ele me bateu, eu peguei o facão e corri atrás dele e se eu tivesse alcançado ele eu tinha cortado ele. Depois disso não apanhei mais. Uma vez que ele estava bêbado, ele chegou em casa brigando e derrubando minhas comidas. Eu peguei a frigideira e bati na cabeça dele e saiu sangue. Eu mesma fui no posto policial e falei o que eu fiz.

No dia que ele tentou me estrangular, eu dei uma facada nele, mas não foi fundo. Ele não foi para o hospital porque a mãe do meu marido era da saúde e fez um curativo nele. Outra vez eu queimei ele com ferro de passar porque ele me chamou de vagabunda. E da outra, ele chegou da rua e começou a me ofender e me deu um tapa na cara. Eu arranhei o pescoço dele e peguei duas facas. Se ele não tivesse se trancado no quarto eu acho que tinha matado ele. O dia que ele me

ameaçou de bater, ele me empurrou e eu disse que se ele fizesse isso eu ia matá-lo enquanto ele estivesse dormindo. Nunca mais me bateu. Da última vez que ele me agrediu, há cinco meses atrás, eu reagi (...) eu coloquei fogo no colchão quando ele estava dormindo. Minha vizinha é que arrancou ele da cama, pois ele estava desmaiado de tão bêbado. Ele teria morrido. Ele voltou para casa e me bateu de murro. Eu estava cozinhando feijão e peguei a panela e joguei nele. Ele se queimou. Ele foi embora (...). Aí, ele chegou em casa xingando e apontou o canivete para mim. Aí eu peguei o álcool e joguei na perna dele e taquei fogo nele. Ele foi parar no centro de saúde para tratar as pernas toda pipocada. Só tivemos uma briga que ele me empurrou e me deu um tapa.

No dia da briga nós brigamos porque eu tive ciúmes, por causa de uma mulher. Eu revidei, arranhei o rosto dele todo e ele nunca mais me bateu. Isso aconteceu sete anos atrás. No dia que ele tentou me estrangular, eu dei uma facada nele, mas não foi fundo. (...) Outra vez eu queimei ele com ferro de passar porque ele me chamou de vagabunda. Meu marido me deu um empurrão e me deu um tapa uma vez. Me humilhava e me insultava muitas vezes. Quando ele me bateu, eu peguei o facão e corri atrás dele e se eu tivesse alcançado ele eu tinha cortado ele. Depois disso não apanhei mais

Uma vez, ele chegou da rua e começou a me ofender e me deu um tapa na minha cara. Eu arranhei o pescoço dele e peguei duas facas. Se ele não tivesse se trancado no quarto eu acho que tinha matado ele. O dia que ele me ameaçou de bater, ele me empurrou, eu disse que se fizesse isso eu ia matar ele enquanto ele estivesse dormindo. Nunca mais me bateu.

4.2.7.2 Discurso do Sujeito Coletivo 30

Idéia Central: Linguagem, violência e gênero

O DESCONTROLE DO CONTROLE

Homem hoje só quer saber de bater. Eu saí de casa porque meu pai me batia muito, pois ele queria um filho homem e eu nasci mulher. Meu pai era muito violento com as filhas. Só com as mulheres. Ele dizia que mulher tem que apanhar. Quando

eu voltava do meu serviço, ele começava a me ofender e começava a me dar porrada.

Quando meu marido fica nervoso, ele fica agitado e me xinga direto. Desde a segunda semana de casado ele já começou a me bater. Qualquer pessoa que olhasse para mim já era razão para ele me bater. Ele colocava o revólver ou a espingarda na minha cabeça e me machucava muito.

Um dia nós tivemos uma discussão feia porque ele tinha ciúme de mim. Sempre era por ciúme. E aí começava a porrada. Ele me batia muito sem eu merecer, pois eu sempre trabalhei muito e trazia as coisas para dentro de casa. Ele era tão ciumento que eu não podia nem conversar com meus irmãos. Ele me dizia que meus irmãos queriam arrumar homem para mim. Quando eu conversava com meus irmãos, aí eu já sabia que eu ia apanhar.

4.2.7.3 Discurso do Sujeito Coletivo 31

Idéia Central: Violência e o cenário religioso

O DISCURSO RELIGIOSO

Um dia eu contei para meu pai o que estava acontecendo. Meu pai contou para o pastor e eles chamaram a gente lá. Eles me aconselharam a não provocar o ponto fraco dele e para ele, eles aconselharam a não fazer mais violência comigo, pois eu era uma parte frágil. Eles deram muitos conselhos. A religião que eu freqüentava (...) não deixava eu me separar. Só se fosse por traição. Como ele só me dava medo então isso não era motivo para eles. Como eu sou da igreja, os pastores não admitem separação e eu tive que agüentar o sofrimento com ele por muito tempo. E aí começava a porrada. Ele batia, chutava, socava e apertava meu pescoço muitas vezes. Ele já era da igreja e ainda assim fazia isso. A gente é da (...). Meu cunhado, irmão dele, é pastor da minha igreja e já passou a mão em minha bunda e me perseguia e me falava coisas feias. Eu falei para o pessoal da igreja, mas eles pediram para não falar para a polícia que eles iam afastar ele da igreja.

Finalmente, eu fiquei três anos morando dentro de um centro (...) e o pai de santo não deixava ele [parceiro] entrar lá dentro para me pegar. Quando eu tinha 24

anos, eu e mais seis amigas ficamos de castigo por sete dias, de joelho no milho por 1h por dia e a pão e água o dia todo, por ter desobedecido ao pai de santo, pois tínhamos saído escondidas para uma festa num bar de noite.

4.2.7.4 Discurso do Sujeito Coletivo 32

Idéia Central: Narrativas das iniciativas da violência feminina

FOI EU QUE COMECEI

A única vez que aconteceu violência lá em casa entre eu e meu marido, foi eu que comecei. Eu bati na cara dele porque ele falou que eu estava interessada em outro homem. Eu dei um tapa na cara dele e ele deu outro em mim. Foi só uma vez. Eu que agredi meus dois companheiros. Uma vez por causa de mentira e a segunda por ciúme dele com outra mulher. Mas se eu beber, eu fico descontrolada e fico violenta. Um dia, eu quis saber onde meu marido estava e ele ficou aborrecido e me chamou de boba. Aí eu peguei a vassoura e bati na cabeça dele.

5 DISCUSSÃO

No Brasil, o estudo multicêntrico conduzido pela OMS⁵⁰ encontrou uma prevalência de pelo menos um ato de violência psicológica ao longo da vida, de 41,8% em São Paulo e 48,9% na Zona da Mata. No presente estudo, a prevalência foi de 80,2%. Para a violência física, as prevalências foram de 27,2% e 33,7% em São Paulo e na Zona da Mata, respectivamente, e de 58,6% no Varjão. Em relação à violência sexual cometida pelo parceiro, detectou-se uma prevalência de 10,1% em São Paulo e 14,3% na Zona da Mata. No Varjão, a proporção foi de 28,8%.

Quando comparados os resultados do presente estudo com os de pesquisas internacionais também realizadas em países caracterizados por desigualdades sociais no estudo multicêntrico da OMS,⁵⁰ observa-se que a prevalência de 58,6% de violência física no decorrer da vida no Varjão se equipara à região andina de Cuzco, no Peru (61%). Nos 12 meses anteriores à entrevista, a violência física relatada pelas mulheres do Varjão foi de 32,4%, índice maior que aqueles das 15 regiões do estudo multicêntrico, cuja prevalência mais alta foi registrada num distrito rural da Etiópia, com 29%. No estudo da OMS, a prevalência da violência sexual no decorrer da vida variou entre 58,6% na Etiópia e 6,2% no Japão; nos últimos 12 meses, variou entre 44,4% na Etiópia e 1,1% na Sérvia. Já a prevalência encontrada no Varjão, de 28,8% no decorrer da vida e 15,5% nos últimos 12 meses, equipara-se à encontrada na província rural da Tailândia (28,9% e 15,6%, respectivamente).

Recente pesquisa¹¹⁹ utilizando a metodologia da OMS para entrevistar 12.795 mulheres de 15 a 59 anos em 12 regiões rurais e urbanas da Turquia encontrou prevalência de 39% para violência física e 15% para violência sexual e grandes variações entre as regiões estudadas. Em uma das regiões, no nordeste de Anatólia, as prevalências foram de 53% e 29% para as violências físicas e sexuais, respectivamente. Essas prevalências assemelham-se às encontradas no presente estudo e parecem chamar a atenção para a interface da ecologia humana com os territórios de vida marcados pela assimetria dos espaços ocupados por mulheres e homens no processo de territorialização. O Varjão é um espaço onde quase três quartos da população estudada acreditam que os problemas familiares devem ser discutidos apenas com membros da família. Além disso, quase metade das entrevistadas relatou não contar com o apoio de familiares e nem com a iniciativa da comunidade local para parar brigas que ocorram na vizinhança. Estudo anterior

descreveu a experiência de famílias nas quais se constatou que a violência contra a mulher estava associada à interrupção das dinâmicas familiares e à redução do apoio oferecido pelos membros da família.¹²⁰

Uma grande proporção da violência física considerada pela OMS como grave – atos violentos com maior potencial de provocar lesão – e da violência sexual apresentou um padrão de recorrência, mostrando a gravidade da situação enfrentada pelas mulheres do Varjão. Conforme apontado em estudo anterior,¹²⁴ a maior parte das violências não consistiu num episódio único, mas numa série de episódios que pode chegar a perdurar por décadas. Dados nacionais e internacionais relatam o impacto das violências na saúde física e mental da mulher e os desafios para a agenda da saúde pública.^{48,50,124}

O Varjão, marcado pela urbanização e periferização da pobreza, ainda que localizada numa região central da Capital Federal, caracteriza-se como região vulnerável à violência. Estudos na área da demografia e da geografia têm indicado que determinadas regiões que apresentam escassez de equipamentos sociais e de estruturas de oportunidades disponíveis, além de condições socioeconômicas precárias da população residente, configuram territórios em situação de vulnerabilidade¹²⁵. O estudo multicêntrico⁵⁰ apontou que, nos locais menos industrializados e com menor empoderamento das mulheres, as taxas de violência foram mais elevadas. No presente estudo, tanto as mulheres quanto seus parceiros apresentaram uma baixa escolaridade, 60% possuíam apenas ensino fundamental incompleto, resultado semelhante ao de outros estudos. Nesses estudos⁵⁰ a maior escolaridade da mulher parece estar associada a um empoderamento pessoal que promove a redução da tolerância à violência^{126,127}.

Os dados estatísticos revelaram que os fatores que foram associados com todos os tipos de violências nos dois períodos de tempo analisados foi o uso de comportamentos de controle pelo parceiro, sendo seguido em segundo lugar pelos relacionamentos extraconjugais. Ambos são fatores pertencentes ao nível processual na perspectiva ecológica. Baseado nesse dado faz-se oportuno citar que para Bronfenbrenner no nível do processo envolve uma “transferência de energia entre seres em interação”⁴¹, entre pessoas e os símbolos presentes nos diversos ambientes. Nesse sentido, podemos perceber que a chave de interpretação para esses dados é a imbricação do conceito relacional de gênero e da hipermasculinidade que encontra nos comportamentos de controle, uma forma de

linguagem, um processo comunicativo, que interage com outras variáveis, de maneira direta ou indireta, e produz cenários de violências múltiplas baseadas em relações de poder. Os comportamentos de controle são discursos de delimitação de posse e de estabelecimento de propriedade.

A partir desta formulação teórica, de que os comportamentos de controle são discursos, podemos afirmar que não existe discurso que não tenha uma origem. Esses discursos estão alicerçados na construção social acerca da masculinidade e na *proxy* que essa identidade genérica masculina concede para o estabelecimento da dominação. Essas relações de poder manifestam-se mascaradas como pseudo-atitude de afetividade e de “amor”, assim, o controle passa ser visto como *ciúme* (por isso o parceiro não quer que a mulher converse com outro homem ou que tenha amigos), preocupação (por isso o parceiro quer saber onde ela está o tempo todo), *interesse* (por isso o parceiro quer que ela comunique antecipadamente quando precisar ir ao médico ou procurar os serviços de saúde). Os comportamentos de controle põem em cena processos comunicativos de posse. O sujeito que está em ação nos cenários das violências psicológicas, físicas, sexuais e físicas ou sexuais é um sujeito que detém o controle e as decisões: define com quem a mulher pode se relacionar e limita as relações com amigos e familiares. Estas relações vão se tornando cada vez mais reduzidas e vigiadas. Todos os comportamentos de controle investigados buscavam perscrutar a existência dessas relações de poder no cotidiano de vida da mulher.

O segundo fator, relacionamentos extraconjugais dos parceiros masculinos associado com sete dos oitos modelos finais anteriormente apresentados para todos os tipos de violência, apresentou elevada prevalência (48%). Embora a infidelidade conjugal tenha sido mencionada em outros estudos,¹²¹⁻¹²³ a prevalência encontrada assemelha-se aos índices em países onde a poligamia é socialmente validada¹²⁸. A ocorrência das relações extraconjugais pelo parceiro tem sido descrita como uma forma de abuso emocional que imputa dupla agressão à mulher: de um lado a humilhação sentida em detrimento das implicações da infidelidade do parceiro e do outro o relato de que após a descoberta da traição ocorre um acirramento da violência contra a mulher por parte do parceiro¹²². Dupla imputação de penalidade.

Dois outros fatores estiveram associados com todos os tipos de violência, em pelo menos um dos dois recorte temporais investigado. O uso de álcool e droga pelo parceiro e a associação com as VPIs têm sido descritos em vários estudos^{71,123,127}.

São substâncias usadas de forma paradoxal, ou seja, tanto são escolhidas em situações de recreação e celebração quanto são usadas como mecanismo de compensação para perdas e sofrimentos. O mecanismo pelo qual o álcool potencializa as violências tem sido amplamente discutido¹²³. No modelo sociocultural, o uso das substâncias psicoativas é visto como resultado de forças sociais, influenciado pela interação entre o meio cultural, os valores e as atitudes da comunidade.^{5,16,24} Nesse sentido, estudar a intensidade da violência pressupõe transcender a relação unidirecional álcool/droga-violência.

Os resultados das análises multivariadas foram confirmados nas narrativas das mulheres. *A Engenharia das violências praticadas por parceiros íntimos, o bloco com o maior número de expressões chaves e DSCs*, que descreve os mecanismos, cenas e cenários das VPI. No primeiro DSC encontramos o discurso acerca do coquetel violento que álcool-droga e violência apresenta. As representações sociais da entrevistada de que o álcool é causa das agressões aparece em várias EC. Parece passar despercebido para essas mulheres que o álcool não é o responsável pela agressão. Trata-se de uma substância que reduz as inibições e favorece as representações que o parceiro construiu do direito sobre um corpo, o corpo feminino, e a racionalização de que esse corpo pode ser disciplinado. A ligação do álcool é, portanto indireta⁷¹ e os estudos confirmam que ele pode aumentar a irritabilidade, reduzir o auto-controle e a capacidade cognitiva. Mas, as representações presentes no coletivo é que influenciam esses parceiros e terminam por corroborar com a idéia de que ele é a substância “responsável” pela violência. Assim, teríamos uma retroalimentação do sistema e as representações do uso dessa substância depressora permanecem sendo associadas aos episódios violentos.

Ainda dentro da engenharia das violências encontramos um novo ciclo da violência. De acordo com a autora da teoria do ciclo da violência⁹¹ existe um ciclo composto por três fases (conforme descrito no capítulo 3) denominadas de tensão-agressão-lua de mel. A frequência e duração de cada uma das fases irá depender das dinâmicas das múltiplas conjugalidades e dos contextos ambientais. No caso do Varjão, não foi detectado a fase da Lua de Mel. As mulheres sofrem os episódios de agressão e continuam a ser ameaçadas, sem o período de pausa. O DSC 2 expressa bem a ausência de qualquer promessa de abandono do comportamento violento por parte do parceiro. Pelo contrário, observa-se momentos de

descontinuidades seguidos de intensificação da gravidade dos atos violentos. É possível perceber uma certa desesperança por parte das mulheres, um não-sentido para com a existência, uma ausência de projeto. É como se a ausência das pausas produzidas pelos períodos de “lua de mel” tivessem contribuído para um distanciamento psíquico-emocional como um mecanismo de proteção contra as profundas violações da dignidade humana.

O DSC 3 apresenta uma mulher que vive na companhia do medo e da tensão. Ele enfoca a percepção da mulher acerca de um clima de terror constante. O continuum da violência fica claro na discursividade dessas mulheres. Mesmo na ausência da continuidade da relação formal com o parceiro, o temor persiste e um sentimento de vigília e cautela acompanha essas mulheres. Simbolicamente o parceiro continua presente na vida dessas mulheres e sua ausência física não ameniza a sensação de monitoração constante. Uma versão atualizada do Panóptico descrito por Foucault ¹⁰⁸.

A gravidez em risco devido à violência foi mensurada estatisticamente e os depoimentos “ouvidos” por intermédio dos depoimentos das mulheres. Percebe-se aqui um embricamento do levantamento estatístico e semiótico. O diagnóstico da presença da violência no período da gravidez precisa ser uma preocupação dos profissionais da área da saúde, pois ele pode estar associado com os abortos “espontâneos”, os partos prematuros e a mortalidade materna. O DSC 4 descreve esse quadro.

Ainda como parte dessa área temática que chamamos de Engenharia, pois explica alguns dos mecanismos da VPI e algumas representações que sustentam as relações de poder na conjugalidade, encontramos os relacionamentos extraconjugais, os mecanismos coercitivos do sexo e o fenômeno da naturalização da violência. No DSC 5 a lógica da racionalização encontra outras mulheres para serem culpabilizadas pelo comportamento dos parceiros. Aqui, essas outras mulheres, chamadas de *mulher da rua*, são percebidas como responsáveis pelas agressões que a *mulher da casa* sofre. Muitas representações sociais estão presentes nas narrativas discursivas dessas mulheres, mas uma em particular chama-nos a atenção que é a objetificação da mulher pela própria mulher. Novamente os conceitos de gênero e hipermasculinidade nos ajudam a entender esse quadro cognitivo das entrevistadas. A dificuldade de consciência crítica de ler nas atitudes do parceiro novas formas de vitimizar outros corpos é resultado das

construções das identidades estereotipadas. Em nenhum momento percebe-se uma culpabilização direta do parceiro, mas é como se ele tivesse sido seduzido pela *Outra*. Como resultado dessa sedução a mulher interpreta que paga o preço no espaço privado. Já no DSC 6, percebe-se claramente a representação de que o contrato conjugal envolve o controle da sexualidade da mulher. A não aceitação desse contrato pode precipitar um episódio de agressão física. Na seqüência, ao racionalizar ganhos ou perdas, a mulher oferece o corpo para pacificar um possível confronto. Finalmente, os DSC 7 e 8 narram a ancoragem e objetivação da violência no cenário cotidiano. A ausência do estranhamento termina por banalizar a violência. A saída de casa aos 11 anos para trabalhar, o fato de não ter desmaiado depois de um episódio de tentativa de homicídio, pais que forçam o “casamento” de uma criança e a necessidade de “manchas roxas” para caracterizar uma agressão física como violência são todos comportamentos de um mesmo problema. As sociabilidades violentas, as vidas que vivem no limite, constroem representações de normalidade a partir do desvio, da anomia. O DSC8 descreve, que mesmo que essa mulher possua a percepção da violência como desvio por parte do parceiro, elas estão imobilizadas pelo medo. Entretanto, outros discursos DSC 20, 21 e 22 vão mostrar que essa imobilidade é reflexiva e pode ter um fim. As experiências violentas também podem ser ressignificadas e resultar em mulheres que invertem a lógica da dominação e resilientemente empoderam-se no processo.

Finalmente, pensamos se relevante registrar algumas considerações referentes às altas prevalências detectadas neste estudo. Em primeiro lugar, gostaríamos de ressaltar que alguns aspectos metodológicos podem ter contribuído para aumentar a revelação da ocorrência de violências, em especial as de natureza sexual, as quais têm sido descritas como mais difíceis de revelar do que violências de outra natureza¹²⁸. A técnica utilizada na entrevista incluiu momentos de silêncios e pausas, respeitando o ritmo individual da mulher. Todas as entrevistas foram conduzidas pela coordenadora da pesquisa, permitindo maior homogeneidade nas estratégias para deixar as entrevistadas em situação de conforto e favorável à revelação de episódios dolorosos que, em muitas ocasiões, estavam sendo narrados pela primeira vez. A necessidade de pessoas com experiência na área das violências interpessoais representa um desafio no preparo logístico de estudos de base populacional envolvendo múltiplos entrevistadores.

Outros fatores, como políticas públicas nacionais e locais, maior visibilidade do fenômeno nas mídias radicais, televisivas e escritas, bem como o agendamento da temática na pauta política das organizações governamentais e não-governamentais, também podem ter contribuído para a maior revelação das violências pelas mulheres do Varjão. A própria Lei 11.340, batizada Lei Maria da Penha, não apenas trouxe mudanças paradigmáticas para a legislação brasileira como também tem representado uma ferramenta útil para o trabalho de abordagem da temática das formas de violência por parceiro íntimo junto às lideranças formais e informais das comunidades.

Á guisa de conclusão, a pesquisa mostra a alta prevalência de violências contra mulheres cometidas por parceiros que lhes negam a condição de “sujeito de direito” nas relações íntimo-afetivas. Para reduzir esses índices é essencial o cultivo de uma cultura de tolerância zero à manutenção dessas violências em todas as esferas da ecologia das relações humanas. É um trabalho individual e coletivo. Exige uma maior consciência de que as violências não estão invisíveis conforme nos mostrou os quatro discursos do bloco temático intitulado “Violências silenciosas ou silenciadas”, onde as narrativas revelam que a família, os filhos, os cuidadores do sistema de saúde e a comunidade como um todo têm “visto”, mas não tem “olhado” a ocorrência dessas violências. Ver envolve a capacidade biológica dos sujeitos, mas “olhar” é um ato da vontade, da consciência, da agência dos indivíduos. De acordo com a teoria da racionalidade humana instrumental ⁴, que defende que os seres humanos fazem escolhas e mensuram medidas de custo/benefícios, os indivíduos baseiam seus próprios desejos, constrangimentos e vantagens antes de escolher. O silêncio da família, dos filhos, dos cuidadores pode estar associado com um desejo de auto-preservação. Por medo, muitas mulheres se calaram e é possível que numa perspectiva Hobbesiana por medo, os cuidadores e familiares preferem não ver a violência e manter o discurso de invisibilidade. Permanecer com o *discurso* da invisibilidade contribui para manutenção do mito de que ela é um assunto secreto que não tem sido revelado? Como explicar os DSCs 15, 16, 17 e 19? Não encontramos nenhuma invisibilidade da violência ali, mas outros mecanismos que silenciam as denúncias e naturalizam a convivência com a anormalidade das práticas violentas. Essa pretensa “invisibilidade” pode estar contribuindo para os “anos potenciais de vida sofrida” dessas mulheres. Gostaríamos de chamar os anos de vivências violentas de “anos de vida perdida”,

mas não queremos subestimar a capacidade dessas mulheres de encontrar novos sentidos para seus projetos, mesmo em cenários de escassez de segurança e proteção. A narração da realidade do “novo tempo... apesar dos pesares” que inclui quatro discursos nos aponta para esse *quase-empoderamento*, esse aroma de mudança no ar, essa sede de liberdade, de vida significada a partir de uma grande desconstrução. Uma dança dialética de ganhos a partir das múltiplas perdas, uma fênix que surge das cinzas de memórias de um passado tão distante, mas ainda tão presente. De memórias que machucam, mas que paradoxalmente, quando discursadas, servem para curar. Algumas dessas mulheres aprenderam a linguagem da violência e utilizam a gramática das violências com parceiros que num primeiro momento apresentam-se verbalmente abusivos. O DSC 29 ilustra o potencial violento da mulher, o grau de sofisticação nas atitudes violentas; às vezes reativas, às vezes deliberadas e planejadas com detalhes. A linguagem da violência certamente vitimiza muitos outros atores. Essas mulheres residem com seus filhos. Algumas com seus pais e demais familiares. A violência como linguagem certamente está construindo linguisticamente essas relações e mediando as interações.

Algumas limitações percebidas no estudo referem-se ao instrumento, o desenho metodológico e à própria natureza instável e provisória do fenômeno que impede os metadiscursos universalizantes e genéricos. Os dados estatísticos apontaram a preponderância do nível processual na ecologia das violências cometidas pelos parceiros íntimos. Os discursos explicaram como os comportamentos de controle se transformam em uma linguagem e participam ativamente em todas as variáveis desfecho estudadas.

O instrumento utilizado na coleta de dados não pretendeu incluir todos os atos violentos, pois a própria natureza das violências não permite delimitar estaticamente as fronteiras entre comportamento abusivo e conflictualidade. A limitação do instrumento é relacionada à própria natureza complexa do fenômeno das violências entre parceiros íntimos. Saffioti e Almeida¹³ relatam que todas as relações humanas são marcadas pela presença de certo grau de tensão. A conjugalidade é um espaço de conquista de direito para expressar individualidades. Entretanto, nem toda conflictualidade conjugal necessariamente se caracteriza como violência. Além disso, atos de violência psicológica importantes como calúnias, difamações e atos de violência patrimonial não foram incluídos no instrumento de coleta de dado para não alterar a estabilidade do instrumento da

OMS. Além disso, outras variáveis sócio-demográficas como renda, raça/etnia (ainda que renda sirva de proxy para etnia/raça) não foram incluídas no questionário.

O número de mulheres incluídas na pesquisa foi pequeno (N = 278) para possibilitar análise estatística mais robusta e testar interação entre variáveis. Seria interessante pesquisar o efeito que algumas variáveis, como por exemplo o uso de álcool e droga, exerce sobre os comportamentos de controle e, por conseguinte, alteram a variável desfecho. Entretanto, para conseguir analisar essas interações seria necessário um número maior de mulheres entrevistadas.

Entre as limitações do estudo está a não-inclusão, tanto de mulheres com mais de 49 anos quanto da população masculina. O fato do parceiro não ter sido ouvido, suas percepções e representações não terem sido analisadas, podem ter contribuído na limitação da abrangência ecológica do fenômeno. A decisão de não inclusão foi racional. O Varjão é um espaço pequeno e tememos que a realização das entrevistas com os parceiros pudesse colocar as mulheres em risco.. Baseados no modelo ecológico e no conceito de gênero e hipermasculinidade, estudos qualitativos envolvendo tanto mulheres quanto homens poderiam auxiliar na análise da dinâmica das relações com parceiros íntimos, do papel da comunidade e da necessidade de “desnaturalizar” as estruturas hierárquicas da sociedade brasileira. A pesquisa, ao optar por não incluir o homem, termina por tratá-lo como sujeito-objeto, mas os riscos envolvidos e o compromisso ético de zelar pela segurança das mulheres impediram que o estudo incluísse esse protagonista.

Outra limitação é o próprio desenho da pesquisa uma vez que, devido à escassez econômica encontrada no Varjão, não houve inclusão de uma população com estratos de renda mais diversificados.

Cada um dos trinta e dois discursos merece ser analisados individualmente e em blocos. A riqueza de informações presentes neste estudo foi limitada pela exaustão da pesquisadora e a necessidade de colocar um fim temporário nas análises para apresentação dessa primeira versão dos fatos. As interações com a comunidade e os feedbacks por parte da liderança, das protagonistas dessas histórias e das diversas instituições que prestam serviços de proteção e defesa dos direitos da mulher certamente ainda contribuirão para validar os dados encontrados pela pesquisa, assim como para construir novas interpretações.

Até o momento, como resultado das análises iniciais pós-coleta de dados, já foram tomadas medidas de intervenção na realidade detectada. A primeira foi um projeto desenvolvido no final de 2007 e início de 2008 que representou uma proposta pedagógica de enfrentamento das violências baseadas em gênero e incluiu oficinas sobre o fenômeno da violência. Além disso, a dimensão ecológica das manifestações das violências foram abordadas em forma de um treinamento/capacitação de liderança com o propósito de capacitar pelo menos uma mulher residente em cada uma das quadras do Varjão sobre a dinâmica das violências e a necessidade do empoderamento de toda a comunidade. Nesse sentido, o material distribuído para as famílias “Guia de Empoderamento Comunitário” foi colocado à disposição não somente das famílias, mas da administração do Varjão, das organizações e associações e das lideranças. Esse guia vem sendo utilizado no atendimento das famílias e os exemplares têm sido colocados à disposição da administração, do centro de saúde, da escola e creches e demais associações. Voltamos a afirmar o que mencionamos na introdução deste trabalho: pesquisar fenômenos sociais de violações de direitos humanos requer o compromisso político dos pesquisadores que saem do papel de “jornalistas” das más notícias e se tornam sujeitos protagonistas das situações descritas. Além disso, os dados têm sido disponibilizados para a comunidade científica e organizações da sociedade civil (ANEXO F).

Finalmente, encerramos dizendo que novas pesquisas poderão ser desenvolvidas, a partir de um recorte, que envolva como sujeito discursivo os homens do Varjão. Essa nova abordagem contribuiria em muito com uma análise integral das ecologias das violências praticadas por parceiros íntimos.

6 CONCLUSÕES

As prevalências de violências praticadas por parceiros íntimos contra mulheres do Varjão revelam que no cerne da questão abordada encontram-se seres humanos em estado de vulnerabilidade e precariedade da integridade física, psicológica e existencial que estão vivendo processos de controle e violências graves e freqüentes. O uso da força coercitiva e punitiva em forma de abuso psicológico, força física e violações sexuais expressaram o tamanho do *gap* – da distância - a ser trilhada rumo à civilidade humana. Os números e as vozes que contam suas histórias precisam despertar estranhamento e desconforto no pesquisador, na comunidade estudada e seus atores, na cidade onde ela está inserida e na sociedade brasileira como um todo.

Quanto às características dos sujeitos da pesquisa, a maior parcela das mulheres entrevistadas tinha entre 25 e 34 anos (45%), idade média de 30 (DP = 8,5) anos e precária escolaridade (62% possuíam ensino fundamental incompleto). A maioria era casada ou estava vivendo com um parceiro (83%), das quais 28% já haviam se casado mais de uma vez. Quanto aos parceiros, a idade variou entre 16 e 75 anos (mediana = 32 anos) e a precariedade da escolaridade foi ainda maior com 71% deles apresentando apenas ensino fundamental incompleto.

Em relação ao primeiro objetivo específico desta pesquisa foram encontradas as seguintes prevalências: para a violência psicológica, de mais elevada prevalência, foi de 80,2% (IC 95%: 75,5% - 84,9%) no decorrer da vida e de 50% (IC 95%: 44,1% - 55,9%) nos últimos 12 meses. A violência física teve uma prevalência de 58,6% (IC 95%: 52,8% - 64,4%) ao longo da vida e 32,4% (IC 95%: 26,9% - 37,9%) no último ano, sendo seguida pela violência sexual, com 28,8% (IC 95%: 23,5% - 34,1%) e 15,5% (IC95%: 11,2% - 19,8%). A prevalência da violência física ou sexual foi de 61,5% (IC 95%: 55% - 64,5%). Além disso, a forma de violência psicológica com maior prevalência ao longo da vida e nos últimos 12 meses foi o insulto (69% e 39%, respectivamente); os atos de violência física que são considerados como moderados que apresentaram maior prevalência, tanto no decorrer da vida como nos últimos 12 meses, foram os empurrões ou chacoalhões (n = 145; 53% e n = 72; 26% respectivamente); os socos ou o arremesso de objetos, classificados como violência grave, tiveram a maior prevalência (n = 84; 30% e n =

47; 17% ao longo da vida e no último ano, respectivamente); ter relação sexual por medo do parceiro apresentou a maior prevalência entre os atos classificados como violência sexual (n = 63; 23%). Um elevado percentual de 65% das mulheres que sofreram essa forma de violência afirma que ocorrem muitos episódios de relação sexual devido ao temor do que o parceiro possa fazer com elas.

Os comportamentos de controle baseados em gênero foram detectados como discursos ideológicos de manutenção da dominação dos parceiros. Os mecanismos de interação entre a mulher e o parceiro revelaram a imposição de um poder, de uma vontade, que envolvia desde o fato da mulher ter seu relacionamento familiar (22% das entrevistadas) e seu vínculo de amizade cerceado (36%); sua liberdade vigiada (45% insistiam em saber onde a parceira estava o tempo todo, 52% ficavam zangados se elas conversassem com outros homens e 12% precisam de autorização do parceiro para procurar tratamento médico); sua estima afetada (45% das entrevistadas afirmam que seus parceiros as tratam com indiferença) e sua conduta questionada (27% suspeitando de relacionamento extraconjugal). No total, menos de um quarto das mulheres entrevistadas (21%) não sofrem a monitoramento dos parceiros via comportamentos de controle.

O terceiro objetivo da presente pesquisa foi documentar as prevalências de violências cometidas por outras pessoas além dos parceiros. Detectou-se que em relação às histórias de violência sofridas ao longo da vida, mais da metade das entrevistadas (56%; n = 156) relataram que seus familiares foram fisicamente agressivos quando elas já eram maiores de quinze anos; as histórias de violências sexuais após os 15 anos mostram uma prevalência de 19% (n = 53) e os abusos antes dos quinze apresentaram uma prevalência de 32% sendo que os familiares responderam por quase metade dos episódios de abuso sexual (49%). Dentre os familiares, os tios das entrevistadas foram os responsáveis pela maior prevalência (7,2%), seguidos pelos demais membros masculinos da família (4,3%).

Um quarto objetivo da pesquisa foi a investigação das conexões entre as variáveis-desfecho e as variáveis independentes selecionadas a partir de uma abordagem ecológica. As associações entre as violências psicológica, física, sexual e física-sexual ao longo da vida e nos últimos doze meses e as variáveis explicativas do modelo ecológico foram estimadas pelas odds ratios (OR) ajustadas e intervalo de confiança de 95%. Para violência psicológica ao longo da vida o resultado final mostrou que as variáveis: número de comportamentos de controle do parceiro (OR

16,41 para quatro controles ou mais), relacionamento extraconjugal (OR 3,34) e a preocupação da mulher com a criminalidade percebida na comunidade (OR 4,23), mantiveram-se estatisticamente significantes mesmo quando ajustadas por todas as demais variáveis. Já para a violência psicológica nos últimos doze meses permaneceram apenas as variáveis relacionadas aos parceiros. São elas: uso de droga (OR = 2.00), episódios de embriaguez (OR = 1.39 para episódios mensais e 2.14 para episódios semanais), infidelidade conjugal (OR = 3.34) e comportamentos de controle (OR = 16.41 para 4 ou mais controles e OR = 3.71 para 1 a 3 comportamentos). Na sequência, as mulheres que sofreram mais violência física ao longo da vida foram aquelas cujos parceiros são usuários de droga (OR =14,27), com episódios semanais de embriaguez (OR = 2.97), usam 4 ou mais comportamentos de controle no relacionamento com elas (OR = 13.39), tiveram relacionamentos extraconjugais (OR=2.19) e apresentam história de briga com outros homens (OR = 2.84). Quanto à violência física ocorrida nos últimos doze meses, o modelo de regressão logística revelou apenas três fatores – comportamentos de controle (OR = 15.72 para quatro ou mais comportamentos), relacionamento extraconjugal (OR = 7.19) e uso de drogas (OR = 7,00 para usuário). Além disso, a análise da violência sexual ao longo da vida em relação às variáveis do modelo ecológico apresentou associação com cinco variáveis independentes provenientes de dois diferentes níveis do modelo ecológico: escolaridade da mulher (OR = 3.06 para as que não foram alfabetizadas), embriaguez (OR = 3.31 para os episódios semanais), uso de droga pelo parceiro (OR = 2.91 para usuários), história de briga (OR = 2.30) e número de comportamentos de controle (OR = 6.64 para 4 ou mais comportamentos). Na análise da ocorrência de violência sexual nos últimos doze meses, foi encontrado como variáveis associadas: episódios de embriaguez (OR = 8.86 para episódios semanais), uso de droga (OR = 4.79 para usuários e OR = 2.52 para ex-usuários), relacionamento extraconjugal (OR = 2.58) e comportamentos de controle (OR = 15.72 para quatro ou mais). Finalmente, para a violência física ou sexual ao longo da vida foram encontradas associações com as seguintes variáveis: número de casamentos (OR = 9,3 para mulheres que foram casadas mais de uma vez), episódios de embriaguez (OR = 3.03 para episódios semanais) uso de droga pelo parceiro (OR = 3.79 para usuários e ex-usuários), história de brigas com outro homem (OR = 3.12), relacionamento extraconjugal (OR = 2.42), comportamentos de controle (OR = 16.8 para quatro ou mais), iniciativa da comunidade em parar uma

agressão (OR= 2.30) e preocupação da entrevistada com criminalidade percebida na comunidade (OR = 6.60). As variáveis que se mostraram associadas à violência física ou sexual nos últimos doze meses foram: tempo de residência no Varjão (OR = 3.99 para os que residem há menos de cinco anos), episódios de embriaguez (OR 2.77 para episódios semanais), uso de drogas (OR = 2.22 para usuários), relacionamento extraconjugal (OR 6.50) e número de comportamentos de controle (OR = 16.34 para mais de quatro comportamentos).

Descobrimos que algumas variáveis explicativas do modelo ecológico estiveram presentes em pelo menos um dos dois momentos – ao longo da vida e/ou nos últimos doze meses - para todos os quatro tipos de variáveis-desfecho selecionados. Todas essas variáveis integram as características relacionadas ao parceiro. Duas das variáveis foram provenientes do nível pessoal relacionado ao parceiro - uso de droga e episódios de embriaguez – e duas do nível processual - relacionamento extraconjugal e uso de comportamentos de controle. Pensando nos níveis da teoria ecológica, isso significar dizer que as variáveis do nível pessoal relacionadas à mulher e as variáveis do contexto tiveram uma menor associação no conjunto das quatro violências.

Um quinto objetivo da pesquisa foi o de conhecer os discursos sobre as violências baseadas em gênero vividas pelas mulheres entrevistadas. A análise das 195 narrativas apresentou 397 Idéias-Centrais (IC) que resumiram a essência das Expressões-Chaves (EC) presentes nas falas das mulheres. Essas 397 ECs e/ ou ICs foram agrupadas por semelhança ou complementaridade de sentido e formaram 32 DSCs. Esses discursos foram agrupados em sete blocos temáticos. São eles: *Engenharia das violências praticadas por parceiros íntimos* (8 DSCs), *Histórias de estupro de vulneráveis* (6 DSCs), *Violência silenciosa ou silenciada?* (4 DSCs), *Anos potenciais de vida sofrida* (4 DSCs), *Um novo tempo... apesar dos pesares* (4 DSCs), *E por falar em violência* (2 DSCs) e *Violência é uma linguagem* (4 DSCs). Além disso, a pesquisa procurou identificar as representações sociais presentes nesses discursos.

REFERÊNCIAS

1. Riger S, Raja S, Camacho J. The radiating impact of intimate partner violence. *J Interpers Violence* 2002; 17 (2): 184-205.
2. Oxford University Press, editores. *Oxford English Dictionary*. 2ª ed. Londres: Oxford University Press; 2008. Violência; p. 231
3. Houaiss A. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva; 2001. Violência. p. 176
4. Hobbes T. *Leviatã ou matéria, forma e poder de um Estado eclesiástico e civil*. São Paulo: Abril Cultural; 1984.
5. Marx K, Engels F. *The Manifesto of the communist party*. In: Engels F. *Marx-Engels selected works*. London: Lawrence and Wishart; 1968.
6. Durkheim E. *A divisão do trabalho social*. Rio de Janeiro: Martins Fontes; 1977.
7. Simmel G. *Sociologia*. São Paulo: Ática; 1983. Coleção Grandes Cientistas Sociais.
8. Arendt H. *On violence*. New York: Harcourt Brace; 1970.
9. Arendt H. *A condição humana*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária; 1991.
10. Elias N. *O processo civilizador* Rio de Janeiro: Jorge Zahar; 1994.
11. Elias N. *Os alemães, a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; 1997.
12. Foucault M. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal; 1999.
13. Foucault M. *A história da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal; 1984.
14. Weber M. *História geral da economia*. São Paulo: Abril; 1985.
15. Giddens A. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; 2002.
16. Bourdieu P. *Poder simbólico*. Rio de Janeiro: Marco Zero; 1983.
17. Bourdieu P. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; 1999.
18. Ricoeur P. *O mal: um desafio à filosofia e à teologia*. Campinas, SP: Papyrus; 1998.
19. Beauvoir S. *El segundo sexo: la experiencia vivida*. Buenos Aires: Siglo Veinte; 1987.

20. Lamoureux D. Le paradoxe du corps chez Simone de Beauvoir. Labyrinth [periódico na internet]. 1999 [acesso em 25 out. 2008]; 1(1): 1. Disponível em: <http://h2hobel.phl.univie.ac.at/~iaf/Labyrinth/Lamoureux.html>.
21. Stanko EA. Conceptualizing the meaning of violence. In: Stanko EA, editor. The meanings of violence. London: Routledge; 2003. p. 1-4.
22. Sharrett C. Mithologies of violence in postmodern media. Detroit: Wayne State University Press; 1999.
23. Wieviorka M. Violence today. Ciênc Saúde Coletiva 2006; 11(2): 261-7.
24. Michaud Y. A violência. São Paulo: Ática; 2001.
25. Boulding E. La violencia e sus causas. Paris: Unesco; 1991.
26. Beck U. World risk society. Cambridge: Polity Press; 1998.
27. Gomes IS. Transmissão psíquica transgeracional e violência conjugal: um relato de caso. Bol Psicol 2005; 55 (123): 177-88.
28. Lipovetsky G. A era do vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo. São Paulo: Manole; 2005.
29. Peralva A. Violência e democracia: o paradoxo brasileiro. São Paulo: Paz e Terra; 2000.
30. Zaluar A. Masculinidades, crises e violências. Rio de Janeiro: FGV; 2004.
31. Alves HPF. Vulnerabilidade socioambiental na metrópole paulista: uma análise sociodemográfica das situações de sobreposição espacial de problemas e riscos sociais e ambientais. Rev Bras Estud Popul 2006; 23 (1): 43-59.
32. Souza ER, Lima MLC. Panorama da violência urbana no Brasil e suas capitais. Ciênc Saúde Coletiva 2006; 11 (2): 363-73.
33. Machado da Silva LA. Sociabilidade violenta: por uma interpretação da criminalidade contemporânea no Brasil urbano. In: Ribeiro LCQ, organizador. Metrôpoles: entre a fragmentação, a cooperação e o conflito. São Paulo: Perseu Abramo; 2004. p. 53-84.
34. Chesnais JC. A violência no Brasil: causas e recomendações políticas para a sua prevenção. Ciênc Saúde Coletiva 1999; 4 (1): 53-60.
35. Bauman Z. Vidas desperdiçadas. Rio de Janeiro: Zahar; 2005.
36. Bauman Z. Modernidade líquida. Rio de Janeiro: Zahar; 2001.
37. Bauman Z. Intimations of postmodernity. New York: Routledge; 2000.

38. Heise L. Violence against women: an integrated, ecological framework. *Pop Reports* 1998; 4(3): 262-90.
39. Clifford J. Culturas viajantes. In: Arantes AA. *O espaço da diferença*. Campinas, SP: Papyrus; 2000.
40. Bronfenbrenner U. Ecology of the family as a context for human development: research perspectives. *Dev Psychol* 1986; 22 (1): 723-42.
41. Bronfenbrenner U. *The ecology of human development: experiments by nature and design*. Cambridge, MA: Harvard University Press; 1979.
42. Moscovici S. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. 3ª ed. Petrópolis: Vozes; 2003.
43. Lefèvre F, Lefèvre AMC. *Depoimentos e discursos: uma proposta de análise em pesquisa social*. Brasília: Líber Livro; 2005.
44. Lefèvre F, Lefèvre AMC. *O Discurso do Sujeito Coletivo: um novo enfoque em pesquisa qualitativa (desdobramentos)*. Caxias do Sul: Educs; 2003
45. Brasil. Presidência da República. Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006 [legislação na internet]. Casa Civil. Brasília, DF, 2006 [acesso em 20 jul. 2009]. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/CCIVIL/Ato2004-2006/2006/Lei/L11340.htm>.
46. Moura LBA, Moura B. Reflexões sobre conjugalidade violenta na condição moderna. In: Lima FR, Santos C, organizadores. *Violência doméstica: vulnerabilidades e desafios na intervenção criminal e multidisciplinar*. Rio de Janeiro: Lúmen Júris; 2009. p.183-194..
47. Campos CH. Lei Maria da Penha: um novo desafio jurídico. In: Lima FR, Santos C, organizadores. *Violência doméstica: vulnerabilidades e desafios na intervenção criminal e multidisciplinar*. Rio de Janeiro: Lúmen Júris; 2009. p. 21-35
48. Senado Federal. DataSenado. *Pesquisa sobre violência doméstica contra a mulher*. Brasília: Senado Federal; 2007.
49. Senado Federal. DataSenado. *Pesquisa sobre violência doméstica contra a mulher*. Brasília: Senado Federal; 2009.
50. World Health Organization (WHO). *WHO multi-country study on women's health and domestic violence against women*. Geneva: WHO; 2005.
51. Garcia-Moreno C, Jansen HA, Ellsberg M, Heise L, Watts CH, WHO Multi-Country Study Team. Prevalence of intimate partner violence: findings from the WHO Multi-Country Study on Women's Health and Domestic Violence. *Lancet* 2006; 368 (9543):1260-9.

52. Mendonça ND. O uso dos conceitos: uma questão de interdisciplinaridade. 4ª ed. Petrópolis: Vozes; 1994.
53. Scott J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educ Realidade* 1995; 20(2): 71-99.
54. Butler J. *Gender trouble*. Routledge: New York; 1999.
55. Butler J. *Bodies that matter: on the discursive limits of "sex"*. New York: Routledge; 1999.
56. Gatens M. *Feminism and Philosophy*. Bloomington: Indiana University Press; 1991. p. 58-114.
57. Nolasco S. A desconstrução do masculino: uma contribuição crítica à análise de gênero. In: Sócrates N, organizador. *A desconstrução do masculino*. Rio de Janeiro: Rocco; 1993. p. 15-29.
58. King Y. Curando as feridas: feminismo, ecologia e dualismo naturalista. In: Jaggar AM, Bordo S. *Gênero, corpo e conhecimento*. Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos; 1997. p. 131.
59. Piscitelli A. Reflexões em torno do gênero e feminismo. In: Costa CL, Schmidt SP, organizadoras. *Poéticas e políticas feministas*. Ilha de Santa Catarina: Mulheres; 2004. p. 54-55.
60. Segato RL. Os percursos do gênero na antropologia e para além dela. *Soc Est* 1997; 12(2); p. 235-261.
61. Brewster D, Clifford JE, Kowalski GS. Unwanted sex: a gendered analysis of socialization. Annual Meeting of the American Society of Criminology (ASC); 2006 [acesso em 1 out. 2009]; Los Angeles, CA. p. 1-11. Disponível em: http://www.allacademic.com/meta/p125731_index.html.
62. Ashis N. *The intimate enemy: loss and recovery of self under of colonialism*. Delhi: Oxford University Press; 1988.
63. Saffioti H. Exploração sexual de crianças. In: Azevedo MA, Guerra VNA, organizadoras. *Crianças vitimizadas: a síndrome do pequeno poder*. São Paulo: Iglu; 2000. p. 49-95.
64. Spencer MB, Fegley S, Harpalani V, Siton G. Understanding hypermasculinity in context: a theory-driven analysis of urban adolescent males' cope responses. *Res Hum Dev* 2004; 1 (4): 229-57.
65. Evans T, Wallace P. A prison within a prison? The masculinity narratives of male prisoners. *Men and Masculinities* 2008; 10:484-507.
66. Bales RF. *Interaction process analysis: a method for the study of small groups*. Cambridge: Harvard University Press; 1968.

67. Bobbio N. O futuro da democracia: uma defesa das regras do jogo. Nogueira MA, tradução. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 1986.
68. Bauman Z. Identidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; 2005.
69. Bauman Z. Vida líquida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; 2007.
70. Zaluar A, Leal MC. Violência extra e intramuros. Rev Bras Ciênc Soc 2001;16(45):145-61.
71. World Health Organization (WHO). World report on violence and health. In: Krug EG, Dahlberg LL, Mercy JA, Zwi AB, Lozano R, editores. World report on violence and health. Geneva: WHO; 2002. p. 87-113
72. Adorno S. Conflictualidade e violência: reflexões sobre anomia na contemporaneidade. Tempo Social 1998; 10(1): 19-47.
73. Watts MJ, Bohle HG. The space of vulnerability: the causal structure of hunger and famine. Progr Hum Geogr; 1993;17(1):p 43-67
74. Hogan DJ, Marandola Junior E. Para uma conceituação interdisciplinar da vulnerabilidade. In: Cunha JMP, organizador. Novas metrópolis paulistas: população, vulnerabilidade e segregação. Campinas: Nepo, Unicamp; 2006. p. 23-50
75. Grown C, Gupta GR, Kes A. Taking action: achieving gender equality and empowering women. UN Millennium Project, Task Force on Education and Gender Equality. London: Earthscan; 2005.
76. Reichenhein ME, Dias AS, Moraes CL. Co-ocorrência de violência física conjugal e contra filhos em serviços de saúde. Rev Saúde Pública 2006; 40(4): 595-603.
77. Appel AE, Holden GW. The co-occurrence of spouse and physical child abuse: a review and appraisal. J Fam Psychol. 1998;12:578-99.
78. Tajima EA. Risk factors for violence against children: comparing homes with and without wife abuse. J Interpers Violence. 2002;17:122-49.
79. Banyard VL, Cross C, Modecki K. Interpersonal violence in adolescence: ecological co-relates of self-reported perpetration. J Interpers Violence 2006; 21 (10): 1314-32.
80. Aisenberg E. Contextualizing community violence and its effects: an ecological model of parent-child interdependent coping. J Interpers Violence 2005; 20 (7): 855
81. Bilac ED. Gênero, vulnerabilidade das famílias e capital social: algumas reflexões. In: Cunha JMP, organizador. Novas metrópolis paulistas: população, vulnerabilidade e segregação. Campinas: Nepo, Unicamp; 2006. p. 51-65.
82. Adorno S. Exclusão socioeconômica e violência urbana. Sociologias 2002;8 (1):84-135.

83. Moura LBA, Moura BA. Um olhar sobre a questão das violências cometidas por parceiro íntimo contra mulheres. In: Moura LBA, editora. Empoderamento comunitário: uma proposta de enfrentamento de vulnerabilidades. Brasília: LetrasLivres; 2008. p. 107-28.
84. Venturi G, Recamán M, Oliveira S, organizadores. A mulher brasileira nos espaços público e privado. São Paulo: Fundação Perseu Abramo; 2004.
85. Thompson RS, Bononi AE, Anderson M, Reid RJ, Dimer JA, Carrell D, et al. Intimate partner violence prevalence, types, and chronicity in adult women. *Am J Prev Med* 2006; 30 (6):447-57.
86. Kishor S, Johnson K. Profiling domestic violence: a multi-country study. Calverton, Maryland: ORC Macro; 2004.
87. Ellsberg M, Jansen HA, Heise L, Watts CH, Garcia-Moreno C. Intimate partner violence and women's physical and mental health in the WHO Multi-Country Study on Women's Health and Domestic Violence: an observational study. *Lancet* 2008;371(9619):1165-72.
88. Moura ATMS, Werneck GL. Estimating the economic costs of injury due to interpersonal and self-direct violence in Brazil. In: WHO. Manual for estimating the economic costs of injuries due to interpersonal and self-direct violence. France: WHO; 2008. p. 25-32
89. Dahlberg LL, Krug EG. Violence: a global public health problem. In: Krug E, Dahlberg LL, Mercy JA, Zwi AB, Lozano R, editores. World report on violence and health. Geneva, Switzerland: World Health Organization; 2002. p. 1-56.
90. World Health Organization. Developing policies to prevent injuries and violence: guidelines for policy-makers and planners. In: Schopper D, Lormand JD, Waxweiler R, editores. Geneva: World Health Organization; 2006.
91. Walker L. The battered women syndrome. New York: Springer; 1984.
92. Kronbauer JFD, Meneghel SN. Perfil da violência de gênero perpetrada por companheiro. *Rev Saúde Pública* 2005; 39:695-701.
93. Hirigoyen MF. A violência no casal: da coação psicológica à agressão física. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; 2006.
94. Day VP, Telles LEB, Zoratto PH, Azambuza MRF, Machado DA, Silveira MB, et al. Violência doméstica e suas diferentes manifestações. *Rev Psiquiatr Rio Gd. Sul* 2003;25 (1): 9-21.
95. Coker AL, Davis KE, Arias I, Desai S, Sanderson M, Brandt HM, et al. Physical and mental health effects of intimate partner violence for men and women. *Am J Prev Med* 2002; 23 (4):260-8.

96. Ramiro LS, Hassan F, Peedicayil A. Risk markers of severe psychological violence against women: a WorldSAFE multi-country study. *Inj Control Saf Promot* 2004; 11(2):131-7.
97. Lefèvre F, Lefrève AMC. O sujeito coletivo que fala. *Interface* 2006; 10 (20): 517-24
98. Bronfenbrenner U, Ceci S. Nature-nurture reconceptualized in developmental perspective: a bioecological model. *Psychol Rev* 1994; 101(1); 568-86.
99. Bronfenbrenner U. Ecological system theory. In: Vasta R, organizador. *Six theories of child development*. London: Jessica Kingsley; 1992. p. 187-243
100. Spender MB, Dupree D, Hartmann T. A phenomenological variant of ecological systems theory (PVEST): a self-organization perspective in context. *Dev Psychopathol* 1997; 9 (1): 817-33.
101. Jodelet D. Representações sociais: um domínio em expansão. In: Jodelet D, organizadora. *As representações sociais*. Rio de Janeiro: EdUERJ; 2001.
102. Jodelet D. *Les représentations sociales*. 4ª ed. Paris: PUF; 1994.
103. Moser C. The asset vulnerability framework: reassessing urban poverty reduction strategies. *World Dev* 1998; 26 (1):1-19.
104. Hall S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 6ª ed. Rio de Janeiro: DP&A; 2001.
105. Heise L. Violence against women: an integrated, ecological framework. *Pop Reports* 1998; 4(3):262-90
106. Casique LC, Furegato ARF. Violência contra mulheres: reflexões teóricas. *Rev Latino-Am Enfermagem* 2006; 14(6): 950-6.
107. Daro D, Edleson J, Pinderhughes J. Finding common ground in the study of child maltreatment, youth violence, and domestic violence. *J Interpers Violence* 2004; 19 (3): 282-98.
108. Foucault M. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola; 1996.
109. Porto MSG. A violência urbana e suas representações sociais: o caso do Distrito Federal. *São Paulo Perspect* 1999; 13(4): 130-5.
110. Castoriadis C. *A instituição imaginária da sociedade*. 5ª ed. São Paulo: Paz e Terra; 2000.
111. Secretaria de Planejamento e Coordenação do Governo do Distrito Federal (Seplan). *Pesquisa distrital por amostra de domicílios – 2004*. Brasília: Seplan, Codeplan; 2005.

112. Governo do Distrito Federal. Secretaria de Estado do Desenvolvimento Urbano e Ambiente (Codeplan). Coletâneas de informações socioeconômicas – 2004. Brasília: Codeplan; 2007
113. Vasconcelos AMN, Moura LBA. A comunidade e suas vulnerabilidades: uma análise demográfica. In: Moura LBA, editora. Empoderamento comunitário: uma proposta de enfrentamento de vulnerabilidades. Brasília: LetrasLivres; 2008. p. 143-155.
114. Brasil. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 196/96: diretrizes e normas regulamentadoras da pesquisa envolvendo seres humanos [legislação na internet]. Brasília, DF, 1996 [acesso em 11 jan. 2007]. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/hcpa/gppg/res19696.htm>
115. World Health Organization. Putting women first: ethical and safety recommendation for research on domestic violence against women. Geneva: World Health Organization; 1999.
116. Schraiber LB, D'Oliveira AFPL, França-Junior I, Diniz S, Portella AP, Ludermir AB, et al. Prevalência da violência contra a mulher por parceiro íntimo em regiões do Brasil. *Rev Saude Publica* 2007;41(5):797-807.
117. Cochran WG. Sampling techniques. 3ª ed. New York: John Wiley and Sons; 1977.
118. Goffman E. A representação do eu na vida cotidiana. 13ª Ed. Petrópolis: Editora Vozes; 2005.
119. Jansen HA, Üner S, Kardam F, Tezcan S, Ergöçmen BA, Koç Y, et al. National Research on Domestic Violence Against Women in Turkey. Summary Report. Ankara: Institute Public Sector GmbH, Hacettepe University Institute of Population Studies, BNB consulting Ltd Co; 2009
120. Rabello PM, Caldas AFJ. Violência contra a mulher, coesão familiar e drogas. *Rev Saude Publica*. 2007;41(6):970-8. DOI:10.1590/S0034-89102007000600012
121. Raj AM, Santana MC, La Marche A, Amaro H, Cranston K, Silverman JG. Perpetration of intimate partner violence associated with sexual risk behaviors among young adult men. *Am J Public Health*. 2006;96(10):1873-8. DOI:10.2105/AJPH.2005.081554
122. Shirwadkars S. Canadian domestic violence policy and Indian immigrant women. *Violence Against Women*. 2004;10(8):860-79. DOI:10.1177/1077801204266310
123. Zilberman ML, Blume SB. Violência doméstica, abuso de álcool e substâncias psicoativas. *Rev Bras Psiquiatr*. 2005;27(Supl 2):51-5. DOI:10.1590/S1516-44462005000600004

124. Reed E. Intimate partner violence: a gender-based issue? *Am J Public Health*. 2008;98 (2):199-9. DOI:10.2105/AJPH.2007.125765

125. Cunha JMP, Jakob AAE, Hogan DJ, Carmo RL. A vulnerabilidade social no contexto metropolitano: o caso de Campinas. In: Cunha JMP, organizador. *Novas metrópoles paulistas: população, vulnerabilidade e segregação*. Campinas: Editora da Unicamp; 2006. p.143-68.

126. Galvão EF, Andrade SM. Violência contra a mulher: análise de casos atendidos em serviço de atenção à mulher em município do sul do Brasil. *Saude Soc*. 2004;13(2):89-99. DOI:10.1590/S0104-12902004000200009.

127. Pillon SC, Luis MA. Modelos explicativos para o uso de álcool e drogas e a prática da enfermagem. *Rev Lat Am Enfermagem*. 2004;12(4):676-82. DOI:10.1590/S0104-11692004000400014

128. Koenig MA, Lutalo T, Zhao F, Nalugoda F, Wabwire-Mangen F, Kiwanuka N, et al. Domestic violence in rural Uganda: evidence from a community-based study. *Bull World Health Organ*. 2003;81(1):53-60. DOI:10.1590/S0042-96862003000100011

129. Easton CJ. The role of substance abuse in intimate partner violence. *Psychiatr Times*. 2006;25(1):26-7.

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Bom dia / boa tarde / boa noite, meu nome é Leides Moura. Trabalho para a Universidade de Brasília, UnB. Estou realizando uma pesquisa na Vila Varjão para saber mais sobre as experiências de vida das mulheres com idade entre 15 - 49 anos. Você (sua casa) foi sorteada para participar desta pesquisa.

Posso garantir para você que tudo o que você responder vai ser guardado em segredo total. Eu não vou deixar escrito seu nome completo no formulário e o seu endereço será guardado em sigilo. Você tem o direito de parar a entrevista na hora em que quiser, ou de pular alguma pergunta se não quiser respondê-la. Nesta pesquisa não existem respostas certas ou erradas. Alguns dos assuntos são muito pessoais ou difíceis de conversar, muitas mulheres acharam que foi útil ter tido a oportunidade de falar sobre eles.

Você só participa se quiser, mas as suas experiências podem ser muito úteis para ajudar outras mulheres aqui no Distrito Federal e no Brasil.

Quer fazer alguma pergunta?

A entrevista dura mais ou menos 35 minutos. Você concorda em ser entrevistada? Deixarei uma cópia desta autorização com você.

NÃO CONCORDA EM SER ENTREVISTADA → AGRADEÇA PELO TEMPO DELA

CONCORDA EM SER ENTREVISTADA. → SOLICITE ASSINATURA DE AUTORIZAÇÃO E PERGUNTE: AGORA É UMA BOA HORA PARA CONVERSAR? AGENDAMENTO DE OUTRA DATA E HORÁRIO PARA A ENTREVISTA: _____

É muito importante que a gente converse a sós. Aqui é um lugar bom para fazer a entrevista, ou há algum outro lugar onde você gostaria de ir? Durante a entrevista se alguma pessoa nos interromper vou combinar uma palavra código entre nós para trocarmos para um tópico geral e não confidencial até que estejamos à sós novamente e suas informações mantenham-se confidenciais.

X

Declaro que li o consentimento acima e autorizo a realização da entrevista.

X

(Assinatura da mãe ou guardião legal em caso de entrevistadas entre 15 e 17 anos)

Leides B. A. Moura Pesquisadora responsável - Universidade de Brasília –
Faculdade de Saúde – Fone 61-3427-0949
Brasília, ____ de _____ de 2007

APÊNDICE B – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADO I

FORMULÁRIO PARA SELEÇÃO DE RESIDÊNCIAS					
Bom dia / boa tarde / boa noite, meu nome é _____ . Estou fazendo essa visita pela Universidade de Brasília, UnB. Estamos realizando um estudo no Varjão para entender melhor como está a saúde das mulheres e suas experiências de vida.					
1	<p>Poderia dizer quantas pessoas vivem aqui, usando o mesmo fogão para cozinhar?</p> <p>ATENÇÃO: Isto inclui outras pessoas que talvez não sejam membros de sua família, como empregados domésticos, inquilinos ou amigos, usando o mesmo fogão para cozinhar? Este número inclui também as crianças ou bebês que vivem aqui?</p> <p>CERTIFIQUE-SE QUE ESTAS PESSOAS ESTÃO INCLUÍDAS NO TOTAL!</p>	<p>No TOTAL DE</p> <p>PESSOAS NA</p> <p>RESIDÊNCIA</p> <p>[]</p>			
2.	Quem chefia esta família, um homem ou uma mulher?				<p>HOMEM1</p> <p>MULHER2</p> <p>AMBOS3</p>
	MULHERES MEMBROS DA CASA	RELAÇÃO COM CHEFE DA FAM.	RESIDÊNCIA	IDADE	ELEGÍVEL
3.	<p>Hoje, gostaríamos de conversar com uma mulher de sua casa. Para ajudar a identificar com quem devo falar, poderia, por favor, dizer o nome de todas as meninas, moças e mulheres</p> <p>que vivem normalmente em sua casa (e que usam o mesmo fogão para cozinhar).</p>	<p>Qual é a relação de NOME com o(a) chefe da família? *</p> <p>(UTILIZE OS CÓDIGOS ABAIXO)</p>	<p>A NOME vive normalmente aqui ou preenche os critérios de item A?</p> <p>SIM NÃO</p>	<p>Qual a idade da NOME</p>	<p>Veja critério abaixo</p> <p>“(A+B)”:</p> <p>SIM NÃO</p>
1			1 2		1 2
2			1 2		1 2
3			1 2		1 2
4			1 2		1 2
5			1 2		1 2

6			1 2		1	2
7			1 2		1	2
8			1 2		1	2
9			1 2		1	2
10			1 2		1	2

CÓDIGOS

01 CHEFE DA FAMÍLIA DOMÉSTICA	06 MÃE	12 EMPREGADA
02 MULHER / ESPOSA	07 SOGRA	13 INQUILINA
03 FILHA	08 IRMÃ	14 AMIGA
04 NORA – SEM	09 CUNHADA	98 OUTRA RELAÇÃO
05 NETA PARENTESCO_____	10 OUTRO PARENTESCO	
11 CRIANÇA ADOTADA/TUTELADA/ ENTEADA		

A - CASOS ESPECIAIS PARA SEREM CONSIDERADOS MORADORES DO DOMICÍLIO:

• OS VISITANTES SERÃO ELEGÍVEIS SE ESTIVEREM DORMINDO NAS ÚLTIMAS 4 SEMANAS NA CASA.

B - ELEGÍVEL: QUALQUER MULHER ENTRE 15 E 49 ANOS QUE MORE NA CASA

SELECIONE ALEATORIAMENTE UMA MULHER ELEGÍVEL PARA ENTREVISTA.

PARA ESCOLHER A MULHER, ESCREVA EM PAPÉIS OS NÚMEROS CORRESPONDENTES ÀS MULHERES DA CAIXA DE NÚMEROS E COLOQUE-OS NO SACO. PEÇA PARA UMA PESSOA DA CASA PARA RETIRAR UM NÚMERO – SELECIONANDO, DESTA FORMA, A PESSOA A SER ENTREVISTADA.

FAÇA UM CÍRCULO NO NÚMERO DA MULHER SELECIONADA. PERGUNTE SE VOCÊ PODE FALAR COM A MULHER SELECIONADA. SE ELA NÃO ESTIVER EM CASA, COMBINE UMA DATA PARA UMA VISITA DE RETORNO. CONTINUE O QUESTIONÁRIO SOBRE A RESIDÊNCIA.

APÊNDICE C – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADO II

REGISTRE A HORA	Hora [][] Minutos [][]	
SEÇÃO 1: A ENTREVISTADA E SUA COMUNIDADE		
PERGUNTAS E FILTROS	CATEGORIAS DE CLASSIFICAÇÃO	PULE PARA
Se você não se incomodar, gostaria de começar perguntando-lhe um pouco sobre a sua VIZINHANÇA.		
101	Geralmente, os vizinhos no Varjão tendem a se conhecer bem, uns aos outros?	SIM..... 1 NÃO..... 2 NÃO SABE..... 8 RECUSA/SEM RESPOSTA..... 9
102	Se houvesse uma briga na rua com agressão física aqui na vizinhança as pessoas, de modo geral, fariam algo para parar a briga?	SIM..... 1 NÃO..... 2 NÃO SABE..... 8 RECUSA/SEM RESPOSTA 9
103	Você está preocupada/o com a criminalidade em sua vizinhança (como roubos ou assaltos)?	NÃO ESTÁ PREOCUPADA..... 1 ESTÁ UM POUCO PREOCUPADA. 2 ESTÁ MUITO PREOCUPADA 3
104	Você diria que não está preocupada/o, está um pouco preocupada/o, ou está muito preocupada/o?	DIA [][] MÊS [][] ANO [][][][] NÃO SABE O ANO.....9998
105	Agora, gostaria de lhe fazer umas perguntas sobre você mesma.	ANOS [][]
106	Quando você nasceu (dia, mês e ano)	ANOS [][] MENOS DO QUE 1 ANO..... 00 SEMPRE MOREI AQUI..... 95 VISITANTE (MÍNIMO 4 SEMANAS NO DOMICÍLIO) 96
107	Quanto tempo você fez no seu último aniversário? (MAIS OU MENOS)	SIM..... 1 NÃO 2
108	Quanto tempo faz que você mora no Varjão sem interrupção?	SIM..... 1 NÃO 2
109	Você sabe ler e escrever?	PRIMÁRIO _____ ANO 1 SECUNDÁRIO/TÉCNICO ____ ANO.....2 UNIV. COMPLETO ____ ANO 3 UNIV. INCOMPLETO ____ ANO4 Nº DE ANOS DE INSTRUÇÃO.[][..]
110	Qual é o grau mais alto de instrução que você cursou? MARQUE O GRAU MAIS ELEVADO. <i>CONVERTA OS</i>	NESTA COMUNIDADE/CIDADE 1 EM OUTRA ÁREA RURAL/VILA..... 2 EM OUTRA CIDADE.....3 EM OUTRO ESTADO 4

⇒ 110

	ANOS DE ESCOLARIDADE DE ACORDO COM OS CÓDIGOS DA TABELA.	OUTRO BAIRRO DESTA CIDADE ...5 NÃO SABE/NÃO LEMBRA 8 RECUSA/SEM RESPOSTA 9	
	Onde você foi criada?		
111	Quando você precisa de ajuda ou tem algum problema, você pode contar com seus parentes para lhe dar apoio?	SIM..... 1 NÃO..... 2	
112	Atualmente você está casada ou tem um companheiro do sexo masculino?	ATUALMENTE CASADA..... 1 VIVENDO COM UM HOMEM/AMIGADA..... 3	⇒ 123
113a	SE A ENTREVISTADA RESPONDER QUE TEM UM PARCEIRO MASCULINO PERGUNTE: Você e seu companheiro vivem juntos?	TEM UM PARCEIRO (MANTENDO RELAÇÃO SEXUAL), MAS NÃO VIVE JUNTO 4 NÃO ESTÁ CASADA OU VIVENDO COM UM HOMEM (SEM RELACIONAMENTO SEXUAL).....5	⇒ 123
113b	Você alguma vez já foi casada ou viveu com um companheiro do sexo masculino?	SIM, CASADA..... 1 SIM, VIVEU COM COMPANHEIRO, MAS NUNCA CASOU..... 3 NÃO5	⇒ 114 ⇒ 114
114	Você alguma vez manteve relação sexual com um companheiro do sexo masculino?	SIM 1 NÃO 2 RECUSA/SEM RESPOSTA 9	⇒ S.2 ⇒ S.2
115	O último casamento ou vida comum com um companheiro terminou em divórcio/separação, ou você ficou viúva?	DIVORCIADA 1 SEPARADA 2 VIÚVA..... 3 NÃO SABE/ NÃO LEMBRA 8 RECUSA/SEM RESPOSTA 9	⇒ 116
116		ENTREVISTADA..... 1 MARIDO/COMPANHEIRO..... 2 AMBOS 3 OUTROS: 6	
117	Foi você quem iniciou o divórcio/separação, foi seu marido ou companheiro, ou os dois decidiram se separar?	Nº DE CASAMENTOS [][.....] SE "00" ⇒ NÃO TEM RELIGIÃO 1 CATÓLICA 2 PROTESTANTE.3 QUAL: _____	⇒ S.2
	Quantas vezes você já foi casada, ou viveu com algum homem?(INCLUINDO O ATUAL COMPANHEIRO)	ESPÍRITA.....4 OUTRA 6 NÃO SABE/NÃO SE LEMBRA 8 RECUSA/SEM RESPOSTA9	
	Qual é a sua religião		
118	Atualmente você está trabalhando, procurando emprego ou desempregado, aposentado ou	TRABALHANDO 1 PROC.EMPREGO/ DESEMPREGADA..... 2 APOSENTADA 3	119

	estudando?	119 ESTUDANTE 4 LICENSA/ DOENTE 5 NÃO SABE/NÃO SE LEMBRA..... 8 RECUSA/SEM RESPOSTA.....9
119	Quando saiu do seu último emprego? Nas últimas quatro semanas, entre 4 semanas e últimos doze meses, ou depois disso?	ÚLTIMAS 4 SEMANAS 1 DE 4 SEMANAS A ULT. 12 MESES 2 MAIS QUE 12 MESES 3 NUNCA TEVE EMPREGO..... 4 NÃO SABE/NÃO SE LEMBRA..... 8 RECUSA/SEM RESPOSTA.....9
120	Habitualmente que tipo de trabalho você faz/ fazia? ESPECIFIQUE O TIPO DE TRABALHO	PROFISSIONAL: 1 TÉCNICO: 2 NÃO ESPECIALIZADO: 3 MILITAR/POLICIAL: 4 OUTRO: 96 NÃO SABE/NÃO SE LEMBRA..... 98 RECUSA/SEM RESPOSTA.....99

SEÇÃO 2 – PARCEIRO ATUAL OU MAIS RECENTE				
ANTES DE COMEÇAR A SEÇÃO 2: VEJA O ESTADO MARITAL NA FOLHA DE REFERÊNCIA, BOX A, E MARQUE ABAIXO.				
Ver: Folha Ref. Box A)	CASADA ATUALMENTE/VIVEND O COM UM HOMEM/TEM PARCEIRO SEXUAL REGULAR (Opção 1) [] (Opção 5) ↓	CASADA ANTERIORESMENTE/ VIVEU COM UM HOMEM (Opção 2) [] ↓	NUNCA CASOU / NUNCA VIVEU COM UM HOMEM / SEM NAMORADO (Opção 4) [] ⇒	⇒S. 6
201	Agora eu gostaria que você falasse um pouco sobre seu atual / mais recente marido/companheiro. Quantos anos seu marido/companheiro fez no último aniversário dele? VERIFIQUE IDADE APROXIMADA.	ANOS [][]		
202	Em que ano ele nasceu?[][][][] NÃO SABE 9998 RECUSA/SEMRESPOSTA9999		
203	Ele sabe ler e escrever?	SIM.....1 NÃO 2 NÃO SABE/NÃO SE LEMBRA..... 8 RECUSA/SEM RESPOSTA9		
204	Alguma vez ele freqüentou a escola?	SIM.....1 NÃO 2 NÃO SABE/NÃO SE LEMBRA..... 8 RECUSA/SEM RESPOSTA9		
205	Qual o grau educacional mais alto que ele alcançou? MARQUE O GRAU MAIS ALTO.	FUNDAMENTAL _____ ANOS 1 MÉDIO _____ ANOS..... 2 SUPERIOR _____ ANOS..... 3 TOTAL DE ANOS ESTUDADOS [][] NÃO SABE 98 RECUSA/SEM RESPOSTA99		
206	Atualmente seu marido/companheiro está trabalhando, procurando emprego ou desempregado, aposentado ou	TRABALHANDO 1 PROC.EMPREGO/ DESEMPREGADO. 2		⇒20 8

	estudando? (PARA O CASO DE PARCEIRO MAIS RECENTE: Durante o relacionamento de vocês ele estava trabalhando....?)	APOSENTADO 3 ESTUDANTE 4 LICENSA/ DOENTE 5 NÃO SABE/NÃO SE LEMBRA..... 8 RECUSA/SEM RESPOSTA.....9	⇒20 8 ⇒20 9												
207	Quando ele saiu do seu último emprego? Nas últimas quatro semanas, entre 4 semanas e últimos doze meses, ou depois disso? (PARA O CASO DE PARCEIRO MAIS RECENTE: nas últimas quatro semanas ou nos últimos doze meses de seu relacionamento?)	ÚLTIMAS 4 SEMANAS 1 DE 4 SEMANAS A ULT. 12 MESES 2 MAIS QUE 12 MESES 3 NUNCA TEVE EMPREGO..... 4 NÃO SABE/NÃO SE LEMBRA..... 8 RECUSA/SEM RESPOSTA.....9													
208	Habitualmente que tipo de trabalho ele faz/ fazia? ESPECIFIQUE O TIPO DE TRABALHO	PROFISSIONAL: 1 TÉCNICO: 2 NÃO ESPECIALIZADO: 3 MILITAR/POLICIAL: 4 OUTRO: 96 NÃO SABE/NÃO SE LEMBRA..... 98 RECUSA/SEM RESPOSTA.....99													
209	Com que freqüência seu Marido/ companheiro toma/tomava bebidas alcoólicas? 1. Todos os dias ou quase todos os dias 2. Uma ou duas vezes por semana 3. 1 – 3 vezes por mês 4. Ocasionalmente, menos de uma vez por mês 5. Nunca	TODOS OU QUASE TODOS OS DIAS ... 1 UMA OU DUAS VEZES POR SEMANA 2 1 – 3 VEZES POR MÊS..... 3 MENOS DE UMA VEZ POR MÊS..... 4 NUNCA 5 NÃO SABE 8 RECUSA/SEM RESPOSTA.....99	⇒21 2												
210	Nos últimos 12 meses de seu último relacionamento, quantas vezes você tem visto/viu seu marido/companheiro bêbado? Você diria: quase todos os dias, semanalmente, uma vez por mês, menos que uma vez por mês ou nunca?	QUASE TODOS OS DIAS 1 SEMANALMENTE 2 UMA VEZ POR MÊS 3 MENOS QUE UMA VEZ POR MÊS 4 NUNCA 5 NÃO SABE/NÃO SE LEMBRA.....8 RECUSA/SEM RESPOSTA.....9													
211	Nos últimos 12 meses de relacionamento, você vivenciou algum dos problemas abaixo relacionados com o uso de bebida pelo seu marido/companheiro? a) Problemas com dinheiro b) Problemas com familiares x) Outros. Especifique.	<table border="1"> <thead> <tr> <th></th> <th>SIM</th> <th>NÃO</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>a) PROBLEMA FINANCEIRO</td> <td>1</td> <td>1</td> </tr> <tr> <td>b) PROBLEMA FAMILIAR</td> <td>2</td> <td>2</td> </tr> <tr> <td>x) OUTRO:</td> <td>3</td> <td>3</td> </tr> </tbody> </table>		SIM	NÃO	a) PROBLEMA FINANCEIRO	1	1	b) PROBLEMA FAMILIAR	2	2	x) OUTRO:	3	3	
	SIM	NÃO													
a) PROBLEMA FINANCEIRO	1	1													
b) PROBLEMA FAMILIAR	2	2													
x) OUTRO:	3	3													
212	Com que freqüência seu marido/companheiro (atual ou mais recente) usa/usou drogas? 1. Todos os dias ou quase todos os dias 2. Uma ou duas vezes por semana 3. 1 – 3 vezes por mês	TODOS OU QUASE TODOS OS DIAS 1 UMA OU DUAS VEZES POR SEMANA 2 1 – 3 VEZES POR MÊS..... 3 MENOS DE UMA VEZ POR MÊS..... 4 NUNCA													

	4. Ocasionalmente, menos de uma vez por mês 5. Nunca	5 NO PASADO, NÃO AGORA 6 NÃO SABE/NÃO SE LEMBRA.....8 RECUSA/SEM RESPOSTA.....9	
213	Desde que você o conheceu, ele esteve envolvido em alguma briga (agressão física) com outro homem?	SIM 1 NÃO 2 NÃO SABE/NÃO SE LEMBRA..... 8 RECUSA/SEM RESPOSTA.....9	⇒21 5 ⇒21 5
214	Nos últimos doze meses de relacionamento (atual ou mais recente), isto nunca aconteceu, aconteceu uma ou duas vezes, ou muitas vezes?	NUNCA..... 1 UMA OU DUAS VEZES..... 2 ALGUMAS VEZES (DE 3 A 5) 3 MUITAS VEZES (MAIS DE 5)..... 4 NÃO SABE/NÃO SE LEMBRA..... 8 RECUSA/SEM RESPOSTA.....9	
215	O seu marido/companheiro (atual ou mais recente) teve outras mulheres durante o relacionamento com você?	SIM..... 1 NÃO..... 2 PODE SER 3 NÃO SABE/NÃO SE LEMBRA..... 8 RECUSA/SEM RESPOSTA.....9	⇒S. 6 ⇒S. 6
SEÇÃO 3 - ATITUDES COM RELAÇÃO AOS PAPEIS DE GÊNERO			
	Nesta comunidade e em outros locais, as pessoas têm idéias diferentes sobre as famílias e sobre o que constitui um comportamento aceitável para homens e mulheres em casa. Vou ler uma lista de afirmações e gostaria que você me dissesse se você concorda ou discorda das afirmações. Não há respostas certas ou erradas.		
301 (601)	Uma boa esposa obedece a seu marido mesmo que discorde dele	CONCORDA..... .. 1 DISCORDA..... .. 2 NÃO SABE 8 RECUSA/SEM RESPOSTA.....9	
302 (602)	Os problemas familiares devem ser discutidos apenas com pessoas da família.	CONCORDA..... .. 1 DISCORDA..... .. 2 NÃO SABE 8 RECUSA/SEM RESPOSTA.....9	
303 (603)	É importante para o homem mostrar à sua esposa/companheira quem é que manda.	CONCORDA..... .. 1 DISCORDA..... .. 2 NÃO SABE 8 RECUSA/SEM RESPOSTA.....9	

304 (604)	Uma mulher deve escolher seus próprios amigos mesmo quando seu marido não concorda.	CONCORDA..... .. 1 DISCORDA..... .. 2 NÃO SABE 8 RECUSA/SEM RESPOSTA.....9	
305 (605)	É obrigação da esposa manter relações sexuais com seu marido mesmo quando não estiver com vontade.	CONCORDA..... .. 1 DISCORDA..... .. 2 NÃO SABE 8 RECUSA/SEM RESPOSTA.....9	
306 (606)	Se um homem maltrata sua esposa, outras pessoas de fora da família deveriam intervir.	CONCORDA..... .. 1 DISCORDA..... .. 2 NÃO SABE 8 RECUSA/SEM RESPOSTA.....9	
307 (607)	Na sua opinião, um homem tem boas razões para bater em sua esposa se: a) Ela não realiza os trabalhos domésticos de forma satisfatória para ele. desobedece. c) Ela se recusa a manter relações sexuais com ele. d) Ela pergunta se ele tem outras namoradas. e) Ele suspeita que ela é infiel. f) Ele descobre que ela tem sido infiel.	SABE a) TRAB. DOMÉST. . 1 2 3 b) DESOBEDECE . 1 2 3 c) RECUSA SEXO . 1 2 3 d) NAMORADAS ...1 2 3 e) SUSPEITAS . 1 2 3 f) INFIDELIDADE 1 2 3	SIM NÃO NÃO
308 (608)	Na sua opinião, uma mulher casada pode recusar-se a manter relações sexuais com seu marido se: a) ela não quer. b) ele está bêbado. c) ela está doente. d) ele a maltrata	SABE a) NÃO QUER 1 2 3 b) BÊBADO 1 2 3 c) DOENTE 1 2 3 d) MALTRATO 1 2 3	SIM NÃO NÃO

SEÇÃO 4 – A ENTREVISTADA E SEU COMPANHEIRO

ANTES DE COMEÇAR A SEÇÃO 4: VEJA O ESTADO MARITAL DA FOLHA DE REFERÊNCIA, BOX A, E MARQUE ABAIXO.

Ver: (FI. Ref. Box A)	JÁ ESTEVE / ESTÁ CASADA / VIVENDO COM UM HOMEM / COM PARCEIRO SEXUAL REGULAR (Opção K,L,M) [] ↓ (1)	NUNCA CASOU / NUNCA VIVEU COM UM HOMEM / SOLTEIRA (SEM NAMORADO) (Opção N) [] ⇒ (2)	⇒ S.10
-----------------------------------	--	--	--------

Quando duas pessoas casam, vivem juntas ou namoram, elas geralmente compartilham bons e maus momentos. Gostaria de lhe fazer algumas perguntas sobre seus relacionamentos anteriores e atual e

sobre como seu marido/companheiro a trata ou a tratou. Se alguém nos interromper, eu mudarei o assunto de nossa conversa. Gostaria de lhe assegurar, novamente, que suas respostas serão mantidas em segredo, e que você não precisa responder a nada que não queira. Posso continuar?					
401 (703)	Agora vou lhe colocar algumas situações que são verdadeiras para muitas mulheres. Pensando sobre seu marido/companheiro (atual ou mais recente), você diria que geralmente ele:				
				SIM	NÃO
	a) tenta evitar que você visite/veja seus amigos.	a) VER AMIGOS		1	2
	b) Procura restringir o seu contato com sua família.	b) CONTATOS FAMILIARES		1	2
	c) Insiste em saber onde você está o tempo todo.	c) SABER ONDE ESTÁ		1	2
	d) Lhe ignora e a trata com indiferença.	d) A IGNORA		1	2
	e) Fica zangado se você conversa com outro homem.	e) FICA ZANGADO		1	2
	f) Está frequentemente suspeitando que você é infiel.	f) SUSPEITA		1	2
	g) Espera que você peça permissão a ele antes de procurar um serviço de saúde para você mesma.	g) SERVIÇO DE SAÚDE		1	2
402 (704)	Eu quero que você me diga se o seu atual marido/companheiro, ou qualquer outro companheiro, alguma vez, tratou você da seguinte forma:	A) (Se sim, continue com B . Se não, vá para o próximo item)	B) Isto aconteceu nestes últimos 12 meses de sua vida? (Se sim, pergunte somente a C . Se não, somente a D)	C) Nos últimos 12 meses você diria que isso aconteceu uma, poucas ou muitas vezes? (depois de responder a C, pule o D)	D) Antes dos últimos 12 meses você diria que isso aconteceu uma, poucas ou muitas vezes?
		SIM NÃO	SIM NÃO	Uma Poucas Muitas	Uma Poucas Muitas
	a) Insultou-a ou fez com que você se sentisse mal a respeito de si mesma?	1 2	1 2	1 2	1 2
	b) Depreciou ou humilhou você diante de outras pessoas?				
	c) Fez coisas para assustá-la ou intimidá-la de propósito (p.ex.: a forma como ele a olha, como ele grita, como ele quebra coisas)?				
	d) Ameaçou machucá-la ou alguém de quem você gosta?				
403 (705)	Alguma vez, o seu atual marido/companheiro, ou qualquer outro companheiro, tratou você da seguinte forma:	A) SIM NÃO	B) SIM NÃO	C) Uma Poucas Muitas	D) Uma Poucas Muitas
		1 2	1 2	1 2	1 2

	<p>a) Deu-lhe um tapa ou jogou algo em você que poderia machucá-la?</p> <p>b) Empurrou-a ou deu-lhe um tranco/ chacoalhão?</p> <p>c) Machucou-a com um soco ou com algum objeto?</p> <p>d) Deu-lhe um chute, arrastou ou surrou você?</p> <p>e) Estrangulou ou queimou você de propósito?</p> <p>f) Ameaçou usar ou realmente usou arma de fogo, faca ou outro tipo de arma contra você?</p>				
404 (706)		<p>A) (Se sim, continue com B. Se não, vá para o próximo item)</p> <p>SIM NÃO</p>	<p>B) Isto aconteceu nestes últimos 12 meses de sua vida? (Se sim, pergunte somente a C. Se não, somente a D)</p> <p>SIM NÃO</p>	<p>C) Nos últimos 12 meses você diria que isso aconteceu uma, poucas ou muitas vezes? (depois de responder a C, pule o D)</p> <p>Uma Poucas Muitas</p>	<p>D) Antes dos últimos 12 meses você diria que isso aconteceu uma, poucas ou muitas vezes?</p> <p>Uma Poucas Muitas</p>
	<p>a) Alguma vez, o seu atual marido/ companheiro, ou qualquer outro companheiro forçou-a fisicamente a manter relações sexuais quando você não queria?</p> <p>b) Alguma vez você teve relação sexual porque estava com medo do que o seu atual marido/ companheiro ou qualquer outro companheiro pudesse fazer?</p> <p>c) Alguma vez, o seu atual marido/ companheiro, ou qualquer outro companheiro forçou-a a uma prática sexual degradante ou humilhante?</p>	<p>1 2</p> <p>1 2</p> <p>1 2</p>	<p>1 2</p> <p>2 2</p> <p>1 2</p>	<p>1 2</p> <p>3 2</p> <p>1 2</p>	<p>1 2</p> <p>4 2</p> <p>1 2</p>
405 (707)	<p>VERIFIQUE SE HOUVE RESPOSTA AFIRMATIVA PARA QUALQUER QUESTÃO COM VIOLÊNCIA FÍSICA, VEJA A QUESTÃO 403</p>		<p>SIM, VIOLÊNCIA FÍSICA1</p> <p>NÃO2</p>		<p>MARQUE NO BOX C</p>
406 (708)	<p>VERIFIQUE SE HOUVE RESPOSTA AFIRMATIVA PARA QUALQUER</p>		<p>SIM, VIOLÊNCIA SEXUAL1</p>		<p>MARQUE NO BOX C</p>

	QUESTÃO COM VIOLÊNCIA SEXUAL, VEJA A QUESTÃO 404	NÃO2	
	JÁ ENGRAVIDOU ALGUMA VEZ [] ↓ N. DE VEZES QUE ENGRAVIDOU [] [] ↓ ATUALMENTE GRÁVIDA [] SIM = 1 NÃO = 2	NUNCA ENGRAVIDOU []	
407 (709)	Você disse já ter engravidado NÚMERO TOTAL de vezes. Houve alguma ocasião na sua vida em que você foi espancada ou, de alguma outra forma, agredida fisicamente por um companheiro quando você estava grávida?	SIM.....1 NÃO.....2 NÃO SABE/NÃO SE LEMBRA.....8 RECUSA/SEM RESPOSTA.....9	

SEÇÃO 5 – LESÕES			
ANTES DE COMEÇAR A SEÇÃO 8: VEJA A SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA E LESÕES DA FOLHA DE REFERÊNCIA, BOX C, E MARQUE ABAIXO.			
Ver: FI. Ref. Box C	A MULHER SOFREU VIOLÊNCIA FÍSICA ("SIM" VÁ PARA OPÇÃO 1)[]↓	A MULHER NÃO SOFREU VIOLÊNCIA FÍSICA ("NÃO" VÁ PARA OPÇÃO 1) []⇒	
Agora, gostaria de saber mais sobre as lesões que você sofreu em decorrência dos atos de seu marido/ companheiro que nós conversamos. (Pode ser necessário mencionar atos específicos relatados na seção 7). Por lesão, refiro-me a qualquer forma de dano físico, como cortes, torções, ossos ou dentes quebrados, ou outras coisas desse gênero.			
501 (801)	Você já sofreu lesões resultantes de violência/abuso por (um de) seu (s) marido(s)/companheiro(s) atual ou anterior	SIM.....1 NÃO2 NÃO SABE/NÃO SE LEMBRA..... 8 RECUSA/SEM RESPOSTA.....9	⇒S.9
502 a (802a)	Na sua vida, quantas vezes você já sofreu lesões por seu marido/companheiro (atual ou anteriores? Você diria uma ou duas vezes, algumas vezes, ou muitas vezes?	UMA/ DUAS VEZES 1 ALGUMAS (3-5) VEZES.....2 MUITAS (MAIS QUE 5) VEZES3 NÃO SABE/NÃO SE LEMBRA..... 8 RECUSA/SEM RESPOSTA.....9	
502b (802b)	Isto aconteceu nos últimos 12 meses?	SIM.....1 NÃO2 NÃO SABE/NÃO SE LEMBRA..... 8 RECUSA/SEM RESPOSTA.....9	
SEÇÃO 6 – IMPACTO E ENFRENTAMENTO			
Agora eu gostaria de fazer perguntas a respeito do efeito dos atos do seu marido/companheiro sobre você. Por atos eu quero dizer (mencione atos específicos que a entrevistada tenha mencionado na seção 4). CASO TENHA RELATADO MAIS QUE UM PARCEIRO VIOLENTO, ACRESCENTAR: AS			

QUESTÕES REFEREM-SE AO ÚLTIMO OU MAIS RECENTE PARCEIRO QUE FEZ ESSAS COISAS A VOCÊ.			
Ver: FI. Ref. Box C	MULHER SOFREU VIOLÊNCIA FÍSICA (“SIM” Para opção U)] (1) ↓	MULHER SOFREU VIOLÊNCIA SEXUAL (“NÃO” para a Opção U e “SIM” para Opção V) [] ⇒ (2)	
601 (904)	Durante as vezes em que você foi agredida, você alguma vez revidou fisicamente ou reagiu para se defender? SE SIM: com que frequência? Você diria que foram 1 ou 2 vezes, algumas vezes ou muitas vezes/o tempo todo?	NUNCA1 1 OU 2 VEZES2 ALGUMAS VEZES3 MUITAS VEZES/O TEMPO TODO4 NÃO SABE/NÃO SE LEMBRA..... 8 RECUSA/SEM RESPOSTA.....9	
601a (904a)	Qual foi o efeito de você ter reagido durante o episódio de violência? Você dizia que não houve nenhum efeito, a violência ficou pior, a violência diminuiu, ou a violência parou pelo menos por enquanto.	NENHUMA MUDANÇA/ SEM EFEITO.....1 VIOLÊNCIA FICOU PIOR2 VIOLÊNCIA DIMINUIU3 VIOLÊNCIA PAROU4 NÃO SABE/NÃO SE LEMBRA..... 8 RECUSA/SEM RESPOSTA.....9	
602 (905)	Em alguma ocasião você bateu ou agrediu fisicamente seu marido/companheiro quando ele não estava batendo em você ou agredindo você fisicamente? SE SIM: com que frequência? Você diria que foram 1 ou 2 vezes, algumas vezes ou muitas vezes?	NUNCA1 1 OU 2 VEZES2 ALGUMAS VEZES3 MUITAS VEZES.....4 NÃO SABE/NÃO SE LEMBRA..... 8 RECUSA/SEM RESPOSTA.....9	
603 (910)	Você já foi a algum dos seguintes serviços para obter ajuda? LEIA CADA UM. a) Polícia/Delegacia b) Hospital ou Centros de Saúde c) Serviços sociais d) Serviços jurídicos/Advogado e) Tribunal/Juizado f) Abrigo g) Líder local h) Organização de Mulheres (Use o nome) j) Padre/líder religioso k) Delegacia Especial de Atendimento a Mulher - DEAM x) Mais algum lugar? Onde?	APENAS SE SIM, passe para 603a BRA correspondente a cada SIM NÃO A) 1 2 B) 1 2 C) 1 2 D) 1 2 E) 1 2 F) 1 2 G) 1 2 H) 1 . 2 J) 1 . 2 K) 1 . 2 X) 1 . 2	603a BRA Se sua irmã ou melhor amiga tivesse um problema parecido e precisasse do mesmo serviço, você recomendaria? SIM NÃO A) 1 2 B) 1 2 C) 1 2 D) 1 2 E) 1 2 F) 1 2 G) 1 2 H) 1 2 J) 1 2 K) 1 2 X) 1 2

SEÇÃO 7 – OUTRAS EXPERIÊNCIAS			
Em suas vidas, muitas mulheres vivenciam diferentes formas de violência, causadas por familiares, por outras pessoas que elas conhecem e/ou por estranhos. Se não se incomodar, gostaria de lhe perguntar, rapidamente, a respeito de algumas dessas situações. Tudo o que você disser será mantido em segredo. Posso continuar?			
701a (1001)	Desde seus 15 anos, de algum modo, alguém já bateu ou agrediu você fisicamente? (PARA AS MULHERES COM PARCEIROS ATUAIS OU ANTERIORES: outra pessoa que não seja o marido/companheiro.) SE SIM, quem fez isso com você? EXPLORE: Talvez um parente? Talvez alguém na escola ou no trabalho? Um amigo ou vizinho? Um estranho ou uma outra pessoa?	NINGUÉMA PAI..... B PADRASTO..... C OUTRO MEMBRO DA FAMÍLIA (HOMEM)D OUTRO MEMBRO DA FAMÍLIA (MULHER).....E PROFESSOR.....F POLICIAL/SOLDADO.....G AMIGO DA FAMÍLIA (HOMEM) H AMIGO DA FAMÍLIA (MULHER).....I NAMORADO..... J ESTRANHO.....K ALGUÉM NO TRABALHO.....L PADRE/LÍDER RELIGIOSO..... M OUTRA X	⇒702 701 b) MARQUE APENAS PARA AS QUE FORAM ASSINALADAS NA 1001 a. Quantas vezes isso aconteceu? Uma Poucas Muitas Duas .Vezes .Vezes 1 2 3 1 2 3
702a (1002 a)	Desde seus 15 anos, de algum modo, alguém já forçou você a fazer sexo ou a alguma prática sexual quando você não queria? (PARA AS MULHERES COM PARCEIROS ATUAIS OU ANTERIORES: outra pessoa que não seja o marido / companheiro.)	NINGUÉMA PAI.....B PADRASTOC	⇒1003 b) MARQUE APENAS PARA AS QUE FORAM ASSINALADAS NA 702 a. Quantas vezes isso aconteceu? Uma ou duas, poucas ou muitas vezes Uma ou Poucas Muitas Duas Vezes

	<p>SE SIM, quem fez isso a você?</p> <p>EXPLORE:</p> <p>Talvez um parente? Talvez alguém na escola ou no trabalho? Um amigo ou vizinho? Um estranho ou uma outra pessoa?</p>	<p>OUTRO MEMBRO DA FAMÍLIA (HOMEM)D</p> <p>OUTRO MEMBRO DA FAMÍLIA (MULHER)..... E</p> <p>PROFESSOR.....F</p> <p>POLICIAL/SOLDADO.....G</p> <p>AMIGO DA FAMÍLIA (HOMEM)H</p> <p>AMIGO DA FAMÍLIA (MULHER)..... I</p> <p>NAMORADO..... J</p> <p>ESTRANHO.....K</p> <p>ALGUÉM NO TRABALHO..... L</p> <p>PADRE/ LÍDER RELIGIOSO .. M</p> <p>OUTRAX</p>	<p>Vezes</p> <p>1 2</p> <p>3</p>
703 (1003 a)	<p>Antes dos 15 anos, você se lembra se alguém em sua família tocou em você sexualmente ou obrigou-a a uma atividade sexual que você não queria? SE SIM: quem fez isso com você? SE SIM OU NÃO, CONTINUE: Talvez alguém na</p>	<p>NINGUÉM..... A</p> <p>PAI.....B</p> <p>PADRASTOC</p> <p>OUTRO MEMBRO DA FAMÍLIA(HOMEM)D</p> <p>OUTRO MEMBRO DA FAMÍLIA (MULHER).....E</p>	

	<p>escola? Quem sabe algum amigo ou vizinho? Mais alguma outra pessoa lhe fez isso? SE SIM, quem?</p>	<p>PROFESSOR.....F POLICIAL/SOLDADO.....G AMIGO DA FAMÍLIA (HOMEM)H AMIGO DA FAMÍLIA (MULHER)..... I NAMORADO..... J ESTRANHO.....K ALGUÉM NO TRABALHO.....L PADRE/ LÍDER RELIGIOSO M OUTRA _____ .X</p>	
SEÇÃO 8– Qualitativa			
<p>Agora eu gostaria de dar a você um cartão. Neste cartão há duas figuras. Nenhuma outra informação está escrita no cartão. A primeira figura é de um rosto triste, a segunda de um rosto feliz.</p> <p>Além do que você já me contou, eu gostaria que você fizesse uma marca no rosto triste se alguém, alguma vez a tocou sexualmente ou obrigou-a a uma atividade sexual , quando você não queria, antes de você completar 15 anos. Por favor ponha uma marca no rosto feliz se isso nunca aconteceu a você. Depois de marcar o cartão, por favor dobre e coloque-o nesta caixa, junto com as respostas das outras mulheres. Isto garantirá a você que eu não saiba sua resposta.</p> <p>DÊ À ENTREVISTADA UM CARTÃO E UMA CANETA. NÃO OLHE A RESPOSTA – UMA VEZ DOBRADO O CARTÃO, PEÇA À ENTREVISTADA QUE O COLOQUE NA CAIXA QUE TAMBÉM CONTÉM OUTROS CARTÕES RESPONDIDOS POR OUTRAS MULHERES. NÃO REGISTRE DETALHES DE IDENTIFICAÇÃO DO QUESTIONÁRIO NO CARTÃO.</p>		<p>CARTÃO PREENCHIDO.....1</p> <p>CARTÃO NÃO PREENCHIDO2</p>	

“Agora que chegamos ao final da entrevista, caso você tenha sofrido algum tipo de violência, o que gostaria de falar sobre o ocorrido?”



APÊNDICE D – ANÁLISE DE NARRATIVAS

LEGENDA DE TRATAMENTO DOS DADOS

ID: IDENTIFICAÇÃO DA ENTREVISTADA

R: RESPOSTA (NARRATIVA)

EC: EXPRESSÃO CHAVE

IC: IDÉIA CENTRAL

A: ANCORAGEM

C: CATEGORIA

CHAVE DE CODIFICAÇÃO DAS IDÉIAS CENTRAIS DOS DISCURSOS CASO HAJA MAIS DE UMA IC NAS NARRATIVAS:

1ª IDÉIA CENTRAL

2ª IDÉIA CENTRAL

3ª IDÉIA CENTRAL

4ª IDÉIA CENTRAL

5ª IDÉIA CENTRAL

6ª IDÉIA CENTRAL

INSTRUMENTO DE ANÁLISE DO DISCURSO I (IAD I)

ID 002 (M.A.G.S, 35 ANOS)	
R: Meu pai vive maritalmente [relação incestuosa] com minha irmã e isso já dura 11 anos.	
EC: Meu pai vive maritalmente com minha irmã e isso já dura 11 anos.	
IC: Abuso infantil praticada com irmã da entrevistada por membro da família (Pai)	
A:	
Categoria:	A
<input checked="" type="checkbox"/>	

ID 005 (F.N.M.S.; 19 ANOS)	
R: Eu que agredi meus dois companheiros. Uma vez por causa de mentira e a segunda por ciúme dele com outra mulher	
EC: Eu que agredi meus dois companheiros. Uma vez por causa de mentira e a segunda por ciúme dele com outra mulher	
IC: Mulher iniciou as agressões físicas baseada na mentira do companheiro e no ciúme	
A: Uma vez por causa de mentira e a segunda por ciúme dele com outra mulher (A racionalização da violência por parte da mulher)	
Categoria: B	

ID 006 (L.S.P; 21 ANOS)	
R: Meu padrasto abusava sexualmente de mim por muitos anos desde os meus 9 anos de idade. Ele deixava minha mãe sair para trabalhar e me pegava. Eu escondia embaixo da cama, mas não tinha jeito, pois ele me achava. Ele colocava a música alta para ninguém escutar. Quando o vizinho descobriu, ele contou para minha mãe. Depois que meu padrasto foi desmascarado, minha mãe cobrou mais de mim do que do meu padrasto. O vizinho que avisou minha mãe sobre meu padrasto começou a abusar sexualmente de mim, pois dizia que se eu contasse para minha mãe ia ficar parecendo que eu é que era sem vergonha. Agüentei quieta com medo de minha mãe não acreditar em mim de novo. Aos 17 anos comecei a trabalhar para evitar ficar em casa para ser pega pelo vizinho e fui morar com meu namorado. Eu acho que até os	

<p>cinco anos eu fui feliz, pois meu pai ainda era vivo. Depois disso ele morreu e tudo mudou com a chegada do meu padrasto aos seis anos. Não sei mais... Faz tanto tempo. Não sei o que é ser feliz. Hoje, vivo com meu parceiro e as vezes ele grita e me humilha... A mãe dele mora aqui no mesmo terreno e também inferniza minha vida. Mas já foi pior... pelo menos ele não me bate.</p>
<p>R: Meu padrasto abusava sexualmente de mim por muitos anos desde os meus 9 anos de idade. Ele deixava minha mãe sair para trabalhar e me pegava. Eu escondia embaixo da cama, mas não tinha jeito, pois ele me achava. Ele colocava a música alta para ninguém escutar. (...) O vizinho que avisou minha mãe sobre meu padrasto começou a abusar sexualmente de mim.</p>
<p>EC: Meu padrasto abusava sexualmente de mim por muitos anos desde os meus 9 anos de idade. Ele deixava minha mãe sair para trabalhar e me pegava. Eu escondia embaixo da cama, mas não tinha jeito, pois ele me achava. Ele colocava a música alta para ninguém escutar. (...) O vizinho que avisou minha mãe sobre meu padrasto começou a abusar sexualmente de mim.</p>
<p>IC: Relato de abuso infantil prolongado praticada por membro da família (Padrasto) e por vizinho</p>
<p>A:</p>
<p>Categoria: A <input checked="" type="checkbox"/></p>
<p>R: Depois que meu padrasto foi desmascarado, minha mãe cobrou mais de mim do que do meu padrasto. [o vizinho] dizia que se eu contasse para minha mãe ia ficar parecendo que eu é que era sem vergonha. Agüentei quieta com medo de minha mãe não acreditar em mim de novo.</p>
<p>EC: Depois que meu padrasto foi desmascarado, minha mãe cobrou mais de mim do que do meu padrasto. Agüentei quieta com medo de minha mãe não acreditar em mim de novo. (...)</p>
<p>IC: Sigilo mantido porque a criança pensa que o adulto não vai acreditar nela. Medo.</p>
<p>A: A criança tem medo do adulto e/ou de que ele não acredite em sua história.</p>
<p>Categoria: C <input checked="" type="checkbox"/></p>
<p>R: Eu acho que até os cinco anos eu fui feliz... Não sei mais... Faz tanto tempo. Não sei o que é ser feliz.</p>
<p>EC: Eu acho que até os cinco anos eu fui feliz... Não sei mais... Faz tanto tempo. Não sei o que é ser feliz.</p>
<p>IC: As sucessivas violências sofridas marcaram o passado e o presente da mulher</p>
<p>A:</p>
<p>Categoria: I1</p>
<p>R: Hoje, vivo com meu parceiro e as vezes ele grita e me humilha... A mãe dele mora aqui no mesmo terreno e também inferniza minha vida. Mas já foi pior... pelo menos ele não me bate</p>
<p>EC: Hoje, vivo com meu parceiro e as vezes ele grita e me humilha... Mas já foi pior... pelo menos ele não me bate</p>
<p>IC: A violência psicológica de hoje representa uma melhora da situação em relação ao passado marcado por outras violências.</p>
<p>A:</p>
<p>Categoria: W</p>
<p>ID 007 (T.I ;41 ANOS)</p>
<p>R: Quando criança, meu irmão mais velho tentava sexo comigo e com minha irmã mais nova. Quando contamos a mamãe, ela não acreditou e contou ao pai e ele ameaçou de me expulsar de casa. Minha filha fugiu de casa há duas semanas. Eu briguei com ela porque ela estava dormindo com o namorado. Parece que ela esta com medo de mim.</p>
<p>R: Quando criança, meu irmão mais velho tentava sexo comigo e com minha irmã mais nova.</p>

EC: Quando criança, meu irmão mais velho tentava sexo comigo e com minha irmã mais nova.
IC: Abuso infantil cometido por membro da família (Irmão)
A:
Categoria: A <input checked="" type="checkbox"/>
R: Quando contamos a mamãe, ela não acreditou e contou ao pai e ele ameaçou de me expulsar de casa (...)
EC: Quando contamos a mamãe, ela não acreditou e contou ao pai e ele ameaçou de expulsar de casa (...) Parece que ela [filha] esta com medo de mim
IC: Cuidador não protege a criança quando ela denuncia o abuso
A:
Categoria: C <input checked="" type="checkbox"/>

ID 010 (E.M.T; 33 ANOS)
R: Minha tia foi espancada muitas vezes pelo marido e quando ela estava grávida, ela foi amarrada e queimada. Morreu aos 40 anos de câncer de útero.
EC: Minha tia foi espancada muitas vezes pelo marido e quando ela estava grávida, ela foi amarrada e queimada.
IC: Relato de vivencia de violência grave sofrida por membro da família (tia)
A:
Categoria: E

ID 011 (A.P.A; 40 ANOS)
R: Apanhei muito do meu ex-companheiro. Hoje estamos separados, mas tenho ainda muito medo dele. Não posso namorar, pois tenho medo pela minha vida. Ele tem várias namoradas e eu não posso ter nenhum. No final ele já não prometia nada de parar de bater. Era só bater e esperar para a próxima. Fiquei 1 mês em Minas Gerais e lá eu pude namorar. Agora só vou namorar em dezembro quando viajar de novo.
R: Apanhei muito do meu ex-companheiro. Hoje estamos separados, mas tenho ainda muito medo dele. Não posso namorar, pois tenho medo pela minha vida. Ele tem várias namoradas e eu não posso ter. (...) Fiquei 1 mês em Minas Gerais e lá eu pude namorar
EC: Hoje estamos separados, mas tenho ainda muito medo dele. Não posso namorar, pois tenho medo pela minha vida.
IC: Mulher vive em estado de alerta e medo do ex-parceiro mesmo após a separação.
A: Cessa a relação, mas não cessa o medo do agressor.
Categoria: F
R: No final ele já não prometia nada de parar de bater. Era só bater e esperar para a próxima.
EC: No final ele já não prometia nada de parar de bater. Era só bater e esperar para a próxima.
IC: Desesperança da mulher de que a violência iria cessar
A: Violência prolongada marcada pela ausência da fase da "lua de mel" do ciclo da violência
Categoria: G
R: Fiquei 1 mês em Minas Gerais e lá eu pude namorar. Agora só vou namorar em dezembro quando viajar de novo.
EC: Fiquei 1 mês em Minas Gerais e lá eu pude namorar. Agora só vou namorar em dezembro quando viajar de novo
IC: Mulher é privada de sua liberdade e sente-se vigiada.
A
Categoria: W1

ID 012 (NM.O.Z; 30 ANOS)
R: Gostei de falar sobre a vida. Contar sobre as coisas que sofri dentro de casa. Foi importante poder desabafar, pois nunca havia contado para ninguém, além da minha mãe, as experiências de minha vida.
EC: Gostei de falar sobre a vida. Contar sobre as coisas que sofri dentro de casa. Foi importante poder desabafar, pois nunca havia contado para ninguém (...)
IC: A entrevista foi percebida como uma oportunidade de desabafar
A: Falar da vida é falar da violência
Categoria: L

ID 013 (E.R.S; 38 ANOS)
R: Meu companheiro já me chutou, ameaçou me matar, usou faca no meu pescoço. Fazia de tudo para me humilhar... Eu prefiro não falar mais.... Estou preocupada onde essas informações vão parar. Gostaria de receber informações para ajudar minha vizinha que espanca o filho dela. Eu queria que o conselho ajudasse essa criança.
EC: Meu companheiro já me chutou, ameaçou me matar, usou faca no meu pescoço. Fazia de tudo para me humilhar... Estou preocupada onde essas informações vão parar.
IC: A mulher narra suas histórias de violências sofridas, mas teme que elas não sejam mantidas em sigilo
A:
Categoria: I

ID 016 (V.M.R; 48 ANOS)
R: Meu tio e um amigo de minha família abusaram de mim e de minha irmã mais velha que tinha 15 anos. Os nossos pais nunca souberam, pois tínhamos medo de contar.
R: Meu tio e um amigo de minha família abusaram de mim e de minha irmã mais velha que tinha 15 anos.
EC: Meu tio e um amigo de minha família abusaram de mim e de minha irmã mais velha
IC: Abuso sexual infantil por membro da família (Tio) e amigo da família
A:
Categoria: A <input type="checkbox"/>
R: Os nossos pais nunca souberam, pois tínhamos medo de contar.
EC: Os nossos pais nunca souberam, pois tínhamos medo de contar.
IC: A criança tem medo do adulto e/ou de que ele não acredite em sua história.
A: Nossos pais nunca souberam, pois tínhamos medo de contar
Categoria: C <input checked="" type="checkbox"/>

ID 017 (R.S.M.S; 15 ANOS)
R: A amante do marido da minha mãe me pirraça e passa em frente daqui de casa olhando para dentro e vigiando. A gente tem que agüentar até isso...
EC: A amante do marido da minha mãe me pirraça e passa em frente daqui de casa olhando para dentro e vigiando. A gente tem que agüentar até isso...
IC: Violência psicológica sofrida pelos filhos decorrente de relações extra-conjugais do pai.
A:
Categoria: J

ID 021 (R.; 17 ANOS)
R: Eu não tenho nenhum parceiro. Achei a entrevista interessante e é uma forma de expressarmos, pois geralmente não fazemos isso de conversar com alguém.

Meu tio esfaqueou a esposa dele porque ela estava traindo ele. Hoje ele esta na cadeia.
R: Achei a entrevista interessante e é uma forma de expressarmos, pois geralmente não fazemos isso de conversar com alguém.
EC: A entrevista deu oportunidade para a mulher expressar seus sentimentos
IC: A Entrevista foi percebida como conversa e forma de interação social
A:
Categoria: L
R: Meu tio esfaqueou a esposa dele porque ela estava traindo ele. Hoje ele esta na cadeia.
EC: Meu tio esfaqueou a esposa dele porque ela estava traindo ele. Hoje ele esta na cadeia.
IC: Conhecimento de violência presente entre membros da família (Tio)
A:
Categoria: E

ID 022 (N;R.S; 20 ANOS)
R: Quando eu tinha 13 aos aconteceu comigo uma tentativa de estupro na rua que eu morava. Fiquei com medo e não contei nada para meus pais, pois o rapaz parecia violento e podia fazer alguma coisa com eles depois.
R: Quando eu tinha 13 aos aconteceu comigo uma tentativa de estupro na rua que eu morava.
EC: Quando eu tinha 13 aos aconteceu comigo uma tentativa de estupro na rua que eu morava.
IC: Tentativa de estupro infantil por desconhecido
A:
Categoria: M
R: Fiquei com medo e não contei nada para meus pais, pois o rapaz parecia violento e podia fazer alguma coisa com eles depois.
EC: Fiquei com medo e não contei nada para meus pais, pois o rapaz parecia violento e podia fazer alguma coisa com eles depois.
IC: Medo de que os pais sofressem alguma consequência caso a tentativa de estupro sofrida fosse revelada.
A:
Categoria: C <input checked="" type="checkbox"/>

ID 024 (A,M,S,A; 38 ANOS)
R: Meu ex-companheiro já tentou me enforcar e usou a faca em mim. É bom a gente ter oportunidade desabafar e falar sobre o que aconteceu, pois isso ajuda a evitar problema de depressão.
EC: É bom a gente ter oportunidade desabafar e falar sobre o que aconteceu, pois isso ajuda a evitar problema de depressão.
IC: A entrevista foi percebida como uma oportunidade de desabafar e evitar depressão produzida pelo silêncio
A: Narrar a violência evita depressão (narrativas terapêuticas)
Categoria: L

ID 027 (E; 48 ANOS)
R: Meu ex-parceiro já tentou me matar e algumas vezes eu tive que ter sexo com ele por medo do que ele podia fazer comigo. Hoje eu estou só e não sofro mais. A minha vizinha é espancada todos os dias pelo marido dela.
R: Meu ex-parceiro já tentou me matar e algumas vezes eu tive que ter sexo com ele por medo do que ele podia fazer comigo

EC: Meu ex-parceiro já tentou me matar e algumas vezes eu tive que ter sexo com ele por medo do que ele podia fazer comigo
IC: Mulher praticava relações sexuais com parceiro por medo que ele podia fazer com ela.
A:
Categoria: N
R: Hoje eu estou só e não sofro mais
EC: Hoje eu estou só e não sofro mais
IC: Hoje é um novo tempo
A: Hoje é um novo tempo
Categoria: X1
R: A minha vizinha é espancada todos os dias pelo marido dela.
EC: A minha vizinha é espancada todos os dias pelo marido dela.
IC: Relato de violência física praticada por parceiro íntimo envolvendo a vizinha
A:
Categoria: O

ID 028 (M.P.; 33 ANOS)
R: Quando eu tinha 10 anos meu tio quando tirou a roupa , me puxou, me pegou e tentou tirar minha roupa, mas eu consegui fugir para a vizinha. Eu lembro como se fosse hoje. Eu nunca contei para ninguém Criança fica com medo e não conta. Nossa! Ele era irmão do meu pai.
R: Quando eu tinha 10 anos meu tio quando tirou a roupa , me puxou, me pegou e tentou tirar minha roupa, mas eu consegui fugir para a vizinha. Eu lembro como se fosse hoje.
EC: Quando eu tinha 10 anos meu tio quando tirou a roupa , me puxou, me pegou e tentou tirar minha roupa, mas eu consegui fugir para a vizinha. Eu lembro como se fosse hoje.
IC: Abuso infantil cometido por membro da família (Tio)
A:
Categoria: A <input checked="" type="checkbox"/>
R: Eu nunca contei para ninguém. Criança fica com medo e não conta. Nossa! Ele era irmão do meu pai.
EC: Eu nunca contei para ninguém. Criança fica com medo e não conta. Nossa! Ele era irmão do meu pai.
IC: Sigilo sobre o abuso é mantido porque a criança tem medo de contar para o adulto o fato ocorrido. Incredulidade diante da quebra de confiança por ser abusada pelo tio.
A: Criança fica com medo e não conta
Categoria: C <input checked="" type="checkbox"/>

ID 029 (J.K.A; 23 ANOS)
R: Meu marido me deu um empurrão e me deu um tapa uma vez. Me humilhava e me insultava muitas vezes. Quando ele me bateu, eu peguei o facão e corri atrás dele e se eu tivesse alcançado ele eu tinha cortado ele. Depois disso não apanhei mais.
EC: Quando ele me bateu, eu peguei o facão e corri atrás dele e se eu tivesse alcançado ele eu tinha cortado ele. Depois disso não apanhei mais.
IC: Percepção de que o fato de ter reagido quando agredida pelo parceiro resultou no término das violências sofridas.
A:
Categoria: P

ID 032(M.L.S.B; 31 ANOS)
R: Já levei muito tapa e empurrão. Já apanhei grávida, já fui muitas vezes ameaçada

de morte. Uma semana atrás meu marido me espancou e eu chamei a policia para ele. Ele prometeu que não vai mais fazer isso. Ele chorou e pediu que eu perdoasse, mas eu disse que não o perdoava. Tenho seis filhos com ele e vou dar mais uma chance para ver se ele muda.
R: Já levei muito tapa e empurrão. Já apanhei grávida, já fui muitas vezes ameaçada de morte. Uma semana atrás meu marido me espancou e eu chamei a policia para ele.
EC: Já levei muito tapa e empurrão. Já apanhei grávida, já fui muitas vezes ameaçada de morte
IC: Violência foi escalonando em gravidade de empurrões a ameaças de morte.
A:
Categoria: G
R: Ele prometeu que não vai mais fazer isso. Ele chorou e pediu que eu perdoasse, mas eu disse que não o perdoava.
EC: Ele prometeu que não vai mais fazer isso. Ele chorou e pediu que eu perdoasse, mas eu disse que não o perdoava
IC: Violência não é vista como crise, mas como ato que pode merecer perdão.
A: Violência não é vista como crise, mas como ato que pode merecer perdão.
Categoria: Q
R: Tenho seis filhos com ele e vou dar mais uma chance para ver se ele muda.
EC: Tenho seis filhos com ele e vou dar mais uma chance para ver se ele muda.
IC: Filhos como razão para permanência.
A: vou dar mais uma chance para ver se ele muda
Categoria: R

ID 033 (J. R. S ; 34 ANOS)
R: Já apanhei muito. [Pausa prolongada]. A esposa do meu sobrinho foi espancada e eu levei ela na delegacia de policia. Ontem ele bateu de novo nela e foi preso, mas pagou fiança. Espero que tudo melhore e ela perdoe ele.
R: A esposa do meu sobrinho foi espancada e eu levei ela na delegacia de policia. Ontem ele bateu de novo nela e foi preso
EC: A esposa do meu sobrinho foi espancada e eu levei ela na delegacia de policia
IC: Relato de violência vivida na família da entrevistada e da ação da cliente em levar a vítima para a delegacia da policia.
A:
Categoria: E
R: Espero que tudo melhore e ela perdoe ele.
EC: Espero que tudo melhore e ela perdoe ele.
IC: Se a violência melhorar cabe à mulher perdoar o marido
A: Espero que tudo melhore e ela perdoe ele (violência não é vista como crime, mas como algo que precisa ser perdoado)
Categoria: Q

ID 035 (A.P.S; 16 ANOS)
R: Eu obedecia meu padrasto antes dele começar a me tocar. Mas depois que ele passou a mão em mim e me tocava durante a noite e eu passei a ter nojo dele.
EC: Eu obedecia meu padrasto antes dele começar a me tocar. Mas depois que ele passou a mão em mim e me tocava durante a noite e eu passei a ter nojo dele.
IC: Abuso sexual infantil cometido por familiar (padrasto) levou a criança a desobedecer e ter nojo do agressor
A:
Categoria: A <input checked="" type="checkbox"/>

ID 036 (M.J.S; 37 ANOS)

R: Meu primeiro marido, uma vez estava bêbado e atirou em mim quando eu estava grávida. Mas ele errou o tiro e meu irmão chegou e conseguiu tirar o revólver dele. Larguei dele depois disso.
EC: Meu primeiro marido, uma vez estava bêbado e atirou em mim (...). Mas ele errou o tiro (...)
IC: Uso de bebida percebida como responsável pela tentativa de homicídio
A:
Categoria: S
R: (...) Meu primeiro marido, uma vez estava bêbado e atirou em mim quando eu estava grávida. Mas ele errou o tiro e meu irmão chegou e conseguiu tirar o revólver dele
EC: (...) quando eu estava grávida
IC: Escalonamento da violência durante gravidez
A:
Categoria: K

ID 037 (V.F.S.; 18 ANOS)
R: Meu namorado já me humilhou e insultou umas vezes e me ameaçou também. A gente não mora junto. Meu pai já espancou minha mãe e depois que nós chamamos a polícia a violência passou.
EC: Meu namorado já me humilhou e insultou umas vezes e me ameaçou também (...) Meu pai já espancou minha mãe e depois que nós chamamos a polícia a violência passou.
IC: Mulher já fui vítima de violência pelo parceiro e foi testemunha de violências praticadas pelo pai contra a mãe.
A:
Categoria: D

ID 043 (E.F.O.M; 29 ANOS)
R: Meu marido quase me matou, um dia eu fui para o hospital de base desmaiada. No começo ele prometia que ia parar de bater, mas depois ele batia e nem falava nada. Levei tanta surra. É bom responder a essas perguntas. Funciona como uma forma de terapia. Alguém que esteja precisando pode ter segurança em responder. Sabe, ele teve outras mulheres [pausa] e ele brigava na rua com outros homens muitas vezes.
R: Meu marido quase me matou, um dia eu fui para o hospital de base desmaiada. No começo ele prometia que ia parar de bater, mas depois ele batia e nem falava nada. Levei tanta surra
EC: Meu marido quase me matou, um dia eu fui para o hospital de base desmaiada. No começo ele prometia que ia parar de bater, mas depois ele batia e nem falava nada.
IC: Parceiro já não promete que vai parar a violência
A: No começo ele prometia que ia parar de bater, mas depois ele batia e nem falava nada
Categoria: G
R: É bom responder a essas perguntas. Funciona como uma forma de apoio. Alguém que esteja precisando pode ter segurança em responder.
EC: É bom responder a essas perguntas. Funciona como uma forma de apoio.
IC: A entrevista é percebida como apoio.
A: Entrevista percebida como apoio
Categoria: L

ID 046 (A.P.L; 33 ANOS)

R: Eu apanhava demais de minha mãe quando criança. Surra de ficar cortada. Aí fugi de casa com 12 anos e me casei com um rapaz que conheci. Esse meu marido era um monstro comigo. Chegava em casa atirando. Ele bebia muito. Um dia ele me bateu com fio de luz que eu não conseguia vestir roupa. Meu corpo ficou todo cortado. Ele botava revolver na minha cabeça e me fazia transar com ele. Isso durou muito tempo. Meu Deus minha vida era um inferno. Eu vivia esperando a próxima pancadaria. Ele foi embora e eu fiquei com as crianças. O meu marido atual também bebe e quando chega aqui em casa grita comigo e me humilha. Queria que ele mudasse.

R: Eu apanhava demais de minha mãe quando criança. Surra de ficar cortada. Aí fugi de casa com 12 anos e me casei com um rapaz que conheci

EC: Eu apanhava demais de minha mãe quando criança. Surra de ficar cortada

IC: Criança sofria maus tratos praticados pela mãe e provocaram sua fuga de casa aos 12 anos

A:

Categoria: T

R: Esse meu marido era um monstro comigo. Chegava em casa atirando. Ele bebia muito. Um dia ele me bateu com fio de luz que eu não conseguia vestir roupa. Meu corpo ficou todo cortado. Ele botava revolver na minha cabeça e me fazia transar com ele. Isso durou muito tempo. Meu Deus minha vida era um inferno.

EC: Esse meu marido era um monstro comigo. Chegava em casa atirando. Ele bebia muito. Um dia ele me bateu com fio de luz que eu não conseguia vestir roupa. Meu corpo ficou todo cortado. Ele botava revolver na minha cabeça e me fazia transar com ele. Isso durou muito tempo. Eu vivia esperando a próxima pancadaria.

IC: Violências múltiplas e graves praticadas pelo parceiro ao longo dos anos de vida conjugal. Marido visto como monstro.

A: Violência é coisa de monstro não de gente

Categoria: G

R: Ele bebia muito (...) Eu vivia esperando a próxima pancadaria. Ele foi embora e eu fiquei com as crianças. O meu marido atual também bebe e quando chega aqui em casa grita comigo e me humilha. Queria que ele mudasse

EC: Ele bebia muito (...) Ele foi embora e eu fiquei com as crianças. O meu marido atual também bebe e quando chega aqui em casa grita comigo e me humilha. Queria que ele mudasse

IC: Quando o marido bebe, ele chega a casa e começa a gritar e humilhar à entrevistada.

A: Bebida como causa das agressões

Categoria: S

ID 050 (V.S.C ; 33 ANOS)

R: Casei quando eu era muito nova... 17 anos e eu trabalhava muito. Meu marido se envolveu com más amizades e bebia muito. Começou a me bater e eu apanhei muito. Um dia eu decidi que não queria mais isso. Nos separamos 3 vezes e daí eu voltava. Hoje estamos juntos, mas ele não me bate mais. Não amo mais meu marido. Não sinto nem 1% do que já senti por ele. Acabou todo o amor. Quando você apanha tanto assim, algo morre. Não tem jeito. Hoje eu me amo e amo meus filhos,

R: Começou a me bater e eu apanhei muito. Um dia eu decidi que não queria mais isso. Nos separamos 3 vezes e daí eu voltava. Hoje estamos juntos, mas ele não me bate mais.

EC: Começou a me bater e eu apanhei muito. Um dia eu decidi que não queria mais isso. Nos separamos 3 vezes e daí eu voltava (...) Hoje estamos juntos, mas ele não me bate mais. (...) Hoje eu me amo e amo meus filhos

IC: A mulher decidiu que não tolerava mais a violência e ainda que viva com o parceiro, mas sofre mais violência física

A:
Categoria: U
R: Um dia eu decidi que não queria mais isso. Não amo mais meu marido. Não sinto nem 1% do que já senti por ele. Acabou todo o amor. Quando você apanha tanto assim, algo morre. Não tem jeito. Hoje eu me amo e amo meus filhos
EC: Não sinto nem 1% do que já senti por ele. Acabou todo o amor. Quando você apanha tanto assim, algo morre. Hoje eu me amo e amo meus filhos
IC: A violência praticada pelo parceiro destruiu qualquer sentimento de amor que a mulher nutria por ele. Idéia de um novo tempo enfatizado pela palavra "Hoje
A:
Categoria: X1

ID 052 (M.A.O.; 48 ANOS)
R: Eu e minhas irmãs fomos criadas na roça e lá não tinha violência. Nunca tive nenhum irmão ou qualquer pessoa de minha família que me batia. Fui criada num mundo diferente do de hoje.
EC: Eu e minhas irmãs fomos criadas na roça e lá não tinha violência.
IC: Idéia de que no campo não existe violência
A: na roça não tem violência
Categoria: X

ID 055 (S.P.S.; 32 ANOS)
R: Eu tinha 11 anos e meu namorado tinha 17. Eu fiquei com raiva desse rapaz que me estuprou. Ele era meu namorado, mas eu não queria ter relação. Mas ele era mais forte do que eu. Daquele dia em diante eu fiquei com medo dele... eu me escondia dele. Daí meus pais mudaram de onde nós morávamos e eu nunca mais o vi de novo.
EC: Eu tinha 11 anos e meu namorado tinha 17. Eu fiquei com raiva desse rapaz que me estuprou. Ele era meu namorado, mas eu não queria ter relação.
IC: Abuso sexual infantil praticado por namorado
A:
Categoria: Y

ID 056 (A.P.A.; 34 ANOS)
R: Meu marido me fazia sentir mal, humilhada, ele me ameaçava muitas vezes e me dava medo dele muitas vezes. Me batia, me surrava, chutou uma vez e usou uma faca para me ameaçar. Uma vez, quando eu estava grávida do meu segundo filho (com 6 meses de gravidez), meu marido imprensou minha barriga na parede com a moto. Se não fosse um amigo chegar e me ajudar eu teria abortado ou coisa pior.
EC: Meu marido me fazia sentir mal, humilhada, ele me ameaçava muitas vezes e me dava medo dele muitas vezes. Me batia, me surrava, chutou uma vez e usou uma faca para me ameaçar. Uma vez, quando eu estava grávida do meu segundo filho (com 6 meses de gravidez), meu marido imprensou minha barriga na parede com a moto.
IC: Escalonamento da violência inclusive durante o período da gravidez
A:
Categoria: K

ID 057 (T.P.P.; 25 ANOS)
R: Já fui ameaçada muitas vezes e ele fazia muitas vezes coisas que me davam medo. Uma vez ele tentou me estrangular. No dia que ele tentou me estrangular, eu dei uma facada nele, mas não foi fundo. Ele não foi para o hospital porque a mãe do meu marido era da saúde e fez um curativo nele. Outra vez eu queimei ele com ferro de passar porque ele me chamou de vagabunda.

R: Já fui ameaçada muitas vezes e ele fazia muitas vezes coisas que me davam medo. Uma vez ele tentou me estrangular
EC: Já fui ameaçada muitas vezes e ele fazia muitas vezes coisas que me davam medo
IC: Medo da mulher decorrente das ameaças do parceiro
A:
Categoria: F
R: No dia que ele tentou me estrangular, eu dei uma facada nele, mas não foi fundo. (...) Outra vez eu queimei ele com ferro de passar porque ele me chamou de vagabunda
EC: No dia que ele tentou me estrangular, eu dei uma facada nele, mas não foi fundo. (...) Outra vez eu queimei ele com ferro de passar porque ele me chamou de vagabunda
IC: Mulher reagiu fisicamente quando agredida
A:
Categoria: P

ID 058 (D.B.; 19 ANOS)
R: Eu saí de casa porque meu pai me batia muito, pois ele queria um filho homem e eu nasci mulher. Fui morar com meu namorado e aí foi a mesma coisa porque ele me batia muito também. Minha vida toda eu fui um saco de pancada. Hoje eu moro com minha mãe porque ela largou do meu pai. Eu fiz uma promessa para mim mesma que eu não vou mais apanhar.
R: Eu saí de casa porque meu pai me batia muito
EC: Eu saí de casa porque meu pai me batia muito
IC: Maus tratos na infância
A: meu pai me batia muito,.
Categoria: T
R: ... pois ele queria um filho homem e eu nasci mulher
IC: Percepção de que a razão para os maus tratos foi porque o pai queria um filho homem e não ela
A: pois ele queria um filho homem e eu nasci mulher
Categoria: B2
R: Minha vida toda eu fui um saco de pancada. Eu fiz uma promessa para mim mesma que eu não vou mais apanhar.
EC: Minha vida toda eu fui um saco de pancada
IC: Violências múltiplas sofridas pela mulher desde a infância até a idade adulta
A: eu fui um saco de pancada
Categoria: D
R: Hoje, eu moro com minha mãe porque ela largou do meu pai. Eu fiz uma promessa para mim mesma que eu não vou mais apanhar.
EC: Hoje (...) Eu fiz uma promessa para mim mesma que eu não vou mais apanhar.
IC: Mulher decidiu que não vai mais apanhar
A:
Categoria: X1

ID 064 (S.S.L.; 21 ANOS)
R: Meu namorado tentou fazer sexo forçado comigo e tentou me bater. Me xingou e eu fugi. Depois disso terminamos o namoro.
EC: Meu namorado tentou fazer sexo forçado comigo e tentou me bater. Me xingou e eu fugi.
IC: Violência sexual praticada pelo namorado
A:

Categoria: N
ID 065 (C.B.B.; 19 ANOS)
R: Há muitas situações em que a mulher não pode fala nada e nem confiar em ninguém. São coisas que a gente tem que guardar muito bem. Eu já apanhei de meu companheiro e ele já me deu empurrões. Mas se eu beber, eu fico descontrolada e fico violenta. Um dia, eu quis saber onde meu companheiro estava e ele ficou aborrecido e me chamou de boba. Aí eu peguei a vassoura e bati na cabeça dele.
R: Há muitas situações em que a mulher não pode fala nada e nem confiar em ninguém. São coisas que a gente tem que guardar muito bem. Eu já apanhei de meu companheiro e ele já me deu empurrões.
EC: São coisas que a gente tem que guardar muito bem. Eu já apanhei de meu companheiro e ele já me deu empurrões.
IC: As situações de VPIs devem ser guardadas, não-ditas
A: Há muitas situações em que a mulher não pode fala nada e nem confiar em ninguém
Categoria: Z
R: Mas se eu beber, eu fico descontrolada e fico violenta. Um dia, eu quis saber onde meu companheiro estava e ele ficou aborrecido e me chamou de boba. Aí eu peguei a vassoura e bati na cabeça dele.
EC: Mas se eu beber, eu fico descontrolada e fico violenta. Um dia, eu quis saber onde meu companheiro estava e ele ficou aborrecido e me chamou de boba. Aí eu peguei a vassoura e bati na cabeça dele.
IC: Mulher inicia a agressão física
A: Mulher inicia a agressão física
Categoria: B
ID 067 (M. B. S.; 28 ANOS)
R: São 14 anos de violência que eu enfrento com esse meu marido. Ser humilhada é a pior coisa que já enfrentei, preferia levar um tapa na cara. Ser humilhada dói mais do que um tapa na cara ou um chute na bunda. Um tapa é como ter um filho. Dói mas passa. Humilhação não passa nunca. É pior que tudo.
EC: São 14 anos de violência que eu enfrento com esse meu marido. Ser humilhada é a pior coisa que já enfrentei, preferia levar um tapa na cara.
IC: São 14 anos de violência que eu enfrento com esse meu marido. Ser humilhada é a pior coisa que já enfrentei, preferia levar um tapa na cara.
A: Um tapa é como ter um filho. Dói mas passa. Humilhação não passa nunca. É pior que tudo
Categoria:W
ID 069 (R.A.S.; 35 Anos)
R: Quando eu tinha 7 anos eu fui fazer farinha no sitio e o filho do patrão do meu pai que tinha 19 anos me bateu com corda de cavalo. Me jogou no rio, me machucou toda e eu só lembro que ele tirou um pinto enorme na minha frente. Eu acho que eu desmaiei porque até hoje eu não consigo me lembrar de tudo que ele fez comigo. Não sei se eu era criada como bicho, mas o fato é que minha mãe não viu nada, mesmo eu estando toda machucada. Acho que ela não me cuidava, pois eu me lembro que eu sempre ficava jogada num canto.
R: Quando eu tinha 7 anos eu fui fazer farinha no sitio e o filho do patrão do meu pai que tinha 19 anos me bateu com corda de cavalo. Me jogou no rio, me machucou toda e eu só lembro que ele tirou um pinto enorme na minha frente. Eu acho que eu desmaiei porque até hoje eu não consigo me lembrar de tudo que ele fez comigo.
EC: Quando eu tinha 7 anos ... o filho do patrão... me bateu com corda de cavalo. Me jogou no rio, me machucou toda e eu só lembro que ele tirou um pinto enorme na

minha frente. ... até hoje eu não consigo me lembrar de tudo que ele fez comigo
IC: Abuso infantil cometido por conhecido da família
A:
Categoria: Y
R: Não sei se eu era criada como bicho, mas o fato é que minha mãe não viu nada, mesmo eu estando toda machucada. Acho que ela não me cuidava, pois eu me lembro que eu sempre ficava jogada num canto.
EC: Não sei se eu era criada como bicho, mas o fato é que minha mãe não viu nada, mesmo eu estando toda machucada (...) eu me lembro que eu sempre ficava jogada num canto.
IC: Maus tratos durante a infância por parte de membro do cuidador (mãe)
A: Maus tratos durante a infância por parte de membro do cuidador (mãe)
Categoria: T

ID 070 (L.A.M.; 15 ANOS)
R: Minha prima é vítima de violência.
EC: Minha prima é vítima de violência.
IC: Relato de vivencia de violência grave sofrida por membro da família
A: Relato de vivencia de violência grave sofrida por membro da família
Categoria: E

ID 074 (P.G.S.; 19 ANOS)
R: Ele já me humilhou muitas vezes. E me bateu uma vez. No natal ele chegou bêbado em casa e me bateu. Eu fui para a casa da minha tia e fiquei lá até ele se acalmar.
EC: Ele já me humilhou muitas vezes. E me bateu uma vez. No natal ele chegou bêbado em casa e me bateu. Eu fui para a casa da minha tia e fiquei lá até ele se acalmar
IC: Mulher relata situação crônica de violência psicológica, episódios de violência física e menciona uso de bebida
A: Uso de bebida e episódios de violência
Categoria: S

ID 075 (R.A.; 41 ANOS)
R: Meu marido foi morto a bala pelos moleques daqui do Varjão. Já faz 3 anos que ele morreu. Ele me batia demais, me humilhava, me ofendia, me xingava, ameaçava e tentou muitas vezes usar arma e faca em mim. Não caso mais... Homem hoje só quer saber de bater. Agora ta um sossego. A pior coisa do mundo é ser forçada a ter sexo. Quando dava seis da noite eu já ficava assustada, pois eu sabia que ele ia me pegar e eu ia apanhar. É a pior coisa do que ser estuprada por ladrão. Eu dormia com os meninos. Eu só conseguia dormir depois que ele dormia.
R: Meu marido foi morto a bala pelos moleques daqui do Varjão
EC: Meu marido foi morto a bala pelos moleques daqui do Varjão
IC: Criminalidade na comunidade
A:
Categoria: A1
R: Ele me batia demais, me humilhava, me ofendia, me xingava, ameaçava e tentou muitas vezes usar arma e faca em mim
IC: Violência física severa e crônica
Categoria: Y1
R: Homem hoje só quer saber de bater
EC: Homem hoje só quer saber de bater

IC: A violência é uma marca dos homens da contemporaneidade
A: Homem hoje só quer saber de bater (a violência é uma marca dos homens de hoje)
Categoria: B2
R: A pior coisa do mundo é ser forçada a ter sexo (...) É a pior coisa do que ser estuprada por ladrão. Eu dormia com os meninos. Eu só conseguia dormir depois que ele dormia.
EC: A pior coisa do mundo é ser forçada a ter sexo (...) É a pior coisa do que ser estuprada por ladrão. Eu dormia com os meninos. Eu só conseguia dormir depois que ele dormia.
IC: Não existe nada pior do que ser forçada a ter sexo com o marido. Seria melhor ser estuprada por um desconhecido (ladrão).
A: Não existe nada pior do que ser forçada a ter sexo com o marido. Seria melhor ser estuprada por um desconhecido
Categoria: N

ID 076 (I.Z.C.; 34 ANOS)
R: Meu irmão mexia comigo. Na noite que ele ejaculou na minha perna, me melou toda de porra, eu queria chamar a policia, mas minha mãe não deixou. Eu saí de casa e fui morar com minha irmã mais velha.
EC: Meu irmão mexia comigo. Na noite que ele ejaculou na minha perna, me melou toda de porra...
IC: Abuso sexual cometido por membro da família (irmão)
A:
Categoria: A <input checked="" type="checkbox"/>
R: eu queria chamar a policia, mas minha mãe não deixou
EC: eu queria chamar a policia, mas minha mãe não deixou
IC: Mãe não permitiu filha de denunciar o abuso sexual que ela sofreu pelo irmão
A:
Categoria: H1
R: Eu saí de casa e fui morar com minha irmã mais velha.
EC: Eu saí de casa e fui morar com minha irmã mais velha.
IC: Criança abandona o lar devido maus tratos e abusos
A:
Categoria:

ID 077 (M. A. G. S.; 39 ANOS)
R: A amante do meu marido estava me ameaçando. Eu fiz a denuncia dela e o meu marido me ameaçou para que eu retirasse a queixa dela da policia. Ele me ameaçou de que se eu denunciar ele na policia, ele me mata e mata a minha família. Ele já me bateu várias vezes, me empurrou, me chutou, tentou me estrangular o pescoço e me ameaçou com faca. Muitas vezes. Ele já me bateu quando eu estava grávida.
R: A amante do meu marido estava me ameaçando. Eu fiz a denuncia dela e o meu marido me ameaçou para que eu retirasse a queixa dela da policia. Ele me ameaçou de que se eu denunciar ele na policia, ele me mata e mata a minha família
EC: Eu fiz a denuncia dela [das ameaças da amante] e o meu marido me ameaçou para que eu retirasse a queixa dela da policia. Ele me ameaçou de que se eu denunciar ele na policia, ele me mata e mata a minha família
IC: Escalonamento da violência relacionado a relacionamento extra-conjugal do parceiro.
A:
Categoria: C1
R: Ele já me bateu quando eu estava grávida

EC: Ele já me bateu quando eu estava grávida
IC: Violência física presente durante gravidez da mulher
A:
Categoria: K

ID 080 (M.P.; 31 ANOA)
R: Meu marido já me empurrou e deu tapa em mim muitas vezes. Depois que ele parou de beber e de se embriagar e de jogar no bar a violência parou. Acho que ele bebe, mas não chega mais a se embriagar. E também parou de ver mulher que ele arrumava na rua. Depois disso a violência diminuiu....
R: Depois que ele parou de beber e de se embriagar e de jogar no bar a violência parou
EC: Depois que ele parou de beber e de se embriagar e de jogar no bar a violência parou
IC: A bebida e os episódios de embriaguez relacionados com a violência
A: Depois que ele parou de beber e de se embriagar e de jogar no bar a violência parou.
Categoria: S
R: E também parou de ver mulher que ele arrumava na rua. Depois disso a violência diminuiu
EC: E também parou de ver mulher que ele arrumava na rua.
IC: Relacionamento extraconjugal relacionado com VPI
A: A mulher da "rua" é responsável pela violência
Categoria: C1

ID 081 (R.F.A.; 23 ANOS)
R: Depois de apanhar muitas vezes eu denunciei meu ex-marido na policia e sai de casa e fui morar com minha mãe. Ele já nem prometia melhorar mais. Ele mexe com droga. Ele é muito perigoso e hoje ele esta escondido da policia. Hoje eu posso morar junto com meu namorado de infância e sou feliz. Ele nunca me bateu, nós não brigamos, é tudo tão diferente.
R: Depois de apanhar muitas vezes eu denunciei meu ex-marido na policia e sai de casa e fui morar com minha mãe
EC: Depois de apanhar muitas vezes eu denunciei meu marido na policia e sai de casa (...)
IC: Após sucessivos episódios de VPI, mulher denunciou marido e saiu de casa
A: Após sucessivos episódios de VPI, mulher faz denuncia da violência
Categoria: D1
R: Ele já nem prometia melhorar mais.
EC: Ele já nem prometia melhorar mais.
IC: Desaparecimento das promessas de dias sem violência na relação
A: Escalonamento e/ou prolongamento das VPIS marcado pela ausência da fase da "lua de mel" do ciclo da violência
Categoria: G
R: Ele mexe com droga. Ele é muito perigoso e hoje ele esta escondido da policia.
EC: Ele mexe com droga. Ele é muito perigoso
IC Ele mexe com droga. Ele é muito perigoso
A: Droga e perigo andam juntos
Categoria: S
ID 082 (G.L.P.S; 30 ANOS)
R: Queria saber mais sobre a pesquisa. Acho que é uma boa idéia. Eu tenho uma amiga que está totalmente descontrolada de tanto sofrer violência física com o marido.

EC: Eu tenho uma amiga que está totalmente descontrolada de tanto sofrer violência física com o marido.
IC: Relato de vivencia de VPI sofrida por vizinha/membro da comunidade.
A:
Categoria: O
R: Queria saber mais sobre a pesquisa. Acho que é uma boa idéia
EC e IC: Queria saber mais sobre a pesquisa. Acho que é uma boa idéia
A:
Categoria: L

ID 083 (E.J.; 34 ANOS)
R: Meu primeiro marido bebia demais e dormia com a faca debaixo do travesseiro. Um dia meu filho ouviu no bar que ele ia me matar naquela noite. Eu tirei a faca e escondi dele e ele foi para me chutar e acertou meu filho de seis anos que estava dormindo comigo. Ele acertou no nariz dele e quebrou. Foi tanto sangue que vazou no colchão todo. Hoje eu to livre daquele pesadelo.
R: Meu primeiro marido bebia demais e dormia com a faca debaixo do travesseiro
EC: Meu primeiro marido bebia demais e dormia com a faca debaixo do travesseiro
IC: Uso de bebida e episódios de violências
A:
Categoria: S
R: Um dia meu filho ouviu no bar que ele ia me matar naquela noite (...) ele [parceiro] foi para me chutar e acertou meu filho de seis anos que estava dormindo comigo. Ele acertou no nariz dele e quebrou. Foi tanto sangue que vazou no colchão todo.
EC: acertou meu filho de seis anos que estava dormindo comigo. Ele acertou no nariz dele e quebrou. Foi tanto sangue que vazou no colchão todo
IC: Violência psicológica e física sofrida pelos filhos ao testemunhar as vpis praticadas pelo pai
A:
Categoria: J
R: Hoje eu to livre daquele pesadelo.
EC: Hoje eu to livre daquele pesadelo.
IC: Hoje como um tempo de libertação
A: Violencia vista como pesadêlo
Categoria: X1

ID 086 M(E.C.; 15 ANOS)
R: Meu pai bebe muito e algumas vezes briga com minha mãe e bate nela. Fala que vai matar ela, mas são só palavras. Não faz nada mais do que bater.
EC: Meu pai bebe muito e algumas vezes briga com minha mãe e bate nela. Fala que vai matar ela, mas são só palavras. Não faz nada mais do que bater
IC: Uso de bebida associada a episódios de violência física e psicológica parece ser minimizada por não se concretizar em homicídio.
A: Fala que vai matar ela, mas são só palavras. Não faz nada mais do que bater.
Categoria: S

ID 087 (G.V.B.; 18 ANOS)
R: Minha irmã de 20 anos, quando ela tinha 16, apanhou do noivo porque ela se recusou a ter sexo com ele. Eles terminaram o noivado e hoje ela é feliz com outra pessoa que ela se casou.
EC: (...) quando ela [irmã da entrevistada] tinha 16, apanhou do noivo porque ela se recusou a ter sexo com ele. Eles terminaram o noivado
IC: Violência sexual praticada pelo parceiro íntimo e/ou namorado

A:
Categoria: N
R: (...) hoje ela é feliz [irmã da entrevistada] com outra pessoa que ela se casou.
EC: hoje ela é feliz
IC:: Idéia de um novo tempo enfatizando a palavra “Hoje” como mudança de vivências
A:.
Categoria: X1

ID 088 (N; 48 ANOS)
R: Meu primeiro companheiro me furou com um punhal nas costas (olha aqui as cicatriz). Um dia, ele me deu uma enxadada na cabeça, eu desmaiei e acordei com mãe dele me ajudando. Uma vez a vizinha chamou a policia porque ele estava me espancando. Ele ficou preso por uma noite e depois foi me buscar na casa da minha mãe. Eu voltei por causa das crianças... Logo depois ele espancou de novo e tocou fogo no barraco que a gente morava. Eu escapei por dois meses na casa da minha mãe outra vez. Mas aí voltei com ele quando ele comprou outro barraco.
R: Meu primeiro companheiro me furou com um punhal nas costas (olha aqui as cicatriz). Um dia, ele me deu uma enxadada na cabeça, eu desmaiei (...)... Logo depois ele espancou de novo e tocou fogo no barraco que a gente morava
EC: Meu primeiro companheiro me furou com um punhal nas costas (olha aqui as cicatriz). Um dia, ele me deu uma enxadada na cabeça, eu desmaiei (...)... Logo depois ele espancou de novo e tocou fogo no barraco que a gente morava
IC:– Graves episódios de violência que marcaram o corpo da mulher
A:
Categoria: G
R: Eu voltei por causa das crianças...
EC: Eu voltei por causa das crianças...
IC: Filhos como razão da permanência das mulheres em relações violentas
A:
Categoria: R

ID 089 (M.G.R.; 30 ANOS)
R: Já me separei três vezes do meu marido e sempre eu voltava. No primeiro casamento dele com outra mulher aconteceu com ela a mesma coisa que ele fazia comigo depois. Ele era ciumento e rasgava a roupa dela igual rasgava a minha. Hoje estou separada, não gosto mais dele. Ele chora e pede para eu voltar. Eu disse que não gosto mais nem do toque dele e cheguei a chamá-lo de “animal”. Faz um mês que nós nos separamos, mas desta vez por mim eu não volto mais.
R: Já me separei três vezes do meu marido e sempre eu voltava. (...) Faz um mês que nós nos separamos, mas desta vez por mim eu não volto mais.
EC: Já me separei três vezes do meu marido e sempre eu voltava
IC: Sucessivas tentativas de abandono da relação violenta até o término da relação.
A:
Categoria: U
R: (...)Ele chora e pede para eu voltar. Eu disse que não gosto mais nem do toque dele e cheguei a chamá-lo de “animal”. Hoje estou separada, não gosto mais dele.
EC: Ele chora e pede para eu voltar. Eu disse que não gosto mais nem do toque dele e cheguei a chamá-lo de “animal”. : Hoje estou separada, não gosto mais dele.
IC: Avança a violência e morre o amor da mulher pelo companheiro
A: Cheguei a chamá-lo de “animal”. Violência como algo não humano
Categoria: X1

ID 090 (X.I.S.; 38 ANOS)
R: Já fui casada duas vezes. Apanhei dos dois. Meu ultimo parceiro já me colocou pelada na frente dos vizinhos e ninguém me ajudou. Sempre sofri. Minha família me colocou numa casa para trabalhar dos 9 aos 15 anos e o patrão mexia comigo durante todo esse tempo e entrava em mim. A esposa do patrão me dava surra e me deixava sem comer e me queimou o braço com fogo quando eu tinha 12 anos porque eu não estava trabalhando direito. Acho que ela sabia que ele mexia comigo, mas eu era preta e empregada....
R: Já fui casada duas vezes. Apanhei dos dois. (...) Sempre sofri. Minha família me colocou numa casa para trabalhar dos 9 aos 15 anos e o patrão mexia comigo durante todo esse tempo e entrava em mim. A esposa do patrão me dava surra e me deixava sem comer e me queimou o braço com fogo quando eu tinha 12 anos
EC: Já fui casada duas vezes. Apanhei dos dois. (...) Sempre sofri. Minha família me colocou numa casa para trabalhar dos 9 aos 15 anos (...) A esposa do patrão me dava surra e me deixava sem comer e me queimou o braço com fogo quando eu tinha 12 anos
IC: Violências múltiplas sofridas pela mulher desde a infância até a idade adulta
A:
Categoria: D
R: dos 9 aos 15 anos ... o patrão mexia comigo durante todo esse tempo e entrava em mim.
EC: dos 9 aos 15 anos ... o patrão mexia comigo durante todo esse tempo e entrava em mim.
IC: Abuso infantil praticado por pessoa conhecida (patrão)
A: Abuso infantil praticado por pessoa conhecida (patrão)
Categoria: Y
R: (...) mas eu era preta e empregada
EC: (...) mas eu era preta e empregada
IC: Eu representava um grupo excluído, sem voz
A: Trio da exclusão: mulher, negra e empregada doméstica
Categoria: E1
ID 091 (S.S.; 22 ANOS)
R: Você tinha que fazer essa entrevista com minha irmã. Você ficaria assustada com o que ela te contaria da violência que ela sofre com o marido.
EC: Você tinha que fazer essa entrevista com minha irmã. Você ficaria assustada com o que ela te contaria da violência que ela sofre com o marido.
IC: Relato de vivencia de violência grave sofrida por membro da família
A:
Categoria: E
ID 092 (K. A.N.S.; 28 ANOS)
R: Quando eu tinha 14 anos meu pai comprou uma arma para caçar e virou o revólver para mim porque ele viu uma carta de um rapaz que queria namorar comigo. Meu marido não é violento comigo, mas já me humilhou e me ameaçou uma vez. Meu cunhado, irmão dele, é pastor da minha igreja já passou a mão em minha bunda e me perseguia e me falava coisas feias. Eu falei para o pessoal da igreja, mas eles pediram para não falar para a polícia que eles iam afastar ele da igreja. Ele foi afastado de pregar. Hoje ele é obreiro da igreja e eu não falo com ele.
R: Quando eu tinha 14 anos meu pai comprou uma arma para caçar e virou o revólver para mim porque ele viu uma carta de um rapaz que queria namorar comigo
EC: Quando eu tinha 14 anos meu pai comprou uma arma para caçar e virou o revólver para mim porque ele viu uma carta de um rapaz que queria namorar comigo

IC: Violências múltiplas sofridas pela mulher desde a infância até a idade adulta
A:
Categoria: D
R: Meu cunhado, irmão dele, é pastor da minha igreja já passou a mão em minha bunda e me perseguia e me falava coisas feias. Eu falei para o pessoal da igreja, mas eles pediram para não falar para a polícia que eles iam afastar ele da igreja.
EC: Eu falei para o pessoal da igreja, mas eles pediram para não falar para a polícia que eles iam afastar ele da igreja.
IC: Assédio sexual por cunhado pastor seguido por orientação da liderança da igreja para não denunciar o caso para polícia.
A:
Categoria: G2

ID 093 (M.G.; 35 ANOS)
R: Meu pai me batia muito e eu cheguei até a pensar que não era filha dele. Mas sabe porque ele me batia? Porque eu pegava ele traindo a minha mãe com outras mulheres.
EC: Meu pai me batia muito e eu cheguei até a pensar que não era filha dele. Mas sabe porque ele me batia? Porque eu pegava ele traindo a minha mãe com outras mulheres.
IC: Violência física e psicológica com a criança relacionada a infidelidade do pai.
A: Violência física relacionada a relacionamento extra-conjugal do marido/pai
Categoria: C1

ID 095 (M.G.; 29 ANOS)
R: Já apanhei muito. Muitas vezes meu marido me surrou, chutou, apertou meu pescoço, ameaçou me matar, xingava e humilhava. Era medo e surra todo tempo. Uma das vezes que ele me espancou, ele me machucou tanto que quando eu fui ao hospital o médico disse que eu tinha sangue dentro do cérebro e eu perdi a visão do olho esquerdo. Eu larguei dele, mas até hoje ele me ameaça. Ele anda armado. Ele é muito perigoso. Hoje eu tomo remédio controlado para os nervos. Olha aqui os nomes (Fluoxetina e diazepam). Ele está solto porque eu arqueei o processo por medo dele.
R: Já apanhei muito. Muitas vezes meu marido me surrou, chutou, apertou meu pescoço, ameaçou me matar, xingava e humilhava. Era medo e surra todo tempo. Uma das vezes que ele me espancou, ele me machucou tanto que quando eu fui ao hospital o médico disse que eu tinha sangue dentro do cérebro e eu perdi a visão do olho esquerdo.
EC: Já apanhei muito (...). Era medo e surra todo tempo. Uma das vezes que ele me espancou, ele me machucou tanto (...) eu perdi a visão do olho esquerdo.
IC: Gravidade da violência foi aumentando e mulher saía da tensão para outro episódio violento.
A: Era medo e surra todo tempo.
Categoria: G
R: Eu larguei dele, mas até hoje ele me ameaça.
EC: Eu larguei dele, mas até hoje ele me ameaça.(...) Ele está solto porque eu arqueei o processo por medo dele.
IC: A violência psicológica não cessa mesmo após término do relacionamento violento.
A: eu larguei dele, mas até hoje ele me ameaça...
Categoria: L2
R: Ele anda armado. Ele é muito perigoso. (...) Ele está solto porque eu arqueei o processo por medo dele.
EC: Ele está solto porque eu arqueei o processo por medo dele.

IC: Mulher vive com medo
A:
Categoria: F

ID 097 (A. E. E. S.; 29 ANOS)
R: Meu primeiro marido viu o pai dele ser assassinado quando ele era criança. O pai foi queimado de cigarro antes de morrer e ele assistiu tudo. Mais tarde ele começou a vender e usar drogas e ficou violento. Me bateu algumas vezes e me ameaçou com arma uma vez. Mas ele era um bom homem. Hoje eu sou viúva.
EC: (...) Mais tarde ele começou a vender e usar drogas e ficou violento. Me bateu algumas vezes e me ameaçou com arma uma vez.
IC: Mulher relaciona o uso de drogas com o comportamento violento do parceiro
A: Me bateu algumas vezes e me ameaçou com arma uma vez. Mas ele era um bom homem
Categoria: S

ID 098 (A.P.C.; 34 ANOS)
R: Meu marido já me deu um tapa e um soco uma vez. Os palavrões que ele fala são os piores possíveis e me humilha na frente das pessoas. Essas palavras são piores do que levar uma porrada na cara.
EC: Essas palavras são piores do que levar uma porrada na cara.
IC: Humilhações verbais do parceiro são piores do que violência física que ela sofre
A: Essas palavras são piores do que levar uma porrada na cara.
Categoria: W

ID 099 (E. P. C.; 21 ANOS)
R: Já apanhei e fui ameaçada muitas vezes. Um dia meu marido jogou um brinquedinho do meu filho na minha cabeça porque ele queria sair comigo e eu não quis. Sangrou muito e ele me levou para o hospital. Eu disse no hospital que caí e bati a cabeça. Ninguém perguntou mais nada. Uma outra vez ele jogou leite quente em mim e meu filho de 3 anos viu. Eu corri e chamei a polícia. Hoje, meu filho tem cinco anos e diz que se o pai me pegar de novo ele vai matar o pai.
R: Eu disse no hospital que caí e bati a cabeça. Ninguém perguntou mais nada.
EC: Eu disse no hospital que caí e bati a cabeça. Ninguém perguntou mais nada.
IC: A mulher omite a violência sofrida pelo parceiro e a equipe do hospital não investiga a causa do acidente.
A:
Categoria: G1
R: Uma outra vez ele jogou leite quente em mim e meu filho de 3 anos viu(...). Hoje, meu filho tem cinco anos e diz que se o pai me pegar de novo ele vai matar o pai.
EC: (...) ele [parceiro] jogou leite quente em mim e meu filho de 3 anos viu (...). Hoje, meu filho tem cinco anos e diz que se o pai me pegar de novo ele vai matar o pai.
IC: - Violência psicológica sofrida pelos filhos
A:
Categoria: J

ID 100 (L.R.R.; 19 ANOS)
R: A única vez que aconteceu violência lá em casa foi entre eu e meu marido, foi eu que comecei. Eu bati na cara dele porque ele falou que eu estava interessada em outro homem. Ele queria ter uma filha e eu falei que já tinha tido uma com 14 anos e não queria ter outra com 17 anos. Quando eu bati na cara dele, ele me empurrou e me deu um tapa. Depois disso a gente discute, mas nunca mais ele levantou a mão para mim. Já tive filho depois disso e hoje estou grávida novamente.

EC: A única vez que aconteceu violência lá em casa foi entre eu e meu marido, foi eu que comecei. Eu bati na cara dele porque ele falou que eu estava interessada em outro homem.
IC: Mulher iniciou o único episódio de agressão física que houve entre o casal.
A:
Categoria: B

ID 103 (E.P.S; 40 ANOS)
R: Todos os meus 3 maridos me bateram, me surraram. Esse último já me bateu de cinto, de facão, tentou me enforcar, já chamou minha filha para fugir com ele, já tentou estuprar minha filha de 11 anos. Aí eu mandei ele embora e chamei a polícia. Mas depois ele voltou. Mas ele não mexeu mais com ela. Não acho que ele vai parar de me bater. Não espero mais isso. Ele bate e depois passa um tempo volta a bater de novo. Assim, desse jeito...
R: Todos os meus três maridos me bateram, me surraram. Esse último já me bateu de cinto, de facão, tentou me enforcar
EC: Todos os meus três maridos me bateram, me surraram.
IC: História de múltiplos relacionamentos com parceiros violentos
A:
Categoria: D
R: já chamou minha filha para fugir com ele, já tentou estuprar minha filha de 11 anos. Aí eu mandei ele embora e chamei a polícia
EC: já chamou minha filha para fugir com ele, já tentou estuprar minha filha de 11 anos
IC: Abuso infantil praticado por membro da família (padrasto).
A:
Categoria: A <input checked="" type="checkbox"/>
R: Não acho que ele vai parar de me bater. Não espero mais isso. Ele bate e depois passa um tempo volta a bater de novo. Assim, desse jeito...
EC: Ele bate e depois passa um tempo volta a bater de novo. Assim, desse jeito...
IC: Ausência da fase da "lua de mel" do ciclo da violência.
A:
Categoria: G

ID 104 (J.S.; 28 ANOS)
R: Minha mãe deixou, eu e meus irmãos no Maranhão com nosso tio. Ele me pegava de noite quando a mulher dele trabalhava. Eu tinha 10 anos e ele devia ter uns 30. Ele fazia de tudo comigo. Eu falei pra minha tia e depois para minha mãe, mas elas disseram que ele era meu tio e que ele não tinha coragem de fazer isso e que eu estava mentindo. Eu fiquei grávida dele, pois ele me pegava quase todas as noites. Ele me deu remédio (citotrex), tomei dois por cima e dois por baixo e perdi o bebe. Tive que ir para o hospital e lá eles inventaram um monte de história para o pessoal do hospital. Mas o médico nunca me perguntou pela verdade.
R: Ele me pegava de noite quando a mulher dele trabalhava. Eu tinha 10 anos e ele devia ter uns 30. Ele fazia de tudo comigo.
EC: Ele (tio) me pegava de noite quando a mulher dele trabalhava. Eu tinha 10 anos e ele devia ter uns 30. Ele fazia de tudo comigo.
IC: Abuso infantil praticado por membro da família (Tio)
A:
Categoria: A <input checked="" type="checkbox"/>
R: Eu falei pra minha tia e depois para minha mãe, mas elas disseram que ele era meu tio e que ele não tinha coragem de fazer isso e que eu estava mentindo.
EC: Eu falei pra minha tia e depois para minha mãe, mas elas disseram que ele era

meu tio e que ele não tinha coragem de fazer isso e que eu estava mentindo.
IC: Adultos (tia e mãe) não protegeram a criança do abusador
A:
Categoria: H1
R: Ele me deu remédio (citotrex), tomei dois por cima e dois por baixo e perdi o bebe. Tive que ir para o hospital e lá eles inventaram um monte de história para o pessoal do hospital. Mas o médico nunca me perguntou pela verdade.
EC: (...) inventaram um monte de história para o pessoal do hospital. Mas o médico nunca me perguntou pela verdade
IC: Família é cúmplice do abuso infantil e do aborto praticado na criança
A:
Categoria: G1

ID 105 (M.M.S.; 32 ANOS)
R: Um dia eu estava com um short curto e meu marido pediu para eu tirar. Eu respondi que só ia fazer uma vitamina para meu filho e já ia tirar. De repente, ele sem falar nada, bateu em mim com o facão e cortou minha mão (olha aqui as marcas), saiu tanto sangue que meu filho de três anos foi enxugar o chão. Eu tenho medo dele, pois a primeira mulher dele foi morta por ele. Só ficou preso por seis meses, pois eles conseguiram provar que ele só estava limpando o revolver quando a arma disparou. Mas como eu sei quem é ele eu não duvido de que ele matou ela mesmo de propósito.
R: De repente, ele sem falar nada, bateu em mim com o facão e cortou minha mão (olha aqui as marcas), saiu tanto sangue que meu filho de três anos foi enxugar o chão.
EC: (...) saiu tanto sangue que meu filho de três anos foi enxugar o chão.
IC: Filho como testemunha ocular de toda violência praticada pelo pai com sua mãe.
A:
Categoria: J
R: Eu tenho medo dele, pois a primeira mulher dele foi morta por ele. Só ficou preso por seis meses, pois eles conseguiram provar que ele só estava limpando o revolver quando a arma disparou.
EC: Eu tenho medo dele, pois a primeira mulher dele foi morta por ele.
IC: - Mulher vive em estado de alerta e medo do companheiro
A
Categoria: F

ID 106 (M.E.; 27 ANOS)
R: Minha mãe apanhou muito de meu pai quando ele chegava bêbado. Minha mãe revidava e sempre me ensinava que se eu apanhasse de marido devia bater de volta. Nunca apanhei de marido.
R: Minha mãe apanhou muito de meu pai quando ele chegava bêbado.
EC: Minha mãe apanhou muito de meu pai quando ele chegava bêbado.
IC: Uso de bebida relacionada com episódios de violência
A:
Categoria: S
R: Minha mãe revidava e sempre me ensinava que se eu apanhasse de marido devia bater de volta
EC: Minha mãe revidava
IC: Mulher revidava com violência física quando agredida pelo parceiro
A: [mãe] me ensinava que se eu apanhasse de marido devia bater de volta
Categoria: P

ID 107 (D; 35 ANOS)
R: Eu estava grávida de sete meses de gêmeos e meu marido brigou muito um dia comigo. Disse que só não me batia com medo de perder os meninos. Eu passei tanta raiva na gravidez que eu sempre sangrava a gravidez inteira. Meus dois maridos foram violentos. O primeiro eu juntei com ele quando eu tinha 15 anos. Ele mexia com drogas. Apanhei até. Quando eu tinha seis anos, meu tio me sentava no colo dele e tocava na minha vagina e ninguém via. Na época eu não entendia porque eu sentia medo de ficar só e me senti tão triste. Eu nunca fui feliz.
R: Meus dois maridos foram violentos. O primeiro eu juntei com ele quando eu tinha 15 anos. Ele mexia com drogas. Apanhei até.
EC: Meus dois maridos foram violentos.
IC: Vitimização por dois parceiros violentos.
A:
Categoria: D
R: Quando eu tinha seis anos, meu tio me sentava no colo dele e tocava na minha vagina e ninguém via. Na época eu não entendia porque eu sentia medo de ficar só e me senti tão triste.
EC: Quando eu tinha seis anos, meu tio me sentava no colo dele e tocava na minha vagina e ninguém via. Na época eu não entendia porque eu sentia medo de ficar só e me senti tão triste.
IC: Abuso infantil praticado por membro da família (Tio)
A:
Categoria: A <input checked="" type="checkbox"/>
R: Eu nunca fui feliz.
EC: Eu nunca fui feliz.
IC: Desesperança, sentimentos depressivos relacionados com história de vitimização desde a infância
A: Eu nunca fui feliz (história de violência rouba o sentimento de felicidade)
Categoria: I1

ID 108 (A.M.R.S.; 36 ANOS)
R: Todas as vezes que eu fui parar no hospital por causa das violências que meu marido fazia, eu nunca contei nada. Eu mentia por vergonha do pessoal do hospital falar que eu apanhei porque tinha feito algo de errado, ou medo deles chamarem a polícia e depois que ele saísse da cadeia eu é que teria de enfrentá-lo. Eu vivi 11 anos com ele e hoje estou livre. Separei dele seis vezes. Ia e voltava. Ele melhorava por um mês e aí voltava tudo de novo as brigas na frente dos meus filhos. Meu filho nunca esqueceu (três anos ele tinha) o dia que meu marido jogou o copo e cortou a minha perna. Desta vez é definitivo. Eu separei e não volto mais.
R: Todas as vezes que eu fui parar no hospital por causa das violências que meu marido fazia, eu nunca contei nada. Eu mentia por vergonha do pessoal do hospital falar que eu apanhei porque tinha feito algo de errado, ou medo deles chamarem a polícia e depois que ele saísse da cadeia eu é que teria de enfrentá-lo
EC: Todas as vezes que eu fui parar no hospital por causa das violências que meu marido fazia, eu nunca contei nada. Eu mentia por vergonha (...) ou medo deles (...)
IC: A mulher não revelava à equipe médica a VPI sofrida por vergonha ou medo
A:
Categoria: G1
R: Eu vivi 11 anos com ele e hoje estou livre. Separei dele seis vezes. Ia e voltava. Ele melhorava por um mês e aí voltava tudo de novo às brigas. Desta vez é definitivo. Eu separei e não volto mais.
EC: Separei dele seis vezes. Ia e voltava. Ele melhorava por um mês e aí voltava tudo de novo às brigas. Desta vez é definitivo. Eu separei e não volto mais.
IC: Sucessivas tentativas de abandono da relação violenta

A:.
Categoria: U
R: (...) na frente dos meus filhos. Meu filho nunca esqueceu (ele tinha três anos) o dia que meu marido jogou o copo e cortou a minha perna.
EC: Meu filho nunca esqueceu (ele tinha três anos) o dia que meu marido jogou o copo e cortou a minha perna.
IC: Violência psicológica sofrida pelos filhos
A:
Categoria: J

ID 109 (D.F. C. 45 ANOS)
R: Mataram meu irmão seis anos atrás aqui no Varjão por causa de uma briga. Ele e outro sujeito estavam bêbados e brigaram por causa de uma chave. Meu primeiro marido me bateu demais, me ameaçou demais. Uma vez eu larguei dele, mas ele veio atrás de mim e pediu de joelho para eu voltar e prometeu nunca mais me bater. Pouco tempo depois ele começou tudo de novo. Quando dava seis da tarde eu já começava a ficar triste, pois estava na hora dele chegar. Foram mais de três vezes que eu largava dele e eu voltava quando ele fazia chantagem que ia matar meu filho. Até que um dia eu larguei de vez.
R: Mataram meu irmão seis anos atrás aqui no Varjão por causa de uma briga. Ele e outro sujeito estavam bêbados e brigaram por causa de uma chave.
EC: Mataram meu irmão seis anos atrás aqui no Varjão por causa de uma briga. (...) brigaram por causa de uma chave.
IC: Briga entre o irmão da entrevistada e outro homem por causa de uma chave terminou em morte. Ambos estavam alcoolizados.
A:
Categoria: A1
R: Quando dava seis da tarde eu já começava a ficar triste, pois estava na hora dele chegar.
EC: Quando dava seis da tarde eu já começava a ficar triste, pois estava na hora dele chegar.
IC: Sentimentos depressivos com o retorno do dia do agressor ao final à residência
A:
Categoria: I1
R: Foram mais de três vezes que eu largava dele e eu voltava quando ele fazia chantagem que ia matar meu filho.
EC: Foram mais de três vezes que eu largava dele e eu voltava quando ele fazia chantagem que ia matar meu filho. Até que um dia eu larguei de vez.
IC: Ameaça e medos faziam a entrevistada voltar para parceiro violento.
A:
Categoria: U

ID 111 (L.R.; 28 ANOS)
R: Meu ex-cunhado batia muito em minha irmã. Eles se separaram várias vezes durante 11 anos até o dia que se separaram definitivamente.
EC: Eles se separaram várias vezes durante 11 anos até o dia que se separaram definitivamente
IC: Irmão da entrevistada foi vítima por 11 anos de VPI
A:
Categoria: U

ID 112 (E.S.M.S.; 25 ANOS)
R: Eu fui abusada por dois tios quando eu tia sete anos e quando eu tinha doze anos.

O que aconteceu comigo me fez ficar com mais cautela, medo de tudo. Um tio era irmão da minha mãe o outro era irmão do meu pai. O que aconteceu quando eu tinha sete anos foi na frente de todo mundo, mas só eu sabia porque ninguém viu nada. Ele me pegava por baixo e ninguém via. (cliente chorou e não conseguiu encerrar a narrativa)
EC: Eu fui abusada por dois tios quando eu tia sete anos e quando eu tinha doze anos.(...) O que aconteceu quando eu tinha sete anos foi na frente de todo mundo, mas só eu sabia porque ninguém viu nada. Ele me pegava por baixo e ninguém via.
IC: Abuso infantil praticado por membros da família.
A:
Categoria: A <input checked="" type="checkbox"/>

ID 114 (M.A.S.;48 ANOS)
R: Quando eu tinha 12 anos eu fui a uma festa com minha irmã. Lá tinha um senhor que estava na festa e me convidou para passear e me estuprou no lugar que ele me levou. Aí meus pais forçaram o cara a viver comigo. Ele tinha uns 25 anos. Tive que morar dois anos com ele. Meus pais eram muito ignorantes. Quando eu fui morar com ele, a mãe dele teve mais juízo do que a minha mãe e pediu para ele ficar um tempo sem me tocar porque eu era muito criança. Depois de uns seis meses ele começou a ter relações sexuais comigo normal. Eu não tinha nem 13 anos e sempre me machucava muito. Um dia eu consegui fugir dele e nunca mais voltei.
R: Quando eu tinha 12 anos eu fui a uma festa com minha irmã. Lá tinha um senhor que estava na festa e me convidou para passear e me estuprou (...) Ele tinha uns 25 anos.
EC: Quando eu tinha 12 anos eu fui a uma festa com minha irmã. Lá tinha um senhor que estava na festa e me convidou para passear e me estuprou.
IC: Abuso ou tentativa de abuso sexual infantil ou na adolescência praticado por pessoa que a criança conheceu numa festa.
A:
Categoria: Y
R: Aí meus pais forçaram o cara a viver comigo. Ele tinha uns 25 anos. Tive que morar dois anos com ele. Meus pais eram muito ignorantes. Quando eu fui morar com ele, a mãe dele teve mais juízo do que a minha mãe e pediu para ele ficar um tempo sem me tocar porque eu era muito criança. Eu não tinha nem 13 anos e sempre me machucava muito.
EC: Aí meus pais forçaram o cara a viver comigo. Ele tinha uns 25 anos. Tive que morar dois anos com ele. Meus pais eram muito ignorantes. Eu não tinha nem 13 anos e sempre me machucava muito (relações sexuais com o “marido”).
IC: Criança foi violentada sexualmente pelo rapaz da festa e depois violentada emocionalmente pelos pais ao ser forçada a casar-se aos doze anos com o abusador.
A:
Categoria: K2

ID 118 (M.N.A.; 22 ANOS)
R: Eu já apanhei tantas vezes que nem sei falar quantas. Meu marido sempre foi violento. Antes de morarmos juntos quando ainda éramos namorados, ele já me batia. Pior que eu já sabia, mas eu entrei nessa assim mesmo. Uma vez, ele me bateu tanto que meu pai foi chamado pela minha irmã e ele veio com uma faca. Graças a Deus meu pai não tinha nem revolver, senão meu marido estava morto.
EC: Eu já apanhei tantas vezes que nem sei falar quantas. Meu marido sempre foi violento. Antes de morarmos juntos quando ainda éramos namorados, ele já me batia. Pior que eu já sabia, mas eu entrei nessa assim mesmo.
IC: História de violência física endêmica desde a fase do namoro
A: Pior que eu já sabia, mas eu entrei nessa assim mesmo

Categoria: D
ID 119 (S.F.S.; 31 ANOS)
R: Meu pai tentou se suicidar colocando álcool no corpo e tentou por fogo quando minha mãe tentou sair de casa, pois ela tinha pegado ele no flagrante passando a mão na minha irmã quando ela estava dormindo. Anos depois, quando eu tinha uns 7 anos, ele começou a fazer a mesma coisa comigo. Meus pais tinham quase quarenta anos de casamento e isso pesava, pois ela ameaçava de chamar a polícia pra ele, mas nunca chamava.
EC: Meu pai tentou se suicidar colocando álcool no corpo e tentou por fogo quando minha mãe tentou sair de casa, pois ela tinha pegado ele no flagrante passando a mão na minha irmã quando ela estava dormindo. Anos depois, quando eu tinha uns 7 anos, ele começou a fazer a mesma coisa comigo
IC: Abuso infantil das duas irmãs praticado por membro da família (Pai)
A:
Categoria: A <input checked="" type="checkbox"/>
R: (...) pois ela [mãe] ameaçava de chamar a polícia pra ele, mas nunca chamava.
EC: (...) pois ela [mãe] ameaçava de chamar a polícia pra ele, mas nunca chamava.
IC: Negligência e maus tratos cometidos pela mãe ao não denunciar abuso
A: Negligência e maus tratos cometidos pela mãe ao não denunciar abuso
Categoria: T
ID 120 (S.L.V.S.; 18 ANOS)
R: Minha tia tem um coágulo de sangue no cérebro e já quebrou a perna de tanto apanhar do meu tio que é um policial, polícia militar. Ele não deixava ela ir ao hospital pois ele era policial e podia dar problema. Um dia ela esperou ele beber bastante e quando ele estava quase dormindo, ela pegou a arma dele, mandou ele por as algemas nele mesmo e cortou ele com faca nas costas. Prendeu ele em casa por uma semana sem deixar ele ir para o hospital da mesma forma que ele fazia com ela todas as vezes que ele espancava ela. Isso faz sete anos que aconteceu. Depois disso ela nunca mais apanhou.
R: Minha tia tem um coágulo de sangue no cérebro e já quebrou a perna de tanto apanhar do meu tio que é um policial, polícia militar
EC: Minha tia tem um coágulo de sangue no cérebro e já quebrou a perna de tanto apanhar do meu tio que é um policial
IC: Violência grave causando lesões permanentes
A:
Categoria: E
R: Um dia ela esperou ele beber bastante e quando ele estava quase dormindo, ela pegou a arma dele, mandou ele por as algemas nele mesmo e cortou ele com faca nas costas. Prendeu ele em casa por uma semana sem deixar ele ir para o hospital da mesma forma que ele fazia com ela todas as vezes que ele espancava ela.
EC: (...) mandou ele por as algemas nele mesmo e cortou ele com faca nas costas. Prendeu ele em casa por uma semana sem deixar ele ir para o hospital da mesma forma que ele fazia com ela todas as vezes que ele espancava ela.
IC: Mulher reagiu com violência física após sucessivos episódios de violência que sofreu por parte do marido
A:
Categoria: P
ID 121 (J.G.; 22 ANOS)
R: Meu marido sempre me forçou sexualmente. Até coisas que me humilhava eu tinha que fazer. Ele me disse uma vez que se eu não obedecer ele eu vou apanhar. Eu nunca apanhei.

EC: Meu marido sempre me forçou sexualmente (...). Ele me disse uma vez que se eu não obedecer ele eu vou apanhar. Eu nunca apanhei.
IC: Violência sexual por intimidação e uso de exigências degradantes
A: Ele me disse uma vez que se eu não obedecer ele eu vou apanhar. Eu nunca apanhei. Percepção de que obediência evita agressão!
Categoria: N

ID 122 (M.J.J.; 41 ANOS)
R: Meu primeiro marido com quem fiquei casada oito anos, casei aos 16 anos e ele tinha 41 anos, me batia muito. Já me cortou com faca. Ele ia cortar minha garganta com a faca, eu segurei e ele cortou minha mão. Outra vez ele atirou, mas não acertou. Eu só ficava trancada no quarto de medo. No dia em que meu pai morreu, eu fugi pulando o muro do cemitério na hora do enterro dele. Ele ficou dois anos me procurando. Eu fiquei três anos morando dentro de um centro espírita e o pai de santo não deixava ele entrar lá dentro para me pegar. Quando eu tinha 24 anos, eu e mais seis amigas ficamos de castigo por sete dias, de joelho no milho por 1h por dia e a pão e água o dia todo, por ter desobedecido o pai de santo pois tínhamos saído escondidas para uma festa num bar de noite. Depois, me mudei para Brasília. Minha filha ficou com meu ex-marido. Ela tinha um ano quando deixei ela no dia do enterro de meu pai. Em 2004, quando ela tinha 17 anos, ela fugiu do pai e veio morar comigo. Hoje, estou casada com meu segundo marido e sou feliz com ele. Nunca mais apanhei.
R: Meu primeiro marido com quem fiquei casada oito anos, casei aos 16 anos e ele tinha 41 anos, me batia muito. Já me cortou com faca. Ele ia cortar minha garganta com a faca, eu segurei e ele cortou minha mão. Outra vez ele atirou, mas não acertou.
EC: Meu primeiro marido (...) me batia muito. Já me cortou com faca. Ele ia cortar minha garganta com a faca, eu segurei e ele cortou minha mão. Outra vez ele atirou, mas não acertou.
IC: Escalonamento das violências cometidas pelo parceiro
A:
Categoria: G
R: Eu fiquei três anos morando dentro de um centro espírita e o pai de santo não deixava ele entrar lá dentro para me pegar. Quando eu tinha 24 anos, eu e mais seis amigas ficamos de castigo por sete dias, de joelho no milho por 1h por dia e a pão e água o dia todo, por ter desobedecido ao pai de santo, pois tínhamos saído escondidas para uma festa num bar de noite.
EC: Quando eu tinha 24 anos, eu e mais seis amigas ficamos de castigo por sete dias, de joelho no milho por 1h por dia e a pão e água o dia todo, por ter desobedecido ao pai de santo
IC: Pai de Santo do Centro Espírita colocou de castigo uma mulher de 24 anos porque ela o desobedeceu
A:
Categoria: G2
R: Hoje, estou casada com meu segundo marido e sou feliz com ele. Nunca mais apanhei.
EC: Hoje, estou casada com meu segundo marido e sou feliz com ele.
IC: Idéia de um novo tempo enfatizado pela palavra "Hoje".
A:
Categoria: X1

ID 123 (E.E.S.; 26 ANOS)
R: Quando eu tinha dezesseis anos fui morar com um namorado que eu tinha de uma semana de namoro. Ele me bateu só uma vez, mas me humilhava muitas vezes.

Ficava três dias fora de casa com outras mulheres. Até que depois de cinco anos ele me largou e foi morar com outra mulher. Dois meses depois, conheci meu segundo companheiro. Começamos a morar juntos e logo fiquei grávida e comecei a apanhar. Uma vez ele chegou com o pescoço chupado por outra mulher e brigamos. Ele puxou os meus cabelos e me empurrou. Eu estava grávida. Depois disso continuou as brigas por causa das mulheres. Quando eu estava de resguardo, ele enrolou o fio do carregador de celular no meu pescoço para me enforcar que eu quase desmaiei. O nenê caiu e ele pegou. Já levei socos e vivia apanhando. Eu quero separar dele e ele não aceita a separação. Eu tenho medo, pois ele me ameaça que eu não vou ter paz se separar dele.

R: Quando eu tinha dezesseis anos fui morar com um namorado que eu tinha de uma semana de namoro. Ele me bateu só uma vez, mas me humilhava muitas vezes. Ficava três dias fora de casa com outras mulheres.

EC: Ele me bateu só uma vez, mas me humilhava muitas vezes. Ficava três dias fora de casa com outras mulheres.

IC: Violência psicológica, física, seguida de infidelidade do parceiro.

A:

Categoria: C1

R: Dois meses depois, conheci meu segundo companheiro. Começamos a morar juntos e logo fiquei grávida e comecei a apanhar

EC: Começamos a morar juntos e logo fiquei grávida e comecei a apanhar

IC: Violência física durante gravidez.

A:

Categoria: K

R: Depois disso continuou as brigas por causa das mulheres. Quando eu estava de resguardo, ele enrolou o fio do carregador de celular no meu pescoço para me enforcar que eu quase desmaiei.

EC: Depois disso continuou as brigas por causa das mulheres

IC: Violência física relacionada a relacionamento extraconjugal do marido

A: Depois disso continuou as brigas por causa das mulheres. (Representação de que outra mulher é culpada)

Categoria: C1

R: Eu quero separar dele e ele não aceita a separação. Eu tenho medo, pois ele me ameaça que eu não vou ter paz se separar dele.

EC: Eu tenho medo, pois ele me ameaça que eu não vou ter paz se me separar dele.

IC: Razão de permanência na relação violenta é o medo do parceiro

A: Mulher vive em estado de alerta e medo do parceiro

Categoria: F

ID 124 (R.T.S.; 28 ANOS)

R: Meu marido bebia e fumava muito. Desde os treze anos de vida que ele bebia nos finais de semana e enchia a cara. Ano passado, nós começamos a ir à igreja e ele parou com todos os vícios. Eu pensei que ele não ia parar não, mas ele nunca mais bebeu e nem fumou. Nós vamos juntos na igreja com as crianças todos os domingos, terças e sábados. Antes, quase não tínhamos amigos. Agora, nós temos amigos lá da igreja e eles estão sempre ligando para saber como a gente está. A igreja Assembléia de Deus Semear foi uma benção para nós.

EC: Desde os treze anos de vida que ele bebia nos finais de semana e enchia a cara. Ano passado, nós começamos a ir à igreja e ele parou com todos os vícios.

IC: Abandono da bebida como vício relacionado com participação em igreja

A:

Categoria: Y2

EC: Eu pensei que ele não ia parar não, mas ele nunca mais bebeu (...)Antes, quase não tínhamos amigos. Agora, nós temos amigos

IC: Melhora da convivência familiar depois que parceiro abandonou os vícios do cigarro e da bebida.
A:
Categoria: J1

ID 125 (V.A.F.; 41 ANOS)
R: Fiquei casada cinco anos com meu primeiro marido. Ele batia muito em mim, me chutou a barriga quando eu estava grávida de seis meses. Eu só vivia com a cara roxa. Fugí para a casa da minha mãe e ele saiu de casa. Tive um filho com ele. Daí, casei com o segundo marido e ficamos juntos por quatro anos. O segundo era mais calmo. Mas mesmo assim depois de nossa separação ele me agrediu e me deu um tapa. Eu não sentia mais nada por ele e nos separamos. Tive dois filhos com ele. Com o terceiro marido, eu tive três filhos e ficamos casados por mais de quatro anos. Ele era muito ciumento. Ele chegava em casa e rasgava minhas roupas quando eu ia na casa da minha cunhada. Um dia nós discutimos e ele me deu um chute, me ameaçava de morte por ciúme. Hoje, eu estou só e tenho muito medo de tentar de novo.
R: Ele batia muito em mim, me chutou a barriga quando eu estava grávida de seis meses. Eu só vivia com a cara roxa.
EC: Ele batia muito em mim, me chutou a barriga quando eu estava grávida de seis meses.
IC: Escalonamento da violência durante o período da gravidez
A:
Categoria: K
R: Fiquei casada cinco anos com meu primeiro marido. Ele batia muito em mim (...) O segundo era mais calmo. Mas mesmo assim depois de nossa separação ele me agrediu e me deu um tapa. (...) Com o terceiro marido, eu tive três filhos e ficamos casados por mais de quatro anos (...). Um dia nós discutimos e ele me deu um chute, me ameaçava de morte por ciúme.
EC: 1º Marido: “Ele batia muito em mim”, 2º Marido: “ Me agrediu e me deu um tapa” 3º Marido: “Ele chegava em casa e rasgava minhas roupas quando eu ia na casa da minha cunhada. Um dia nós discutimos e ele me deu um chute, me ameaçava de morte por ciúme.”
IC: Todos os três maridos da entrevistada foram violentos
A:
Categoria: D
R: Ele era muito ciumento. Ele chegava em casa e rasgava minhas roupas quando eu ia na casa da minha cunhada
EC: Ele era muito ciumento.
IC: Parceiro ciumento e agressivo devido à constante desconfiança
A:
Categoria:
R: Hoje, eu estou só e tenho muito medo de tentar de novo. Antes só do que mal acompanhada né?
EC: Hoje, eu estou só e tenho muito medo de tentar de novo
IC: Idéia de um novo tempo enfatizado pela palavra “Hoje” como mudança de vivências e/ou experiências que ensinaram
A: Antes só do que mal acompanhada né?
Categoria: X1

ID 127 (R. L. O.; 23 ANOS)
R: Já fui humilhada, mas nunca apanhei. A minha prima de 10 anos já foi atacada pelo meu primo de 14 anos e quando ele já tinha tirado a roupa dela, a minha tia

chegou. Comigo isso nunca aconteceu.
EC: A minha prima de 10 anos já foi atacada pelo meu primo de 14 anos e quando ele já tinha tirado a roupa dela, a minha tia chegou
IC: Relato de abuso infantil sofrido pela prima praticado por membros da família (primo)
A:
Categoria: A <input checked="" type="checkbox"/>

ID 128 (R.A.A.; 27 ANOS)
R: O pai dos meus filhos me batia muito. Jogava cerveja na minha cara, me batia quando eu estava grávida... Eu larguei dele e sai da Bahia e vim tentar a vida aqui em Brasília. O meu companheiro atual já está junto comigo há três anos, esta me traindo e tem ficado muito violento comigo. Tentou me estrangular e a minha garganta ficou bem inchada. Mas foi pouco. Não foi muita violência, pois eu não desmaiei. Vive me ameaçando. Ele já engravidou uma mulher enquanto estava comigo. Eu tenho pensado em me separar dele e voltar a morar com minha mãe. Mas eu queria ir para a faculdade, mas lá na Bahia é difícil. Então, eu talvez preciso ficar com ele mais um pouco. Sabe, na hora da relação, eu me lembro de tudo que ele faz. Eu já não gosto mais dele como antes. Eu entrei em depressão por causa dele.
R: Jogava cerveja na minha cara, me batia quando eu estava grávida...
EC: me batia quando eu estava grávida...
IC: Violência física durante gravidez
A:
Categoria: K
R: O meu companheiro atual já está junto comigo há três anos, esta me traindo e tem ficado muito violento comigo. Ele já engravidou uma mulher enquanto estava comigo.
EC: esta me traindo e tem ficado muito violento comigo.
IC: Violência física relacionada a relacionamento extra-conjugal do marido
A: Traição com outra mulher como causa da violência
Categoria: C1
R: Tentou me estrangular e a minha garganta ficou bem inchada. Mas foi pouco. Não foi muita violência, pois eu não desmaiei
EC: Tentou me estrangular e a minha garganta ficou bem inchada. Mas foi pouco. Não foi muita violência, pois eu não desmaiei
IC: Naturalização da violência sofrida pelo excesso de exposição ao fenômeno das VPIs (como se o fato de não desmaiar quando estrangulada significasse uma violência leve)
A: Mas foi pouco. Não foi muita violência, pois eu não desmaiei (Naturalização)
Categoria: K1
R Vive me ameaçando.
EC: Vive me ameaçando.
IC: Mulher vive sob ameaça
Categoria: F
R: Eu tenho pensado em me separar dele e voltar a morar com minha mãe. Mas eu queria ir para a faculdade, mas lá na Bahia é difícil. Então, eu talvez preciso ficar com ele mais um pouco
EC: Eu tenho pensado em me separar dele e voltar a morar com minha mãe. Mas eu queria ir para a faculdade, mas lá na Bahia é difícil. Então, eu talvez preciso ficar com ele mais um pouco
IC: Razão para ficar é a possibilidade de estudar
Categoria: R
R: Sabe, na hora da relação, eu me lembro de tudo que ele faz. Eu já não gosto mais dele como antes.

EC: Eu já não gosto mais dele como antes.
IC: Exposição da mulher à violência do parceiro reduz os sentimentos de amor
A
Categoria: S1

ID 130 (V.; 44 ANOS)
R: Eu vivia a minha vida de 15 anos de casada toda cheia de medo. Só no olhar, ele me controlava e eu obedecia de medo. Ele me controlava em silêncio. Muitas vezes ele me empurrava e uma vez me deu um soco. Muito boa essa pesquisa... Eu nunca tinha falado sobre essas coisas com ninguém... Ele me dava tanto medo que eu não dormia a noite. A religião que eu freqüentava (Batista) não deixava eu me separar. Só se fosse por traição. Como ele só me dava medo então isso não era motivo para eles.
R: Eu vivia a minha vida de 15 anos de casada toda cheia de medo. Só no olhar, ele me controlava e eu obedecia de medo. Ele me controlava em silêncio. (...) Ele me dava tanto medo que eu não dormia a noite.
EC: Eu vivia a minha vida de 15 anos de casada toda cheia de medo. (...) Ele me dava tanto medo que eu não dormia a noite.
IC:
A: Mulher vive em estado de alerta e medo do parceiro
Categoria: F
R: Muito boa essa pesquisa... Eu nunca tinha falado sobre essas coisas com ninguém
EC: Muito boa essa pesquisa... Eu nunca tinha falado sobre essas coisas com ninguém
IC: Relatar a violência sofrida no corpo trás alívio para a alma
A:
Categoria: L
R: A religião que eu freqüentava (Batista) não deixava eu me separar. Só se fosse por traição. Como ele só me dava medo então isso não era motivo para eles.
EC: A religião que eu freqüentava (Batista) não deixava eu me separar.
IC: Líderes religioso interferindo no direito da mulher em denunciar a liberdade
A:
Categoria: G2

ID 131 (A.L.S.S.; 17 ANOS)
R: A amante do pai da minha filha me encontrou na rua e me deu um chute na barriga. Um menino que estava na rua foi que me ajudou e tirou uma faca do bolso dela, pois ela ia me furar. Ela gritou aqui na rua que eu e minha filha vamos morrer. Vamos para debaixo da terra. Meu pai chamou a policia e nós fomos parar na delegacia. Ela ainda me provoca, mas eu ignoro.
R: A amante do pai da minha filha me encontrou na rua e me deu um chute na barriga
EC: A amante do pai da minha filha me encontrou na rua e me deu um chute na barriga
IC: Mulher sofreu agressão física por parte da amante do marido
A:
Categoria: L1

ID 133 (M.G., 33 ANOS)
R: Quando eu tinha 10 anos, eu e minha mãe pegamos uma carona no caminhão de um conhecido de minha mãe que estava vindo aqui para Brasília. De noite, quando estava dormindo no caminhão, eu acordei com o homem passando a mão em cima de mim, querendo me agarrar por debaixo de minha roupa. Eu me agarrei na minha mãe e o resto da viagem foi só medo do que ele podia fazer. Foi assim nossa vinda

para Brasília.
EC: De noite, quando estava dormindo no caminhão, eu acordei com o homem passando a mão em cima de mim, querendo me agarrar por debaixo de minha roupa.
IC: Abuso infantil praticado por conhecido da mãe da criança
A:
Categoria: Y

ID 134 (I. 46 ANOS)
R: Perdi um filho aqui no Varjão há três anos. Ele tinha 19 anos e um dia desapareceu. Era domingo e na segunda feira o corpo dele foi encontrado com dois tiros e carbonizado, lá no Paranoá. A policia nem investigou direito. Até hoje eu não sei porque foi que ele morreu.
EC: Perdi um filho aqui no Varjão há três anos. Ele tinha 19 anos e um dia desapareceu. Era domingo e na segunda feira o corpo dele foi encontrado com dois tiros e carbonizado
IC: Violência e criminalidade na comunidade
A:
Categoria: A1

135 (R.A.; 48 ANOS)
R: Eu estava com 8 dias de resguardo e meu marido pelejou,pelejou até transar comigo. Eu ficava grávida quase todo ano seguido. Ele já tinha me estuproado quando eu tinha treze anos, ele era bem mais velho que eu. Toda a família me deu força para casar com ele aos 15 anos. Foram anos de sofrimento. Nunca tive vida boa. Estou sendo feliz agora com meu segundo marido que é um velhinho de 76 anos, pobrezinho, mas ele me ama. Uma vez, um dos homens que alugava a casa de meu irmão, tentou me estuprar e pegou um punhal e me furou em dois lugares aqui na barriga (entrevistada mostrou as cicatrizes no abdômen). Essas coisas a gente não esquece nunca.
R: Eu estava com oito dias de resguardo e meu marido pelejou, pelejou até transar comigo. Eu ficava grávida quase todo ano seguido
EC: Eu estava com oito dias de resguardo e meu marido pelejou, pelejou até transar comigo
IC: Violência sexual praticada pelo parceiro íntimo no período de pós-parto
A:
Categoria: N
R: Ele já tinha me estuproado quando eu tinha treze anos, ele era bem mais velho que eu.
EC: Ele já tinha me estuproado quando eu tinha treze anos
IC: Abuso infantil
A: Abuso sexual infantil/adolescência praticado por namorado
Categoria: K2
R: Uma vez, um dos homens que alugava a casa de meu irmão, tentou me estuprar e pegou um punhal e me furou em dois lugares aqui na barriga. Essas coisas a gente não esquece nunca.
EC: Tentativa de estupro e de homicídio por pessoa conhecida
IC: Violências múltiplas sofridas pela mulher desde a infância até a idade adulta
A: Essas coisas a gente não esquece nunca.
Categoria: D

ID 136 (J.M.S. 23 ANOS)
R: Meu pai era muito violento com minha mãe e ele já apontou uma arma para ela. Um dia ela largou dele e ele não incomodou mais a gente. Hoje eles são amigos...

EC: Meu pai era muito violento com minha mãe e ele já apontou uma arma para ela
IC: Relato espontâneo de violência praticada pelo pai com a mãe da entrevistada
A:
Categoria: J

ID 139 (S; 28 ANOS)
R: Minha mãe apanhou demais de meu pai. Ele já quebrou o braço dela e deixou o rosto dela deformado. Meu pai era tão agressivo que ele batia até na polícia. No Pará quem tinha dinheiro não ficava na cadeia. Eu falei para minha mãe que eu não ia apanhar de homem. Aí eu fiquei deprimida e com ódio quando o meu marido começou a bater em mim. Eu fico com tanta raiva que eu tenho até medo de matar de tanta raiva uma hora dessas. Uma vez, ele chegou da rua e começou a me ofender e me deu um tapa na minha cara. Eu arranhei o pescoço dele e peguei duas facas. Se ele não tivesse se trancado no quarto eu acho que tinha matado ele. Pedir desculpas e fingir que não aconteceu nada é humilhação. Meu filho de 11 anos... Quando eu chego em casa, encontro ele vestido com minhas roupas e passa batom. Ele só anda rebolando. A brincadeira predileta dele é cortar os pescoços das bonecas. O que posso fazer? Eu sei que ele esta com algum problema.
R: Minha mãe apanhou demais de meu pai. Ele já quebrou o braço dela e deixou o rosto dela deformado. Meu pai era tão agressivo que ele batia até na polícia
EC: Minha mãe apanhou demais de meu pai. Ele já quebrou o braço dela e deixou o rosto dela deformado
IC: Violência psicológica sofrida pelos filhos ao testemunhar as vps praticadas pelo pai
A:
Categoria: J
R: Eu falei para minha mãe que eu não ia apanhar de homem. Aí eu fiquei deprimida e com ódio quando o meu marido começou a bater em mim.
EC: Aí eu fiquei deprimida e com ódio quando o meu marido começou a bater em mim.
IC: Desesperança, sentimentos depressivos relacionados com história de vitimização, episódios de violência
A:
Categoria: I1
R: Uma vez, ele chegou da rua e começou a me ofender e me deu um tapa na minha cara. Eu arranhei o pescoço dele e peguei duas facas. Se ele não tivesse se trancado no quarto eu acho que tinha matado ele.
EC: (...) me deu um tapa na minha cara. Eu arranhei o pescoço dele e peguei duas facas. Se ele não tivesse se trancado no quarto eu acho que tinha matado ele.
IC: Mulher reagiu fisicamente quando agredida
A:
Categoria: P

ID 140 (C.; 27 ANOS)
R: Um dia nós estávamos conversando – eu, minha filha e meu marido- ele estava bêbado. Ele de repente deu um murro em mim e minha filha deu um grito e saiu correndo. Ele pegou minha filha e puxou os cabelos dela. Ela levou um susto tão grande que passou uns três dias sem conversar com ele. Ela só tem sete anos... Meu pai e minha mãe conversaram com ele e disseram que ele não podia bater em mim. Eu sai de casa e fui passar uns dias na casa dos meus pais (três dias) depois eu voltei para casa.
R: Um dia nós estávamos conversando – eu, minha filha e meu marido- ele estava bêbado. Ele de repente deu um murro em mim
EC: (...) ele estava bêbado. Ele de repente deu um murro em mim

IC: Uso de bebida alcoólica relacionado a episódios de violência
A:
Categoria: S
R: (deu um murro em mim) minha filha deu um grito e saiu correndo. Ele pegou minha filha e puxou os cabelos dela. Ela levou um susto tão grande que passou uns três dias sem conversar com ele. Ela só tem sete anos.
EC: minha filha deu um grito e saiu correndo (...) Ela levou um susto tão grande que passou uns três dias sem conversar com ele. Ela só tem sete anos
IC: Violência psicológica sofrida pelos filhos ao testemunhar as vps praticadas pelo pai
A:
Categoria: J

ID 141 (D.; 39 ANOS)
R: O dia que ele me ameaçou de bater, ele me empurrou, eu disse para ele que se ele fizesse isso eu ia matar ele enquanto ele estivesse dormindo. Nunca mais me bateu.
EC: O dia que ele me ameaçou de bater, ele me empurrou, eu disse para ele que se ele fizesse isso eu ia matar ele enquanto ele estivesse dormindo.
IC: Mulher ameaçou revidar violência física sofrida em forma de homicídio durante o sono do parceiro
A:
Categoria: P

ID 142 (S.A.S.; 23 ANOS)
R: Morei quatro anos com meu primeiro marido. Eu tinha treze anos de idade. Desde a segunda semana de casado ele já começou a me bater. Qualquer pessoa que olhasse para mim já era razão para ele me bater. Ele colocava o revólver ou a espingarda na minha cabeça e me machucava muito. Na última briga, eu estava grávida de três meses e ele bebeu demais e disse que eu estava dando bola para homem e começou a me bater. Meu rosto ficou acabado, ele queria me matar com facão e uma amiga me ajudou a esconder. Depois disso nós nos separamos. Ele só parou de me ameaçar de morte depois que eu comecei a morar com outro homem.
R: Morei quatro anos com meu primeiro marido. Eu tinha treze anos de idade.
EC: Morei quatro anos com meu primeiro marido. Eu tinha treze anos de idade.
IC: Mulher sofreu abuso sexual a partir dos 13 anos de idade.
A:
Categoria: K2
R: Desde a segunda semana de casado ele já começou a me bater. Qualquer pessoa que olhasse para mim já era razão para ele me bater. Ele colocava o revólver ou a espingarda na minha cabeça e me machucava muito.
EC: Qualquer pessoa que olhasse para mim já era razão para ele me bater.
IC: Atitude de posse do parceiro e comportamentos de controle
Categoria: B2
R: Na última briga, eu estava grávida de três meses e ele bebeu demais e disse que eu estava dando bola para homem e começou a me bater. Meu rosto ficou acabado, ele queria me matar com facão e uma amiga me ajudou a esconder.
EC: Na última briga, eu estava grávida de três meses (...) Meu rosto ficou acabado, ele queria me matar com facão e uma amiga me ajudou a esconder.
IC: Escalonamento da violência durante o período da gravidez
A:
Categoria: K
R: Ele só parou de me ameaçar de morte depois que eu comecei a morar com outro

homem.
EC: Ele só parou de me ameaçar de morte depois que eu comecei a morar com outro homem.
IC: Violência não acaba com o final da relação violenta
A:
Categoria: L2

ID 143 (P.J.F.; 25 ANOS)
R: Lá na roça quando a gente ia colher algodão, um amigo da minha mãe que ia com a gente para trabalhar, ficava tentando pegar na gente – eu e minha irmã- tirava a roupa minha e de minha irmã, chupava nosso sexo - eram três amigos – pegava na gente por dentro, fazia a gente pegar no bicho deles e soltava porra na mão da gente. A gente não falava para a mãe com medo dela não acreditar e bater na gente.
EC: um amigo da minha mãe que ia com a gente para trabalhar, ficava tentando pegar na gente – eu e minha irmã- tirava a roupa minha e de minha irmã, chupava nosso sexo - eram três amigos – pegava na gente por dentro, fazia a gente pegar no bicho deles e soltava porra na mão da gente
IC: Abuso infantil praticado por pessoas conhecidas (amigo da mãe)
A:
Categoria: Y
R: A gente não falava para a mãe com medo dela não acreditar e bater na gente.
EC: A gente não falava para a mãe com medo dela não acreditar e bater na gente.
IC: Sigilo acerca do abuso infantil mantido pela criança por medo ou vergonha
A: A gente não falava para a mãe com medo dela não acreditar
Categoria: C <input checked="" type="checkbox"/>

ID 144 (D.J.F.; 22 ANOS)
R: Meu pai era muito violento com minha mãe. Minha mãe apanhava dele e mudou para outra cidade. Quando eu tinha 10 anos, um rapaz da casa onde minha mãe trabalhava tentou me abusar umas duas vezes.
R: Meu pai era muito violento com minha mãe.
EC: Meu pai era muito violento com minha mãe.
IC: Relato de VPI praticada pelo pai e presenciada pela entrevistada quando criança
A:
Categoria: J
R: Quando eu tinha 10 anos, um rapaz da casa onde minha mãe trabalhava tentou me abusar umas duas vezes
EC: Quando eu tinha 10 anos, um rapaz da casa onde minha mãe trabalhava tentou me abusar umas duas vezes
IC: Abuso infantil praticado por conhecido (filho do patrão da mãe)
A:
Categoria: Y

ID 148 (K.R.P. 19 ANOS)
R: Meu pai era alcoólatra e quando ele bebia ele batia muito em minha mãe.
EC: Meu pai era alcoólatra e quando ele bebia ele batia muito em minha mãe.
IC: Uso de bebida alcoólica relacionado a episódios de violência
A: Meu pai era alcoólatra e quando ele bebia ele batia muito em minha mãe.
Categoria: S

ID 149 (R.L.M.; 48 ANOS)
R: Meu marido me batia de murro, jogava pau em cima de mim, corria atrás de mim com machadinha, chave de fenda e martelo, faca e formão. A machadinha ele pôs no

meu pescoço para me cortar. Ia descer a machadinha no meu pescoço para me cortar, mas eu gritei e o sobrinho dele chegou e tomou dele. Depois de nove anos aquecendo tudo isso sem nunca melhorar eu larguei dele. Meu segundo marido, que morei junto por um ano e um mês, me batia também de soco, me enforcou com as duas mãos que eu desmaiei. Me deu socos no nariz. Ele morreu matado de tiro e eu nem sei a causa. Foi em pleno dia. Botaram ele de joelhos e encheram ele de tiro.
R: Meu marido me batia de murro, jogava pau em cima de mim, corria atrás de mim com machadinha, chave de fenda e martelo, faca e formão. A machadinha ele pôs no meu pescoço para me cortar. Ia descer a machadinha no meu pescoço para me cortar, mas eu gritei e o sobrinho dele chegou e tomou dele. Depois de nove anos aquecendo tudo isso sem nunca melhorar eu larguei dele.
EC: Meu marido me batia de murro, jogava pau em cima de mim, corria atrás de mim com machadinha, chave de fenda e martelo, faca e formão. A machadinha ele pôs no meu pescoço para me cortar. Ia descer a machadinha no meu pescoço para me cortar, mas eu gritei e o sobrinho dele chegou e tomou dele. Depois de nove anos aquecendo tudo isso sem nunca melhorar eu larguei dele.
IC: Escalonamento das vps marcado pela ausência da fase da “lua de mel” do ciclo da violência
A:
Categoria: G
R: Meu segundo marido, que morei junto por um ano e um mês, me batia também de soco, me enforcou com as duas mãos que eu desmaiei. Me deu socos no nariz.
EC: Meu segundo marido (...) me batia também de soco, me enforcou com as duas mãos que eu desmaiei.
IC: Violências múltiplas sofridas pela mulher por vitimização por múltiplos parceiros / ou por prolongado período de tempo
A:
Categoria: D
R: Ele morreu matado de tiro e eu nem sei a causa. Foi em pleno dia. Botaram ele de joelhos e encheram ele de tiro.
EC: Botaram ele de joelhos e encheram ele de tiro.
IC: Criminalidade na comunidade
A:
Categoria: A1

ID 150 (G.; 21 ANOS)
R: Minha irmã tinha sete anos e meu tio tinha cinqüenta anos e um dia eles estavam procurando um brinquedo e ele disse que ia ajudar e aí começou a passar a mão nela e tirou a roupa dela. Só não aconteceu mais nada porque minha mãe chegou a tempo.
EC: Minha irmã tinha sete anos e meu tio tinha cinqüenta anos (...) começou a passar a mão nela e tirou a roupa dela. Só não aconteceu mais nada porque minha mãe chegou a tempo.
IC: Abuso infantil cometido por membro da família (Tio)
A:
Categoria: A <input checked="" type="checkbox"/>

ID 151 (S.F.S.; 20 ANOS)
R: Meu padrasto bebe e ele fica xingando minha mãe e tenta bater nela, mas ela não deixa. Ele empurra ela, mas ele sabe que se ele bater tem lei que protege ela hoje.
R: Meu padrasto bebe e ele fica xingando minha mãe e tenta bater nela
EC: Meu padrasto bebe e ele fica xingando minha mãe e tenta bater nela
IC: - Uso de bebida alcoólica relacionado a episódios de violência

A: Meu padrasto bebe e ele fica xingando minha mãe e tenta bater nela
Categoria: S
R: Ele empurra ela, mas ele sabe que se ele bater tem lei que protege ela hoje
EC: Ele empurra ela, mas ele sabe que se ele bater tem lei que protege ela hoje
IC: Conhecimento por parte do agressor que hoje existe uma lei para coibir e punir a violência doméstica contra a mulher.
A:
Categoria: D1

ID 152 (S.S.A.; 27 ANOS)
R: Eu estava grávida, ele saía para beber com os amigos e eu ia trabalhar. Quando ele chegava, ele me incomodava muito, fazia coisas para me intimidar, fingia que cortava o pulso dele, mas ele só o arranhava. Ele tentava de tudo para me assustar. Falava que ele tinha pacto com o diabo e que ele podia entrar em qualquer lugar. Ele me traía quando eu estava grávida. Ele quebrava as coisas dentro de casa. Tudo melhorou quando eu chamei a polícia para ele e dei a passagem para ele ir para Belém. Ele nunca mais voltou. Nem liga para saber dos meninos. Mas eu estou mais feliz morando com meus pais e com meus filhotes. Depois de três vezes largando e voltando, eu o larguei definitivamente.
R: Eu estava grávida, ele saía para beber com os amigos e eu ia trabalhar. Quando ele chegava, ele me incomodava muito, fazia coisas para me intimidar, fingia que cortava o pulso dele, mas ele só o arranhava. Ele tentava de tudo para me assustar. Falava que ele tinha pacto com o diabo e que ele podia entrar em qualquer lugar.
EC: Eu estava grávida (...) ele me incomodava muito, fazia coisas para me intimidar. Ele tentava de tudo para me assustar.
IC: Escalonamento da violência durante o período da gravidez
A:
Categoria: K
R: Ele me traía quando eu estava grávida.
EC: Ele me traía quando eu estava grávida.
IC: Violência psicológica relacionada a relacionamento extraconjugal do marido
A:
Categoria: C1
R: Tudo melhorou quando eu chamei a polícia para ele
EC: Tudo melhorou quando eu chamei a polícia para ele
IC: Após sucessivos episódios de vpi, mulher faz denuncia da violência à polícia
A:
Categoria: D1
R: (...) Depois de três vezes largando e voltando, eu o larguei definitivamente.
EC: Depois de três vezes largando e voltando, eu o larguei definitivamente.
IC: Sucessivas tentativas de abandono da relação violenta
A:
Categoria: U
ID 154 (E.M.S.; 28 ANOS)
R: Um amigo do meu pai ia na casa e me pegava no colo. Ele me dava pirulito e me tocava e me machucava em baixo. Afastava minha calcinha e enfiava os dedos na minha vagina. Eu chorava muito. Tinha gente na sala e ninguém percebia nada. Depois eu comecei a ficar com medo dele e rejeitar as balas dele e os pirulitos. Nunca contei para ninguém isso. Você é a primeira pessoa a saber. Hoje, eu não deixo minha filha sentar no colo de homem nenhum.
R: Um amigo do meu pai ia na casa e me pegava no colo. Ele me dava pirulito e me tocava e me machucava em baixo. Afastava minha calcinha e enfiava os dedos na minha vagina. Eu chorava muito.

EC: Um amigo do meu pai ia na casa e me pegava no colo. Ele me dava pirulito e me tocava e me machucava em baixo. Afastava minha calcinha e enfiava os dedos na minha vagina.
IC: Abuso infantil praticado por pessoa conhecida (Amigo do pai)
A:
Categoria: Y
R: Tinha gente na sala e ninguém percebia nada
EC: Tinha gente na sala e ninguém percebia nada
IC: Abusador praticava a violência sexual de uma forma que os adultos presentes na cena não percebiam.
A:
Categoria: N1
R: Nunca contei para ninguém isso. Acho que tive medo. Você é a primeira pessoa a saber.
EC: Nunca contei para ninguém isso... Você é a primeira pessoa ...
IC: Sigilo acerca do abuso mantido pela criança por medo ou vergonha
A:
Categoria: C <input checked="" type="checkbox"/>
R: Hoje, eu não deixo minha filha sentar no colo de homem nenhum.
EC: Hoje
IC: : Idéia de um novo tempo enfatizado pela palavra "Hoje"
A: :
Categoria: X1

ID 155 (A.P.C.M; 19 ANOS)
R: Comigo nunca teve violência, mas minha prima vive apanhando do marido e ninguém da família se mete.
EC: Comigo nunca teve violência, mas minha prima vive apanhando do marido
IC: Relato de vivencia de violência grave sofrida por membro da família
A: e ninguém da família se mete. Se meter significa que o que acontece na casa não é da conta de ninguém.
Categoria: E

ID 156 (A.C. 26 ANOS)
R: Como na minha casa não tinha água, minha mãe mandou eu buscar água no vizinho. Lá, quando eu cheguei ele me ofereceu balinha. Eu não me lembro de todos os detalhes. Me lembro que ele passou a mão em mim e tentou tirar minha roupa. As coisas ficam guardadas na mente da gente como se fosse numa caixinha. Minha filhinha de três anos, há cinco meses estava voltando da escola e o vizinho de dezessete anos pôs o dedo na bundinha dela. Ela chorou e me chamou. O rapaz negou que ele tenha feito qualquer coisa, mas eu acredito nela. Criança não sabe inventar essas coisas.
R: Como na minha casa não tinha água, minha mãe mandou eu buscar água no vizinho. Lá, quando eu cheguei ele me ofereceu balinha. Eu não me lembro de todos os detalhes. Me lembro que ele passou a mão em mim e tentou tirar minha roupa. As coisas ficam guardadas na mente da gente como se fosse numa caixinha.
EC: Como na minha casa não tinha água, minha mãe mandou eu buscar água no vizinho. (...) Me lembro que ele passou a mão em mim e tentou tirar minha roupa. . As coisas ficam guardadas na mente da gente como se fosse numa caixinha.
IC: Abuso infantil praticado por conhecido (vizinho)
A: As coisas ficam guardadas na mente da gente como se fosse numa caixinha.
Categoria: Y

R: Minha filhinha de três anos, há cinco meses estava voltando da escola e o vizinho de dezessete anos pôs o dedo na bundinha dela. Ela chorou e me chamou. O rapaz negou que ele tenha feito qualquer coisa, mas eu acredito nela.
EC: Minha filhinha de três anos, há cinco meses estava voltando da escola e o vizinho de dezessete anos pôs o dedo na bundinha dela.
IC: Abuso infantil praticado por pessoa conhecida (vizinho)
A: Abuso infantil praticado por pessoa conhecida (vizinho)
Categoria: Y

ID 157 (M.A.A.; 26 ANOS)
R: Meu vizinho estuprou uma criança, mas eu não posso entrar em detalhes, pois tenho medo dele. Ele foi preso, mas ficou só três meses.
EC: Vizinho estuprou criança da comunidade
IC: Abuso infantil (estupro) praticado por conhecido (vizinho)
A:
Categoria: Y
R: (...) mas eu não posso entrar em detalhes, pois tenho medo dele.
EC: (...) mas eu não posso entrar em detalhes, pois tenho medo dele.
IC: Criminalidade na comunidade
A:
Categoria: A1

ID 158 (V.F.M. 29 ANOS)
R: Meu irmão me bateu já por várias vezes, mas eu chamei a policia para ele. Depois disso ele nunca mais me bateu.
EC: Meu irmão me bateu já por várias vezes
IC: Violência física entre membros da família
A:
Categoria: O1

ID 160 (C.; 32 ANOS)
R: Da última vez que ele me agrediu [parceiro], há cinco meses atrás, eu reagi. Ele chegou bêbado e eu coloquei fogo no colchão quando ele estava dormindo. Minha vizinha é que arrancou ele da cama, pois ele estava desmaiado de tão bêbado. Ele teria morrido... A vizinha chamou a policia. A polícia não acreditou nele quando ele me denunciou com as queimaduras no braço dele, pois as vizinhas disseram que ele é que sempre batia em mim. Depois da Lei Maria da Penha ele ficou com medo. Ele diz que agora se ele tiver que bater, ele não bate, ele vai é me matar, pois ele vai ser preso do mesmo jeito por causa da lei. Assim mesmo acho que a lei ajudou muito.
R: Da última vez que ele me agrediu [parceiro], há cinco meses atrás, eu reagi. (...) eu coloquei fogo no colchão quando ele estava dormindo. Minha vizinha é que arrancou ele da cama, pois ele estava desmaiado de tão bêbado. Ele teria morrido
EC: Da última vez que ele me agrediu [parceiro], há cinco meses atrás, eu reagi (...) eu coloquei fogo no colchão quando ele estava dormindo. Minha vizinha é que arrancou ele da cama, pois ele estava desmaiado de tão bêbado. Ele teria morrido
IC: Mulher reagiu fisicamente quando agredida e/ou afirmou que reagiria
A:
Categoria: P
R: Depois da Lei Maria da Penha ele ficou com medo. Ele diz que agora se ele tiver que bater, ele não bate, ele vai é me matar, pois ele vai ser preso do mesmo jeito por causa da lei. Assim mesmo acho que a lei ajudou muito.
EC: Depois da Lei Maria da Penha ele ficou com medo. Ele diz que agora se ele tiver que bater, ele não bate, ele vai é me matar, pois ele vai ser preso do mesmo jeito por

causa da lei. Assim mesmo acho que a lei ajudou muito.
IC: Percepção de que mesmo com ameaça de morte por causa da Lei Maria da Penha, a lei ajudou muito.
A:.
Categoria: D1

ID 161 (F.S.; 22 ANOS)
R: Eu estava doente e minha tia me levou para o farmacêutico para consultar. Ele disse que tinha que me examinar e mandou tirar minha saia. Ele pôs luva e ficou passando a mão em mim e esfregando uma bola de algodão. Me machucou toda. Eu tinha doze anos e não sabia de nada e achei que era normal. Fiquei toda inchada. Um ano mais tarde ele tentou a mesma coisa com minha tia, mas ela não deixou ele fazer nada. Foi aí que entendi o que ele fez comigo.
R: Eu estava doente e minha tia me levou para o farmacêutico para consultar. (...) Ele pôs luva e ficou passando a mão em mim e esfregando uma bola de algodão. Me machucou toda. Eu tinha doze anos e não sabia de nada e achei que era normal.
EC: Me machucou toda. Eu tinha doze anos e não sabia de nada e achei que era normal.
IC: Abuso infantil cometido por pessoa conhecida (o farmacêutico)
A:
Categoria: Y
R: Um ano mais tarde ele tentou a mesma coisa com minha tia [violência sexual], mas ela não deixou ele fazer nada.
EC: Um ano mais tarde ele tentou a mesma coisa com minha tia [violência sexual],
IC: Violência sexual praticada contra a tia da entrevistada por pessoa conhecida (farmacêutico do bairro).
A:
Categoria: N

ID 162 (L.M.P.; 31 ANOS)
R: Meu marido já chutou a minha barriga quando eu estava grávida de seis meses. Eu comecei a sangrar, mas não fui para o hospital. Toda vez que ele bebe, ele fica violento. O problema é que ele bebe quase todo dia. Ele me ameaça que se eu chamar a polícia para ele, ele vai me matar. Eu estou só esperando minha irmã ir embora para Minas que eu vou embora daqui.
R: Meu marido já chutou a minha barriga quando eu estava grávida de seis meses. Eu comecei a sangrar, mas não fui para o hospital.
EC: Meu marido já chutou a minha barriga quando eu estava grávida de seis meses
IC: Escalonamento da violência durante o período da gravidez
A: Escalonamento da violência durante o período da gravidez
Categoria: K
R: Toda vez que ele bebe, ele fica violento. O problema é que ele bebe quase todo dia
EC: Toda vez que ele bebe, ele fica violento
IC: Uso de bebida alcoólica relacionado a episódios de violência
A: Uso de bebida alcoólica relacionado a episódios de violência
Categoria: S

ID 163 (L.G.S.; 39 ANOS)
R: Eu trabalhava de diarista todos os dias e ia juntando um dinheiro para o final do ano para comprar no natal. Um dia meu companheiro achou e gastou tudo. Eu fui ao bar onde ele estava e pedi meu dinheiro de volta. Ele voltou para casa e me bateu de murro. Eu estava cozinhando feijão e peguei a panela e joguei nele. Ele se queimou.

Ele foi embora e depois disso eu nunca mais voltei para ele.
R: Eu trabalhava de diarista todos os dias e ia juntando um dinheiro para o final do ano para comprar no natal. Um dia meu companheiro achou e gastou tudo. Eu fui ao bar onde ele estava e pedi meu dinheiro de volta. Ele voltou para casa e me bateu de murro
EC: Um dia meu companheiro achou [dinheiro da entrevistada] e gastou tudo.
IC: Violência patrimonial, posse dos recursos financeiros da mulher
A: Violência patrimonial, controle econômico
Categoria: W1
R: Eu estava cozinhando feijão e peguei a panela e joguei nele. Ele se queimou
EC: Eu estava cozinhando feijão e peguei a panela e joguei nele. Ele se queimou
IC: Mulher reagiu fisicamente quando agredida (com violência grave)
A: Mulher reagiu fisicamente quando agredida (com violência grave)
Categoria: P

ID 164 (S.S.L.; 21 ANOS)
R: Minha irmã mais velha apanha muito do marido há muito tempo. Uma vez, ela levou um soco tão grande que ficou com o olho roxo por muito tempo.
EC: Minha irmã mais velha apanha muito do marido há muito tempo
IC: Família tem conhecimento da violência das VPIs que ocorre com seus membros
A: Relato de vivencia de violência grave sofrida por membro da família
Categoria: E

ID 165 (S. S. G.; 47 ANOS)
R: Já levei muita surra. Numa vez que ele estava bêbado, ele chegou em casa brigando e derrubando minhas comidas. Eu peguei a frigideira e bati na cabeça dele e saiu sangue. Eu mesma fui no posto policial e falei o que eu fiz. Os policiais foram comigo em casa e viram que ele estava bêbado. Eles disseram que a vítima era eu e não ele e eles não fizeram nada contra mim. Hoje eu tenho uma ordem de proteção, nós estamos separados, mas ele vive no mesmo lote que eu, só que no barraco de trás. Mas ele não mexeu mais comigo.
R: Numa vez que ele estava bêbado, ele chegou em casa brigando e derrubando minhas comidas.
EC: Numa vez que ele estava bêbado
IC: Uso de bebida alcoólica relacionado a episódios de violência
A: Uso de bebida alcoólica relacionado a episódios de violência
Categoria: S
R: Eu peguei a frigideira e bati na cabeça dele e saiu sangue.
EC: Eu peguei a frigideira e bati na cabeça dele e saiu sangue.
IC: Mulher reagiu fisicamente quando agredida (com violência grave)
A: Mulher reagiu fisicamente quando agredida (com violência grave)
Categoria: P
R: Hoje, eu tenho uma ordem de proteção, nós estamos separados, mas ele vive no mesmo lote que eu, só que no barraco de trás. Mas ele não mexeu mais comigo.
EC: Hoje, eu tenho uma ordem de proteção, nós estamos separados (...) ele não mexeu mais comigo
IC: Idéia de um novo tempo enfatizado pela palavra “Hoje” como mudança de vivências e experiências.
A: Idéia de um novo tempo enfatizado pela palavra “Hoje” como mudança de vivências e experiências.
Categoria: X1

ID 166 (V.M.S.S.; 25 ANOS)

R: Há sete anos meu marido foi assassinado com quatro tiros aqui no Varjão. Até hoje eu não sei porque ele morreu. Muitos falaram que ele foi morto por engano. Quando eu trabalhava no Lago Norte, um rapaz me ofereceu carona e eu aceitei. Ele me levou num lugar escuro da DI 1 do Lago norte. Ele me apertou os peitos, rasgou minha roupa, falava coisas feias, me agarrava pelos cabelos. Quando eu gritei, os caseiros de uma casa perto vieram e ele me empurrou pela janela do carro. Eu me arranhei toda, meu rosto ficou todo arrebetado no cascalho. Denunciei na delegacia, mas a policia nunca o encontrou.
R: Há sete anos meu marido foi assassinado com quatro tiros aqui no Varjão. Até hoje eu não sei porque ele morreu. Muitos falaram que ele foi morto por engano.
EC: Há sete anos meu marido foi assassinado com quatro tiros aqui no Varjão.
IC: Violências e criminalidades na comunidade do Varjão
A: Violências e criminalidades na comunidade do Varjão
Categoria: A1
R: (...) um rapaz me ofereceu carona e eu aceitei. Ele me levou num lugar escuro da DI 1 do Lago norte. Ele me apertou os peitos, rasgou minha roupa, falava coisas feias, me agarrava pelos cabelos.
EC: (...) Ele me apertou os peitos, rasgou minha roupa, falava coisas feias, me agarrava pelos cabelos
IC: Violência sexual praticada por desconhecido (carona)
A: Violência sexual praticada por desconhecido (carona)
Categoria: Q1

ID 168 (M.A.G.G.; 33 ANOS)
R: Eu era filha adotiva e tinha 9 anos e o outro menino que os meus pais adotivos tinham, o filho legitimo deles com 17 anos, tentou várias vezes me estuprar. Anos depois quando eu tinha 12 anos, o vizinho da minha casa que tinha 40 anos tentou me pegar também. Depois tive um patrão que tentou me estuprar. Eu acho tão vergonhoso e sempre me sentia culpada, pois não acho que as pessoas iriam acreditar em mim. Hoje, casada, eu pago o preço. Eu acho sexo meio que nojento, proibido, acho repugnante.
R: Eu era filha adotiva e tinha 9 anos e o outro menino que os meus pais adotivos tinham, o filho legitimo deles com 17 anos, tentou várias vezes me estuprar. Anos depois quando eu tinha 12 anos, o vizinho da minha casa que tinha 40 anos tentou me pegar também. Depois tive um patrão que tentou me estuprar
EC: Eu era filha adotiva e tinha 9 anos e o outro menino que os meus pais adotivos tinham, o filho legitimo deles com 17 anos, tentou várias vezes me estuprar. Anos depois quando eu tinha 12 anos, o vizinho da minha casa que tinha 40 anos tentou me pegar também. Depois tive um patrão que tentou me estuprar
IC: Tentativa de abuso infantil por múltiplos agressores (filho do patrão, vizinho e pelo próprio patrão)
A: Abuso infantil por múltiplos agressores (filho do patrão, vizinho e pelo próprio patrão)
Categoria: Y
R: Eu acho tão vergonhoso e sempre me sentia culpada, pois não acho que as pessoas iriam acreditar em mim.
EC: Eu acho tão vergonhoso e sempre me sentia culpada
IC: Sentimento de culpa e/ou vergonha por ter sofrido abuso infantil/ violência sexual
A: Sentimento de culpa e/ou vergonha por ter sofrido abuso infantil/ violência sexual
Categoria: R1
R: Hoje, casada, eu pago o preço. Eu acho sexo meio que nojento, proibido, acho repugnante.
EC: Eu acho sexo meio que nojento, proibido, acho repugnante.
IC: Experiências pregressas de violência sexual (abuso infantil etc.) provocam

nojo/desinteresse sexual no relacionamento conjugal da mulher
A: Experiências pregressas de violência sexual (abuso infantil etc.) provocam nojo/desinteresse sexual no relacionamento conjugal da mulher
Categoria: S1

ID 169 (M.J.S.; 27 ANOS)
R: Eu acho que sou anormal aqui no Varjão. Aqui tem menina de 12 anos tendo filhos, pai que bate em filhos, mortes. Essa noite morreu um rapaz que era cliente nosso. Nós transportávamos a filha dele. Atiraram nele e ele morreu na hora. Quem morre aqui é porque está envolvido com alguma coisa. Os normais vêm para casa cedo e não saem de noite, pois a noite é perigosa aqui.
R: Aqui [Varjão] tem menina de 12 anos tendo filhos, pai que bate em filhos, mortes. Essa noite morreu um rapaz que era cliente nosso. Atiraram nele e ele morreu na hora.
EC: Aqui [Varjão] tem menina de 12 anos tendo filhos, pai que bate em filhos, mortes. Essa noite morreu um rapaz que era cliente nosso. Atiraram nele e ele morreu na hora.
IC: Violências e criminalidades na comunidade do Varjão
A: Violências e criminalidades na comunidade do Varjão
Categoria: A1
R: Os normais vêm para casa cedo e não saem de noite, pois a noite é perigosa aqui.
EC: Os normais vêm para casa cedo e não saem de noite, pois a noite é perigosa aqui.
IC: Noção de normalidade associada com o ato de evitar transitar no Varjão no período noturno.
A: A noite é perigosa
Categoria: T1

ID 170 (E.S.T.; 23 ANOS)
R: Meu ex-marido já me deu um empurrão. Só isso. Ano passado o marido da minha irmã bateu nela. Ela não quis denunciar e começou a beber. Hoje, ela bebe muito e é ela que bate nele e ele só se defende e não bate nela.
EC: Ano passado o marido da minha irmã bateu nela. Ela não quis denunciar e começou a beber. Hoje, ela bebe muito e é ela que bate nele e ele só se defende e não bate nela.
IC: Uso de bebida alcoólica relacionado a episódios de violência
A: Uso de bebida alcoólica relacionado a episódios de violência
Categoria: S

ID 172 (M.I. B.; 37 ANOS)
R: Um dia o pai da minha filha chegou bêbado e rasgou a minha calcinha e me forçou a ter relação com sexual com ele, gritando que se eu morasse com ele não era preciso ele ter que pagar para ter relação. Aí depois daquele dia eu fiquei com tanta raiva que nunca mais as coisas voltaram ao normal entre a gente. Oito meses depois nós nos separamos. Até hoje ele me pede para voltar, mas não sinto mais nada por ele.
R: Um dia o pai da minha filha chegou bêbado e rasgou a minha calcinha
EC: Um dia o pai da minha filha chegou bêbado e rasgou a minha calcinha
IC: Uso de bebida alcoólica relacionado a episódios de violência
A: Uso de bebida alcoólica relacionado a episódios de violência
Categoria: S
R: (...) me forçou a ter relação com sexual com ele, gritando que se eu morasse com ele não era preciso ele ter que pagar para ter relação.

EC: me forçou a ter relação com sexual com ele, gritando que se eu morasse com ele não era preciso ele ter que pagar para ter relação.
IC: Violência sexual praticada pelo parceiro íntimo e/ou namorado ou conhecido
A: Violência sexual praticada pelo parceiro íntimo e/ou namorado ou conhecido
Categoria: N

ID 173 (V.S.C.; 25 ANOS)
R: Quando eu estava grávida do meu primeiro companheiro, nós brigamos e ele me empurrou e eu bati com a barriga na quina da cabeceira da cama. Minha mãe me levou para o hospital e eu fiquei um mês internada. Eu e minha mãe não falamos para ninguém no hospital sobre o que tinha acontecido. Eu falei para o médico que eu escorreguei e ninguém me perguntou mais nada. Depois disso, nós nos separamos.
R: Quando eu estava grávida do meu primeiro companheiro, nós brigamos e ele me empurrou e eu bati com a barriga na quina da cabeceira da cama. (...) eu fiquei um mês internada
EC: Quando eu estava grávida do meu primeiro companheiro, nós brigamos e ele me empurrou e eu bati com a barriga na quina da cabeceira da cama (...)
IC: Escalonamento da violência durante o período da gravidez
A: Escalonamento da violência durante o período da gravidez
Categoria: K
R: Eu e minha mãe não falamos para ninguém no hospital sobre o que tinha acontecido. Eu falei para o médico que eu escorreguei e ninguém me perguntou mais nada.
EC: Eu falei para o médico que eu escorreguei e ninguém me perguntou mais nada.
IC: Profissional de saúde não questiona estória que a gestante apresentou
A: Omissão da informação acerca das violências com a mulher ou com a criança por vergonha, medo ou por não ser questionada pela equipe hospitalar.
Categoria: G1

ID 174 (J.S.M.; 27 ANOS)
R: Só tivemos uma briga que ele me empurrou e me deu um tapa. No dia da briga nós brigamos porque eu tive ciúmes, por causa de uma mulher. Eu revidei, arranhei o rosto dele todo e ele nunca mais me bateu. Isso aconteceu sete anos atrás.
EC: Eu revidei, arranhei o rosto dele todo e ele nunca mais me bateu.
IC: Mulher reagiu fisicamente quando agredida
A: Mulher reagiu fisicamente quando agredida
Categoria: P

175 (I. L.; 29 ANOS)
R: Meu marido já me bateu muitas vezes, me empurrava e dava socos. Foi na época que ele tinha outra mulher que ele me batia. Era a minha prima que morava comigo. Quando eu descobri, eu me separei dele. Depois nós ficamos juntos de novo e ele voltou a me bater. Apanhei muito. Ela ficava ligando muito aqui em casa. Eu me separei de novo e depois de três semanas eu voltei de novo. Hoje, ele já não me bate. Eu não esqueço e sinto que o meu amor por ele acabou. Hoje, só gosto, não amo mais... Sofri demais, ele me batia como se eu fosse criança.
R: Meu marido já me bateu muitas vezes, me empurrava e dava socos. Foi na época que ele tinha outra mulher que ele me batia
EC: Foi na época que ele tinha outra mulher que ele me batia
IC: Violência física relacionada a relacionamento extraconjugal do marido
A: Violências física relacionada a relacionamento extraconjugal do marido
Categoria: C1
R: Hoje, ele já não me bate. Eu não esqueço e sinto que o meu amor por ele acabou.

Hoje, só gosto, não amo mais... Sofri demais, ele me batia como se eu fosse criança.
EC: (...) sinto que o meu amor por ele acabou. Hoje, só gosto, não amo mais... Sofri demais, ele me batia como se eu fosse criança
IC: Avança a violência e morre o amor da mulher pelo companheiro. Surge um novo tempo. Dá a idéia de um divisor de águas na vida da mulher
A:
Categoria: X1

ID 176 (V.M.C.; 28 ANOS)
R: Graças a Deus eu nunca sofri de violência. Eu saí do interior da Bahia, chamado Mundo Novo. Eu trabalho desde os 11 anos e sou feliz. Ninguém nunca me maltratou.
EC: Graças a Deus eu nunca sofri de violência. (...) Eu trabalho desde os 11 anos e sou feliz. Ninguém nunca me maltratou.
IC: Trabalho infantil não é percebido como um tipo de exploração da criança.
A: Trabalho infantil não é percebido como um tipo de exploração da criança.
Categoria: U1

ID 178 (R.B.S.; 26 ANOS)
R: Eu passei dois anos apanhando do meu marido sem ninguém saber. Eu tinha medo dele ou gostava dele, não sei porque eu não contava para ninguém. Um dia eu resolvi pedir ajuda do meu pai e ele me tirou de lá e fui morar com meu pai. Meu pai chamou a policia, eu fiz exame de IML, mas como era a primeira vez, ele não tinha ficha na policia, eles soltaram ele. Fiquei oito anos sem me envolver com ninguém. Hoje, meu marido não me bate, mas algumas vezes me ofende. Mas eu estou feliz.
EC: Eu passei dois anos apanhando do meu marido sem ninguém saber. Eu tinha medo dele ou gostava dele, não sei porque eu não contava para ninguém
IC: Mulher não consegue discernir se é por medo ou pelo envolvimento emocional que não consegue denunciar as violências que sofre.
A: Dificuldade de relatar/denunciar a violência por medo de sofrer conseqüências pela quebra do “pacto do silêncio” ou pelo envolvimento emocional com o agressor
Categoria: I
R: Hoje, meu marido não me bate, mas algumas vezes me ofende. Mas eu estou feliz.
EC: Hoje, meu marido não me bate (...) eu estou feliz.
IC: Surge no discurso a idéia de um novo tempo enfatizado pela palavra “Hoje” como mudança de vivências e experiências.
A: Idéia de um novo tempo enfatizado pela palavra “Hoje” como mudança de vivências e experiências.
Categoria: X1

179 (C.P.A.; 26 ANOS)
R: Estava tendo um churrasco na casa do meu tio e um conhecido que jogava bola com ele estava bêbado e tentou me estuprar. Minhas primas foi que me ajudaram. Elas jogaram uma pedra na cabeça dele e ele desmaiou. Ele foi detido na cadeia, eu tive que fazer exame, mas como ele não tinha conseguido consumir e era uma cidade bem do interior do Piauí, eles não conseguiram detê-lo por muito tempo. Eu também não quis que alguém fosse para cadeia por minha causa.
R: Estava tendo um churrasco na casa do meu tio e um conhecido que jogava bola com ele estava bêbado e tentou me estuprar
EC: ele estava bêbado e tentou me estuprar
IC: Abuso infantil cometido por pessoa conhecida (amigo do tio)
A: Abuso infantil cometido por pessoa conhecida (amigo do tio)
Categoria: Y

ID 180 (C.A.F.; 26 ANOS)
R: Meu primeiro marido me forçava quase uma vez por semana a ter relação sexual. Nós ficamos juntos por seis anos. Com isso, foi acabando tudo que eu sentia por ele. Hoje, eu encontrei um homem humilde, calmo, carinhoso e sou feliz. Temos uma filha juntos. Minha mãe já não teve a mesma sorte que eu. Depois de ficar viúva de meu padrasto – aqui no Varjão, morto a tiros – ela arranhou um namorado que judiou muito dela, ele batia nela com fio de energia e ameaçava bater em mim se eu chamasse a polícia. Uma vez, ele bateu e pôs ela pelada para correr na rua com a arma para matá-la. Atirava nos dedos dela e colocava a arma na boca dela e dizia que ia atirar.
R: Meu primeiro marido me forçava quase uma vez por semana a ter relação sexual. Nós ficamos juntos por seis anos.
EC: Meu primeiro marido me forçava quase uma vez por semana a ter relação sexual. Nós ficamos juntos por seis anos.
IC: Violência sexual praticada pelo parceiro íntimo
A: Violência sexual praticada pelo parceiro íntimo
Categoria: N
R: Com isso, foi acabando tudo que eu sentia por ele.
EC: Com isso, foi acabando tudo que eu sentia por ele.
IC: Avança a violência e morre os sentimentos de amor da mulher pelo companheiro
A: Avança a violência e morre os sentimentos de amor da mulher pelo companheiro
Categoria: V
R: Hoje, eu encontrei um homem humilde, calmo, carinhoso e sou feliz
EC: Hoje, eu encontrei um homem humilde, calmo, carinhoso e sou feliz
IC: Um novo tipo de relacionamento é experimentado pela mulher
A: Idéia de um novo tempo enfatizado pela palavra “Hoje” como mudança de vivências e/ou experiências que ensinaram.
Categoria: X1
R: Minha mãe já não teve a mesma sorte que eu. Depois de ficar viúva de meu padrasto – aqui no Varjão, morto a tiros (...)
EC: aqui no Varjão, morto a tiros (...)
IC: Violências e criminalidades na comunidade do varjão
A: Violências e criminalidades na comunidade do varjão
Categoria: A1
R: (...) ela [mãe da entrevistada] arranhou um namorado que judiou muito dela, ele batia nela com fio de energia e ameaçava bater em mim se eu chamasse a polícia. Uma vez, ele bateu e pôs ela pelada para correr na rua com a arma para matá-la. Atirava nos dedos dela e colocava a arma na boca dela e dizia que ia atirar
EC: Uma vez, ele bateu e pôs ela pelada para correr na rua com a arma para matá-la. Atirava nos dedos dela e colocava a arma na boca dela e dizia que ia atirar
IC: Relato de vivencia de violência grave sofrida por membro da família
A: Relato de vivencia de violência grave sofrida por membro da família
Categoria: E
ID 183 (A.R.S.; 41 ANOS)
R: Eu nunca apanhei de marido. Minhas duas irmãs já apanharam dos maridos. Uma delas sofreu um atentado quando o marido tentou sufocar ela. Quando ela chegava da rua, ele ficava cheirando ela, cheirando a calcinha dela. Aí ele fez tratamento que a delegacia da mulher arrumou para ele não sei onde. Hoje, ele não bate mais nela e ele começou a ir para a igreja. Parou de fumar e de beber.
R: Uma delas [irmã da entrevistada] sofreu um atentado quando o marido tentou sufocar ela. Quando ela chegava da rua, ele ficava cheirando ela, cheirando a calcinha dela.
EC: Quando ela chegava da rua, ele ficava cheirando ela, cheirando a calcinha dela.

IC: Relato de vivencia de violência grave sofrida por membro da família
A: Relato de vivencia de violência grave sofrida por membro da família
Categoria: E
R: Aí ele fez tratamento que a delegacia da mulher arrumou para ele (...) Hoje, ele não bate mais nela e ele começou a ir para a igreja. Parou de fumar e de beber.
EC: Hoje, ele não bate mais nela e ele começou a ir para a igreja. Parou de fumar e de beber.
IC: Entrevistada relata mudanças nas atitudes do cunhado e o fim da violência física.
A: Idéia de um novo tempo enfatizado pela palavra "Hoje" como mudança de vivências e/ou experiências que ensinaram.
Categoria: X1

ID 184 (R.S.S.; 19 ANOS)
R: O treinador do time de futebol que a gente jogava no Paranoá, quando a gente ia para o vestiário para se trocar, ele passava a mão no seio da gente. Eu estava no vestiário porque tinha machucado o tornozelo esquerdo, e ele passava a mão no seio e na minha bunda. Comigo aconteceu só uma vez, mas com a minha amiga aconteceu mais vezes.
EC: O treinador do time de futebol... passava a mão no seio e na minha bunda. Comigo aconteceu só uma vez, mas com a minha amiga aconteceu mais vezes.
IC: Abuso infantil praticado por pessoa conhecida (treinador de futebol)
A: Abuso infantil praticado por pessoa conhecida (treinador de futebol)
Categoria: Y

ID 185 (S.S.N.; 26 ANOS)
R: Nunca apanhei de marido. Hoje, a violência contra a mulher diminuiu por causa da nova lei. Uns cinco anos atrás, minha cunhada apanhou do esposo e ela chamou a policia e ele teve que prestar serviços comunitários. Depois disso ele nunca mais agrediu ela. Hoje, em dia o homem vai é pra cadeia se bater...
EC: Hoje, a violência contra a mulher diminuiu por causa da nova lei. (...) Hoje, em dia o homem vai é pra cadeia se bater...
IC: Hoje, a violência contra a mulher diminuiu por causa da nova lei.
A: Opinião favorável em relação à efetividade da lei específica que trata da questão da violência contra a mulher (Lei Maria da Penha-lei no 11340)
Categoria: D1

ID 186 (C.P.A. 33 anos)
R: A única vez que ele me bateu eu taquei uma panela de pressão que eu estava cozinhando feijão na cabeça dele. Ele foi parar no hospital e deram cinco pontos na cabeça dele. Depois disso, nunca mais aconteceu nada. Eu larguei dele quando ainda estava grávida.
EC: A única vez que ele me bateu eu taquei uma panela de pressão que eu estava cozinhando feijão na cabeça dele. Ele foi parar no hospital e deram cinco pontos na cabeça dele. Depois disso, nunca mais aconteceu nada
IC: Mulher acredita que não sofreu mais violência pelo parceiro porque no único episódio que houve ela revidou.
A: Mulher reagiu fisicamente quando agredida e/ou afirmou que reagiria
Categoria: P

ID 187 (M.A.S.; 36 ANOS)
R: Eu só fui namorar aos 20 anos, porque depois que um homem estranho apertou meus peitos no meio da rua eu fiquei com medo. Ele estava de bicicleta e correu e eu fiquei traumatizada. Eu tinha 13 anos.

EC: Eu só fui namorar aos 20 anos, porque depois que um homem estranho apertou meus peitos no meio da rua eu fiquei com medo. (...) Eu tinha 13 anos.
IC: Tentativo de estupro infantil por desconhecido na rua provocou medo de relacionamentos com o sexo masculino
A: Tentativo de estupro infantil por desconhecido na rua
Categoria: M

ID 188 (R.M.F.; 24 ANOS)
R: O primeiro namorado que morou comigo me batia demais. Uma vez ele me enforcou que eu quase morri. Ele me furou na barriga e ia me matar quando eu gritei: temos um filho para criar! Aí ele me largou. Eu fui para a delegacia e depois larguei dele. Arrumei outro namorado e ele me bateu pelo menos três vezes. Hoje, ele esta preso por venda de drogas vindas do Paraguai. Ele está no mato Grosso do Sul. Eu ainda não sei se vou voltar para ele. Ele está para sair da cadeia. Vamos ver...
R: O primeiro namorado que morou comigo me batia demais. Uma vez ele me enforcou que eu quase morri. Ele me furou na barriga e ia me matar (...) Arrumei outro namorado e ele me bateu pelo menos três vezes.
EC: O primeiro namorado que morou comigo me batia demais. Uma vez ele me enforcou que eu quase morri. Ele me furou na barriga e ia me matar (...) Arrumei outro namorado e ele me bateu (...)
IC – Episódios graves de violência física nos dois relacionamentos íntimos da mulher
A: Violências múltiplas sofridas pela mulher vitimização por múltiplos parceiros
Categoria: D
ID 190 (R.M.S.; 25 ANOS)

ID 191 (G.A.M. 25 ANOS)
R: Meu pai bebia muito e batia muito na minha mãe. Depois de uns oito anos, ele adoeceu com um problema do fígado e aí ele voltou para a igreja e parou de bater na minha mãe. Ele viveu por uns quatro anos e depois morreu com câncer de próstata.
EC: Meu pai bebia muito e batia muito na minha mãe. Depois de uns oito anos, ele adoeceu com um problema do fígado e aí ele voltou para a igreja e parou de bater na minha mãe
IC: Uso de bebida alcoólica relacionado a episódios de violência
A: Uso de bebida alcoólica relacionado a episódios de violência
Categoria: S

ID 192 (C.P.M.; 22 ANOS)
R: Quando eu estava grávida de minha primeira filha, de quatro meses, meu marido me deu um tapa na cara porque eu estava fumando. O tapa foi tão forte que eu cai em cima da cama. Saí de casa e fui morar na casa da minha mãe por um mês. Depois ele foi conversar comigo e prometeu não me bater mais. Ele me bateu de novo depois que minha filha nasceu. Eu fui à delegacia, registrei a ocorrência e depois nos separáramos de vez.
EC: Quando eu estava grávida de minha primeira filha, de quatro meses, meu marido me deu um tapa na cara porque eu estava fumando. O tapa foi tão forte que eu cai em cima da cama.
IC: Violência durante o período da gravidez
A: Escalonamento da violência durante o período da gravidez
Categoria: K
R: Ele me bateu de novo depois que minha filha nasceu. Eu fui à delegacia, registrei a ocorrência e depois nos separáramos de vez.
EC: Eu fui à delegacia, registrei a ocorrência
IC: Após sucessivos episódios de VPI, mulher faz denuncia da violência na delegacia

A: Após sucessivos episódios de VPI, mulher faz denuncia da violência
Categoria: D1

ID 193 (W.; 29 ANOS)
R: Minha vizinha é sempre espancada. Todo final de semana e eu vou usar esse número de telefone que você me deu para ligar para a polícia anonimamente.
EC: Minha vizinha é sempre espancada. Todo final de semana e eu vou usar esse número de telefone que você me deu para ligar para a polícia anonimamente.
IC: Relato de vivencia de VPI sofrida por vizinha
A: Relato de vivencia de VPI sofrida por vizinha/membro da comunidade
Categoria: O

ID 196 (M F.; 47 ANOS)
R: O amigo do meu pai, na frente de pessoas da minha família, me forçava a sentar no colo dele – com o pau duro – e passava a mão em mim por baixo. Mas só eu entendia o que estava acontecendo. Eu não sei porque eu não falava para meu pai. Eu tinha uns oito anos e o amigo dele tinha uns 45.
R: O amigo do meu pai me forçava a sentar no colo dele – com o pau duro – e passava a mão em mim por baixo.
EC: O amigo do meu pai, (...) me forçava a sentar no colo dele – com o pau duro – e passava a mão em mim por baixo.
IC: Abuso infantil praticado por pessoa conhecida (amigo do pai)
A: Abuso infantil praticado por pessoa conhecida (amigo do pai)
Categoria: Y
R: (...) na frente de pessoas da minha família (...) Mas só eu entendia o que estava acontecendo.
EC: (...) na frente de pessoas da minha família (...) Mas só eu entendia o que estava acontecendo.
IC: Abusador praticava a violência sexual de uma forma que os adultos presentes na cena não percebiam.
A: Abusador praticava a violência sexual de uma forma que os adultos presentes na cena não percebiam
Categoria: N1
R: Eu não sei por que eu não falava para meu pai
EC: Eu não sei por que eu não falava para meu pai
IC: Criança não contava para os pais o abuso que estava sofrendo. A própria diferença de idade entre ela e o agressor a deixam confusa (ela 8anos e ele 45).
A: Sigilo acerca do abuso mantido pela criança por medo ou vergonha ou razões desconhecidas
Categoria: C <input checked="" type="checkbox"/>

ID 197 (G; 38 ANOS)
R: Meu primeiro marido bebia demais e ficava agressivo e me batia muito. Tinha alguém sempre para me salvar. Quando estava grávida de quatro meses do meu segundo filho, ele me bateu. Ele pegou a faca e disse que ia enfiar na minha barriga para me matar e matar o bebe. A mãe dele morava conosco e ela veio e me ajudou na hora. Varias vezes eu ia na defensoria publica pois eu morria de medo porque ele me ameaçava demais. Depois de 10 anos, contadinhos, eu consegui largar dele. Quando a gente é muito ameaçada a gente agüenta ficar pelo medo.
R: Meu primeiro marido bebia demais e ficava agressivo e me batia muito.
EC: Meu primeiro marido bebia demais e ficava agressivo e me batia muito.
IC: Uso de bebida alcoólica relacionado a episódios de violência
A: Uso de bebida alcoólica relacionado a episódios de violência

<p>Categoria: S</p> <p>R: Quando estava grávida de quatro meses do meu segundo filho, ele me bateu. Ele pegou a faca e disse que ia enfiar na minha barriga para me matar e matar o bebe.</p> <p>EC: Quando estava grávida de quatro meses do meu segundo filho, ele me bateu. Ele pegou a faca e disse que ia enfiar na minha barriga para me matar e matar o bebe. A</p> <p>IC: Escalonamento da violência durante o período da gravidez</p> <p>A: Escalonamento da violência durante o período da gravidez</p> <p>Categoria: K</p> <p>R: Varias vezes eu ia na defensoria publica pois eu morria de medo porque ele me ameaçava demais. Depois de 10 anos, contadinhos, eu consegui largar dele. Quando a gente é muito ameaçada a gente agüenta ficar pelo medo.</p> <p>EC: (...) eu morria de medo porque ele me ameaçava demais. Depois de 10 anos, contadinhos, eu consegui largar dele. Quando a gente é muito ameaçada a gente agüenta ficar pelo medo.</p> <p>IC: Mulher relata quadro de medo e ameaça constante ao longo dos 10 anos de relacionamento violento.</p> <p>A: Mulher vive em estado de alerta e medo do parceiro ou do ex-parceiro (mesmo após a separação)</p> <p>Categoria: F</p>

<p>ID 198 (E. N.S.; 31 ANOS)</p> <p>R: Eu tenho nove irmãos homens e eles já falaram para meu marido que se ele triscar a mão em mim, ele vai ver com eles. Ele só me bateu uma vez. Ele é uma pessoa muito boa. Se não fosse a bebida ele seria um ótimo marido. Se eu pudesse mandar acabar com a tal da bebida...</p> <p>EC: Ele só me bateu uma vez. Ele é uma pessoa muito boa. Se não fosse a bebida ele seria um ótimo marido. Se eu pudesse mandar acabar com a tal da bebida...</p> <p>IC: Uso de bebida alcoólica relacionado a episódios de violência</p> <p>A: Uso de bebida alcoólica relacionado a episódios de violência</p> <p>Categoria: S</p>

<p>ID 201 (C.R.O; 20 ANOS)</p> <p>R: Meu irmão faleceu há quatro anos. ele tinha vinte anos e foi assassinado a tiros aqui no Varjão por volta das oito horas da noite. Disseram que foi por briga pois ele esbarrou num cara e o cara zangou. Meu irmão bateu na cara dele. O assassino era menor de idade e voltou armado e baleou meu irmão. Meu irmão trabalhava de jardineiro, ajudava minha mãe com dinheiro, não era uma pessoa violenta... Mas aqui no Varjão, muita gente não merece, mas acaba morto. O assassino ainda mora aqui.</p> <p>EC: Meu irmão faleceu há quatro anos. ele tinha vinte anos e foi assassinado a tiros aqui no Varjão por volta das oito horas da noite. Disseram que foi por briga pois ele esbarrou num cara e o cara zangou. Meu irmão bateu na cara dele.</p> <p>IC: Violências e criminalidades na comunidade do varjão</p> <p>A: Violências e criminalidades na comunidade do varjão</p> <p>Categoria: A1</p>

<p>ID 202 (J; 26 ANOS)</p> <p>R: Já apanhei demais. Muitas e muitas vezes. Ele nem prometia mais que não ia mais bater. Quando eu estava grávida da minha última filha, ele vinha para cima de mim e me dava chutes e me dava tapas. Ele tinha caso com outras mulheres na rua. Todo dia era uma confusão e uma briga.</p> <p>R: Já apanhei demais. Muitas e muitas vezes. Ele nem prometia mais que não ia mais bater.</p> <p>EC- Ele nem prometia mais que não ia mais bater.</p>

IC: Escalonamento e/ou prolongamento das vps marcado pela ausência da fase da "lua de mel" do ciclo da violência
A: Escalonamento e/ou prolongamento das vps marcado pela ausência da fase da "lua de mel" do ciclo da violência
Categoria: G
R: Quando eu estava grávida da minha última filha, ele vinha para cima de mim e me dava chutes e me dava tapas.
EC: Quando eu estava grávida
IC: Escalonamento da violência durante o período da gravidez
A: Escalonamento da violência durante o período da gravidez
Categoria: K
R: Ele tinha caso com outras mulheres na rua. Todo dia era uma confusão e uma briga.
EC: Ele tinha caso com outras mulheres na rua
IC: Mulher relaciona violência física sofrida à existência de relacionamento extraconjugal do marido
A: Violência física relacionada a relacionamento extraconjugal do marido
Categoria: C1

ID 204 (A.M.R.; 29 ANOS)
R: A maioria de meus amigos e amigas aqui do Varjão que cresceram comigo já estão mortos. Minha melhor amiga foi assassinada quatro anos atrás aqui perto de casa. Deram um tiro de 12 nela. Assim foram vários meninos que brincavam comigo. Todos os meus amigos que faleceram deixaram seus filhos ainda pequenos.
EC: A maioria de meus amigos e amigas aqui do Varjão que cresceram comigo já estão mortos.
IC: Relatos de violências e criminalidades na comunidade do varjão envolvendo os amigos de infância da entrevistada
A: Violências e criminalidades na comunidade do varjão
Categoria: A1

ID 206 (A.C.; 27 ANOS)
R: Eu morava com minha tia quando eu tinha doze anos e tinha acabado de chegar aqui em Brasília vindo de Minas. Eu estava dormindo, quando acordei com o marido dela tirando minha roupa e pegando no meu seio. Eu peguei o abajur dela e quebrei na cabeça dele. Minha tia mandou ele embora e ele nunca mais me incomodou.
EC: Eu estava dormindo, quando acordei com o marido dela tirando minha roupa e pegando no meu seio. Eu peguei o abajur dela e quebrei na cabeça dele.
IC: Abuso infantil cometido por membro da família (marido da tia)
A: Dano de confiança
Categoria: A <input checked="" type="checkbox"/>

ID 207 (L. A.; 26 ANOS)
R: Eu saí de casa muito cedo, aos treze anos, para trabalhar, mas nunca aconteceu nada de violência comigo.
EC: Eu saí de casa muito cedo, aos treze anos, para trabalhar, mas nunca aconteceu nada de violência comigo.
IC: Entrevistada não reconhece o fato de que sair de casa aos 13 anos para trabalhar já é uma violência
A: Trabalho infantil não é percebido como um tipo de exploração da criança.
Categoria: U1

ID 208 (M; 21 ANOS)

<p>R: Nós morávamos numa fazenda em Cristalina e minha mãe saía para fazer compras e eu não ia com ela, pois eu estudava de manhã. Eu tinha 10 anos e o meu padrasto tinha uns 40. O meu padrasto me ameaçava contar para minha mãe que ele fazia tudo comigo, ficava falando no meu ouvido que ele queria ter filho comigo. Ele fazia de tudo comigo. Eu contei para minha mãe e primeiro ela não acreditou e aí eu contei para minha irmã de 38 anos e ela me levou para a delegacia. Eles me levaram para fazer exame no IML e comprovaram o abuso.</p> <p>Quando eu tinha doze anos, eu engravidei do meu primeiro namorado, pois eu não queria voltar a morar com minha mãe e aí fui morar com ele até os 17 anos. Eu saí de casa e larguei as duas crianças com ele, pois ele era muito ignorante e me tratava muito mal. Hoje, eu não esqueço de nada do que aconteceu. Tem vez eu me lembro e nem quero fazer sexo com meu marido. Ele é paciente e me entende.</p>
<p>R: (...) minha mãe saía para fazer compras e eu não ia com ela, pois eu estudava de manhã. Eu tinha 10 anos e o meu padrasto tinha uns 40. O meu padrasto me ameaçava contar para minha mãe que ele fazia tudo comigo, ficava falando no meu ouvido que ele queria ter filho comigo. Ele fazia de tudo comigo.</p>
<p>EC: Eu tinha 10 anos e o meu padrasto tinha uns 40. O meu padrasto me ameaçava contar para minha mãe que ele fazia tudo comigo, ficava falando no meu ouvido que ele queria ter filho comigo. Ele fazia de tudo comigo.</p>
<p>IC: Abuso infantil cometido por membro da família (padrasto)</p>
<p>A: Abuso infantil cometido por membro da família (padrasto)</p>
<p>Categoria: A <input checked="" type="checkbox"/></p>
<p>R: Eu contei para minha mãe e primeiro ela não acreditou e aí eu contei para minha irmã de 38 anos e ela me levou para a delegacia. Eles me levaram para fazer exame no IML e comprovaram o abuso</p>
<p>EC: Eu contei para minha mãe e primeiro ela não acreditou</p>
<p>IC: Descrédito da mãe com a história de abuso relatada pela criança</p>
<p>A: Negligência dos cuidadores com a história de abuso sexual cometido contra a criança por membro da família</p>
<p>Categoria: H1</p>
<p>R: Quando eu tinha doze anos, eu engravidei do meu primeiro namorado, pois eu não queria voltar a morar com minha mãe e aí fui morar com ele até os 17 anos. Eu saí de casa e larguei as duas crianças com ele, pois ele era muito ignorante e me tratava muito mal.</p>
<p>EC: Quando eu tinha doze anos, eu engravidei do meu primeiro namorado, pois eu não queria voltar a morar com minha mãe (...) ele era muito ignorante e me tratava muito mal.</p>
<p>IC: História de múltiplas agressões</p>
<p>A: Violências múltiplas sofridas pela mulher desde a infância até a idade adulta. Vitimização por múltiplos parceiros por prolongado período de tempo</p>
<p>Categoria: D</p>
<p>R: Hoje, eu não me esqueço de nada do que aconteceu. Tem vez eu me lembro e nem quero fazer sexo com meu marido. Ele é paciente e me entende.</p>
<p>EC: Tem vez eu me lembro e nem quero fazer sexo com meu marido.</p>
<p>IC: Experiências pregressas de violência sexual (abuso infantil etc.) provocam nojo/desinteresse sexual no relacionamento conjugal da mulher</p>
<p>A: Experiências pregressas dos abusos sofridos na infância provocam nojo/desinteresse sexual no relacionamento conjugal da mulher</p>
<p>Categoria: S1</p>

ID 209 (M.I.S.P.; 29 ANOS)

R: As duas vezes que eu apanhei do meu marido foi porque ele chegou bêbado e eu fui reclamar e ele me socou. Ele tinha outra mulher também. Na primeira vez eu fui na delegacia da mulher mas não deu em nada. Da segunda vez eu fui para a 9ª DP e

apresentei queixa e ele foi chamado e jurou que não ia fazer mais. A polícia falou para ele que se acontecesse de novo, eles iam bater nele lá na delegacia. Isso faz cinco anos e nunca mais ele me bateu.
R: As duas vezes que eu apanhei do meu marido foi porque ele chegou bêbado e eu fui reclamar e ele me socou.
EC: (...) ele chegou bêbado e eu fui reclamar e ele me socou.
IC: Mulher relaciona o uso de bebida alcoólica com as agressões físicas que ela sofreu do companheiro.
A: Uso de bebida alcoólica relacionado a episódios de violência
Categoria: S
R: Ele tinha outra mulher também
EC: Ele tinha outra mulher também
IC: Mulher também relaciona a infidelidade do marido aos episódios de violência
A:– Violência física relacionada a relacionamento extraconjugal do marido
Categoria: C1
R: Na primeira vez eu fui na delegacia da mulher mas não deu em nada. Da segunda vez eu fui para a 9ª DP e apresentei queixa e ele foi chamado e jurou que não ia fazer mais. A polícia falou para ele que se acontecesse de novo, eles iam bater nele lá na delegacia. Isso faz cinco anos e nunca mais ele me bateu.
EC: A polícia falou para ele que se acontecesse de novo, eles iam bater nele lá na delegacia. Isso faz cinco anos e nunca mais ele me bateu.
IC: Mulher não menciona Lei Maria da Penha, mas menciona violência verbal (ameaça) da polícia com parceiro como responsável pelo término da violência.
A: Após sucessivos episódios de VPI, mulher faz denúncia da violência
Categoria: D1

ID 211 (V.; 33 ANOS)
R: Quando eu tinha oito anos, meu pai colocou o amigo dele que estava bêbado para dormir na nossa casa. Ele foi na minha rede e me tocou toda no corpo. Eu não me lembro direito o que aconteceu. Eu nunca falei sobre isso com ninguém. Nunca tive coragem. Hoje foi a primeira vez.
R: Quando eu tinha oito anos, meu pai colocou o amigo dele que estava bêbado para dormir na nossa casa. Ele foi na minha rede e me tocou toda no corpo.
EC: Quando eu tinha oito anos, meu pai colocou o amigo dele que estava bêbado para dormir na nossa casa. Ele foi na minha rede e me tocou toda no corpo.
IC: Abuso infantil praticado por pessoa conhecida (amigo do pai)
A:
Categoria: A
R: Eu nunca falei sobre isso com ninguém. Nunca tive coragem. Hoje foi a primeira vez.
EC: Eu nunca falei sobre isso com ninguém. Nunca tive coragem. Hoje foi a primeira vez.
IC: Sigilo acerca do abuso mantido pela criança por medo, vergonha, ou outras razões que a entrevistada não consiga descrever
A: Eu nunca falei sobre isso com ninguém. Nunca tive coragem. (Narrar a violência é visto como um ato de coragem)
Categoria: C <input checked="" type="checkbox"/>

ID 212 (F.M.; 40 ANOS)
R: Meu marido é tão bom para mim que ele é melhor do que um pai. Meu pai me surrou bastante quando criança e algumas vezes depois que eu tinha mais de quinze

anos. Meu marido nunca fez isso.
R: Meu marido é tão bom para mim que ele é melhor do que um pai.
Categoria: F2
EC: Meu pai me surrou bastante quando criança e algumas vezes depois que eu tinha mais de quinze anos.
IC: Maus tratos/negligência na infância cometida por mãe ou pai
A:
Categoria: T

ID 213 (E.; 27 ANOS)
R: Meu marido quando bebe ele fica um amor de pessoa, ele não se estressa. Domingo ele estava ensinando meu filho a andar de bicicleta e bateu de cinto no nosso filho. No passado ele já me destratou na frente dos outros e insultou algumas vezes e chegou a me ameaçar de bater. Me deu uns tapas e empurrão. Mas hoje isso não acontece mais.
EC: No passado ele já me destratou na frente dos outros e insultou algumas vezes e chegou a me ameaçar de bater. Me deu uns tapas e empurrão. Mas hoje isso não acontece mais.
IC: Ênfase no tempo presente, no dia de hoje. Uma comparação entre o ontem da violência e o hoje sem violência.
A:
Categoria: X1

ID 214 (L.; 16 ANOS)
R: O amigo dos meus pais ia na minha casa quando meus pais não estavam e começava a me abraçar e passar a mão no meu peito. Eu tinha uns oito anos e ele devia ter uns cinquenta. Depois nós ficamos sabendo que ele estuprou as duas filhas dele. A esposa dele contou para meus pais. Depois disso não aconteceu mais nada.
EC: O amigo dos meus pais ia na minha casa quando meus pais não estavam e começava a me abraçar e passar a mão no meu peito. Eu tinha uns oito anos e ele devia ter uns cinquenta.
IC: Abuso sexual infantil ou na adolescência praticado por pessoas conhecidas (amigo dos pais)
A:
Categoria: Y

ID 215 (M.R.; 49 ANOS)
R: Eu larguei muitas vezes do meu marido (pelo menos duas vezes). Ele me bateu muitas vezes. Ele voltava sem explicação e ia ficando. Ele tinha uma amante por fora e eu estava me preparando para fugir de casa com as crianças, mas não precisou, pois ele foi embora com a mulher. Um dia ele quis voltar e como eu não deixei, ele me bateu. Meus filhos chamaram a policia e ele não me incomodou mais. Ainda não completou um ano da ultima vez que apanhei dele, mas não vou apanhar mais...chega!
R: Eu larguei muitas vezes do meu marido (pelos menos duas vezes).
EC: Eu larguei muitas vezes do meu marido
IC: Sucessivas tentativas de abandono da relação violenta
A:
Categoria: U
R: Ele me bateu muitas vezes. Ele voltava sem explicação e ia ficando
EC: Ele voltava sem explicação e ia ficando
IC: Mulher afirma que parceiro agressor voltava sem explicações, sem promessas de mudança.

A:
Categoria: G
R: Ele tinha uma amante por fora e eu estava me preparando para fugir de casa com as crianças, mas não precisou, pois ele foi embora com a mulher. Um dia ele quis voltar e como eu não deixei, ele me bateu
EC: Ele tinha uma amante por fora
IC: Mulher menciona infidelidade do marido
A:
Categoria: C1
R: Ainda não completou um ano da ultima vez que apanhei dele, mas não vou apanhar mais...chega!
EC: mas não vou apanhar mais...chega!
IC: Ênfase no tempo presente, no dia de hoje. Uma comparação entre o ontem da violência e o hoje sem violência.
A:
Categoria: X1

ID 217 (M.G.L.B.; 47 ANOS)
R: Minha cunhada vive apanhando do marido dela. Eu nunca apanhei de marido, só do meu pai. Ele me bateu muitas vezes depois que eu já era grande.
EC: Minha cunhada vive apanhando do marido dela
IC: Relato de vivencia de violência grave sofrida por membro da família
A:
Categoria: E

ID 218 (M. 42 ANOS)
R: Fui criada com meus avós e meu avô me deitava no colo dele e punha a minha mão para massagear o pênis dele. Eu devia de ter uns 5 anos. Já com meu irmão, quando eu tinha uns 7 anos, um dia eu acordei com ele me pegando todinha. Quando eu contei para minha mãe, ela disse que eu estava sonhando. Depois de um tempo, ela mesma pegou ele fazendo isso comigo e o mandou embora. Ela só acreditou depois que viu.
R: Fui criada com meus avós e meu avô me deitava no colo dele e punha a minha mão para massagear o pênis dele. Eu devia de ter uns 5 anos. Já com meu irmão, quando eu tinha uns 7 anos, um dia eu acordei com ele me pegando todinha
EC: meu avô me deitava no colo dele e punha a minha mão para massagear o pênis dele (...) Já com meu irmão, quando eu tinha uns 7 anos, um dia eu acordei com ele me pegando todinha
IC: Abuso infantil praticado por membros da família (avô e irmão)
A: [Mãe] Ela só acreditou depois que viu.
Categoria: A <input checked="" type="checkbox"/>
R: Quando eu contei para minha mãe, ela disse que eu estava sonhando. Depois de um tempo, ela mesma pegou ele fazendo isso comigo e o mandou embora. Ela só acreditou depois que viu
EC: Quando eu contei para minha mãe, ela disse que eu estava sonhando. Depois de um tempo, ela mesma pegou ele fazendo isso comigo e o mandou embora. Ela só acreditou depois que viu
IC: Negligência dos cuidadores com a história de abuso sexual cometido contra a criança por membro da família
A:
Categoria: H1

ID 220 (C.S.D. 28 ANOS)

R: Quando eu tinha 10 anos, eu estava passando as férias com minha vó e o namorado dela estava dormindo na casa dela. Quando eu acordei de noite, ele estava me pegando toda. Eu contei para minha vó no dia seguinte, e ele negou tudo. Minha vó terminou o namoro e eu nunca mais o vi, mas eu ainda me lembro da cara dele até hoje.
EC: Quando eu tinha 10 anos, eu estava passando as férias com minha vó e o namorado dela estava dormindo na casa dela. Quando eu acordei de noite, ele estava me pegando toda.
IC: Abuso infantil praticado por pessoa conhecida (namorado da avó)
A:
Categoria: Y

ID 221 (M.R.; 35 ANOS)
R: No dia 23 de outubro de 2006 eu estava sentada em frente de casa aqui no Varjão no meio fio conversando com uma amiga. Meu marido chegou me espancando, puxando meus cabelos, me arrastou no asfalto, me deu chute no peito e eu desmaiei. Os vizinhos chamaram a polícia, e os policiais levaram ele. No mesmo dia, o irmão dele pagou 650,00 reais e tirou ele da cadeia e levou ele para a casa dele. Eu não sei como, mas hoje ele vai receber o dinheiro da fiança de volta. No dia seguinte, ele voltou a morar aqui e hoje ele não bate, mas me ameaça o tempo todo.
R: Meu marido chegou me espancando, puxando meus cabelos, me arrastou no asfalto, me deu chute no peito e eu desmaiei
EC: me espancando, puxando meus cabelos, me arrastou no asfalto, me deu chute no peito e eu desmaiei
IC: Violência física grave cometida pelo parceiro atual ou no passado
A:
Categoria: Y1
R: Os vizinhos chamaram a polícia, e os policiais levaram ele. No mesmo dia, o irmão dele pagou 650,00 reais e tirou ele da cadeia e levou ele para a casa dele. Eu não sei como
EC: Os vizinhos chamaram a polícia, e os policiais levaram ele. No mesmo dia, o irmão dele pagou 650,00 reais e tirou ele da cadeia
IC: Depois da iniciativa da vizinhança de chamar a polícia e o agressor ser levado para a delegacia, no dia seguinte ele foi solto e estava de volta para ameaçar a mulher
Categoria: D1
R: No dia seguinte, ele voltou a morar aqui e hoje ele não bate, mas me ameaça o tempo todo.
EC: (...) mas me ameaça o tempo todo.
IC: Mulher vive em estado de alerta e medo do parceiro
A:
Categoria: F

ID 222 (M; 36 ANOS)
R: Meu esposo foi assassinado há um ano aqui no Varjão. Ele recebeu o dinheiro do pagamento do mês e um cara bateu muito nele, quebrou a garrafa e cortou o pescoço dele e ele morreu na hora. Roubaram só o tênis dele, pois ele já tinha pagado as contas com o dinheiro que tinha recebido e estava sem dinheiro. Ele só tinha quarenta anos e não estava trabalhando fichado. Só em 2001 que ele trabalhou fichado. Eu fiquei com seis crianças para criar. Eu recebia cento e oitenta reais do Renda Minha pelas minhas quatro crianças e há dois meses eu só recebo cento e cinqüenta.
R: Meu esposo foi assassinado há um ano aqui no Varjão. Ele recebeu o dinheiro do pagamento do mês e um cara bateu muito nele, quebrou a garrafa e cortou o pescoço

dele e ele morreu na hora. Roubaram só o tênis dele
EC: Meu esposo foi assassinado há um ano aqui no Varjão (...) um cara bateu muito nele, quebrou a garrafa e cortou o pescoço dele e ele morreu na hora.
IC: Violências e criminalidades na comunidade do varjão
A: Violências e criminalidades na comunidade do varjão
Categoria: A1
R: Eu fiquei com seis crianças para criar. Eu recebia cento e oitenta reais do Renda Minha pelas minhas quatro crianças e há dois meses eu só recebo cento e cinqüenta.
EC: Eu fiquei com seis crianças para criar.
IC: Vulnerabilidade socioeconômica.
A
Categoria: Z1

ID 223 (E; 49 ANOS)
R: Meu marido já me empurrou e me deu tapas muitas vezes. Quando ele fica bêbado, ele pega a faca e fica batendo nos móveis até lá fora da rua e fica como um louco dizendo que vai matar todos nós. Ele batia muito nos nossos filhos, batia de pau e de soco e os filhos foram ficando tudo revoltado, crescendo com muita raiva de tudo.
R: Meu marido já me empurrou e me deu tapas muitas vezes. Quando ele fica bêbado, ele pega a faca e fica batendo nos móveis até lá fora da rua e fica como um louco dizendo que vai matar todos nós.
EC: Quando ele fica bêbado, ele pega a faca e fica batendo nos móveis até lá fora da rua e fica como um louco dizendo que vai matar todos nós.
IC: Uso de bebida alcoólica relacionado a episódios de violência
A:
Categoria: S
R: Ele batia muito nos nossos filhos, batia de pau e de soco e os filhos foram ficando tudo revoltado, crescendo com muita raiva de tudo.
EC: (...) batia de pau e de soco e os filhos foram ficando tudo revoltado
IC: Maus tratos/negligência na infância cometida pelo pai
A
Categoria: T

ID 224 (S.D.B.; 18 ANOS)
R: Meu padrasto batia na minha mãe. Ele bebia muito e batia nela. Uma vez ele pegou um facão e bateu nas costas dela e ficou uma marca roxa. Hoje ele é uma pessoa diferente. Parou de beber e nunca mais bateu nela. Hoje, eles vivem muito diferente do que era antes.
R: Meu padrasto batia na minha mãe
EC: Meu padrasto batia na minha mãe.
IC: Relato de vivência de violência grave sofrida por membro da família
A:
Categoria: E
R: Ele bebia muito e batia nela. Uma vez ele pegou um facão e bateu nas costas dela e ficou uma marca roxa.
EC: Ele bebia muito e batia nela
IC: Uso de bebida alcoólica relacionado a episódios de violência
A:
Categoria: S
R: Hoje ele é uma pessoa diferente. Parou de beber e nunca mais bateu nela. Hoje, eles vivem muito diferente do que era antes.

EC: Hoje ele é uma pessoa diferente (...). Hoje, eles vivem muito diferentes do que era antes.
IC: Idéia de um novo tempo enfatizado pela palavra “Hoje” como mudança de vivências e/ou experiências que ensinaram.
A:
Categoria: X1

ID 225 (T.S.A.; 17 ANOS)
R: Quando eu tinha 14 anos, meu namorado me pediu para morar com ele. A gente já namorava há três meses. Meu namorado foi falar com minha mãe. Ela ficou só rindo e não deu nenhuma opinião. Eu só queria que ela desse a opinião dela, mas ela não deu. Quando eu fiquei grávida e contei para ela, ela começou a rir e disse que já que eu estava morando com ele, ela não tinha nada a dizer. Acho que eu queria que ela tivesse dito não, colocado limites.
EC: Quando eu tinha 14 anos, meu namorado me pediu para morar com ele. (...) Ela ficou só rindo e não deu nenhuma opinião. (..) Acho que eu queria que ela tivesse dito não, colocado limites.
IC: Maus tratos/negligência na infância cometida por mãe ou pai
A: Acho que eu queria que ela tivesse dito não, colocado limites.
Categoria: T

ID 227(N.F.; 36 ANOS)
R: Meus irmãos batem muito nas mulheres deles. Eu me lembro que meu pai bebia muito e batia muito em minha mãe. Eu me lembro de tudo e minha mãe nega até hoje, pois acho que ela quer esquecer.
EC: Meus irmãos batem muito nas mulheres deles. Eu me lembro que meu pai bebia muito e batia muito em minha mãe.
IC: Relato de vivencia de violência grave sofrida por membro da família
A:
Categoria: E

ID 228 (E.M.S.; 28 ANOS)
R: Eu acho que porque meu marido bebia muito quando ele chegava em casa ele me batia. Um dia nós estávamos na rua à noite e um cara começou a brigar com outro e começou a atirar e o segundo tiro pegou no meu marido. Ele ficou um ano na cadeira de rodas e depois ele começou a andar de bengala. Assim mesmo ele continuava a bater em mim. Eu trabalhava e chegava em casa e ele me batia quando eu ia dar comida para ele. Eu trazia o dinheiro para casa e ainda levava. Uma vez ele jogou um prato de comida quente em cima de mim e me queimou. Às vezes quando eu estava cansada e dormia e me esquecia de virar ele na cama – por causa da paralisia – ele me acordava com um murro e me batia muito.
R: Eu acho que porque meu marido bebia muito quando ele chegava em casa ele me batia.
EC: Eu acho que porque meu marido bebia muito quando ele chegava em casa ele me batia.
IC: Uso de bebida alcoólica relacionado a episódios de violência
A: Eu acho que porque meu marido bebia muito quando ele chegava em casa ele me batia.
Categoria: S
R: Um dia nós estávamos na rua à noite e um cara começou a brigar com outro e começou a atirar e o segundo tiro pegou no meu marido. Ele ficou um ano na cadeira de rodas e depois ele começou a andar de bengala
EC: Um dia nós estávamos na rua à noite e um cara começou a brigar com outro e

começou a atirar e o segundo tiro pegou no meu marido
IC: Violências e criminalidades na comunidade do Varjão
A:
Categoria: A1
R: Assim mesmo ele continuava a bater em mim. Eu trabalhava e chegava em casa e ele me batia quando eu ia dar comida para ele. Eu trazia o dinheiro para casa e ainda levava. Uma vez ele jogou um prato de comida quente em cima de mim e me queimou. Às vezes quando eu estava cansada e dormia e me esquecia de virar ele na cama – por causa da paralisia – ele me acordava com um murro e me batia muito.
EC: Eu trazia o dinheiro para casa e ainda levava. Uma vez ele jogou um prato de comida quente em cima de mim e me queimou. Às vezes quando eu estava cansada e dormia e me esquecia de virar ele na cama – por causa da paralisia – ele me acordava com um murro e me batia muito. Ele nem pedia perdão ou prometia qualquer coisa
IC: Escalonamento e/ou prolongamento das vps marcado pela ausência da fase da “lua de mel” do ciclo da violência
A: Ele nem pedia perdão ou prometia qualquer coisa (Violência como algo que pode ser “perdoado”)
Categoria: G

ID 229 (V; 27 ANOS)
R: Quando eu tinha nove anos, minha mãe deixou eu morando por dois meses morando na cidade com uma amiga dela e o marido. Quando o casal ia ter sexo, eles me chamavam e pediam para eu ficar olhando enquanto eles tinham relação sexual ou então era para eu deixar o marido dela ver meu seio e deixar ele me tocar. O tempo que eu fiquei lá, isso acontecia o tempo todo. Eu ficava com vergonha de contar para minha mãe. Um dia ele tentou me enforcar quando a esposa dele não estava lá. Eu fiquei com tanto medo que contei tudo para minha mãe. Eu não me lembro porque minha mãe não chamou a policia para ele.
R: Quando eu tinha nove anos, minha mãe deixou eu morando por dois meses morando na cidade com uma amiga dela e o marido. Quando o casal ia ter sexo, eles me chamavam e pediam para eu ficar olhando enquanto eles tinham relação sexual ou então era para eu deixar o marido dela ver meu seio e deixar ele me tocar.
EC: Quando o casal ia ter sexo, eles me chamavam e pediam para eu ficar olhando enquanto eles tinham relação sexual ou então era para eu deixar o marido dela ver meu seio e deixar ele me tocar
IC: Abuso sexual infantil praticado por pessoas conhecidas (casal amigo da mãe)
A:
Categoria: Y
R: Eu ficava com vergonha de contar para minha mãe.
EC: Eu ficava com vergonha de contar para minha mãe.
IC: Sigilo acerca do abuso mantido pela criança vergonha
A: Sigilo acerca do abuso mantido pela criança vergonha
Categoria: C <input checked="" type="checkbox"/>
R: Um dia ele tentou me enforcar quando a esposa dele não estava lá. Eu fiquei com tanto medo que contei tudo para minha mãe. Eu não me lembro porque minha mãe não chamou a policia para ele.
EC: Ele (o abusador) tentou me enforcar (...). Eu fiquei com tanto medo que contei tudo para minha mãe. Eu não me lembro porque minha mãe não chamou a policia para ele.
IC: Maus tratos/negligência na infância cometida pela mãe
A:
Categoria: T

ID 230 (M.F.; 43 ANOS)
R: Quando meu marido fica nervoso, ele fica agitado e me xinga direto. Aí, ele fecha a porta da casa para eu não ir para a rua e para ninguém olhar para dentro de casa. Isso aconteceu depois que ele teve um derrame e ficou nervoso. O médico disse que ele ficou assim por causa da doença (derrame). Ele dorme com a chave da porta no bolso que é para eu não sair para a rua. Ele nunca me bateu, mas já me humilhou, ameaçou e me xingou muitas vezes.
R: Quando meu marido fica nervoso, ele fica agitado e me xinga direto
EC: Quando meu marido fica nervoso, ele fica agitado e me xinga direto
IC: idéia de que a violência psicológica ocorre porque o homem está "nervoso"
A: Quando meu marido fica nervoso, ele fica agitado e me xinga direto (Nervoso como causa da violência)
Categoria: B2
R: Aí, ele fecha a porta da casa para eu não ir para a rua e para ninguém olhar para dentro de casa. Isso aconteceu depois que ele teve um derrame e ficou nervoso.
EC: Aí, ele fecha a porta da casa para eu não ir para a rua e para ninguém olhar para dentro de casa (...) Ele dorme com a chave da porta no bolso que é para eu não sair para a rua.
IC: Mulher é submetida a ao cárcere privado
A:
Categoria: W1

ID 231 (D.; 39 ANOS)
R: Lá na roça da Bahia (Pilão Arcade) onde a gente morava, não tinha o mal. A gente morava num lugar calmo e essas maldades daqui da cidade não existia lá.
EC: Lá na roça da Bahia (Pilão Arcade) onde a gente morava, não tinha o mal
IC: Percepção do campo como local protegido de violência
A: Lá na roça da Bahia onde a gente morava, não tinha o mal
Categoria: X

ID 232 (V.; 20 ANOS)
R: Eu me lembro que um dia eu e meus pais fomos com meu tio ver uma chácara. Minhas mãe mandou eu ficar no carro com o tio. Eu tinha sete anos e ele devia ter uns trinta e oito anos. Aí ele tentou pegar na minha piriquita e eu gritei e consegui sair do carro correndo. Minha mãe queria bater no meu tio. Depois disso, ele se afastou da família e nós nunca mais ouvimos falar dele.
EC: Minhas mãe mandou eu ficar no carro com o tio. Eu tinha sete anos e ele devia ter uns trinta e oito anos. Aí ele tentou pegar na minha piriquita e eu gritei e consegui sair do carro correndo. Minha mãe queria bater no meu tio.
IC: Abuso infantil praticado por membro da família (Tio)
A:
Categoria: A <input checked="" type="checkbox"/>

ID 233 (S.; 24 ANOS)
R: O irmão do meu marido matou uma moça aqui no Varjão porque ele bebeu uma cerveja e não pagou. Ela desacatou ele e aí ele foi lá e matou a moça. Ele fugiu. Ele tinha uns 16 ou 17 anos de idade. Eu tenho muito medo do meu marido fazer o mesmo comigo. Um dia, ele chegou me batendo dizendo que eu tinha outro, apertou meu pescoço e jogou uma panela em mim. Eu gritei por socorro e a vizinha avisou que ia chamar a policia e ele escapou. Eu vivo presa em casa. Quando ele chega do serviço, ele quer ver qual calcinha que eu estou usando. .. Daí ele pergunta por que eu troquei de calcinha, porque eu tomei banho. Às vezes ele cheira minha calcinha para ver se tem cheiro de homem. Eu prefiro às vezes tomar banho só depois que ele chega porque daí ele não fica desconfiado. Eu estou conversando aqui com você,

mas tenho que ficar vigiando para ver se ele não vai chegar antes da hora. Olha só os papeis da vez que eu chamei a policia para ele. E esse é da delegacia da mulher... Nunca dá em nada. Eu fico com medo de ir em frente.
R: O irmão do meu marido matou uma moça aqui no Varjão porque ele bebeu uma cerveja e não pagou. Ela desacatou ele e aí ele foi lá e matou a moça. Ele fugiu.
EC: O irmão do meu marido matou uma moça aqui no Varjão porque ele bebeu uma cerveja e não pagou. Ela desacatou ele e aí ele foi lá e matou a moça.
IC: Violências e criminalidades na comunidade do varjão
A:
Categoria: A1
R: Eu tenho muito medo do meu marido fazer o mesmo comigo (Assassinato)
EC: O irmão do meu marido matou uma moça aqui no Varjão (...) Eu tenho muito medo do meu marido fazer o mesmo comigo.
IC: Mulher vive em estado de alerta e medo do parceiro
A:
Categoria: F
R: Um dia, ele chegou me batendo dizendo que eu tinha outro, apertou meu pescoço e jogou uma panela em mim. Eu gritei por socorro e a vizinha avisou que ia chamar a policia e ele escapou
EC: Um dia, ele chegou me batendo dizendo que eu tinha outro, apertou meu pescoço e jogou uma panela em mim
IC: Violência física grave
Categoria: Y1
R: Eu vivo presa em casa. Quando ele chega do serviço, ele quer ver qual calcinha que eu estou usando. .. Daí ele pergunta por que eu troquei de calcinha, porque eu tomei banho. Às vezes ele cheira minha calcinha para ver se tem cheiro de homem. Eu prefiro às vezes tomar banho só depois que ele chega porque daí ele não fica desconfiado.
EC: Eu vivo presa em casa
IC: Cárcere Privado
A:
Categoria: W1
R: Eu estou conversando aqui com você, mas tenho que ficar vigiando para ver se ele não vai chegar antes da hora. Olha só os papeis da vez que eu chamei a policia para ele. E esse é da delegacia da mulher... Nunca dá em nada. Eu fico com medo de ir em frente.
EC: Eu estou conversando aqui com você, mas tenho que ficar vigiando para ver se ele não vai chegar antes da hora. Olha só os papeis da vez que eu chamei a policia para ele. E esse é da delegacia da mulher... Nunca dá em nada. Eu fico com medo de ir em frente.
IC: Mulher em constante vigilância e medo
A: Nunca dá em nada (enuncia representada aqui como algo que nunca dá em nada)
C: F

ID 234 (R.; 28 ANOS)
R: Se a mulher quando apanha da primeira vez não enfrenta o marido e bate nele também, aí ela apanha sempre. Uma vez, falei para minha amiga que ela precisava enfrentar o marido dela. Não precisa matar não, é só deixar uma marca nele. Aí quando ele bateu nela na semana seguinte e ela pegou o relógio e meteu na cabeça dele que saiu sangue a coisa ficou diferente. Depois disso parece que a coisa melhorou. O meu marido já me humilhou e ameaçou muitas vezes. Mas só me empurrou e deu um tapa umas poucas vezes. Eu reagi muitas vezes, mas nunca comecei a bater sem estar apanhando primeiro.
EC: Aí quando ele bateu nela na semana seguinte e ela pegou o relógio e meteu na

cabeça dele que saiu sangue a coisa ficou diferente. Depois disso parece que a coisa melhorou.
IC: Mulher reagiu fisicamente quando agredida e/ou afirmou que reagiria
A:
Categoria: P

ID 236 (T.; 17 ANOS)
R: Meu pai batia muito na minha mãe. Isso afetava todo mundo da casa. Nós morávamos em Cuiabá e tivemos que vir com minha mãe fugida aqui para Brasília. Minha mãe veio só com as malas e deixou tudo para trás. Depois o meu pai nos achou aqui, mas não nos incomodou.
EC: Meu pai batia muito na minha mãe.
IC: Entrevistada relata violência física que o pai cometia com a mãe
A:
Categoria: E
EC: Isso afetava todo mundo da casa.
IC: Violência psicológica sofrida pelos filhos ao testemunhar as VPIS praticadas pelo pai
A: Isso afetava todo mundo da casa.
Categoria: J

ID 237 (A.S.; 32 ANOS)
R: Minha vizinha apanha do marido. Fora o rapaz que mexe com droga que é meu vizinho e a gente morre de medo. A gente vive cercada de violência. Aqui no Varjão eu não saio de noite nem para comprar remédio, pois é muito perigoso. Quem mora aqui sabe disso e evita sair de noite.
EC: Minha vizinha apanha do marido.
IC: Relato de vivencia de VPI sofrida por vizinha/membro da comunidade
A:
Categoria: O
R: Fora o rapaz que mexe com droga que é meu vizinho e a gente morre de medo. A gente vive cercada de violência. Aqui no Varjão eu não saio de noite nem para comprar remédio, pois é muito perigoso
EC: A gente vive cercada de violência. Aqui no Varjão eu não saio de noite nem para comprar remédio, pois é muito perigoso
IC: Violências e criminalidades na comunidade do Varjão
A: A gente vive cercada de violência
Categoria: A1

ID 238 (M.I.F.; 32 ANOS)
R: Morar no Varjão é muito difícil. A droga esta por todo lugar. Eles tentam assaltar a casa da gente em plena oito horas da noite com a gente dentro de casa. Aconteceu comigo e eu tenho muito medo.
EC: Morar no Varjão é muito difícil. A droga esta por todo lugar. Eles tentam assaltar a casa da gente em plena oito horas da noite com a gente dentro de casa
IC: Violências e criminalidades na comunidade do Varjão
A: Morar no Varjão é muito difícil
Categoria: A1

ID 239 (M.L.S.; 31 ANOS)
R: Meu pai era muito violento com as filhas. Só com as mulheres. Um dia ele chegou a botar uma faca em mim, na minha barriga. Eu estava do lado de fora de casa conversando com minhas amigas e ele ficou zangado. Minha mãe gritou e eu corri e

<p>fiquei três dias fora de casa. Ele sempre batia muito na gente com chicote de cavalo. Aquilo deixava nossa pele merejando de sangue. Eu saí de casa com 15 anos, pois não agüentava mais morar lá. Meu marido já me insultou e me humilhou na frente das pessoas algumas vezes. Ele já me ameaçou e me deu medo muitas vezes. Quando começa a discussão eu fico calada porque tenho medo dele. Um dia, ele queria ir a uma festa e eu disse que não ia ficar só em casa porque eu estava de resguardo com uma criança recém nascida. Aí ele começou a gritar e pegou uma faca na gaveta. “Vou te furar para ficar livre de você.” Eu lutei com ele e segurei a faca e cortei a minha mão. Ele soltou a faca e saiu para a festa. Quando ele chegou, eu conversei com ele e falei que ia embora. Aí ele disse que estava nervoso e não ia mais fazer isso. Desse dia para cá ele nunca mais me ameaçou com faca.</p>
R: Meu pai era muito violento com as filhas. Só com as mulheres
IC: violência baseada em gênero
A: Meu pai era muito violento com as filhas. Só com as mulheres
Categoria: B2
R: Um dia ele chegou a botar uma faca em mim, na minha barriga. Eu estava do lado de fora de casa conversando com minhas amigas e ele ficou zangado. Minha mãe gritou e eu corri e fiquei três dias fora de casa. Ele sempre batia muito na gente com chicote de cavalo. Aquilo deixava nossa pele merejando de sangue.
EC: Meu pai era muito violento com as filhas. Só com as mulheres (...) Ele sempre batia muito na gente com chicote de cavalo
IC: Maus tratos/negligência na infância cometida pelo pai e mãe
A:
Categoria: T
R: Eu saí de casa com 15 anos, pois não agüentava mais morar lá.
EC: Eu saí de casa com 15 anos, pois não agüentava mais morar lá.
IC: Criança submetida a violências persistente e crônica ao ponto de abandonar o lar.
A:
Categoria: A2
R: Ele já me ameaçou e me deu medo muitas vezes. Quando começa a discussão eu fico calada porque tenho medo dele
EC: Ele já me ameaçou e me deu medo muitas vezes. Quando começa a discussão eu fico calada porque tenho medo dele
IC: Silêncio como estratégia de sobrevivência num clima de graves VPIs
A:
Categoria: F
R: (...) Aí ele começou a gritar e pegou uma faca na gaveta. “Vou te furar para ficar livre de você.” Eu lutei com ele e segurei a faca e cortei a minha mão.
EC: Aí ele começou a gritar e pegou uma faca na gaveta. “Vou te furar para ficar livre de você.”
IC: Escalonamento da severidade da violência
A:
Categoria: Y1
R: Ele soltou a faca e saiu para a festa. Quando ele chegou, eu conversei com ele e falei que ia embora. Aí ele disse que estava nervoso e não ia mais fazer isso. Desse dia para cá ele nunca mais me ameaçou com faca
EC: Aí ele disse que estava nervoso e não ia mais fazer isso.
IC: Naturalização da violência sofrida pelo excesso de exposição ao fenômeno das VPIS
A:
Categoria: K1

ID 240 (A. 44 ANOS)
R: Minha mãe tinha treze anos e meu pai vinte e sete quando eles foram forçados pela família a se casarem. Minha mãe conta que ele estuprava menina nova que morava perto da casa dele, mas a policia nunca pegou ele. Quando minha mãe estava de resguardo, ele trazia mulher para dentro de casa. Meu pai tentou estuprar minha irmã, mas comigo ele nunca tentou nada. Pelo menos, não que eu me lembro.
R: Minha mãe tinha treze anos e meu pai vinte e sete quando eles foram forçados pela família a se casarem. Minha mãe conta que ele estuprava menina nova que morava perto da casa dele, mas a policia nunca pegou ele.
EC: Minha mãe tinha treze anos e meu pai vinte e sete quando eles foram forçados pela família a se casarem
IC: História de maus tratos/negligência por parte dos avós sofridos pela mãe da entrevistada
A
Categoria: E
R: Meu pai tentou estuprar minha irmã, mas comigo ele nunca tentou nada. Pelo menos, não que eu me lembro.
EC: Meu pai tentou estuprar minha irmã
IC: História de abuso infantil da irmã da entrevistada praticado por membro da família (Pai)
A:
Categoria: A <input checked="" type="checkbox"/>

ID 241 (M.C.; 45 ANOS)
R: Nos dias que eu estava junto com meu marido, eu estava grávida de pouco tempo e ele começou a brigar e jogou um pau em cima de mim. Graças a Deus ele não me acertou. Ele me batia muito sem eu merecer, pois eu sempre trabalhei muito e trazia as coisas para dentro de casa. Ele não bebia. Ele fazia essas coisas ruins e estava "normal". Quando ele começava a brigar eu ficava morrendo de medo dele me matar. Mais tarde eu descobri que ele queria mudar o sexo dele e era por isso que ele não me procurava sexualmente. Ele queria que eu tivesse um caso com outro homem e ele também ao mesmo tempo. Quando eu não aceitei, ele me chamou de cafona. Hoje, nós nos divorciamos e ele assumiu que ele é bicha. Como eu sou da igreja, os pastores não admitem separação e eu tive que agüentar o sofrimento com ele por muito tempo.
R: Nos dias que eu estava junto com meu marido, eu estava grávida de pouco tempo e ele começou a brigar e jogou um pau em cima de mim.
EC: (...) eu estava grávida de pouco tempo e ele começou a brigar e jogou um pau em cima de mim
IC: Escalonamento da violência durante o período da gravidez
A:
Categoria: K
R: Ele me batia muito sem eu merecer, pois eu sempre trabalhei muito e trazia as coisas para dentro de casa
EC: (...) sem eu merecer, pois eu sempre trabalhei muito
IC: Entrevistada revela que pode existir razões para a mulher "merecer" apanhar
A: Idéia que tem atitudes da mulher que merecem a punição física. "Ele me batia muito sem eu merecer, pois eu sempre trabalhei muito e trazia as coisas para dentro de casa"
Categoria: B2:
R: Quando ele começava a brigar eu ficava morrendo de medo dele me matar
EC: eu ficava morrendo de medo dele me matar
IC: Mulher vive em estado de alerta e medo do parceiro tentar matá-la
A:

Categoria: F
R: Ele queria que eu tivesse um caso com outro homem e ele também ao mesmo tempo. Quando eu não aceitei, ele me chamou de cafona. Hoje, nós nos divorcamos e ele assumiu que ele é bicha.
EC: Ele queria que eu tivesse um caso com outro homem e ele também ao mesmo tempo.
IC: Parceiro tentou forçar pratica sexual que mulher achou degradante
A:
Categoria: N
R: Como eu sou da igreja, os pastores não admitem separação e eu tive que agüentar o sofrimento com ele por muito tempo.
EC: (...) os pastores não admitem separação e eu tive que agüentar o sofrimento com ele por muito tempo
IC: Abuso do poder eclesiástico/religioso
A:
Categoria: G2

ID 242 (J.A.T.; 26 ANOS)
R: Quando eu tinha 14 anos, meu padrasto me levou um dia para o mato e queria ficar comigo a força. Eu gritei e ele não conseguiu tudo, só tirou minha roupa... Eu contei para minha mãe e ela chamou a policia. Minha mãe acreditou em mim porque meu padrasto já tinha feito de tudo com a sobrinha dela. Ela sempre me batia muito... Um dia, eu me lembro que minha mãe me cortou uma vez com facão. Eu comprei uma foto do grupo Mamonas Assassinas e minha mãe brigou e queimou a foto e tacou o facão em mim e me cortou. Eu saí de casa e nunca mais voltei. Juntei com meu primeiro marido uns anos depois quando eu tinha 16 anos de idade. Eu já apanhei do meu atual companheiro. Uma vez ele chegou bêbado e quis transar comigo. Eu disse não e ele me pôs para fora de casa e me mandou dormir lá fora na rua. Eu fui para casa de uma amiga. A vida não tem sido boa para mim.
R: Quando eu tinha 14 anos, meu padrasto me levou um dia para o mato e queria ficar comigo a força. Eu gritei e ele não conseguiu tudo, só tirou minha roupa
EC: Quando eu tinha 14 anos, meu padrasto me levou um dia para o mato e queria ficar comigo a força.
IC: Abuso infantil praticado por membro da família (padrasto)
A:
Categoria: A <input checked="" type="checkbox"/>
R: Minha mãe acreditou em mim porque meu padrasto já tinha feito de tudo com a sobrinha dela. Ela sempre me batia muito... Um dia, eu me lembro que minha mãe me cortou uma vez com facão. Eu comprei uma foto do grupo Mamonas Assassinas e minha mãe brigou e queimou a foto e tacou o facão em mim e me cortou.
EC: Ela sempre me batia muito... Um dia, eu me lembro que minha mãe me cortou uma vez com facão
IC: Maus tratos/negligência na infância cometida por mãe
A:
Categoria: T
R: Eu saí de casa e nunca mais voltei
EC: Eu saí de casa e nunca mais voltei
IC: Abandono do lar por excesso de violência sofrida
A:
Categoria: A2
R: Juntei com meu primeiro marido uns anos depois quando eu tinha 16 anos de idade. Eu já apanhei do meu atual companheiro. Uma vez ele chegou bêbado e quis transar comigo. Eu disse não e ele me pôs para fora de casa e me mandou dormir lá

fora na rua. Eu fui para casa de uma amiga.
EC:
IC: Vitimização sistêmica desde a infância
A:
Categoria: D
R: A vida não tem sido boa para mim.
EC: A vida não tem sido boa para mim.
IC: Desesperança, sentimentos depressivos relacionados com história de vitimização, episódios de violência
A: A vida não tem sido boa para mim.
Categoria: I1

ID 243 (R.O.; 38 ANOS)
R: Eu morei 14 anos com meu ex-marido. No começo ele não me agredia. Ele saía direto para os bares e festas e com o tempo ele começou a chegar bêbado. Ele começou a pegar o facão e bater em minhas costas... Surra de facão. Muitas vezes eu chamei a policia, mas ele nunca parou de me agredir. Duas semanas atrás ele me bateu na rua. Eu estava vindo da casa de minha irmã. Ele me bateu, me chutou e me ameaçou de morte. Eu quero ir à policia. Meu atual namorado já foi esfaqueado antes da gente se conhecer numa briga. Deram sete facadas nele. Hoje, ele é que bate em mim.
R: com o tempo ele começou a chegar bêbado. Ele começou a pegar o facão e bater em minhas costas. Surra de facão (...) Ele me bateu, me chutou e me ameaçou de morte.
EC: com o tempo ele começou a chegar bêbado. Ele começou a pegar o facão e bater em minhas costas... Surra de facão
IC: Uso de bebida alcoólica relacionado a episódios de violência
A:
Categoria: S
R: Muitas vezes eu chamei a policia, mas ele nunca parou de me agredir.
EC: Muitas vezes eu chamei a policia, mas ele nunca parou de me agredir
IC: Ineficácia da denuncia das VPIs para a polícia.
A: Muitas vezes eu chamei a policia, mas ele nunca parou de me agredir
Categoria: D1
R: Meu atual namorado já foi esfaqueado antes da gente se conhecer numa briga. Deram sete facadas nele.
EC: Deram sete facadas nele.
IC: Violências e criminalidades na comunidade do Varjão
A:
Categoria: A1
R: Hoje, ele é que bate em mim.
EC: Hoje, ele é que bate em mim
IC: Violências múltiplas sofridas pela mulher por prolongado período de tempo
A:
Categoria: D

ID 246 (J.F.; 31 ANOS)
R: Minha mãe fugiu do meu pai porque ele era meio doido e batia nela. Aí nós ficamos na casa de uma tia, mas essa tia e os filhos dela judiavam de mim e meus irmãos. Batia na gente de porrada, esfregava minha cara no sofá e outras maldades. Depois, quando eu tinha dez anos e minha irmã 14, nós tivemos que fugir de nosso irmão por parte de pai. Ele tinha 25 anos e quando chegava bêbado, ele sempre tentava pegar na gente e tirar a roupa da gente. Um dia ele furou a barriga de minha

<p>mãe com punhal porque ela não deixou mexer com a gente. Para completar meus dois maridos eram violentos comigo. O primeiro mexia com drogas e roubava. Quando chegava em casa ele era violento comigo. Um dia, quando eu estava grávida do nosso primeiro filho, eu já tinha 15 anos e ele 40, ele ficou nervoso e pegou um garfo e enfiou na minha barriga, mas não furou muito. O segundo marido bebia muita cachaça e batia muito em mim. Ele me deixou doente da cabeça por causa de depressão e até hoje eu tomo remédio controlado... Haldol e fenergan. Eu nunca tive sorte com homem! Cada um era pior do que o outro.</p>
R: Minha mãe fugiu do meu pai porque ele era meio doido e batia nela
EC: Minha mãe fugiu do meu pai porque ele era meio doido e batia nela
IC: Relato de vivência de violência grave sofrida por membro da família (mãe)
A: ele era meio doido e batia nela (violência como coisa de doido)
Categoria: E
R: Aí nós ficamos na casa de uma tia, mas essa tia e os filhos dela judiavam de mim e meus irmãos. Batia na gente de porrada, esfregava minha cara no sofá e outras maldades.
EC: Batia na gente de porrada, esfregava minha cara no sofá e outras maldades.
IC: Infância marcada por violências e abandonos
A:
Categoria: T
R: Depois, quando eu tinha dez anos e minha irmã 14, nós tivemos que fugir de nosso irmão por parte de pai. Ele tinha 25 anos e quando chegava bêbado, ele sempre tentava pegar na gente e tirar a roupa da gente.
EC: nós tivemos que fugir de nosso irmão por parte de pai... ele sempre tentava pegar na gente e tirar a roupa da gente.
IC:
A: Abuso infantil praticado por membro da família (Irmão)
Categoria: A <input checked="" type="checkbox"/>
R: Para completar meus dois maridos eram violentos comigo. O primeiro mexia com drogas e roubava. Quando chegava em casa ele era violento comigo.
EC: Para completar meus dois maridos eram violentos comigo
IC: Violências múltiplas sofridas pela mulher desde a infância até a idade adulta e vitimização por múltiplos parceiros por prolongado período de tempo
A:
Categoria: D
R: Um dia, quando eu estava grávida do nosso primeiro filho, eu já tinha 15 anos e ele 40, ele ficou nervoso e pegou um garfo e enfiou na minha barriga, mas não furou muito
EC: (...) quando eu estava grávida do nosso primeiro filho
IC: Escalonamento da violência durante o período da gravidez
A: ele ficou nervoso e pegou um garfo e enfiou na minha barriga (violência como nervoso)
Categoria: K
R: Ele me deixou doente da cabeça por causa de depressão e até hoje eu tomo remédio controlado... Haldol e fenergan. Eu nunca tive sorte com homem! Cada um era pior do que o outro.
EC: Ele me deixou doente da cabeça por causa de depressão
IC: Desesperança, sentimentos depressivos relacionados com história de vitimização, episódios de violência
A:
Categoria: I1

ID 248 (R.F.P.S.; 30 ANOS)

R: Eu me lembro que quando tinha seis anos meu vizinho passou a mão no meu corpo e pegou em mim. [Mãe da entrevistada chegou e não foi possível continuar o depoimento]
EC: Eu me lembro que quando tinha seis anos meu vizinho passou a mão no meu corpo e pegou em mim
IC: Abuso sexual infantil praticado por pessoas conhecidas (vizinho).
A:
Categoria: Y

ID 250 (J.L.S.; 21 ANOS)
R: Eu tenho um tio que mexia com minhas primas. Ele tentava tirar as roupas delas, pegar nelas. Era padrasto delas. Mas comigo isso nunca aconteceu....
EC: Eu tenho um tio que mexia com minhas primas. Ele tentava tirar as roupas delas, pegar nelas
IC: Relato de abuso infantil cometido por membros da família (Padrasto das primas da entrevistada)
A:
Categoria: A <input checked="" type="checkbox"/>

ID 251 (M.A.S.; 34 ANOS)
R: As pessoas acham que porque a gente mora no Varjão, na favela, todos nós somos maus. Quando eu tinha 11 anos, eu perdi minha mãe. Eu já tinha perdido meu pai aos 8 anos. Fui morar com meu irmão mais velho. Ele arrumou um emprego para mim para olhar as crianças de um senhor de 55 anos que era separado. Eu tinha 12 anos quando o meu patrão começou a dar bastante presente. Ele começou tendo sexo nas minhas pernas e depois fazia sexo normal comigo. Minhas colegas falavam que se eu engravidasse dele, eu ia ter uma vida boa. Eu tive minha filha com ele quando eu tinha 14 anos. Eu morei com esse velho por 3 a 4 anos e tive dois filhos com ele. Nunca tive nenhuma vida boa. Hoje eu já estou com o terceiro companheiro, apanhei muito do segundo, mas não apanho mais.
R: Eu tinha 12 anos quando o meu patrão [55 anos] começou a dar bastante presente. Ele começou tendo sexo nas minhas pernas e depois fazia sexo normal comigo. Minhas colegas falavam que se eu engravidasse dele, eu ia ter uma vida boa. Eu tive minha filha com ele quando eu tinha 14 anos. Eu morei com esse velho por 3 a 4 anos e tive dois filhos com ele.
EC: Eu tinha 12 anos quando o meu patrão [55 anos] começou a dar bastante presente. Ele começou tendo sexo nas minhas pernas e depois fazia sexo normal comigo
IC: Criança de 12 anos era abusada rotineiramente por patrão de 55 anos.
A: se eu engravidasse dele, eu ia ter uma vida boa
Categoria: Y
R: Nunca tive nenhuma vida boa. Hoje eu já estou com o terceiro companheiro, apanhei muito do segundo
EC: Nunca tive nenhuma vida boa
IC: Violências múltiplas sofridas pela mulher desde a infância até a idade adulta/ ou vitimização por múltiplos parceiros/ ou por prolongado período de tempo
A: Violências múltiplas sofridas pela mulher desde a infância até a idade adulta/ ou vitimização por múltiplos parceiros/ ou por prolongado período de tempo
Categoria: D

ID 253 (B.S.; 20 ANOS)
R: Minha sobrinha de sete anos foi estuprada quando ela estava brincando na rua. O rapaz chamou ela para a casa dele e ela foi. Ela ficou desaparecida por algumas horas e chamaram a policia. Eles a encontraram horas depois. Ela ficou com trauma

que não pode ficar perto de homem.
EC: Minha sobrinha de sete anos foi estuprada quando ela estava brincando na rua
IC: Tentativa de estupro infantil por desconhecido na rua
A:
Categoria: M

ID 254 (E.J.A.; 35 ANOS)
R: Quando menina, minha prima rasgou minha roupa e enfiou os dedos em mim. Eu gritei e os vizinhos vieram e ela correu. Eu tinha uns nove anos e ela tinha uns vinte e dois... Já meu ex-marido, me acordava com um revolver na cabeça, com faca, com machado ou qualquer outra coisa. Isso acontecia quando ele chegava em casa bêbado e eu já estava dormindo. Foi assim por dez anos e onze meses. Graças a Deus, ele arrumou outra mulher e foi embora para o Rio Grande do Norte. Dois meses atrás ele voltou aqui para o Varjão e me ameaçou. Agora, meu atual marido quer resolver o problema pessoalmente. Mas nós chamamos a polícia.
R: Quando menina, minha prima rasgou minha roupa e enfiou os dedos em mim. Eu gritei e os vizinhos vieram e ela correu. Eu tinha uns nove anos e ela tinha uns vinte e dois.
EC: Quando menina, minha prima rasgou minha roupa e enfiou os dedos em mim.
IC: Abuso infantil praticado por membros da família (Prima)
A:
Categoria: A <input checked="" type="checkbox"/>
R: Já meu ex-marido, me acordava com um revolver na cabeça, com faca, com machado ou qualquer outra coisa. Isso acontecia quando ele chegava em casa bêbado e eu já estava dormindo.
EC: Isso acontecia quando ele chegava em casa bêbado e eu já estava dormindo.
IC: Uso de bebida alcoólica relacionado a episódios de violência física
A:
Categoria: S
R: Já meu ex-marido, me acordava com um revolver na cabeça, com faca, com machado ou qualquer outra coisa. Foi assim por dez anos e onze meses (...) Dois meses atrás ele voltou aqui para o Varjão e me ameaçou.
EC: Já meu ex-marido, me acordava com um revolver na cabeça, com faca, com machado ou qualquer outra coisa. (...) Foi assim por dez anos e onze meses
IC: Violências múltiplas sofridas pela mulher desde a infância até a idade adulta por prolongado período de tempo
A:
Categoria: D

ID 255 (J.S.; 21 ANOS)
R: Faz dois anos que mataram meu irmão de vinte e um anos aqui no Varjão. Pegaram o revolver dele emprestado, o amigo dele pegou, e mandaram ele ir buscar. No meio do dia, 10hs da manhã, eles encheram ele de tiro. Meu irmão mexia com droga e não ouvia conselho de ninguém.
EC: Faz dois anos que mataram meu irmão de vinte e um anos aqui no Varjão
IC: Violências e criminalidades na comunidade do varjão
A:
Categoria: A1

ID 256 (F.C.; 37 ANOS)
R: O que choca aqui no Varjão é saber que aqui as pessoas matam muito fácil. A maioria das pessoas jovens daqui usam drogas. Eles matam muito fácil. As pessoas morrem no meio da rua. A quadra que eu moro é mais calma pois são quase todos

família. Aqui nunca teve roubo ou violência.
EC: O que choca aqui no Varjão é saber que aqui as pessoas matam muito fácil. A maioria das pessoas jovens daqui usam drogas. Eles matam muito fácil. As pessoas morrem no meio da rua.
IC: Violências e criminalidades na comunidade do Varjão
A: O que choca aqui no Varjão é saber que aqui as pessoas matam muito fácil.
Categoria: A1

ID 257 (N.A.P.; 18 ANOS)
R: Quando eu tinha oito anos de idade, o pastor da igreja de Luziânia que conhecia minha família fez uma coisa comigo. Ele me chamou para comprar balinhas e me levou para o mato e começou a passar a mão em mim, no meu corpo todo e disse que não era para eu contar para minha mãe. Quando no dia seguinte eu contei para minha mãe, ela me bateu porque eu fui confiar num homem. Meus irmãos bateram nele, mas ninguém chamou a polícia. No ano passado, meu companheiro me acusou de estar traindo ele com o amigo só porque eu estava conversando com esse amigo na frente da casa dele. Aí, ele chegou em casa xingando e apontou o canivete para mim. Aí eu peguei o álcool e joguei na perna dele e taquei fogo nele. Ele foi parar no centro de saúde para tratar as pernas toda pipocada. Depois desse dia eu me separei dele e nunca mais quis voltar.
R: Quando eu tinha oito anos de idade, o pastor da igreja de Luziânia que conhecia minha família fez uma coisa comigo. Ele me chamou para comprar balinhas e me levou para o mato e começou a passar a mão em mim, no meu corpo todo e disse que não era para eu contar para minha mãe.
EC: (...) o pastor da igreja de Luziânia que conhecia minha família fez uma coisa comigo. Ele me chamou para comprar balinhas e me levou para o mato e começou a passar a mão em mim, no meu corpo todo
IC: Abuso infantil praticado por pessoa conhecida (Pastor da família)
Categoria: Y
R: Quando no dia seguinte eu contei para minha mãe, ela me bateu porque eu fui confiar num homem.
EC: ela me bateu porque eu fui confiar num homem.
IC: Maus tratos com a criança cometidos pela mãe
A:
Categoria: T
R: Aí, ele chegou em casa xingando e apontou o canivete para mim. Aí eu peguei o álcool e joguei na perna dele e taquei fogo nele. Ele foi parar no centro de saúde para tratar as pernas toda pipocada.
EC: (...) xingando e apontou o canivete para mim. Aí eu peguei o álcool e joguei na perna dele e taquei fogo nele.
IC: Mulher reagiu fisicamente quando agredida
A:
Categoria: P

ID 258 (M.G. A. G.; 25 ANOS)
R: Meu tio morava na nossa casa e desde os meus oito anos de idade ele me molestava. Ele me passava a mão e ficava me olhando tomar banho, punha a minha mão no órgão dele. Isso aconteceu por uns quatro anos e eu não tinha coragem de contar para minha mãe pois ele falava que minha mãe ia me bater. E como minha mãe sempre me batia por qualquer coisa eu acreditei nele de que ela não ia acreditar em mim e ainda ia me bater. Você é a segunda pessoa que está sabendo. A primeira foi meu primeiro namorado e ele contou para minha mãe e para minhas avós. Foi um

escândalo. Até hoje eu tenho uma aversão a homem.
R: Meu tio morava na nossa casa e desde os meus oitos anos de idade ele me molestava. Ele me passava a mão e ficava me olhando tomar banho, punha a minha mão no órgão dele
EC: Meu tio morava na nossa casa e desde os meus oitos anos de idade ele me molestava.
IC: Abuso infantil praticado por membro da família (Tio)
A:
Categoria: A <input checked="" type="checkbox"/>
R: Isso aconteceu por uns quatro anos e eu não tinha coragem de contar para minha mãe, pois ele falava que minha mãe ia me bater. (...) eu acreditei nele de que ela não ia acreditar em mim e ainda ia me bater.
EC: Isso aconteceu por uns quatro anos e eu não tinha coragem de contar para minha mãe, pois ele falava que minha mãe ia me bater
IC: Sigilo acerca do abuso mantido pela criança por medo e porque criança pensou que mãe não acreditaria
A: Isso aconteceu por uns quatro anos e eu não tinha coragem de contar para minha mãe (denunciar ou narrar a violência como um ato de coragem)
Categoria: C <input checked="" type="checkbox"/>
R: E como minha mãe sempre me batia por qualquer coisa
EC: E como minha mãe sempre me batia por qualquer coisa
IC: Maus tratos cometidos pela mãe
A: Maus tratos cometidos pela mãe
Categoria: T
R: Você é a segunda pessoa que está sabendo. A primeira foi meu primeiro namorado e ele contou para minha mãe e para minhas avós. Foi um escândalo.
EC: Você é a segunda pessoa que está sabendo
IC: Dificuldade de relatar/denunciar a violência por medo de sofrer conseqüências pela quebra do “pacto do silêncio” ou pelo envolvimento emocional com o agressor
A:
Categoria: I
R: Até hoje eu tenho uma aversão a homem.
EC: Até hoje eu tenho uma aversão a homem.
IC: Experiências pregressas de violência sexual do tipo abuso infantil provocam nojo/desinteresse sexual no sexo masculino
A:
Categoria: S1

ID 259 (V. G. ; 22 ANOS)
R: Meu ex- marido, que eu casei quando tinha quinze anos e fiquei com ele até os dezoito anos, me batia muito. Ele era tão ciumento que eu não podia nem conversar com meus irmãos. Ele me dizia que meus irmãos queriam arrumar homem para mim. Quando eu conversava com meus irmãos, aí eu já sabia que eu ia apanhar. Um dia minha mãe viu ele me batendo e o meu primo o ameaçou de morte. Só que meu primo morreu e hoje meu ex-marido voltou a morar aqui no Varjão e eu vivo com medo dele.
R: Ele era tão ciumento que eu não podia nem conversar com meus irmãos. Ele me dizia que meus irmãos queriam arrumar homem para mim. Quando eu conversava com meus irmãos, aí eu já sabia que eu ia apanhar
EC: Ele era tão ciumento que eu não podia nem conversar com meus irmãos
IC: Atitudes de gênero e comportamentos de controle
A:
Categoria: B2

R: e eu vivo com medo dele.
EC: e eu vivo com medo dele.
IC: : Mulher vive em estado de alerta e medo do ex-parceiro (mesmo após a separação)
A: e eu vivo com medo dele.
Categoria: F

ID 260 (F.S.G.G.; 40 ANOS)
R: Já tem um ano que meu marido não me bate mais. Foi depois que eu fui na delegacia da mulher e fiz a denuncia. Ele teve que ir comigo lá, mas me pediu para tirar a queixa. E eu tirei. Hoje, ele não me bate, mas tem muitas vezes que eu tenho medo dele, pois quando ele usa drogas ou bebe ele fica muito perigoso. Ele grita me ofende com palavras. Ele não me bate, mas eu vivo sempre com medo.
R: Já tem um ano que meu marido não me bate mais. Foi depois que eu fui à delegacia da mulher e fiz a denuncia. Ele teve que ir comigo lá, mas me pediu para tirar a queixa. E eu tirei.
EC: Foi depois que eu fui à delegacia da mulher e fiz a denuncia.
IC: Após sucessivos episódios de VPI, mulher faz denuncia da violência
A:
Categoria: D1
R: Hoje, ele não me bate, mas tem muitas vezes que eu tenho medo dele, pois quando ele usa drogas ou bebe ele fica muito perigoso. Ele grita me ofende com palavras. Ele não me bate, mas eu vivo sempre com medo.
EC: Hoje, ele não me bate, mas tem muitas vezes que eu tenho medo dele (...) Ele não me bate, mas eu vivo sempre com medo.
IC: Mulher vive em estado de alerta e medo do parceiro devido presença de violência psicológica
A:
Categoria: F

ID 261 (I.; 21 ANOS)
R: Eu sou filha adotiva e minha mãe batia muito em mim. Eu sai de casa quando tinha dezoito anos. Os filhos da minha mãe adotiva também batiam muito em mim. Até o dia em que a escola chamou o conselho tutelar e nós fomos parar numa instituição no Recanto das Emas (Eu e meu irmão gêmeo). Eu acho que já passei por uns seis orfanatos. Esse filho da minha mãe adotiva é que tirava minha roupa e passava a mão em todo meu corpo. Eu tinha uns oito anos e ele devia de ter uns dezenove. Se eu contasse para minha mãe adotiva, eu é que ia ficar como mentirosa, pois ela não ia acreditar em mim.
R: Eu sou filha adotiva e minha mãe batia muito em mim. Os filhos da minha mãe adotiva também batiam muito em mim. Até o dia em que a escola chamou o conselho tutelar e nós fomos parar numa instituição (...)
EC: Minha mãe batia muito em mim
IC: Maus tratos na infância cometida pela mãe
A:
Categoria: T-
R: Eu sai de casa quando tinha dezoito anos (...) Eu acho que já passei por uns seis orfanatos.
EC: Eu sai de casa quando tinha dezoito anos.
IC: Adolescente abandona o lar devido maus tratos e abusos
A:
Categoria: A2
R: Esse filho da minha mãe adotiva é que tirava minha roupa e passava a mão em

todo meu corpo. Eu tinha uns oito anos e ele devia de ter uns dezenove
EC: Esse filho da minha mãe adotiva é que tirava minha roupa e passava a mão em todo meu corpo
IC: Abuso infantil praticado por membro da família (Irmão adotivo)
A:
Categoria: A <input checked="" type="checkbox"/>
R: Se eu contasse para minha mãe adotiva, eu é que ia ficar como mentirosa, pois ela não ia acreditar em mim.
EC: (...) pois ela não ia acreditar em mim.
IC: Negligência dos cuidadores com a história de abuso sexual cometido contra a criança por membro da família
A:
Categoria: H1 -

ID 263 (M.B.N.; 26 ANOS)
R: Eu vivo ameaçada vinte e quatro horas por dia. Tudo do meu companheiro é me matar. Ele bebe e volta para casa dizendo que eu estou chifrando ele. Ele vive falando que vai me mandar num pacotinho para o Piauí e vai me cortar em pedacinhos e me mandar de volta para o Piauí. Ele Poe a faca no meu pescoço e muitas vezes ele tentou me enforcar com as mãos. Quando eu estava grávida ele me bateu muitas vezes. Eu tenho muito medo e não faço nada.
R: Eu vivo ameaçada vinte e quatro horas por dia. Tudo do meu companheiro é me matar. Eu tenho muito medo e não faço nada.
EC: Eu vivo ameaçada vinte e quatro horas por dia. Tudo do meu companheiro é me matar. Eu tenho muito medo e não faço nada.
IC: Mulher vive em estado de alerta e medo do parceiro
A:
Categoria: F
R: Ele vive falando que vai me mandar num pacotinho para o Piauí e vai me cortar em pedacinhos e me mandar de volta para o Piauí. Ele Poe a faca no meu pescoço e muitas vezes ele tentou me enforcar com as mãos.
EC: Ele vive falando que vai me mandar num pacotinho para o Piauí e vai me cortar em pedacinhos e me mandar de volta para o Piauí. Ele põe a faca no meu pescoço e muitas vezes ele tentou me enforcar com as mãos.
IC: Mulher vive sendo ameaçada de assassinato. Muitas vezes ele tentou me enforcar.
A:
Categoria: G

ID 266 (A. N.; 29 ANOS)
R: Eu sofri doze anos de violência por meu marido. Ele usava maconha e cocaína. Meus filhos viam tudo. Ele falava para meus filhos que eles iam ser aviãozinho e traficar droga para ele. Ele me batia, colocava o revolver na minha cabeça quando eu não deixava usar minha casa como ponto de venda da droga. Ele dizia que mulher tem que apanhar. Quando eu voltava do meu serviço, ele começava a me ofender e começava a me dar porrada. Hoje eu estou separada e ele está na cadeia.
R: Eu sofri doze anos de violência por meu marido
EC: Eu sofri doze anos de violência por meu marido
IC: Violências múltiplas sofridas pela mulher por prolongado período de tempo
A:
Categoria: D
R: Ele usava maconha e cocaína. (...) Ele me batia, colocava o revolver na minha cabeça quando eu não deixava usar minha casa como ponto de venda da droga

EC: Ele usava maconha e cocaína. (...) Ele me batia, colocava o revólver na minha cabeça quando eu não deixava usar minha casa como ponto de venda da droga
IC: Uso de drogas e relacionamento com episódios de VPIS
A: Uso de drogas e relacionamento com episódios de VPIS
Categoria: D2
R: Meus filhos viam tudo. Ele falava para meus filhos que eles iam ser aviãozinho e traficar droga para ele.
EC: Meus filhos viam tudo
IC: Violência psicológica sofrida pelos filhos ao testemunhar as VPIS praticadas pelo pai
A: Violência psicológica sofrida pelos filhos ao testemunhar as VPIS praticadas pelo pai
Categoria: J
R: Ele dizia que mulher tem que apanhar. Quando eu voltava do meu serviço, ele começava a me ofender e começava a me dar porrada
EC: Ele dizia que mulher tem que apanhar
IC: Atitudes baseadas em gênero e comportamentos de controle
A: Ele dizia que mulher tem que apanhar..
Categoria: B2
R: Hoje eu estou separada e ele está na cadeia.
EC: Hoje eu estou separada e ele está na cadeia.
IC: Idéia de um novo tempo enfatizado pela palavra "Hoje" como mudança de vivências e/ou experiências que ensinaram.
A:.
Categoria: X1

ID 267 (M.D.P.N.; 31 ANOS)
R: Quando eu tinha quatorze anos, no meu primeiro dia de trabalho eu estava dormindo e de repente acordei com o filho do patrão enfiando a mão em mim. Diziam que ele tinha feito isso antes com as outras empregadas. Nunca contei para ninguém. Dá vergonha contar essas coisas.
R: Quando eu tinha quatorze anos, no meu primeiro dia de trabalho eu estava dormindo e de repente acordei com o filho do patrão enfiando a mão em mim.
EC: Quando eu tinha quatorze anos (...) de repente acordei com o filho do patrão enfiando a mão em mim.
IC: Abuso infantil praticado por pessoas conhecidas (Empregador)
A:
Categoria: Y
R: Nunca contei para ninguém. Dá vergonha contar essas coisas.
EC: Nunca contei para ninguém. Dá vergonha contar essas coisas.
IC: Sigilo acerca do abuso mantido pela criança por vergonha de contar o fato.
A: Nunca contei para ninguém. Dá vergonha contar essas coisas.
Categoria: C <input checked="" type="checkbox"/>

ID 269 (L.J.S.; 16 ANOS)
R: Eu já estava namorando desde os doze anos e já tínhamos relações sexuais desde os treze anos. Aí aos dezesseis a gente decidiu morar juntos logo. Meus pais não aceitaram no começo, mas depois eles foram aceitando. Hoje moramos juntos há cinco meses e estamos bem.
EC: já tínhamos relações sexuais desde os treze anos. Aí aos dezesseis a gente decidiu morar junto logo
IC: Início precoce de vida sexual ativa
A:

Categoria: E2
ID 272 (I.; 29 ANOS)
R: Meu marido é maravilhoso para mim.
EC: Meu marido é maravilhoso para mim.
IC: Mulher satisfeita com seu relacionamento conjugal
A:
Categoria: F2
ID 274 (M.I.P.; 37 ANOS)
R: Uma noite meu ex-marido chegou bêbado em casa e começou a me xingar, me chamando de vagabunda pois um outro bêbado tinha dito que eu tinha um amante. Eu estava dormindo com meus filhos em casa e ele começou a brigar e me apertou o pescoço que eu fiquei sem ar. Eu fiquei por muito tempo com o pescoço doendo. Eu separei dele e hoje vivo só com meus filhos. Ele já tinha me humilhado antes muitas vezes, mas aquela noite tinha sido a primeira e foi a ultima que ele me machucou.
R: Uma noite meu ex-marido chegou bêbado em casa e começou a me xingar, me chamando de vagabunda pois um outro bêbado tinha dito que eu tinha um amante.
EC: Uma noite meu ex-marido chegou bêbado em casa e começou a me xingar
IC: Uso de bebida alcoólica relacionado a episódios de violência
A:
Categoria: S
R: Eu estava dormindo com meus filhos em casa e ele começou a brigar e me apertou o pescoço que eu fiquei sem ar. Eu fiquei por muito tempo com o pescoço doendo.
EC: Eu estava dormindo com meus filhos em casa e ele começou a brigar
IC: Violência psicológica sofrida pelos filhos ao testemunhar as VPIS praticadas pelo pai
A:
Categoria: J
R: Eu separei dele e hoje vivo só com meus filhos. Ele já tinha me humilhado antes muitas vezes, mas aquela noite tinha sido a primeira e foi a ultima que ele me machucou.
EC: Eu separei dele e hoje vivo só com meus filhos. (...) aquela noite tinha sido a primeira e foi a ultima que ele me machucou.
IC: Idéia de um novo tempo enfatizado pela palavra "Hoje" como mudança de vivências. Basta de viver sofrendo violências.
A:
Categoria: X1
ID 275 (M.F.; 16 ANOS)
R: Eu fui morar com meu namorado quando eu tinha quatorze anos. Ele usava drogas e roubava. Meu pai deixou eu morar com ele, mas depois ficou bravo por eu ter engravidado, ele até me ameaçou de me dar um chute na barriga, mas nunca deu. Meu pai sempre me bateu muito. Quando eu estava grávida, eu tive uma briga com meu ex-cunhado e fiquei muito nervosa e perdi o neném. Meu namorado já me humilhou algumas vezes e já me ameaçou, mas nunca me bateu.
R: Eu fui morar com meu namorado quando eu tinha quatorze anos
EC: Eu fui morar com meu namorado quando eu tinha quatorze anos
IC: Início precoce de vida sexual ativa e/ou decisão de morar com parceiro sexual
A:
Categoria: E2
R: Ele usava drogas e roubava (...) Meu namorado já me humilhou algumas vezes e

já me ameaçou, mas nunca me bateu.
EC: Ele usava drogas e roubava
IC: Uso de drogas e relacionamento com episódios de VPIS
A: Fiquei muito nervosa e perdi o neném (Entrevistada atribui ao nervoso ao invés dos atos físicos de violência a responsabilidade pela perda do bebe.
Categoria: D2
R: Meu pai deixou eu morar com ele, mas depois ficou bravo por eu ter engravidado, ele até me ameaçou de me dar um chute na barriga, mas nunca deu.
EC: Meu pai deixou eu morar com ele, mas depois ficou bravo por eu ter engravidado, ele até me ameaçou de me dar um chute na barriga.
IC: Maus tratos/negligência na infância cometida pelo pai
A:
Categoria: T
R: Meu pai sempre me bateu muito.
EC: Meu pai sempre me bateu muito.
IC: Criança/Adolescente abandona o lar devido maus tratos e abusos e/ou saída precoce de casa
A:
Categoria: A2

ID 276 (A.; 34 ANOS)
R: Por eu ser evangélica, eu passei por todos os problemas, mas só pedi ajuda de Deus e de mais ninguém. No passado, meu marido me falou coisas ruins umas vezes e me humilhou. Chegou até a me bater e me empurrar. Hoje isso não acontece mais.
R: Por eu ser evangélica, eu passei por todos os problemas, mas só pedi ajuda de Deus e de mais ninguém.
EC: Por eu ser evangélica (...) só pedi ajuda de Deus e de mais ninguém.
IC: Compreensão de que a religião é suficiente para lidar com os problemas e não é necessário nenhum outro tipo de ajuda
A:
Categoria: G2
R: No passado, meu marido me falou coisas ruins umas vezes e me humilhou. Chegou até a me bater e me empurrar. Hoje isso não acontece mais.
EC: No passado (...) Hoje isso não acontece mais.
IC: Idéia de um novo tempo enfatizado pela palavra "Hoje" como mudança de vivências e/ou experiências que ensinaram.
A:
Categoria: X1

ID 277 (C.; 33 ANOS)
R: Um dia nós tivemos uma discussão feia porque ele tinha ciúme de mim. Sempre era por ciúme. E aí começava a porrada. Ele batia, chutava, socava e apertava meu pescoço muitas vezes. Ele já era da igreja e ainda assim fazia isso. A gente é da Congregação Cristã no Brasil. Eu continuava com ele até por causa dos filhos. Um dia eu contei para meu pai o que estava acontecendo. Meu pai contou para o pastor e eles chamaram a gente lá. Eles me aconselharam a não provocar o ponto fraco dele e para ele, eles aconselharam a não fazer mais violência comigo, pois eu era uma parte frágil. Eles deram muitos conselhos. Depois disso, nós ainda tivemos discussão, mas não mais violência.
R: Um dia nós tivemos uma discussão feia porque ele tinha ciúme de mim. Sempre era por ciúme. E aí começava a porrada.
EC: Sempre era por ciúme.
IC: Atitudes baseadas em gênero e comportamentos de controle

A:
Categoria: B2
R: E aí começava a porrada. Ele batia, chutava, socava e apertava meu pescoço muitas vezes.
EC: Ele batia, chutava, socava e apertava meu pescoço muitas vezes.
IC: Violência física grave cometida pelo parceiro atual
A: Violência física grave cometida pelo parceiro atual
Categoria: Y1
R: Ele já era da igreja e ainda assim fazia isso. A gente é da Congregação Cristã no Brasil.
EC: Ele já era da igreja e ainda assim fazia isso
IC: O fato do agressor freqüentar uma igreja não o impede de praticar VPIs.
A:.
Categoria: G2
R: Eu continuava com ele até por causa dos filhos
EC: Eu continuava com ele até por causa dos filhos
IC: Filhos como razão da permanência das mulheres em relações violentas
A:
Categoria: R
R: Um dia eu contei para meu pai o que estava acontecendo. Meu pai contou para o pastor e eles chamaram a gente lá. Eles me aconselharam a não provocar o ponto fraco dele e para ele, eles aconselharam a não fazer mais violência comigo, pois eu era uma parte frágil. Eles deram muitos conselhos.
EC: Eles me aconselharam a não provocar o ponto fraco dele e para ele, eles aconselharam a não fazer mais violência comigo, pois eu era uma parte frágil.
IC: Aconselhamento pastoral baseado em sistema patriarcal e relações de gênero
A:
Categoria: G2

ID 277 (R.; 19 ANOS)
R: Eu fui na casa da minha amiga para jogar baralho. A combinação era de que quem perdesse cada partida tinha que tomar uma dose de bebida. Eu tomei algumas e fiquei inconsciente. No dia seguinte, o esposo da minha amiga veio falar comigo e perguntar se eu lembrava do que tinha acontecido. Eu disse que não. Aí ele me contou o que fez comigo e disse que tinha até fotos para provar. Eu só contei isso uma vez antes. Você é a segunda pessoa. Eu fiquei com tanta raiva...
R: Eu fui na casa da minha amiga para jogar baralho. A combinação era de que quem perdesse cada partida tinha que tomar uma dose de bebida. Eu tomei algumas e fiquei inconsciente. No dia seguinte, o esposo da minha amiga veio falar comigo e perguntar se eu lembrava do que tinha acontecido. Eu disse que não. Aí ele me contou o que fez comigo e disse que tinha até fotos para provar.
EC: Eu tomei algumas e fiquei inconsciente. (...) Aí ele me contou o que fez comigo e disse que tinha até fotos para provar.
IC: Estupro
A:
Categoria: N
R: Eu só contei isso uma vez antes. Você é a segunda pessoa. Eu fiquei com tanta raiva...
EC: Eu só contei isso uma vez antes. Você é a segunda pessoa. Eu fiquei com tanta raiva...
IC: Sentimento de vergonha e/ou raiva por ter sofrido violência sexual (estupro)
A: Sentimento de vergonha e/ou raiva por ter sofrido violência sexual (estupro)
Categoria: R1

ID 279 (L.P.L.; 25 ANOS)
R: Eu ajuntei com meu marido quando eu tinha quatorze anos e ele tinha trinta e sete. Meus pais não sabiam, pois eu fugi para morar com ele. Três meses depois ele começou a me soquear. Apanhei muito até quase completar meus dezesseis anos, aí separei dele. Ele era policia militar e foi transferido e não vi mais ele. Na ultima vez que ele me bateu, eu peguei ele e empurrei na parede. Ele estava bêbado. Aí levaram ele para o hospital.
R: Eu ajuntei com meu marido quando eu tinha quatorze anos e ele tinha trinta e sete.
EC: Eu ajuntei com meu marido quando eu tinha quatorze anos e ele tinha trinta e sete.
IC: Abuso sexual infantil praticado por namorado. Criança tinha 14 anos e “namorado” tinha 37 anos. Entrevistada não percebe a situação como abuso.
A:
Categoria: Y
R: Três meses depois ele começou a me soquear. Apanhei muito até quase completar meus dezesseis anos, aí separei dele.
EC: Apanhei muito até quase completar meus dezesseis anos,
IC: Violências múltiplas sofridas pela mulher desde a infância até a idade adulta por prolongado período de tempo
A:
Categoria: D
R: [Eu ajuntei com meu marido quando eu tinha quatorze anos e ele tinha trinta e sete] Ele era policia militar
EC: Ele era policia militar
IC: Um policial militar de 37 anos que foge com uma criança de 14 anos sem conhecimento dos pais
A: Ele era policia militar
Categoria: K2
R: Na ultima vez que ele me bateu, eu peguei ele e empurrei na parede. Ele estava bêbado.
EC: (...) ele me bateu, eu peguei ele e empurrei na parede. Ele estava bêbado.
IC: Uso de bebida alcoólica relacionado a episódios de violência
A:
Categoria: S
ID 280 (E.; 30 ANOS)
R: A única violência que houve entre eu e meu companheiro fui eu que comecei. Eu dei um tapa na cara dele e ele deu outro em mim. Foi só uma vez.
EC: fui eu que comecei (...) Eu dei um tapa na cara dele
IC: Mulher é a agressora e/ou iniciou a agressão na ausência de agressão física por parte do parceiro
A:
Categoria: B
ID 282 (S.; 20 ANOS)
R: Meu pai batia em minha mãe, em mim e nas minhas irmãs. Sempre que ele bebia dava soco ou tapa. Eu sai de casa aos dezesseis anos porque eu não agüentava mais apanhar e vim morar aqui em Brasília com meu tio.
R: Meu pai batia em minha mãe
EC: Meu pai batia em minha mãe,
IC: Violência psicológica sofrida pelos filhos ao testemunhar as VPIS praticadas pelo pai

A:
Categoria: J
R: [O pai batia] em mim e nas minhas irmãs
EC: [O pai batia] em mim e nas minhas irmãs
IC: Maus tratos na infância cometida pelo pai
A:
Categoria: T
R: Sempre que ele bebia dava soco ou tapa.
EC: Sempre que ele bebia dava soco ou tapa.
IC: Uso de bebida alcoólica relacionado a episódios de violência
A: Sempre que ele bebia dava soco ou tapa.
Categoria: S
R: Eu sai de casa aos dezesseis anos porque eu não agüentava mais apanhar e vim morar aqui em Brasília com meu tio.
EC: Eu sai de casa aos dezesseis anos porque eu não agüentava mais apanhar
IC: Criança/Adolescente abandona o lar devido maus tratos e abusos e/ou saída precoce de casa.
A:
Categoria: A2

ID 283 (M.J.; 48 ANOS)
R: Meu tio e meu primo abusaram de mim quando eu era criança. Eu tinha uns oito anos e meu tio tinha uns sessenta. Isso aconteceu muitas vezes. Eu contava pra mãe, mas ela não acreditava.
R: Meu tio e meu primo abusaram de mim quando eu era criança. Eu tinha uns oito anos e meu tio tinha uns sessenta. Isso aconteceu muitas vezes.
EC: Meu tio e meu primo abusaram de mim quando eu era criança. Eu tinha uns oito anos e meu tio tinha uns sessenta.
IC: Abuso praticado por membros da família (Tio e primo)
A:
Categoria: A <input checked="" type="checkbox"/>
R: Eu contava pra mãe, mas ela não acreditava.
EC: Eu contava pra mãe (sobre os abuso sofridos), mas ela não acreditava.
IC: Negligência dos cuidadores com a história de abuso sexual cometido contra a criança por membro da família.
A: Eu contava pra mãe, mas ela não acreditava.
Categoria: H1

ID 285 (V.F.S.; 16 ANOS)
R: Minha irmã que era mais velha que eu tinha doze anos quando foi estuprada pelo irmão da minha mãe, meu tio. Minha mãe não fez nada, pois ela nunca gostou da gente. Comigo ele não mexeu, pois minha avó me protegia. Eu só não fiquei morando com ela porque deu derrame nela e ela não podia mais cuidar de mim. Minha irmã casou com doze anos. O homem que ela casou bate nela até dizer chega. Mas ela não tem para onde ir. Minha mãe não me queria e me colocou no juizado de menor quando eu tinha doze anos. Aí o juizado devolveu, pois ela tinha condições de me criar e ela não me queria mais. Aí eu fui morar numa casa de família para trabalhar, mas a mulher me humilhava muito e eu saí de lá e vim morar com uns amigos aqui no Varjão. Conheci o Francisco quando eu tinha treze anos e ele tinha vinte e oito. Ele falou com o meu pai e ele deixou a gente morar juntos. Hoje temos uma filha de quase dois anos e eu estou grávida de novo.
R: Minha irmã que era mais velha que eu tinha doze anos quando foi estuprada pelo irmão da minha mãe, meu tio.(...) Comigo ele não mexeu, pois minha avó me protegia

EC: Minha irmã que era mais velha que eu tinha doze anos quando foi estuprada pelo irmão da minha mãe, meu tio.
IC: Relato do abuso sexual sofrido pela irmã da entrevistada praticado pelo tio
A:
Categoria: A <input checked="" type="checkbox"/>
R: Minha mãe não fez nada, pois ela nunca gostou da gente
EC: Minha mãe não fez nada, pois ela nunca gostou da gente
IC: Negligência dos cuidadores com a história de abuso sexual cometido contra a criança por membro da família.
A: Minha mãe não fez nada, pois ela nunca gostou da gente
Categoria: H1
R: Minha irmã casou com doze anos. O homem que ela casou bate nela até dizer chega. Mas ela não tem para onde ir.
EC: Minha irmã casou com doze anos. O homem que ela casou bate nela até dizer chega.
IC: Relato de vivencia de violência grave sofrida por membro da família
A:
Categoria: E
R: Minha mãe não me queria e me colocou no juizado de menor quando eu tinha doze anos. Aí o juizado devolveu, pois ela tinha condições de me criar e ela não me queria mais.
EC: Minha mãe não me queria e me colocou no juizado de menor quando eu tinha doze anos.
IC: Criança abandonada pela mãe com passagem em seis orfanatos.
A: Criança/Adolescente abandona o lar devido maus tratos e abusos e/ou saída precoce de casa.
Categoria: A2
R: Aí eu fui morar numa casa de família para trabalhar, mas a mulher me humilhava muito
EC: Aí eu fui morar numa casa de família para trabalhar, mas a mulher me humilhava muito
IC: Violências múltiplas sofridas pela mulher desde a infância até a idade adulta
Categoria: D
R: Conheci o Francisco quando eu tinha treze anos e ele tinha vinte e oito. Ele falou com o meu pai e ele deixou a gente morar juntos. Hoje temos uma filha de quase dois anos e eu estou grávida de novo.
EC: Conheci o Francisco quando eu tinha treze anos e ele tinha vinte e oito. Ele falou com o meu pai e ele deixou a gente morar juntos
IC: Início precoce de vida sexual ativa e/ou decisão de morar com parceiro sexual no início da adolescência
A:
Categoria: E2

ID 287 (F.A.M.; 25 ANOS)
R: Dois meses atrás meu ex-marido veio aqui na minha casa muito nervoso. Ele estava dando duzentos reais para ajuda com as crianças por mês quando coloquei ele na justiça. Ele parou de dar dinheiro. Aí ele veio aqui e já chegou me apertando pelo pescoço, tentando me enforcar. Meu irmão tirou ele e a policia chegou. Eu não registrei a queixa, pois não tinha mancha roxa nenhuma. Só dois dias depois que eu fiquei roxa, mas ele tinha mancha de arranhão nos braços, pois eu me defendi arranhando ele. Ele disse que ia me denunciar, pois ele tinha prova e eu não.
EC: Eu não registrei a queixa, pois não tinha mancha roxa nenhuma. Só dois dias

depois que eu fiquei roxa (...) pois eu me defendi arranhando ele. Ele disse que ia me denunciar, pois ele tinha prova e eu não.
IC: Mulher acredita que é necessário evidencia física para registrar queixa da violência sofrida.
A: Eu não registrei a queixa, pois não tinha mancha roxa nenhuma
Categoria: I2

ID 288 (I. C; 49ANOS)
R: Uma vez eu me olhei no espelho no dia seguinte que eu tinha apanhado e me choquei muito. Meus lábios e meus olhos estavam inchados, meus dentes estavam quebrados, meu rosto estava deformado. Eu tive até vontade de tirar uma foto. Numa outra vez, ele do nada saiu correndo atrás de mim com a faca. Eu consegui escapar e fui para a polícia. Ele passou só uma noite na cadeia. Minha cunhada disse que ele avisou que quando saísse no dia seguinte, ele ia sair da cadeia e ia me matar. Eu fugi com as crianças para Minas Gerais, mas ele foi atrás de mim e eu voltei e tudo continuou igual como antes. Ele nem prometias mais não bater em mim. Depois disso eu procurei um serviço e comecei a trabalhar e comprei meu próprio lote e ele não me achou mais quando eu fugi, pois eu não informei meu endereço.
R: Uma vez eu me olhei no espelho no dia seguinte que eu tinha apanhado e me choquei muito. Meus lábios e meus olhos estavam inchados, meus dentes estavam quebrados, meu rosto estava deformado. Eu tive até vontade de tirar uma foto.
EC: Uma vez eu me olhei no espelho no dia seguinte que eu tinha apanhado e me choquei muito. Meus lábios e meus olhos estavam inchados, meus dentes estavam quebrados, meu rosto estava deformado. Eu tive até vontade de tirar uma foto.
IC: Imagem no espelho das violências sofridas pela mulher cometida pelo parceiro íntimo.
A: Uma vez eu me olhei no espelho no dia seguinte que eu tinha apanhado e me choquei muito
Categoria: J2
R: Numa outra vez, ele do nada saiu correndo atrás de mim com a faca. Eu consegui escapar e fui para a polícia. Ele passou só uma noite na cadeia. Minha cunhada disse que ele avisou que quando saísse no dia seguinte, ele ia sair da cadeia e ia me matar
EC: ele do nada saiu correndo atrás de mim com a faca. Eu consegui escapar e fui para a polícia. Ele passou só uma noite na cadeia. Minha cunhada disse que ele avisou que quando saísse no dia seguinte, ele ia sair da cadeia e ia me matar
IC: Ineficácia/ ou questionamento do benefício da denuncia das VPis para a polícia.
A:
Categoria: D1
R: Eu fugi com as crianças para Minas Gerais, mas ele foi atrás de mim e eu voltei e tudo continuou igual como antes. Ele nem prometias mais não bater em mim.
EC: (...) e tudo continuou igual como antes. Ele nem prometias mais não bater em mim.
IC: Escalonamento e/ou prolongamento das vpris marcado pela ausência da fase da "lua de mel" do ciclo da violência
A: Ele nem prometias mais não bater em mim.
Categoria: G
R: Depois disso eu procurei um serviço e comecei a trabalhar e comprei meu próprio lote e ele não me achou mais quando eu fugi, pois eu não informei meu endereço.
EC: (...) eu procurei um serviço e comecei a trabalhar e comprei meu próprio lote e ele não me achou mais quando eu fugi
IC: : Idéia de um novo tempo; Empoderamento da mulher
A:
Categoria: X1

ID 297 (S.; 26 ANOS)
R: Meu pai ficava passando a mão em mim quando minha mãe não estava em casa. Ele fazia isso comigo e com todas as minhas irmãs. Eu tinha uns nove anos. Minha mãe sabia e não fazia nada. Ele começava a brincar e aí começava a enfiar o dedo na gente. A gente estava dormindo e ele passava a mão na gente. Éramos crianças e nem sabíamos se o que ele fazia era certo ou errado. Era o pai que estava lá e agente não sabia julgar. Meu marido já me deu uns empurrões e apertou minha garganta algumas vezes.
R: Meu pai ficava passando a mão em mim quando minha mãe não estava em casa. Ele fazia isso comigo e com todas as minhas irmãs. Eu tinha uns nove anos. (...) Ele começava a brincar e aí começava a enfiar o dedo na gente. A gente estava dormindo e ele passava a mão na gente. Éramos crianças e nem sabíamos se o que ele fazia era certo ou errado. Era o pai que estava lá e agente não sabia julgar.
EC: Meu pai ficava passando a mão em mim quando minha mãe não estava em casa. (...) Ele começava a brincar e aí começava a enfiar o dedo na gente. A gente estava dormindo e ele passava a mão na gente. Éramos crianças e nem sabíamos se o que ele fazia era certo ou errado. Era o pai que estava lá e agente não sabia julgar.
IC: Abuso infantil cometido por membros da família (Pai)
A: Era o pai que estava lá e agente não sabia julgar.
Categoria: A <input checked="" type="checkbox"/>
R: Minha mãe sabia e não fazia nada.
EC: Minha mãe sabia e não fazia nada.
IC: Negligência da mãe com a história de abuso sexual cometido contra a criança pelo pai. Dano de confiança pois a criança se sente desprotegida
A: Negligência dos cuidadores com a história de abuso cometido contra a criança pelo membro da família
Categoria: H1
R: Meu marido já me deu uns empurrões e apertou minha garganta algumas vezes.
EC: Meu marido já me deu uns empurrões e apertou minha garganta
IC: Violência física grave cometida pelo parceiro atual ou no passado
A:
Categoria: Y1
ID 299 (S. 30 ANOS)
R: Quando eu tinha sete anos, meu tio que era criado pelos meus pais, sempre me colocava na cama e me chupava toda e me tocava toda por dentro. Enfiava a mão em mim. Até os dez anos ele ainda tentou umas duas vezes. Eu contei para minha mãe, mas ela demorou a fazer alguma coisa, pois tinha medo do meu pai.
R: Quando eu tinha sete anos, meu tio que era criado pelos meus pais, sempre me colocava na cama e me chupava toda e me tocava toda por dentro. Enfiava a mão em mim. . Até os dez anos ele ainda tentou umas duas vezes.
EC: Quando eu tinha sete anos, meu tio que era criado pelos meus pais, sempre me colocava na cama e me chupava toda e me tocava toda por dentro. Enfiava a mão em mim
IC: Abuso infantil cometido pelo tio (dano de confiança)
A:
Categoria: A <input checked="" type="checkbox"/>
R: Eu contei para minha mãe, mas ela demorou a fazer alguma coisa, pois tinha medo do meu pai.
EC: Eu contei para minha mãe, mas ela demorou a fazer alguma coisa
IC: Negligência da mãe com a história de abuso sexual cometido contra a criança praticada pelo membro da família (Tio)
A: Eu contei para minha mãe, mas ela demorou a fazer alguma coisa

Categoria: H1

APÊNDICE E -CATEGORIAS PRINCIPAIS IDÉIAS CENTRAIS SÍNTESES

- A** – Abuso infantil cometido por membros da família e relações incestuosas (dano de confiança) - Abuso sexual familiar
- B** – Mulher é a agressora e/ou iniciou a agressão na ausência de agressão física por parte do parceiro
- C** – Sigilo acerca do abuso mantido pela criança por medo ou vergonha ou razões desconhecidas
- D**- Violências múltiplas sofridas pela mulher desde a infância até a idade adulta/ ou vitimização por múltiplos parceiros/ ou por prolongado período de tempo
- E**- Relato de vivencia de violência grave sofrida por membro da família
- F** - Mulher vive em estado de alerta e medo do parceiro ou do ex-parceiro (mesmo após a separação)
- G** – Escalonamento e/ou prolongamento das vpi marcado pela ausência da fase da “lua de mel” do ciclo da violência
- I**- Dificuldade de relatar/denunciar a violência por medo de sofrer conseqüências pela quebra do “pacto do silêncio” ou pelo envolvimento emocional com o agressor
- J**- Violência psicológica sofrida pelos filhos ao testemunhar as vpi praticadas pelo pai
- K**- Presença da violência durante o período da gravidez
- L**- Benefícios da entrevista: Entrevista percebida como interação social que reduz o isolamento , **H**- Relatar a violência sofrida no corpo trás alívio para a alma
- M**- Tentativa de estupro infantil por desconhecido na rua
- N**- Violência sexual praticada pelo parceiro íntimo e/ou namorado ou conhecido (Estupro)
- O**- Relato de vivencia de VPI sofrida por vizinha/membro da comunidade
- P**- Mulher reagiu fisicamente quando agredida e/ou afirmou que reagiria
- R**- Razões para permanência das mulheres em relações violentas
- S**- Uso de bebida alcoólica e droga relacionado a episódios de violência
- T**- Maus tratos/negligência na infância cometida por mãe ou pai
- U**- Sucessivas tentativas de abandono da relação violenta

Y- Abuso ou tentativa de abuso sexual infantil ou na adolescência praticado por pessoas conhecidas ou namorado

Z - Violências como fenômeno que não deve ser revelado/denunciado (agrupado com I)

A1 – Violências e criminalidades na comunidade do varjão

C1 – Violências (física, psicológica e/ou sexual) relacionada a relacionamento extraconjugal do marido/pai

D1- Denunciando a violência cometida por parceiro íntimo: Relatos e percepções da mulher

G1- Omissão da informação acerca das violências com a mulher ou com a criança por vergonha, medo ou por não ser questionada pela equipe hospitalar.

H1- Negligência dos cuidadores com a história de abuso sexual cometido contra a criança por membro da família

I1: Desesperança, sentimentos depressivos relacionados com história de vitimização, episódios de violência

J1: Melhora da convivência familiar com o abandono dos vícios da bebida e do cigarro.

N1: Abusador praticava a violência sexual de uma forma que os adultos presentes na cena não percebiam.

R1: Sentimento de culpa e/ou vergonha e/ou raiva por ter sofrido abuso infantil/ violência sexual (Categoria semelhante a N- agrupada)

S1: Experiências pregressas de violência sexual (abuso infantil etc.) provocam nojo/desinteresse sexual no relacionamento conjugal da mulher

U1 – Naturalização da violência no cotidiano da vida

X1: Idéia de um novo tempo enfatizado pela palavra “Hoje” como mudança de vivências e/ou experiências que ensinaram e/ou Ênfase na comparação entre o ontem da violência e o hoje sem violência. Empoderamento da mulher

Y1: Outras violência física grave cometida pelo parceiro atual ou no passado

W1: Liberdade vigiada: Outras violências: Cárcere privado, patrimonial, eclesiástica.

A2: Criança/Adolescente abandona o lar devido maus tratos e abusos e/ou saída precoce de casa.

B2: Atitudes baseadas em gênero e comportamentos de controle

E2: Início precoce de vida sexual ativa e/ou decisão de morar com parceiro sexual no início da adolescência

F2: Mulher satisfeita com seu relacionamento conjugal

G2: Religião e Violência

Y2: razão para abandono do vício da bebida pelo parceiro

K2: Estupro de vulneráveis (Estupro com crianças menores de 14 anos.

APENAS UMA OCORRÊNCIA

Q- Violência não é vista como crime, mas como algo que pode ser perdoado

W- Sentimentos diversos em relação à violência psicológica

J2: O dia seguinte da violência física contra mulher cometida pelos parceiros íntimos.

Z1: Vulnerabilidade socioeconômica

X- Percepção do campo como local protegido de violência

I2: Mulher acredita que é necessário evidencia física para denunciar a violência sofrida.

L2: Cessa o vínculo com o parceiro, mas a violência continua após a separação

ANEXO A – ARTIGOS DE JORNAL DO PROGRAMA DE EMPODERAMENTO DE MULHERES LATINAS, ESTADOS UNIDOS



Damaris Salguero administers CPR on a mannequin as Robert Cuomo instructs. Ms. Salguero's 3-year-old daughter, Paola, looks on along with other new residents attending the course on Monday. (Photo by Eric Gross)

Empowerment group learns CPR

By Eric Gross
Staff Reporter

BREWSTER – Each week, a group of first generation Latina immigrants meet in Brewster to receive information and support in their native tongue to facilitate the integration process into the community.

Putnam Public Health nurse Leides Moura said the sessions provide an “informal environment that promotes openness and dialogue while facilitating the learning process.”

Putnam County Emergency Medical Services Educator Robert Cuomo met with the women Monday to teach cardiopulmonary resuscitation (CPR) and closed chest heart massage. Mr. Cuomo has educated thousands of residents over the years but never in Spanish. Monday was his first.

“Many of the participants in the class

“Promoting connectedness stops the isolation among newcomers to a community. The women benefit greatly from the information and education they receive as well as how to access the services when needed.”

—Leides Moura
Public health nurse

have children and they are very curious about what to do in the event of an emergency. It doesn't matter what language a person speaks. In the event of a crisis, training is of paramount concern,” said Mr. Cuomo.

A film strip demonstrating the proper use of CPR was narrated in Spanish while Ms. Moura and Women's Center

(Continued on Page A11)

...Empowerment From Page A1

representative Yenny McIntyre translated English phrases uttered by Mr. Cuomo which the participants failed to understand.

Ms. Moura said the empowerment group was organized after different providers of services for Latina immigrants observed the need to establish a forum "promoting connectedness which stops the isolation among newcomers to a community. The women benefit greatly from the information and education they receive as well as how to access the services when needed."

Topics of discussion already discussed this spring included Lyme Disease, domestic violence, lead poisoning, community resources as well as CPR.

In May, discussion groups will focus on yoga, childcare and babysitting and healthy eating habits while in June, the women

will learn about the local school system, cultural adjustment and sensitivity.

Later in the year, discussions will include positive discipline, self-esteem, breast cancer, contraception, safe driving, budgeting issues, child development, depression, stress management and immigration laws.

Patricia Perez, Putnam Coordinator of Community Affairs, complimented Mr. Cuomo and the program in general. "Regardless of where one comes from, people must be educated in all aspects of life. It is very important that classes be taught in a person's first language so there will not be any misinterpretation," she said.

Additional information about the program is available by calling 278-6558, ext. 2124, 278-1820 or 628-9284.

A6 Putnam County Courier, Thursday, October 14, 2004



Leides Moura (center standing) and Yeny McIntyre (left standing) welcome a group of women to the new season of the Putnam Women's Empowerment Group that meets monthly in Brewster. (Photo by Eric Gross)

Empowerment group rekindles friendships

By Eric Gross
Staff Reporter

BREWSTER—A woman's empowerment group has begun meeting for the fall season in Brewster.

The gathering is led each month at 121 Main Street in Brewster by Leides Moura, a public health nurse, and by Yeny McIntyre of the Putnam Women's Center.

At the group's first meeting last week, Moura welcomed the women. "Our goal this year is to reach out to as many newcomers as possible while wel-

coming our veterans. Women must be made aware of the services available to them across Putnam County. We hope to provide data to our newest residents about a myriad of topics ranging from marriage to healthy childbirth and from pre-natal care to being welcomed in a new country," she said.

Moura said the group's overall goal is to have the nucleus of women become leaders in their community.

Madeline, a member of the women's empowerment group, described the organization as

"wonderful. My friends and I can get information about many issues in a helpful and non-threatening fashion. Life is different in the United States as compared to our homelands in Central America. Leides and her staff provide us with so much information that really helps us."

Those interested in learning more about the program may call Moura at the Putnam Health Department at 278-6558.

Information is also available by calling the Putnam Community Affairs Office in Brewster at 278-8021.

A8 Putnam County Courier, Thursday, July 8, 2004

Latina group prepares for upcoming season

By Eric Gross
Staff Reporter

TOWN OF KENT – Each Monday, members of the Women's Latina Empowerment group met in Brewster to discuss a myriad of issues and concerns facing Putnam's newest immigrants.

Organized in cooperation with the Putnam Health Department and the Putnam Child Advocacy Center, the organization has been focusing on a wide range of topics and concerns relevant to young women of child bearing age who now call Putnam County home.

Subjects ranged from parenting to nutrition, from community service to domestic violence and from shaken baby syndrome to Lyme Disease.

Women were also taught about breast cancer awareness, preventing child abuse and about increasing one's self-esteem.

Last week, participants in the group got together to reflect on the past term while planning

At a glance

Who: Latina Empowerment group
When: Each Monday
Where: Brewster
What: Meet to discuss issues and concerns facing immigrants
Call: 278-6558 or 278-5215, ext. 122.

for a new semester scheduled to get under way in September.

The backdrop of the Putnam Veterans Memorial Park in Kent was the location for the Independence Day get together. As one of the Latina Empowerment Group organizers, Leides Moura, put it: "America celebrates its independence every year on the Fourth of July. It's nice to see our newest residents also celebrate their independence."

Those wishing to join the group in the fall or providers wanting assistance for immigrant women are asked to call Leides at 278-6558 or Yeny McIntyre at the Putnam Child Advocacy Center in Brewster at 278-5215, ext. 122.



Members of the Latina Empowerment Group gathered with their children and group advisors at the Putnam County Park in Kent last week to celebrate their independence. (Photo by Eric Gross)